



MINHA  
LÍNGUA

PÁTRIA

INTERSEÇÕES  
LUSO-BRASILEIRAS

É MINHA

LÍNGUA

## FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS

PRIMEIRO PRESIDENTE FUNDADOR

**Luiz Simões Lopes**

PRESIDENTE

**Carlos Ivan Simonsen Leal**

VICE-PRESIDENTES

**Clovis José Daudt Darrigue de Faro**  
**Francisco Oswaldo Neves Dornelles**  
**Marcos Cintra Cavalcanti de Albuquerque**

## CONSELHO DIRETOR

PRESIDENTE

**Carlos Ivan Simonsen Leal**

VICE-PRESIDENTES

**Clovis José Daudt Darrigue de Faro**  
**Francisco Oswaldo Neves Dornelles**  
**Marcos Cintra Cavalcanti de Albuquerque**

VOGAIS

**Carlos Alberto Pires de Carvalho e Albuquerque,**  
**Cristiano Buarque Franco Neto, Ernane Galvêas,**  
**José Ermírio de Moraes Neto, José Luiz Miranda,**  
**Lindolpho de Carvalho Dias, Marcílio Marques**  
**Moreira, Roberto Paulo Cezar de Andrade**

SUPLENTES

**Aldo Floris, Alexandre Koch Torres de Assis,**  
**Antonio Monteiro de Castro Filho, Ary Oswaldo**  
**Mattos Filho, Carlos Eduardo de Freitas,**  
**Gilberto Duarte Prado, José Carlos Schmidt,**  
**Murta Ribeiro, Marcelo José Basílio de Souza**  
**Marinho, Willy Otto Jordan Neto**

## CONSELHO CURADOR

PRESIDENTE

**João Alfredo Dias Lins (Presidente em exercício)**

VICE-PRESIDENTE

**João Alfredo Dias Lins (Klabin Irmãos e Cia.)**

VOGAIS

**Antonio Alberto Gouvea Vieira, Cid Heraclito**  
**de Queiroz, Eduardo M. Krieger, Estado da Bahia,**  
**Estado do Rio Grande do Sul, Federação Brasileira**  
**de Bancos (Isaac Sidney Menezes Ferreira),**  
**IRB – Brasil Resseguros S.A. (Antônio Cássio dos**  
**Santos), Luiz Carlos Piva, Luiz Ildelfonso Simões**  
**Lopes, Marcelo Serfaty, Marcio João de Andrade**  
**Fortes, Maria Tereza Leme Fleury, Miguel Pachá,**  
**Pedro Henrique Mariani Bittencourt, Sindicato das**  
**Empresas de Seguros Privados, de Resseguros e**  
**de Capitalização nos Estados do Rio de Janeiro e**  
**do Espírito Santo (Ronaldo Mendonça Vilela)**  
**Souza Cruz S/A (Jorge Irribarra)**

SUPLENTES

**Almirante Luiz Guilherme Sã de Gusmão,**  
**Carlos Hamilton Vasconcelos Araújo, General**  
**Joaquim Maia Brandão Júnior, Leila Maria**  
**Carrilo Cavalcante Ribeiro Mariano, Luiz Roberto**  
**Nascimento Silva, Manoel Fernando Thompson**  
**Motta Filho, Monteiro Aranha Participações S.A.,**  
**Nilson Teixeira, Rafael Barreto, Ricardo Gattass,**  
**Sul América Companhia Nacional de Seguros**  
**(Patrick de Larragoiti Lucas)**

SEDE

**Praia de Botafogo, 190**  
**Rio de Janeiro – RJ**  
**CEP 22250-900**  
**Tel.: (21) 3799-5498**  
**www.fgv.br**

**Instituição de caráter técnico-científico,**  
**educativo e filantrópico, criada em 20 de**  
**dezembro de 1944 como pessoa jurídica de**  
**direito privado, tem por finalidade atuar,**  
**de forma ampla, em todas as matérias de caráter**  
**científico, com ênfase no campo das ciências**  
**sociais: administração, direito e economia,**  
**contribuindo para o desenvolvimento**  
**econômico e social do país.**

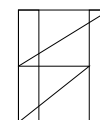
# MINHA PÁTRIA É MINHA LÍNGUA

## INTERSEÇÕES LUSO-BRASILEIRAS

ORGANIZAÇÃO

**Paulo Herkenhoff**

**Silvia Finguerut**



**FIBE**

FÓRUM DE INTEGRAÇÃO  
BRASIL EUROPA

**idp**

**FGV CONHECIMENTO**

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
FICHA CATALOGráfICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA MARIO HENRIQUE SIMONSEN/FGV

Minha pátria é minha língua: interseções luso-brasileiras  
Organização Paulo Herkenhoff, Silvia Finguerut.  
Rio de Janeiro: FGV Editora, 2022.  
272 p.

Em colaboração com: Real Gabinete Português de Leitura.  
Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-86289-23-7

1. Brasil – Relações exteriores – Portugal. 2. Relações econômicas internacionais.  
3. Governança. 4. Ciências sociais. 5. História e cultura.  
I. Herkenhoff, Paulo. II. Finguerut, Silvia.  
III. Fundação Getulio Vargas. IV. Real Gabinete Português de Leitura.

CDD – 327.810469

Elaborada por Mariane Pantana Alabarce – CRB-7/6992

Os textos aqui publicados são de responsabilidade dos  
autores e não refletem, necessariamente, a opinião da FGV.

Esta publicação utiliza as regras do Acordo Ortográfico  
da Língua Portuguesa para a revisão dos textos dos  
autores brasileiros e portugueses.

# Sumário

## **Apresentação**

7 CARLOS IVAN SIMONSEN LEAL

11 GILMAR FERREIRA MENDES

13 VITALINO CANAS

17 **Brasil e Portugal: da independência à interdependência**

RAIMUNDO CARREIRO SILVA

20 **As sinergias entre Brasil e Portugal no campo da cultura e da atualidade**

LUIS FARO RAMOS

26 **Rio de Janeiro, cidade portuguesa**

JOÃO MARCO DE DEUS

34 **Jurisdição constitucional no Brasil e em Portugal: a proteção de direitos fundamentais nas jurisprudências das crises**

GILMAR FERREIRA MENDES

VICTOR OLIVEIRA FERNANDES

45 **Portugal na geopolítica atual**

VITALINO CANAS

53 **Portugal redescoberto, um novo lugar para se viver**

SIDNEI GONZALEZ

62 **Brasil e Portugal: sociedade, poder e cultura**

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

77 **E agora, padre Belchior?**

JOSÉ RIBAMAR SARNEY

103 **Imprensa, Poder Judiciário e redes sociais – passado, presente e futuro**

LUIS FELIPE SALOMÃO

113 **"Salvar esta gente"– de Pero Vaz de Caminha às emergências climáticas**

DENISE TARIN

135 **Apontamentos sobre a experiência político-religiosa brasileira**

THEOPHILO ANTONIO MIGUEL FILHO

145 **A tributação em Minas Gerais no século XVIII**

FERNANDO REZENDE

JOSÉ ROBERTO AFONSO

167 **Rio de Janeiro, a cidade das letras**

PAULO HERKENHOFF

189 **O Real Gabinete Português de Leitura: história e perspectivas**

FRANCISCO GOMES DA COSTA

197 **Singularidades de uma biblioteca majestosa: destaques bibliográficos**

GILDA SANTOS

208 **O Real Gabinete e a ação cultural das comunidades portuguesas no Brasil**

LUÍS FILIPE CASTRO MENDES

214 **A moral em Eça de Queirós e Machado de Assis**

JOSÉ ROBERTO DE CASTRO NEVES

221 **Azulejos: um pouco de história**

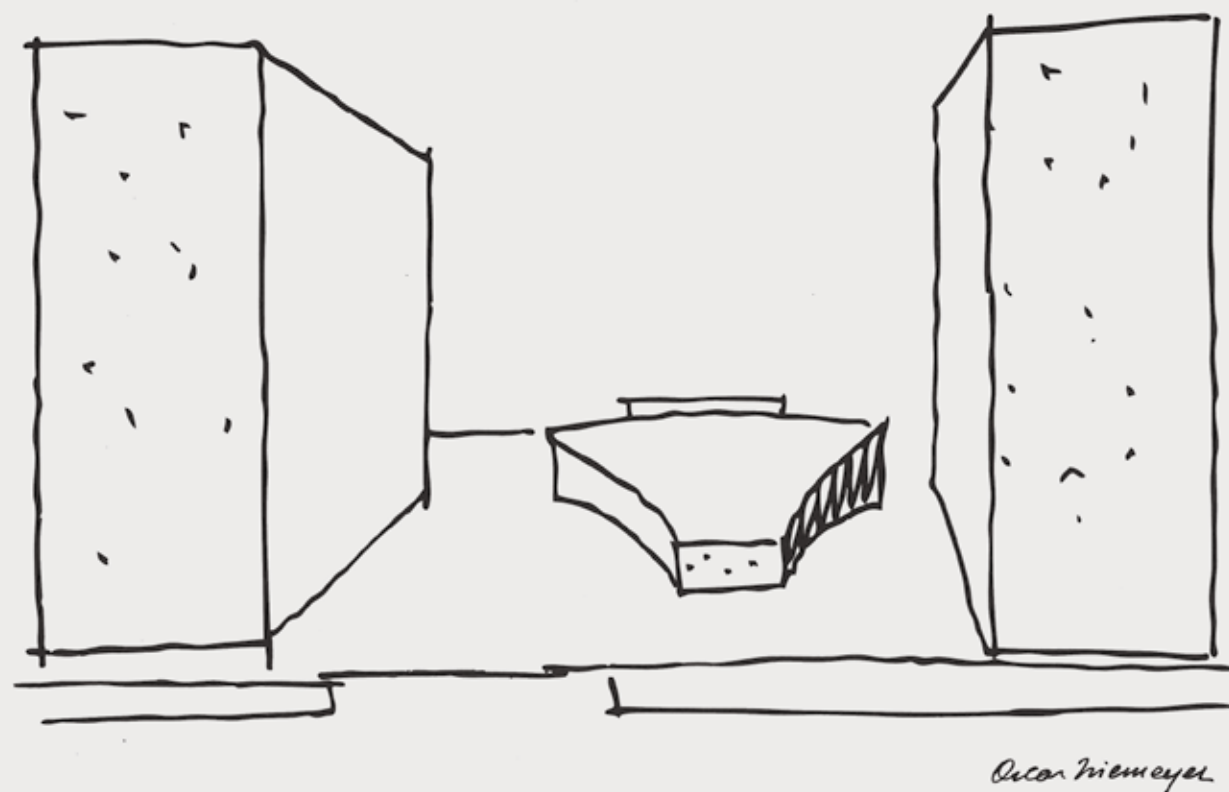
CESAR CUNHA CAMPOS

239 **Vieira da Silva construtiva, a produção no exílio carioca**

PAULO HERKENHOFF

253 **João Louro, o cartógrafo de cartografias**

PAULO HERKENHOFF



OSCAR NIEMEYER (1907-2012)  
Croquis da sede da Fundação Getúlio Vargas,  
no Rio de Janeiro, 1955

No *Livro do Desassossego*, Fernando Pessoa escreve a frase “Minha pátria é a língua portuguesa”, adaptada por Caetano Veloso no verso “Minha pátria é minha língua”, que traduz perfeitamente o propósito desta publicação: enfatizar, de forma inédita, a união luso-brasileira, de uma perspectiva fundamentalmente jurídica, já que o livro, do mesmo modo, celebra a 10ª edição do Fórum Jurídico de Lisboa, organizado pelo Instituto Brasileiro de Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa (IDP), localizado em Brasília, e pela Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, em parceria com a Fundação Getúlio Vargas (FGV), bem como os duzentos anos da Independência do Brasil.

Ao longo de três séculos, Portugal e Brasil compartilharam, até a Independência deste, a mesma história. Os primeiros padres que vieram à colônia portuguesa pertenciam à então recém-criada Companhia de Jesus, surgida em 1534, e a influência dos jesuítas na trajetória do Brasil é abrangente: criaram missões, que, mais tarde, se tornaram cidades; exerceram enorme influência sobre a Igreja Católica e, por conseguinte, também sobre a vida social e política da América portuguesa até 1759, quando foram expulsos de Portugal e de suas colônias pelo Marquês de Pombal, só retornando após o início do reinado de D. Maria I. Este foi um importante marco numa longa e, muitas vezes, ignorada disputa entre visões bastante diferentes sobre o Estado e como deveriam ser organizadas as suas instituições.

A raiz desta luta é controversa, mas certamente foi influenciada pela querela teológica francesa do século XVII entre jansenistas e jesuítas, a qual parecia rodear uma aparente ou real incompatibilidade entre o conceito de livre arbítrio e o dogma da onisciência divina, mas que, na verdade, refletia a luta entre os que defendiam uma monarquia constitucional à inglesa *versus* os que defendiam o Absolutismo de uma monarquia por direito divino.

O Iluminismo francês do século seguinte é fruto desta luta ideológica, na qual posições vão ser trocadas de maneira aparentemente inconsistente, exceto pelo fato de que o desenvolvimento adequado das instituições de Estado ficou sempre retardado, ou mesmo prejudicado, acarretando a demanda por intervenções periódicas, que, muitas vezes, são paliativos, e não soluções.

Pombal, maçom, trazia, dentro do Absolutismo que impunha em nome do seu rei, elementos iluministas. Ele via os jesuítas como ameaça e, para derrotá-los, acabou provavelmente plantando as primeiras sementes que levaram à Independência no Brasil.

A secessão do Brasil em relação à Portugal, a nossa Independência, é algo único no mundo: o filho do rei do país colonizador faz a independência da colônia e se torna imperador.

A partir de então, algo estranho acontece: o império partido tem duas metades separadas por realidades geopolíticas diversas: no Brasil, um império voltado para dentro tem uma incipiente elite que determina que o Estado deve criar a nação. Já em Portugal, a nação já havia sido criada nas lutas contra os mouros e não era possível estendê-la às possessões ultramarinas. O Brasil era novo, e Portugal era mais maduro. No Brasil do século XIX, o Grande Oriente tomou a frente do desenvolvimento institucional.

É fato que D. Pedro I e seu principal conselheiro, José Bonifácio de Andrade e Silva, pertenciam à maçonaria, e muitos dos debates relativos à Independência foram travados no âmbito de diversos grupos de maçons. O pensamento no Brasil sempre foi influenciado pela certeza do tamanho dos desafios, do isolamento, da necessidade de resistir às pressões externas.

**CARLOS IVAN  
SIMONSEN LEAL**

Presidente da Fundação Getúlio Vargas



*Brasão, Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves*  
Bronze com douramento, 33 × 27 cm  
Coleção Museu de Arte do Rio – MAR /  
Fundo Henrique Rzezinski  
Foto de Thales Leite

Poder-se-ia supor que a situação de Brasil e Portugal diferiria tanto que as comparações entre os seus sistemas jurídicos, suas instituições e outros seriam fonte de poucos insumos. Todavia, é justo o contrário o que ocorre. Tanto quando concordamos, como quando divergimos, é o exame da semelhança ou disparidade das condições subjacentes que nos fazem entender muitos dos porquês do que fazemos ou não.

Em termos jurídicos, por exemplo, temos uma situação privilegiada, na qual, na prática, podemos, a partir de fatos, construir um processo de zetética com fundamentos empíricos, com algo semelhante acontecendo em outros campos.

Os textos reunidos neste volume buscam apresentar diversos aspectos das relações entre os dois países. O ministro Gilmar Mendes e Victor Oliveira Fernandes escrevem sobre a proteção dos direitos fundamentais nas jurisprudências das crises no Brasil e em Portugal. O papel da imprensa, do Poder Judiciário e das redes sociais, por exemplo, é abordado pelo ministro Luiz Felipe Salomão; a preservação do meio ambiente, pela procuradora Denise Tarin; questões relacionadas a tributação, pelos professores Fernando Resende e José Roberto Afonso; a relação do Estado, e também do Império Português, com a religião, pelo desembargador Theophilo Antonio Miguel Filho. Além das gentis contribuições dos ex-presidentes da República José Sarney e Fernando Henrique Cardoso, contamos, ainda, com textos do embaixador de Portugal no Brasil, Luís Faro Ramos; do embaixador do Brasil em Portugal, Raimundo Carreiro da Silva, e do cônsul-geral adjunto no Rio de Janeiro, João Marco de Deus. O professor Vitalino Canas nos oferece um panorama atual do cenário geopolítico de Portugal.

Grande parte desses textos utiliza como referência o vasto acervo do Real Gabinete Português de Leitura, único depósito legal português fora de Portugal. Algumas das obras que essa instituição ampara ilustram os textos ora publicados, jogando luz à riqueza dessa coleção de mais de 400 mil exemplares, que é abrigada em uma das edificações mais singulares da cidade do Rio de Janeiro, em estilo neo-manuelino, considerada não apenas patrimônio da cidade e do país, mas também uma das bibliotecas mais bonitas do mundo. O edifício teve os elementos decorativos elaborados em Portugal para garantir sua aderência ao estilo mais característico da arquitetura portuguesa.

O Real Gabinete é objeto de uma seção específica desta publicação, com textos de seu presidente, Francisco Gomes da Costa, e sua vice-presidente, Gilda Santos, além do ex-cônsul de Portugal no Rio de Janeiro e ex-ministro da Cultura português, Luís Filipe Castro Mendes.

Na seara cultural, José Roberto Castro Neves traça um paralelo entre dois grandes escritores, o brasileiro Machado de Assis e o português Eça de Queirós, do ponto de vista da moral em obras fundadoras da literatura moderna dos respectivos países. Já Paulo Herkenhoff, curador e um dos organizadores do livro, nos apresenta a artista portuguesa Maria Helena Vieira da Silva, que, por alguns anos, viveu no Brasil, bem como o artista contemporâneo João Louro, que utiliza mapas históricos em suas obras. Não poderia faltar, é claro, uma análise da tradição azulejista dos dois lados do Atlântico.

São inúmeros os entrelaçamentos entre brasileiros e portugueses em todos os campos da sociedade. Em 2015, havia cerca de 25 milhões de brasileiros com ancestralidade lusitana, e, atualmente, verificamos uma crescente migração reversa de brasileiros em busca de residência em Portugal. As interseções serão ainda maiores no futuro, pois nossa pátria é a nossa língua, como afirmam nossos poetas.



A presente publicação “Minha pátria é minha língua” celebra a consolidação das relações entre Brasil e Portugal, por meio da criação do Fórum de Integração Brasil – Europa que tem por objetivo fortalecer as relações entre Brasil e Europa e é oportuna para registrar os 200 anos da Independência do Brasil.

É, entretanto, em 1808 com a chegada da Corte Portuguesa e a Abertura dos Portos em 28 de janeiro daquele ano que começaria a delinear-se a história do amadurecimento das relações entre Brasil e Portugal, quando o Brasil é elevado à condição de Reino Unido trazendo instituições que transformariam a colônia em uma nação protagonista e com relevante papel na geopolítica das Américas e nas relações entre a América do Sul e Europa, inicialmente por meio da ampliação das exportações e mais recentemente pela cultura.

Essas instituições criadas pela Corte portuguesa, em Salvador e no Rio de Janeiro viriam a ser referências em diversos aspectos da sociedade e em especial na ciência, na educação e na cultura: a Imprensa Régia, o Banco do Brasil, a Biblioteca Real (hoje Biblioteca Nacional), a Escola Cirúrgica da Bahia, a Real Academia de Belas Artes, o Jardim Botânico, a Real Junta de Arsenais do Exército e a Real Academia Militar.

A visão estratégica da Corte Portuguesa já trazia em si a integração por meio do conhecimento e do potencial que a colônia brasileira representava, integrando-a primeiramente a Portugal e dali para a Europa e para o mundo, reforçando o protagonismo de Portugal como “aldeia global” iniciado nas navegações ultramarinas.

Hoje vivemos uma época de grande integração por meio da tecnologia. O Brasil é um país continente e herdeiro do legado português. A colonização portuguesa permitiu a criação de um Brasil uno que nos trouxe riqueza e integrado linguística e culturalmente.

Brasil e Portugal têm uma plataforma cultural comum que integra o Brasil à Europa e também aos demais países lusófonos. E permite também que Portugal e a União Europeia se aproximem dos países da América Latina, onde o Brasil tem um protagonismo reconhecido por todos os países americanos.

As trocas entre as regiões do planeta é um fato irreversível demonstrado pela pandemia que a todos atinge, pelas mudanças climáticas e pela tecnologia que nos permite a comunicação imediata com qualquer localidade e favorece a economia. Será por meio da integração entre países que seremos cada vez mais uma aldeia global favorecendo a todos os povos.

### **GILMAR FERREIRA MENDES**

Ministro do Supremo Tribunal Federal e Diretor do Instituto Brasileiro de Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa – IDP

### **AUGUSTO MALTA (1864-1957)**

*Exposição Nacional de 1908, Rio de Janeiro*  
Augusto Malta. Exposição Nacional de 1908.  
Acervo Museu da República, Rio de Janeiro

*Em 1908 a cidade do Rio de Janeiro celebrou o 1º Centenário da Abertura dos Portos do Brasil com uma Exposição Nacional, construída no bairro da Urca. Promovida pelo Governo Federal destinava-se declaradamente a comemorar o centenário do Decreto de Abertura dos Portos às Nações Amigas e fazer um inventário da economia do país à época e ainda de apresentar a Capital da República recém renovada com projetos do Prefeito Pereira Passos e saneada por Oswaldo Cruz. Reuniu pavilhões especialmente construídos para a ocasião, que correspondiam aos estados brasileiros, além do de Portugal, país convidado.*



O acervo do Real Gabinete Português de Leitura é um digno testemunho da profundidade dos laços entre Portugal e o Brasil. As nações com sucesso não rejeitam o seu passado, mesmo que tenham olhar crítico sobre ele; e constroem o futuro com base nos ensinamentos do passado.

No momento em que este livro é publicado, tudo está, mais uma vez, em reavaliação ao nível internacional. Nesse contexto, também mais uma vez, Portugal e Brasil têm uma oportunidade para reequacionar o seu posicionamento global.

Exíguo do ponto de vista do território continental, Portugal tende a ser um gigante do ponto de vista das zonas marítimas detidas, preparando-se para controlar uma das maiores Zonas Econômicas Exclusivas (ZEE) do globo, se e quando vier a ser-lhe concedido o alargamento pedido em 2009. Ficará então a deter uma ZEE de cerca de 3,877,408 quilômetros quadrados, equivalente a quase metade do território do Brasil. Este último é gigante sob ambos os pontos de vista: como território continental e como detentor de uma ZEE que pode vir a ser ampliada para 4,4 milhões de quilômetros quadrados. Fazendo a soma, os dois países poderão controlar e explorar mais de oito milhões de quilômetros quadrados, quase tanto quanto o território do Brasil e cem vezes mais do que o território de Portugal.

O entendimento sobre uma perspetiva comum para o Atlântico pode ser uma nova linha de reflexão e de ação conjunta de Portugal e do Brasil.

Para isso, o Brasil teria de estar disponível para uma doutrina sobre o Atlântico, que não se detenha no sul, como espaço em que se pode projetar do ponto de vista geopolítico e econômico. A procura de novas linhas de fornecimento de matérias primas, agroprodutos e energia a que a Europa será forçosamente obrigada, em função dos longos anos em que permanecerá de costas voltadas para a Rússia, será certamente uma oportunidade para o Brasil reforçar o seu enlace estratégico, político e comercial com a Europa, seja no quadro do Mercosul, seja num quadro bilateral, com a própria União Europeia ou com cada um dos Estados-Membros.

Portugal, por seu turno, sempre olhou para o Atlântico como o seu espaço natural de projeção. O forte envolvimento na geopolítica do Atlântico Norte tem origem na entrada na Otan, em abril de 1949, mas a sua visão sobre o Atlântico Sul data de há vários séculos. Historicamente ou contou exclusivamente com os seus próprios recursos (nos primeiros séculos da expansão) ou procurou laços duradouros com potências marítimas, como a Inglaterra e, mais tarde, os EUA.

Depois da quebra do poderio marítimo do Reino Unido e de outros Estados europeus, fruto do esforço de Guerra e da descolonização, e na contingência do eventual desinvestimento americano no Atlântico, chegou talvez a hora de Portugal e o Brasil se entenderem também nesse domínio.

### VITALINO CANAS

Presidente do Fórum de Integração  
Brasil Europa – FIBE

*Primeira reunião do Fórum de Integração Brasil  
Europa, novembro de 2021  
Salão Nobre e Biblioteca da Academia das Ciências,  
Convento de Jesus, 1795  
Lisboa  
Foto Murillo Porto*



**FIBE**  
FÓRUM DE INTEGRAÇÃO  
BRASIL EUROPA

# Diga ao povo que fico.

Dom Pedro, Príncipe Regente do Brasil



**ACHILLE DEVERIA** (1800-1857)  
**JEAN-MATHIAS FONTAINE** (1791-1853)  
*D. Pedro*  
Gravura em metal sobre papel, 12,5 × 9,5 cm  
Coleção Museu de Arte do Rio – MAR, Rio de Janeiro  
Foto de Thales Leite





## Brasil e Portugal: da independência à interdependência

Há duzentos anos, Brasil e Portugal trocaram uma relação de dependência política entre colônia e metrópole pelo vínculo, sempre presente e crescente, de interdependência cultural e social entre duas nações. Após 1822, Brasil e Portugal sempre se viram, em momentos históricos diferentes, como terra de oportunidades para migrantes de um país ao outro. Essa trajetória de nossas sociedades, que se estende a nossos dias, refletiu-se no aprofundamento dos intercâmbios humanos e culturais, de lado a lado, ao longo desses dois séculos, graças ao qual se observa, hoje, uma presença tão forte do Brasil em Portugal, bem como de Portugal no Brasil.

A circulação de pessoas constitui o aspecto mais evidente desse intercâmbio: estima-se em mais de 300 mil o número de brasileiros residentes em Portugal, bem como em 200 mil o de portugueses residentes no Brasil. Nosso vínculo abrange, porém, uma série de outras variantes, em consonância com a convergência de valores que compartilhamos, após termos, brasileiros e portugueses, passado por diversas experiências políticas nesses duzentos anos: estamos unidos como países irmanados e, no cenário internacional, em defesa da democracia, da liberdade, da prosperidade e dos direitos humanos. Construímos, juntos, uma sólida tradição de colaboração bilateral nos mais diversos campos – político, econômico, comercial, entre outros –, bem como de estreita coordenação em foros internacionais.

Esses duzentos anos que marcam simultaneamente nossa independência política e nossa interdependência cultural, social e humana ensejam uma oportunidade singular para, por meio de projetos culturais conjuntos nos campos das artes visuais, da música e da literatura, fortalecer ainda mais os laços que nos unem.

Compete a nós, brasileiros e portugueses, seguirmos trabalhando para que o futuro de nossos vínculos mantenha a mesma solidez de um passado marcante e de um presente promissor.

A realidade atual, para brasileiros e portugueses, afigura-se auspiciosa: os efeitos positivos das medidas de resgate do crescimento econômico, empreendidas por ambos os governos, bem como os esforços no enfrentamento da pandemia de covid 19, que incluíram a vacinação em massa de nossas populações e medidas socioeconômicas tais como o Auxílio Emergencial, que beneficiou 68 milhões de brasileiros, e as medidas de apoio ao emprego e à economia adotadas pelos dois governos, que aceleraram a recuperação de nossas economias, são alguns exemplos de ações que rendem frutos visíveis.

**RAIMUNDO CARREIRO  
SILVA**

Embaixador do Brasil na República Portuguesa

**PEDRO AMÉRICO** (1843-1905)

*O grito do Ipiranga*, 1888

Óleo sobre tela, 760 × 451 cm

Coleção Museu Paulista da USP, São Paulo

Foto Rodrigo Tetsuo/Creative Commons

*A pintura O grito do Ipiranga (ou Independência ou morte) feita por encomenda do governo da província de São Paulo para ocupar o salão de honra do Monumento do Ipiranga, prédio que estava em construção. Pedro Américo a executou em Florença, na Itália.*

Brasil e Portugal são hoje, em suas respectivas regiões, exemplos bem-sucedidos da imunização em massa de suas populações ao longo do último ano e da robustez de seus sistemas públicos de saúde.

O momento é igualmente promissor no campo econômico-comercial. O aumento significativo do fluxo comercial, que atingiu US\$ 3,5 bilhões em 2021, com considerável margem para fortalecer o intercâmbio em setores de maior valor agregado, demonstra o dinamismo de nosso raciocínio econômico, aspecto que nem sempre recebe o merecido destaque na avaliação das relações bilaterais.

E não poderia ser de outra maneira. Nós, brasileiros, que representamos uma das economias de crescimento mais acelerado no século XX, observamos com admiração o sucesso econômico português ao longo das últimas décadas. Semelhante prosperidade veio, necessariamente, a refletir-se na força crescente da presença econômica de lado a lado.

Testemunho mais evidente dessa pujança econômica, à parte o fluxo comercial, são as cerca de seiscentas empresas de capital português que atuam no Brasil, com estoque de investimentos em torno de US\$ 11 bilhões. Na carteira do Programa de Parcerias de Investimentos (PPI) do governo brasileiro, dedicado a parcerias público-privadas em infraestrutura e desestatização, Portugal figura como o sétimo maior investidor.

Os investimentos brasileiros em Portugal são também significativos, com destaque para a Embraer, que concentra no país as atividades industriais para os mercados da Europa, África e Oriente Médio. A Embraer tem em Portugal seu primeiro cliente internacional para a aeronave militar de carga KC-390 Millennium, com previsão de entrega da primeira unidade no próximo ano.

Transformar a economia brasileira, tornando-a mais dinâmica e vinculada às cadeias globais de agregação de valor, tem merecido do presidente Jair Bolsonaro os melhores e mais diligentes esforços de sua gestão. Nesse sentido, o Brasil tem promovido reformas que visam a aprofundar a abertura econômica, com o fortalecimento da segurança jurídica, o aperfeiçoamento do ambiente de negócios e a simplificação de trâmites burocráticos para investidores e demais agentes econômicos. O empenho português na conclusão do Acordo de Associação Mercosul-União Europeia e o apoio ao pleito brasileiro de acesso à Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE) constituem elementos mais recentes do forte respaldo de Portugal às ambições brasileiras, pelo qual o Brasil tem expressado sua gratidão e seu reconhecimento.

Simultaneamente, o Brasil tem reforçado seus compromissos internacionais em sustentabilidade ambiental, com metas mais rigorosas de redução de emissões e de combate ao desmatamento, particularmente por ocasião da 26ª Conferência das Partes sobre a Mudança do Clima, em 2021.

Por sua vez, a área da defesa também configura frente promissora para o elo Brasil-Portugal. A cooperação bilateral no setor conjuga elementos tradicionais – de intercâmbio, formação e exercícios conjuntos – com fatores de elevado dinamismo nas vertentes comercial, de pesquisa e desenvolvimento, assim como de integração das cadeias produtivas. Desenvolve-se grande convergência estratégica entre as políticas nacionais de defesa de ambos os países – visível, sobremaneira, na ênfase colocada na vertente marítima, com metas ligadas ao desenvolvimento sustentável, à descarbonização e ao fomento da economia nesse domínio.

O processo de transição energética também abre um vasto campo para a cooperação entre nossos países. Uma das maiores oportunidades de parceria entre Brasil e Portugal é a indústria nascente do hidrogênio verde (H<sub>2</sub>V), *commodity* que ocupará, até 2050, o espaço do petróleo e do gás natural, substituindo o barril do petróleo pelo “barril do hidrogênio”. Nossos países dispõem de vantagens competitivas para a produção de H<sub>2</sub>V, dado que seu principal componente de custo é a energia elétrica, da qual tanto Brasil quanto Portugal contam com ampla oferta de fontes renováveis.

Cabe ainda frisar o papel central desempenhado, no diálogo Brasil-Portugal, pela Comissão Permanente Bilateral (CPB), estabelecida em 2002 e que se converteu em um dos principais foros para o acompanhamento da cooperação bilateral. O mecanismo constitui marco institucional de suma importância para a definição de objetivos e prioridades da parceria estratégica entre os dois países, conferindo maior coordenação e celeridade às tratativas nos diversos níveis do relacionamento. Nessa instância, são debatidos temas de vital interesse sobre assistência consular, ciência, tecnologia e inovação, bem como questões econômicas, financeiras e comerciais.

Tema sempre presente na agenda da CPB é a integração dos cidadãos de nossos dois países, com vistas a contribuir para o bem-estar dos brasileiros em Portugal e dos portugueses no Brasil. Trata-se de esforço diário empreendido pelas autoridades em Brasília e Lisboa. Entre as iniciativas mais recentes a merecer nossa atenção, inscrevem-se as medidas para digitalização dos serviços públicos, com efeito direto para a diminuição das burocracias consulares.

Vale ressaltar, ademais, o enorme potencial de cooperação que se descortina diante de Brasil e Portugal para, em conjunto com os demais países de língua portuguesa, difundir nosso idioma pelo mundo, promovendo, bilateral ou multilateralmente, a criação de centros conjuntos de educação e pesquisa, além de empreender esforços em favor do fortalecimento da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP).

Ao olhar para a história compartilhada que brasileiros e portugueses vêm escrevendo ao longo dos séculos, alimentada por busca de oportunidades de lado a lado, tanto antes quanto depois de 1822, somos encorajados a renovar a esperança nos valores humanos da compreensão e da fraternidade. São esses os sentimentos que governantes e dirigentes procuram transferir às suas ações oficiais, buscando assegurar a prosperidade de nossas populações. Com entusiasmo e confiança, seguiremos trabalhando para que Brasil e Portugal fortaleçam cada vez mais os vínculos que nos tornaram tão interdependentes após duzentos anos de independência.

# As sinergias entre Brasil e Portugal no campo da cultura e da atualidade

**LUIS FARO RAMOS**

Embaixador de Portugal no Brasil

Cabe agradecer, em primeiro lugar, ao FIBE, ao IDP e à FGV pela oportunidade que me dão de partilhar algumas observações sobre o estado atual das relações entre Portugal e o Brasil no campo da Cultura.

Cultura que merece uma grande maiúscula, como muito justa homenagem ao destacadíssimo plano que vem assumindo nas relações pessoais e institucionais, em tempos de pandemia. É o que nos salva, muitas vezes, de cairmos naquela melancolia perigosa da solidão e do fechamento, que só nos conduz a labirintos e a portas fechadas.

Celebremos, pois, a Cultura.

Vou utilizar a dimensão mais abrangente da palavra, nela englobando não só a identidade de comportamento, de língua e de manifestações artísticas de determinados grupos sociais (os povos de Portugal e do Brasil), mas também a partilha de tradições, festas e manifestações, como o desporto ou a gastronomia.

Para contextualizar o estado atual da nossa relação, é sempre bom lembrar que se trata de uma relação que tem história, mas é também do presente e se projeta no futuro.

E que é exatamente a história partilhada que, unindo há séculos Portugal e o Brasil, constitui a base estrutural de uma relação singular, densa e muito diversificada. Que tem passado por altos e baixos – certamente mais altos do que baixos – como passam todas as relações que são fortes, antigas e de compromisso mútuo.

Quando pensamos naquilo que une Portugal e Brasil, a primeira palavra que nos vem à mente é a Língua. Língua que merece, também, uma grande maiúscula, por não se limitar a ser meio de comunicação. É igualmente transmissão de saberes, intercâmbio de cultura, e tanto mais.

Celebremos, pois, a Língua.

Nesta Língua comum, que ao longo dos tempos tem ganho matizes e sonoridades, expressões e jeitos de falar próprios de cada um dos nossos países, é que se realiza plenamente a interação entre os dois povos, cruzando dos dois lados do Atlântico saberes, tradições, inovações, experiências. Escolhendo portos seguros e familiares para visitar, estudar, investigar, trabalhar, residir. Ou, mais simplesmente, descobrir.

Mas essa Língua comum projeta-nos muito para lá daquilo que são as nossas próprias e finitas fronteiras geográficas. Sendo hoje a quarta ou a quinta língua



mais falada no mundo, a primeira mais falada no Hemisfério Sul, e uma das poucas línguas pluricontinentais e pluricêntricas que crescerá significativamente ao longo deste século, a Língua Portuguesa projeta os países que a falam a uma escala significativamente mais ampla.

Portugal e Brasil, países admirantes da Língua Portuguesa com os seus mais de 200 milhões de habitantes, têm responsabilidades muito particulares em transformar essa projeção num ganho concreto, seja a nível cultural, seja a nível económico, seja a nível científico. As robustas diásporas que ambos têm espalhadas pelo mundo inteiro vêm contribuindo significativamente para a divulgação da nossa Língua comum.

Partilhamos espaços geográficos que são, cada vez, mais instrumentos de afirmação da Língua e pela Língua. A Comunidade de Países de Língua Portuguesa e a Ibero-América, embora ainda longe de cumprirem o enorme potencial que encerram, afirmam-se como espaços muito maiores que as suas próprias línguas. Ao serem línguas de proximidade, o português e o espanhol ocupam um espaço que corresponde já hoje a mais de 800 milhões de falantes. As Conferências Internacionais sobre as Línguas Portuguesa e Espanhola, em Lisboa em 2019 e em Brasília em 2022, vieram demonstrar o muito que está feito e o muito que ainda está por fazer.

E temos, claro, a pertença comum às Nações Unidas, como países que acreditam e defendem os valores da única Organização que representa todos os

**ASCÂNIO MMM** [1941]

Módulo 8.4, 1971-1983

Alumínio pintado e parafusos

350 × 600 × 430 cm

Foto Sergio Mariz

*Artista brasileiro nascido em Portugal, Ascânio vive e trabalha no Rio de Janeiro desde 1959.*

*Esta versão da escultura Módulo 8.4 foi inaugurada em 2021 na Vila de Fão, distrito de Braga, sua cidade natal. A versão original dessa peça está instalada desde 1983 no edifício Argentina, praia de Botafogo, Rio de Janeiro. Foi eleita por um júri de especialistas do jornal O Globo uma das dez melhores obras em espaços públicos do Rio.*



**SUZANA QUEIROGA** [1961]  
*O mundo segue indiferente a nós*, 2021  
 Feltro, dimensões e configurações variáveis.  
 Instalação na mostra “O mundo segue indiferente a nós”, curadoria de Tales Frey, junho a agosto de 2021  
 Espaço de Intervenção Cultural Maus Hábitos, Porto, Portugal  
 Foto José Caldeira

*Suzana Queiroga é uma artista luso-brasileira e vive entre Lisboa e Rio de Janeiro. Atuante desde os anos 1980, trabalha com uma grande variedade de meios. Suas poéticas atravessam as questões do fluxo, do tempo e do infinito. Em suas obras de grandes dimensões, a experiência de expansão dos sentidos pode gerar espaços de imersão coletiva.*

Estados do mundo. Hoje, mais do que nunca, esses valores vêm sendo postos em causa. Importa por isso afirmarmos, sem qualquer equívoco, juntos, que acreditamos no multilateralismo e no diálogo como a melhor forma de lidar com os problemas e as diferenças. E, claro, esperamos que a nossa Língua seja um dia não muito longínquo reconhecida como Língua Oficial das Nações Unidas.

Podemos olhar para a nossa relação em três níveis: o dos Estados, o dos Governos, e o dos Povos.

Entre Estados, temos um relacionamento institucional sólido, respeitando as respectivas soberanias, na qualidade de Estados plenamente integrados no concerto das Nações. Portugal é independente há mais de 900 anos; o Brasil há 200. As estruturas diplomáticas e consulares dos dois países vêm se encarregando com exemplar empenho em garantir um acompanhamento atento e permanente de todas as questões de interesse mútuo.

Entre Governos, as relações vão se adaptando à medida que de um e de outro lado os respetivos Executivos vão se sucedendo. Assim, é normal em duas democracias, como são hoje as de Portugal e do Brasil.

Mas é entre os Povos, entre as pessoas, que a relação alcança a sua plenitude, que os destinos de quem vive de um e do outro lado do oceano vão sendo selados. Que vamos nos descobrindo ainda todos os dias, tantos anos depois de termos começado a cruzar a ponte da Língua comum.

Nós, portugueses, descobrimos há muitos anos o encanto das novelas brasileiras e a melodia única da música do Brasil, onde as vogais, como disse o

poeta Manuel Alegre, “dançam”. Descobrimos também, há muito, as magníficas praias do Nordeste com as suas águas cristalinas e calmas. E centenas de milhares de portugueses descobriram no Brasil que podiam se sentir em casa e fizeram aqui a sua casa.

Até estamos a descobrir, imagine-se, que o Brasil tem ótimos vinhos de mesa – e temos muita satisfação em dizer que nessa evolução há também uma contribuição portuguesa – o enólogo – chefe de uma das mais prestigiadas vinícolas brasileiras é português.

Agora, são os filhos e os netos desses portugueses que aqui se estabeleceram, já brasileiros, a descobrirem o nosso país, a pedirem a nacionalidade portuguesa e a partilharem o que vivem e sentem quando estão no nosso país com os seus compatriotas.

Seja residente, estudante, investigador ou simples turista, o brasileiro visita o Santuário de Fátima e ali encontra serenidade e contemplação. Nas vinhas do Douro, Bairrada ou Alentejo e em restaurantes de comida portuguesa, um pouco por todo o país, encontra uma gastronomia autêntica, saborosa, e anfitriões acolhedores.

E no futebol, há muitos anos que atletas brasileiros rumam a Portugal e aí constroem carreiras de sucesso, e alguns fazem mesmo do nosso país uma plataforma para se projetarem a nível internacional. Deste lado do Atlântico, são os treinadores portugueses que dão às equipas brasileiras títulos memoráveis, dos quais os mais recentes são três prestigiadas Taças Libertadores da América.

Não poderia falar de relações culturais entre Portugal e o Brasil na atualidade sem referir às diversas manifestações comemorativas que terão lugar, nos nossos países, neste ano especial que é o ano de 2022, em que se celebra o bicentenário da Independência do Brasil.

Portugal recebeu com muita satisfação o convite da Câmara Brasileira do Livro para ser o país convidado de honra da 27ª edição da Bienal do Livro de São Paulo. Traremos a essa Bienal o melhor que temos na nossa literatura.

Em Portugal, realizar-se-ão em várias cidades diversos eventos comemorativos do bicentenário da Independência do Brasil, organizados pela estrutura dirigida pelo ex-Embaixador português no Brasil Francisco Ribeiro Telles.

Sabemos também que as autoridades brasileiras organizarão, aqui e no nosso país, diversos eventos comemorativos. Ao mesmo tempo, será dado o devido destaque a outras duas efemérides que ligam os dois países: o centenário da primeira travessia aérea do Atlântico Sul, pelos pilotos navegadores portugueses Gago Coutinho e Sacadura Cabral, e o centenário do nascimento do até hoje único Prémio Nobel da Literatura de Língua Portuguesa, José Saramago.

Às sete cátedras que o Instituto Camões possui no Brasil, com diversas universidades brasileiras de prestígio, poderá juntar-se uma oitava, a primeira no sul do país. E a Embaixada de Portugal e os diversos Postos Consulares continuarão a apresentar um programa cultural robusto e multifacetado, no âmbito dos seus programas de atividades anuais.

Termino com uma palavra especial de enorme apreço e gratidão às pessoas, portuguesas, brasileiras ou bi-nacionais, que são verdadeiramente quem mais contribuem para o renovar permanente do encantamento que é ser português no Brasil e brasileiro em Portugal.



*Museu dos Coches*, Lisboa, 2015  
Projeto arquitetônico de Paulo Mendes da Rocha  
Foto de Leonardo Finotti



*Fundação Iberê*, Porto Alegre, 2008  
Projeto arquitetônico de Álvaro Siza  
Foto de Leonardo Finotti

# Rio de Janeiro, cidade portuguesa

**JOÃO MARCO DE DEUS**

Cônsul-Adjunto de Portugal no

Rio de Janeiro

Tenho me atrevido a repetir, ao longo dos últimos quase cinco anos, em ocasiões públicas e privadas, que o Rio é a cidade mais portuguesa do mundo, fora de Portugal, naturalmente. Faço-o na convicção de que, em nenhum outro local do planeta, a herança lusa é tão profunda e sincrética como na Cidade Maravilhosa, porque transversal ao DNA da cidade e da sociedade: toponímia, arquitetura, cultura, gastronomia, religião, até mesmo sotaque e, acima de tudo, laços de sangue. Naquela palavra que tudo resume e assimila: identidade. Foi neste contexto que aceitei com entusiasmo o desafio proposto pela FIBE e pela FGV, atendido nas linhas que seguem.

Recuando ao início, há quem se divirta com as efêmeras aventuras francesas pelas ilhas da Baía da Guanabara. Mas ninguém, no seu perfeito juízo, duvida que a certidão de nascimento da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro seja indiscutivelmente portuguesa, exarada a 1 de março de 1565.

Em termos legais, poderíamos até mesmo considerá-la duplamente lusitana – se tal fosse juridicamente válido – simultaneamente por *jus soli* e *sanguini*. Ou melhor, invertendo os conceitos. Com efeito, foram a visão, o suor e, literalmente, o sangue de Estácio de Sá e de seus lusos companheiros a abrirem caminho à fundação, nas plácidas margens de uma baía por onde então cantavam baleias, de uma cidade que já então adivinhavam, olhando em seu redor, que só poderia vir a ser maravilhosa (e, sobretudo, mandava a Coroa Portuguesa que nunca chegasse a ser *merveilleuse*).

Do primitivo povoado entre o Pão de Açúcar e o Morro Cara de Cão, ao esboço de cidade de apertadas e curvilíneas ruelas de reminiscência mourisca no Morro do Castelo, da vila periférica numa nova e vasta colônia à capital providencial de todo um império, a gênese e a evolução do Rio ao longo dos séculos respiram Portugal por todos os poros.

E, chegada a hora de cortar o cordão umbilical (em trabalho coordenado de D. João VI com o seu filho varão), há exatos 200 anos, quando a distância oceânica e as influências geopolíticas mais próximas pareciam poder ditar um inexorável afastamento, eis que os laços migratórios (familiares!), já então inquebrantáveis, vieram garantir a continuidade de uma relação de entrosamento entre as duas margens do Oceano. Em vagas sucessivas, ao longo de dois séculos, muitas centenas de milhares de portugueses fugiram da pobreza no seu país (entre 1830 e 1960 teria sido cerca de dois milhões, cifra impressionante considerando o universo total da população portuguesa de então), reconstruindo



as suas vidas numa nova pátria tropical, de dimensões continentais, entregando-se uma larga fasquia às oportunidades da vida carioca e fluminense.

Mas, para os migrantes de finais dos novecentos e início do século XX, a adaptação à vida nos trópicos foi tudo, menos glamurosa. Eram muitíssimos os adolescentes e jovens adultos recém-chegados que não resistiam a doenças locais, muito em particular à febre amarela. Doença que o destemido Oswaldo Cruz, arriscando a própria vida, viria a erradicar nas primeiras luzes do século XX, enfrentando uma vaga primitiva de ignorância popular face à vacina, que hoje voltou inesperadamente à ribalta da atualidade. Muitos foram também aqueles que sucumbiram a duras jornadas de trabalho em climas inclementes, presos a contratos de trabalho abusivos, dando origem, a par de outros companheiros europeus de infortúnio, a um fenómeno que se chegou a apelar de “escravidão branca”.

Se era numeroso esse português pobre, marginal, explorado e até mesmo ridicularizado, que se distinguiu por características de resiliência, às quais as vagas migratórias da segunda metade do século XX viriam a fazer jus, na sociedade carioca proliferaram igualmente casos de estrondoso sucesso económico e sociocultural, que se revelariam fundamentais para a construção da identidade da cidade. Da vontade e do empenho de portugueses e luso-brasileiros, nasceram instituições e associações de referência no plano económico, tais como a Associação Comercial do Rio, o Centro de Abastecimento e Distribuição

**GLAUCO RODRIGUES** (1929-2004)

*No tempo dos Vice-Reis (1763-1808)*

Álbum *Rio de Janeiro*, 1979

Litografia, 35 x 50 cm

Coleção Sartori, António Prado

Foto Carlos Stein/VivaFoto

*No álbum Rio de Janeiro, Glauco Rodrigues alegoriza etapas da vida e da história carioca. No alto da imagem, o artista reproduz a gravura original de Debret, em que se vê o Largo do Paço (atual Praça XV), na configuração do início do século XIX. Do lado esquerdo está o Paço Real (antigo palácio dos Vice-Reis, hoje Paço Imperial); ao fundo, o antigo convento do Carmo na rua Direita (atual Primeiro de Março), a antiga Sé e a Igreja da Ordem Terceira do Carmo. Em primeiro plano, o Chafariz da Pirâmide, de autoria de Mestre Valentim, antes dos aterros que o afastaram do mar. Abaixo, um indígena, um São Miguel e um mestre-sala de escola de samba.*



**THALES LEITE** (1979)  
*Confeitaria Colombo*, 2022  
 Fundada em 1894 no centro do Rio de Janeiro pelos imigrantes portugueses Joaquim Borges de Meireles e Manuel José Lebrão, a Colombo, com seu estilo europeu, é uma das principais referências culturais da antiga capital brasileira.

do Estado da Guanabara – Cadeg, ou ainda a Associação Brasileira dos Panificadores. Mas do seu sucesso fizeram também obra social e cívica de enorme relevância, constituindo hospitais, caixas de socorro e beneficências (algumas das quais ainda hoje referências nacionais), bem como equipamentos de educação e cultura, como o icônico Real Gabinete Português de Leitura. A diversidade das origens da comunidade, por sua vez, conduziu à criação de dezenas de “casas regionais”, algumas das quais, centenárias, ainda se mantêm em atividade, hoje impulsionadas, cada vez mais, por luso-descendentes.

A pujança econômica da comunidade lusa ficou bem patente na criação, precisamente no Rio de Janeiro, da primeira Câmara de Comércio e Indústria, fora de Portugal, em 1911, ano de particular significado histórico para a pátria lusitana, com o nascimento da primeira Constituição Republicana e o surgimento do escudo a substituir o real. Nascida com o intuito de estabelecer diálogos entre setores de atividade econômica largamente controlados por portugueses e as autoridades da cidade, esta inédita iniciativa espelhava a importância crescente que o empresariado luso havia sabido alcançar no Rio, em setores muito diversos da vida econômica da cidade. Hoje ainda, passados tantos anos, e com uma matriz comercial bilateral naturalmente profundamente alterada, a Câmara Portuguesa de Comércio e Indústria mantém ligações privilegiadas com as autoridades locais (nomeadamente junto da Firjan) e constitui um interlocutor privilegiado do Consulado-Geral.

De todas as sucessivas vagas de emigração portuguesa sobressai uma admirável capacidade de adaptação e entrosamento face ao ambiente das sociedades de acolhimento, que uma língua comum obviamente facilitou, mas que se explica sobretudo por um espírito de resiliência que é a regra em toda a diáspora lusa espalhada pelos quatro cantos do mundo.

Entretanto, no último quartel do século XX chegam a Portugal primeiro a liberdade, de seguida à Europa. Altera-se profundamente – para bem melhor – o paradigma de vida e, se ainda hoje não faltam desafios por cumprir, o país passou a oferecer condições aos seus habitantes que desincentivam a aventura transoceânica.

Então, sem Corte e sem emigrantes, o que resta hoje de Portugal no Rio de Janeiro? Tudo o que a história e a genética permitem.

E, demonstrando-o, passarei ao largo dos românticos lirismos dos “povos irmãos”, quais gêmeos separados pelas águas atlânticas, porque, na realidade, portugueses e cariocas são hoje produto de contextos culturais e sociológicos bem diversos. Somos diferentes no nosso jeito de ser, de vestir, de falar, de encarar a vida e as suas agruras (o otimismo carioca, aliás, precisa de ser estudado e bem mereceria um Prêmio Nobel da Paz). Tudo isto só nos enriquece; saibamos aproveitar as nossas diferenças.

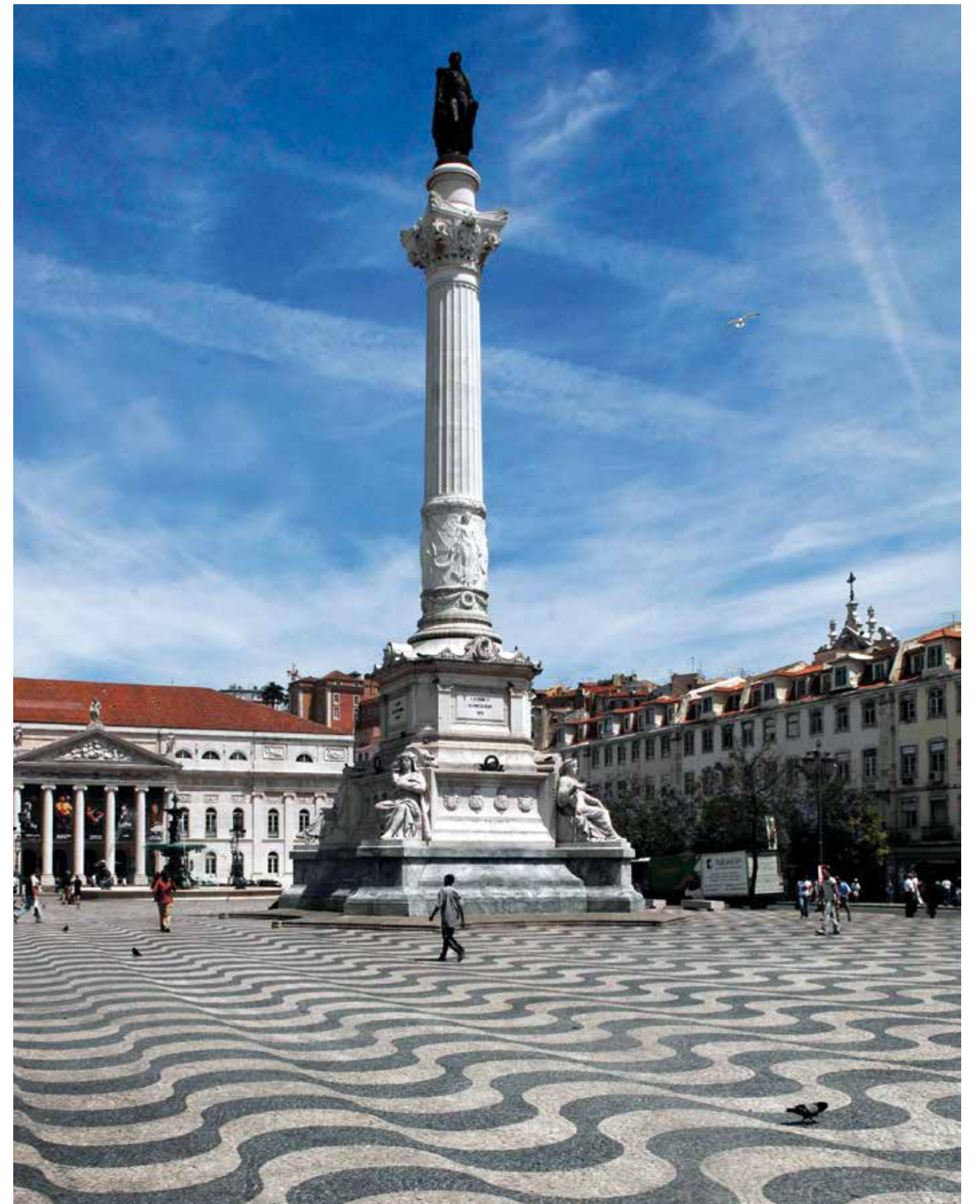
É uma aprendizagem da qual se encarregam os atuais fluxos migratórios, nos dois sentidos, num intenso “redescobrimto” mútuo, em todas as dimensões das nossas sociedades – da economia à cultura, da ciência ao esporte, da educação à saúde. Se é de juventude que naturalmente se constrói o futuro, valerá a pena precisar que, em nenhum outro país do mundo como em Portugal, existem tantos estudantes brasileiros, muitos dos quais oriundos da cidade e do estado do Rio de Janeiro. O seu número, em franca recuperação após o período mais complexo da pandemia da covid 19, deverá superar as duas dezenas de milhares, representando, de longe, o maior contingente de estudantes estrangeiros em instituições portuguesas de ensino superior. E quem fala de estudantes não pode omitir professores e investigadores de áreas muito diversas. Com sede no Rio, não há como não destacar o caso particular da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), referência nacional, cuja aposta em cooperar com instituições portuguesas, enquanto experiência pioneira de internacionalização, honra Portugal e tem vindo a recolher elogios e apoios das autoridades de saúde de ambos países.

Cinco anos de vida carioca servem-me de prova mais do que bastante para afirmar que a condição de português residente no Rio de Janeiro difere da de qualquer outro forasteiro. Não me parece, aliás, com tanto Portugal por aí “à solta”, que pelas ruas do Rio o português seja bem um estrangeiro, antes um primo, no início distante mas rapidamente próximo, com um sotaque curioso e divertido, regressado à casa transatlântica de família.

Aos ex-libris arquitetônicos fundados por portugueses e que ainda subsistem – tendo como expoentes máximos o magnífico Real Gabinete Português de Leitura, uma das mais belas bibliotecas do planeta, e a Pastelaria Colombo, relíquia do glamour de outras eras e sede habitual de banquetes de estado nos tempos em que o Rio era capital – somam-se diversas “casas regionais” e uma vasta malha urbana de matriz lusa que, *tant bien que mal*, vai sobrevivendo no centro da cidade, além de diversas edificações religiosas que escaparam incólumes à fúria dos arquitetos da “modernidade”, como a graciosa Igreja da Glória, as exuberantes Igrejas do Carmo e de São Francisco, ou ainda o riquíssimo Mosteiro de São Bento.

**BRUNO VEIGA** (1963)  
 pág. 30  
*Calçada de Copacabana*, detalhe, 2013  
 Projeto paisagístico de Roberto Burle Marx, da década de 1970, que integra a paisagem cultural urbana, considerada Patrimônio mundial da Unesco.

pág. 31  
*Praça do Rossio*, Lisboa, 2010  
 A Praça de D. Pedro IV (ou Praça do Rossio) Calçada concebida por Eusébio Furtado no século XIX que utiliza, de forma pioneira, o padrão de listas onduladas.





Porém, mais do que essas referências arquitetônicas, ou mesmo imagens de marca clássicas, como a calçada portuguesa que decora as mais belas praias urbanas do mundo ou o onipresente bolinho de bacalhau nas mesas dos botecos da cidade, é a herança genética que realmente continua hoje a fazer do Rio uma cidade com ligações tão profundas a Portugal. Não obstante a drástica diminuição dos fluxos migratórios lusos a partir das últimas duas décadas do século XX, o universo de lusodescendentes é imenso, e é hoje missão impossível concretizar uma estimativa realista do total de cariocas (e fluminenses) com ascendência portuguesa.

A emigração portuguesa para o Rio é, nos dias de hoje, praticamente inexistente, e são cada vez em menor número os portugueses natos que, por décadas, desenvolveram na cidade negócios tradicionais que moldaram de forma nevrálgica o dia a dia dos cariocas, dos botecos e restaurantes às inevitáveis padarias, mas também lojas de tintas e materiais de construção civil, nos casos de maior sucesso cadeias de farmácias e grandes superfícies comerciais, e, ainda, empresas de transportes públicos. Do mais modesto ao discreto milionário, donos de uma coragem, de uma fibra e de uma honestidade, que construíram, em larga medida, a reputação invejável de que Portugal hoje se beneficia, no Rio como por todo o Brasil e pelo mundo.

Coabitam hoje com uma nova geração de “luso-cariocas”, com um pé em cada lado do Atlântico, e que procura avidamente tirar proveito do melhor de cada uma das suas pátrias. E fá-lo com um cada vez maior comprometimento, nomeadamente quanto ao aprofundamento do seu conhecimento sobre Portugal e a sua participação cívica, assim contribuindo para um afastamento do clichê de descendente interesseiro unicamente focado na obtenção de um “passaporte europeu” facilitando acesso à União Europeia e, sobretudo, aos EUA.

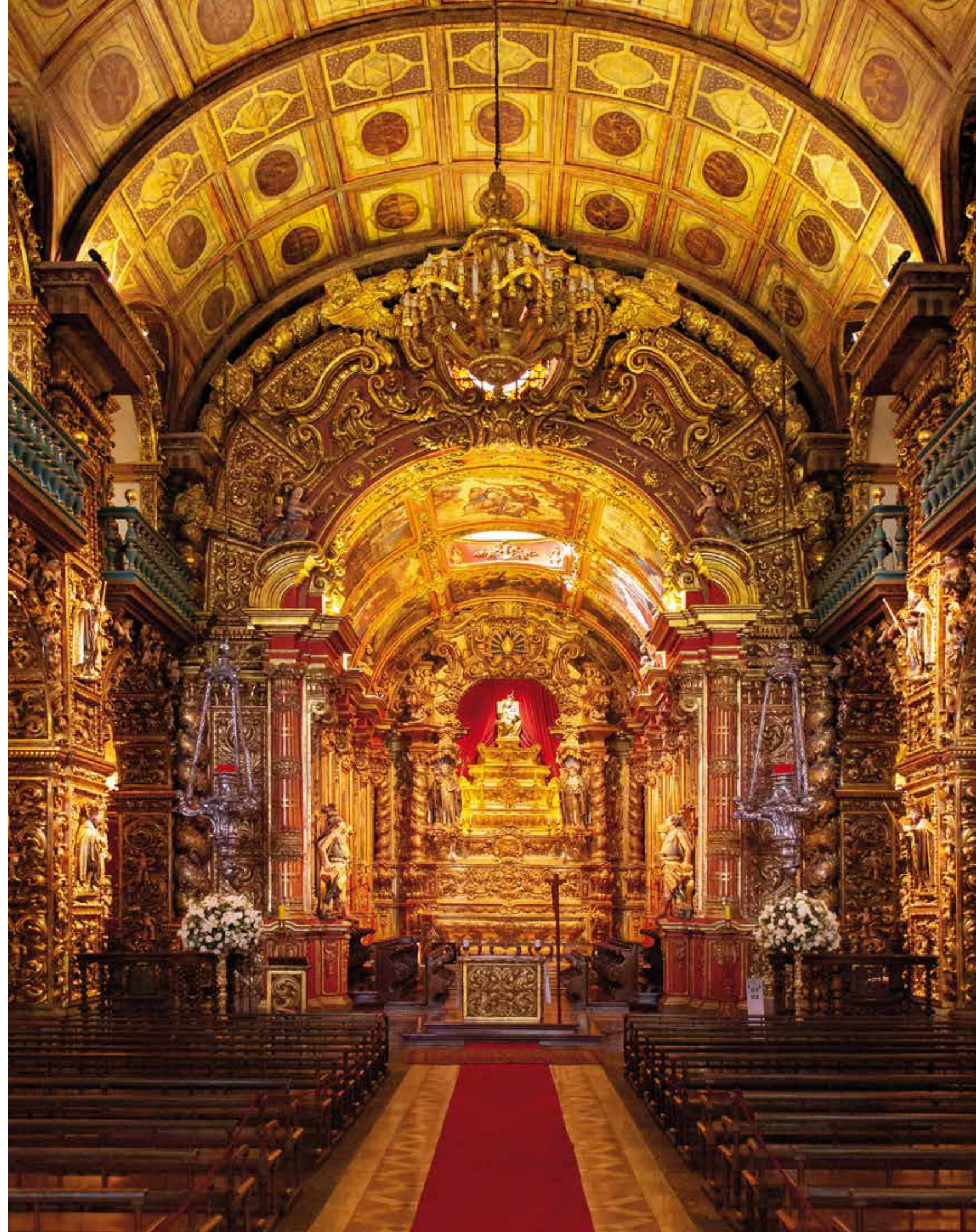
Essa visão caricatural não se coaduna com a efetiva e crescente apetência dos luso-descendentes, e dos cariocas em geral, por um Portugal moderno, bem diverso do que perpetuam – com inteira legitimidade – as festas tradicionais das casas regionais. Esta atração reflete-se no consumo de manifestações culturais lusas, como sejam cantores e fadistas que têm enchido salas de espetáculo, de forma recorrente, como Mariza, Carminho ou António Zambujo, ou ainda novos autores literários, como José Luís Peixoto ou Gonçalo M. Tavares, entre outros, cujo sucesso de vendas veio colmatar uma visão arcaica e estagnada da literatura portuguesa.

Resta então, em conclusão e para completar o quadro, que alguém se dedique com firmeza ao trabalho de explicar à opinião pública carioca que nenhum “português de Portugal” jamais utiliza o termo “pois, pois”, ainda que nesse propósito arrisque provocar uma enorme desilusão coletiva.

#### THALES LEITE

*Mosteiro de São Bento, 2015*

*O Mosteiro de São Bento, no centro do Rio de Janeiro, foi construído com pedras do Morro da Viúva, no Flamengo. Os planos do edifício, datados de 1617, são de autoria do engenheiro militar português Francisco Frias de Mesquita, inspirado na estética maneirista portuguesa do século XVII. As obras começaram em 1633 e finalizada em 1671. O projeto original foi alterado, durante a construção, pelo arquiteto Frei Bernardo de São Bento Correia de Souza e a igreja passou a contar com três naves. O mosteiro anexo à igreja foi concluído em 1755, com a construção do claustro projetado por José Fernandes Pinto Alpoim.*



# Jurisdição constitucional no Brasil e em Portugal: a proteção de direitos fundamentais nas jurisprudências das crises

**GILMAR FERREIRA MENDES**

Ministro do Supremo Tribunal Federal. Professor nos cursos de graduação, pós-graduação *latu sensu*, mestrado e doutorado do Instituto Brasileiro de Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa (IDP). Doutor em Direito pela Universidade deMünster, Alemanha

**VICTOR OLIVEIRA FERNANDES**

Assessor de Ministro do Supremo Tribunal Federal. Professor nos cursos de graduação e pós-graduação *latu sensu* do IDP. Doutor em Direito pela Universidade de São Paulo

O recurso a técnicas inovadoras de controle da constitucionalidade das leis e dos atos normativos, em geral, tem sido cada vez mais comum na realidade do direito comparado, na qual os tribunais não estão mais afeitos às soluções ortodoxas da declaração de nulidade total ou de mera decisão de improcedência da ação com a consequente declaração de constitucionalidade. Certas modalidades atípicas de decisão no controle de constitucionalidade decorrem de uma necessidade prática comum a qualquer jurisdição constitucional.

A necessidade de recorrer a técnicas de decisões mais sofisticadas adquire especial relevo em ordenamentos jurídicos cujos textos constitucionais assumem um caráter analítico e programático. Essa é uma característica aplicável tanto ao ordenamento jurídico brasileiro quanto ao português. Como destacado pelo Professor Jorge Miranda, é notável a semelhança entre as Constituições brasileira e portuguesa, ao considerar a extensão das matérias com relevância constitucional, a precaução com os direitos fundamentais e a quantidade de normas programáticas, em manifesta reação aos abusos e violações perpetrados durante os períodos autoritários.<sup>1</sup>

Como se pode extrair do posicionamento do doutrinador, o Constituinte Originário, optou pela elaboração de uma Carta extensa, altamente detalhada e vinculante. Ao fazê-lo, atribuiu-se caráter analítico ao texto constitucional. Ao longo dos mais de 250 artigos, a Constituição aborda os pormenores relacionados: à construção do Estado brasileiro; à Administração Pública; às garantias fundamentais; dentre outros inúmeros assuntos. Trata-se de um antagonismo às constituições sintéticas — *v.g.* a Constituição norte-americana —, cujo conteúdo é consideravelmente mais sucinto e genérico, visando disposições de cunho abstrato e conferindo maior liberdade ao Poder Executivo.

O caráter programático da Constituição, por outro lado, caracteriza-se pela vinculação do Estado a programas de políticas públicas e diretrizes de desenvolvimento previstos constitucionalmente. As constituições dirigentes — sinônimo para as constituições programáticas — “não se bastam com dispor sobre o estatuto do Poder. Elas também traçam metas, programas de ação e objetivos para as atividades do Estado nos domínios social, cultural e econômico”.<sup>2</sup> A elas contrapõem-se as constituições-garantia, limitadas a dispor sobre a estrutura do poder do Estado e as garantias contra seu abuso, sem, contudo, abordar questões políticas ou estratégicas.

Em outros termos, as constituições dirigentes podem ser classificadas pela alta quantidade de normas de cunho programático. Segundo a teoria tripartite

de Jorge Miranda,<sup>3</sup> as normas programáticas são subcategoria das normas de eficácia limitada — aquelas cuja incidência pressupõe uma atuação pelos Poderes constituídos. Conforme aponta Canotilho,<sup>4</sup> o caráter programático dessas normas não as enfraquece frente aos demais preceitos constitucionais. A elas é conferido, portanto, o mesmo caráter vinculante aos Poderes do Estado, de modo que seu cumprimento é medida impositiva.

Na última década, as Cortes Constitucionais brasileira e portuguesa, ainda que em contextos bastantes distintos, viram-se obrigadas a lidar com questões que influenciam diretamente aspectos econômicos e sociais pela qual os países estavam passando. Em meio à conhecida crise que assolou o continente europeu no início da década de 2010, o Tribunal Constitucional Português ensaiou uma variante de mutação constitucional, “talvez contagiado pelo sofrimento dos cidadãos em razão das severas medidas de rigor acordadas entre o Estado português e as entidades credoras (FMI, Comissão Europeia e Banco Central Europeu)”, e proferiu decisão “decisão sintomaticamente marcada por uma envolvimento político *sui generis*”.<sup>5</sup>

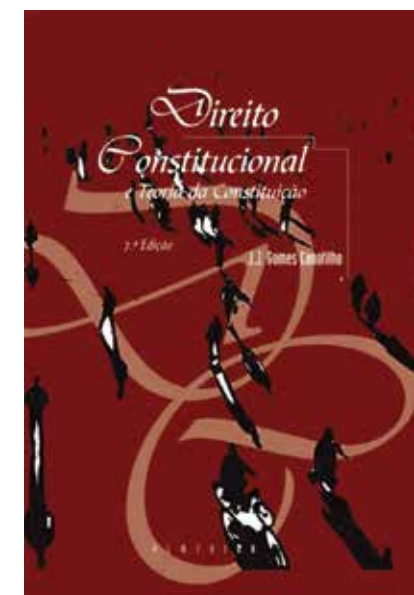
Já no começo da década de 2020, o Supremo Tribunal Federal (STF) foi chamado a atuar como defensor da Constituição Federal frente às diversas medidas legislativas e administrativas desenhadas para conter as repercussões econômicas e sociais da pandemia da covid 19. Felizmente, em um momento no qual se afirmava a possibilidade de as normas constitucionais dificultarem a resposta à covid 19, verificou-se a construção de uma jurisprudência atuante e aberta ao grave contexto atual o qual possibilitou um ambiente institucional equilibrado para a implementação das medidas necessárias à contenção da pandemia.

Este breve artigo coteja as duas trajetórias de desenvolvimento de uma “jurisprudência da crise” em Portugal e no Brasil. Em especial, será diagnosticado que a rica experiência portuguesa de harmonização da eficácia de direitos sociais face às restrições financeiras nacionais compartilha com os precedentes do STF durante a pandemia da covid 19, a afirmação da ideia de abertura de possibilidades da jurisdição constitucional. O resgate do pensamento de possibilidades no diálogo entre as cortes constitucionais brasileira e portuguesa, de alguma maneira, mostrou-se profícuo e engrandecedor para a manutenção da ordem democrática constitucional nos dois países em momentos históricos nos quais o Poder Judiciário desempenhou importante papel de moderação das tensões sociais.

Na primeira parte deste texto, será discutido como o pensamento possibilista (*Möglichkeitsdenken*) foi invocado pelo Tribunal Constitucional de Portugal para temperar a aplicação do princípio da proibição de retrocesso aos direitos sociais no período de austeridade fiscal. Na segunda parte, será investigado como o STF lidou com a ideia de pensamento de possibilidades para compatibilizar as restrições a direitos fundamentais frente às medidas de combate à pandemia da covid 19. Embora cada uma dessas experiências não seja absolutamente equiparáveis, elas ilustram as tensões entre o constitucionalismo e a necessária proteção de direitos em regimes de excepcionalidade.

## A proibição de retrocesso na jurisprudência do Tribunal Constitucional de Portugal no contexto de austeridade fiscal

A aplicação da chamada proibição de retrocesso aos direitos sociais tem conquistado destaque nas Cortes Constitucionais, em especial em momentos de crise e durante a realização de políticas de austeridade. Trata-se de princípio



**JOSÉ JOAQUIM GOMES CANOTILHO**

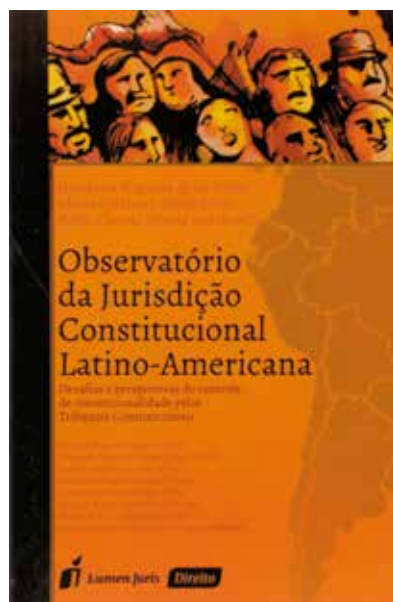
*Direito Constitucional*  
Coimbra: Editora Almedina, 1993

nos planos social e econômico. Até quando não o expressam, assumem, nesse silêncio mesmo, uma opção política, vinculada a uma dada ideia sobre o que deve incumbir aos poderes públicos. De toda sorte, associa-se a constituição garantia a uma concepção liberal da política, enquanto a constituição programática remete-se ao ideário do Estado social de direito. A Constituição brasileira de 1988 tem indubitosa propensão dirigente.”

<sup>3</sup> MIRANDA, Jorge. *Teoria do Estado e da Constituição*. Rio de Janeiro. Forense. 2002, p. 442. Segundo o doutrinador português, há três tipos de normas constitucionais: normas de eficácia plena, cuja produção dos efeitos é plena e autoexecutável; normas de eficácia contida, pois, embora também sejam plenas e autoexecutáveis, podem ser restringidas pelo Legislativo, e; normas de eficácia limitada, pois sua execução necessita, notadamente, de atuação e regulamentação pelos demais Poderes.

<sup>4</sup> CANOTILHO, J. J. Gomes. *Direito Constitucional*. Coimbra. Almedina. 1993, p. 184.

<sup>5</sup> MORAIS, Carlos Blanco de. As mutações constitucionais implícitas e os seus limites jurídicos. *In: Constitucionalismo e Democracia*. FELLET, André; NOVELINO, Marcelo (Org.). Salvador: Juspodium, 2013, p. 493.



Observatório da Jurisdição Constitucional Latino-Americana  
Universidade de Santa Cruz do Sul, Centro de Estudos Constitucionales de Chile/Universidade de Talca

segundo o qual não seria possível extinguir direitos sociais já implementados, evitando-se, portanto, um verdadeiro retrocesso ou limitação tamanha que atinja seu núcleo essencial. Na definição de Peter Häberle, esse princípio possui “um núcleo de elementos que se fundamentam na dignidade humana e no princípio democrático e que não podem ser eliminados”.<sup>6</sup>

Em Portugal, já em 1984 o Tribunal Constitucional assentou (Acórdão n. 39/84) o entendimento segundo o qual, uma vez promulgada lei para realizar um direito fundamental, é defeso ao legislador revogá-la e fazer com que se volte ao *status quo*. Nos termos dessa decisão, “a instituição, serviço ou instituto jurídico passam a ter a sua existência constitucionalmente garantida. Uma lei pode vir alterá-los ou reformá-los, nos limites constitucionalmente admitidos, mas não pode vir extingui-los ou revogá-los”.<sup>7</sup> O Poder Legislativo não estaria obrigado, portanto, apenas a concretizar direitos sociais previstos no texto constitucional, mas, após criá-los, teria o dever de mantê-los.

A ideia de violação do princípio da proibição de retrocesso social também foi um dos fundamentos adotados pelo Tribunal Constitucional português ao pronunciar-se pela inconstitucionalidade de decreto que revogava o chamado “rendimento mínimo garantido”.<sup>8</sup> Tratava-se de situação em que novo regime reconhecia a titularidade de tal rendimento às pessoas com idade igual ou superior a 25 anos, enquanto o regime anterior garantia o mesmo aos indivíduos com idade igual ou superior a 18 anos.

Na decisão, o Tribunal destacou a importância de harmonizar a estabilidade da concretização legislativa até então alcançada no campo dos direitos sociais com a liberdade de conformação do legislador. Consignou que “a margem de liberdade do legislador para retroceder no grau de proteção já atingido é necessariamente mínima, já que só o poderá fazer na estrita medida em que a alteração legislativa pretendida não venha a consequenciar uma inconstitucionalidade por omissão (...) noutras circunstâncias, porém, a proibição do retrocesso social apenas pode funcionar em casos-limite, uma vez que, desde logo, o princípio da alternância democrática, sob pena de se lhe reconhecer uma subsistência meramente formal, *inculca a revisibilidade* das opções político-legislativas, ainda quando estas assumam o caráter de opções legislativas fundamentais”.

A partir de 2008, questões relacionadas a políticas de austeridade têm sido submetidas ao Tribunal Constitucional português, gerando o que se tem chamado “jurisprudência da crise”.<sup>9</sup> Em decisões atuais, a Corte tem reiterado jurisprudência iniciada na década de oitenta, procurando adaptar-se, todavia, a problemas específicos advindos da situação econômica do país.

A origem dessa nova jurisprudência remonta à crise econômica que atingiu a zona do euro. Portugal, após negociações com o Fundo Monetário Internacional, o Conselho da Europa e o Banco Central Europeu, comprometeu-se com um audacioso plano de austeridade fiscal. Como forma de dar cumprimento ao plano de metas, o governo português editou normas reduzindo os vencimentos e vantagens dos servidores públicos.

No primeiro caso analisado pelo Tribunal Constitucional Português, ao editar a Lei do Orçamento do Estado para o ano de 2011 (Lei n. 55-A/2010), o governo determinou a redução de 3,5% a 10% das remunerações dos trabalhadores da administração pública portuguesa. Um grupo de deputados pediu a declaração de inconstitucionalidade dos artigos da lei que determinavam a redução remuneratória, por violação ao princípio do Estado de Direito, do

princípio da igualdade e do direito fundamental à não redução do salário. Naquele momento, o Tribunal, nos termos do Acórdão 396/2011, não declarou a inconstitucionalidade da lei considerando a temporalidade da medida, que valeria apenas para o ano de 2011.

No entanto, no ano seguinte, ao analisar a constitucionalidade da Lei Orçamentária do Estado para o ano de 2012 (Lei n. 64-B/2011), que pretendia suspender os chamados subsídios de férias e de Natal, integrantes da remuneração dos servidores públicos, com o objetivo de garantir o equilíbrio financeiro, o Tribunal declarou a inconstitucionalidade das medidas.

A decisão da maioria fundamentou-se na violação do princípio da igualdade decorrente de tratamento diferenciado desproporcional entre servidores públicos e privados. Por considerar o impacto econômico decorrente da reposição salarial a qual teriam direito os servidores públicos com tal julgado, bem como que essa reposição implicaria um grave desequilíbrio orçamentário, inclusive em relação a compromissos internacionais, o Tribunal limitou temporalmente os efeitos de sua decisão.<sup>10</sup> Conforme Carlos Blanco de Moraes, crítico do Acórdão 353/2012, a decisão causou grande perplexidade entre os membros do governo e os credores internacionais, mas não produziu efeitos práticos para os servidores atingidos pelos artigos declarados inconstitucionais.<sup>11</sup>

Na decisão também foi mencionada a ideia de “limites do sacrifício”, expressão que vem sendo utilizada pelo Tribunal português e que se relaciona aos princípios da proporcionalidade e da igualdade. Analisa-se, portanto, a intensidade do sacrifício causado às esferas particulares atingidas pelos planos de contenção orçamentária.<sup>12</sup> Nesse sentido, consignou-se que:

“[...] apesar de se reconhecer que estamos numa gravíssima situação econômico-financeira, em que o cumprimento das metas do déficit público estabelecidas nos referidos memorandos de entendimento é importante para garantir a manutenção do financiamento do Estado, tais objetivos devem ser alcançados através de medidas de diminuição de despesa e/ou de aumento da receita que não se traduzam numa repartição de sacrifícios excessivamente diferenciada. Aliás, quanto maior é o grau de sacrifício imposto aos cidadãos para satisfação de interesses públicos maiores são as exigências e equidade e justiça na repartição desses sacrifícios.

A referida situação e as necessidades de eficácia das medidas adotadas para lhe fazer face não podem servir de fundamento para dispensar o legislador da sujeição aos direitos fundamentais e aos princípios estruturantes do Estado de Direito, nomeadamente a parâmetros como o princípio da igualdade proporcional. A Constituição não pode certamente ficar alheia à realidade econômica e financeira e em especial à verificação de uma situação que se possa considerar como sendo de grave dificuldade. Mas ela possui uma específica autonomia normativa que impede que os objetivos econômicos ou financeiros prevaleçam, sem quaisquer limites, sobre parâmetros como o da igualdade, que a Constituição defende e deve fazer cumprir”.<sup>13</sup>

No Brasil, mencione-se referência feita à proibição do retrocesso social pela 2ª Turma do Supremo Tribunal Federal:

“A PROIBIÇÃO DO RETROCESSO SOCIAL COMO OBSTÁCULO CONSTITUCIONAL À FRUSTRAÇÃO E AO INADIMPLEMENTO, PELO PODER PÚBLICO, DE DIREITOS PRESTACIONAIS. – O princípio da proibição do retrocesso impede, em tema de direitos fundamentais de caráter



PETER HÄBERLE  
Die Verfassung des Pluralismus  
Athenäum, 1980

<sup>10</sup> Acórdão n. 353/2012. Blanco de Moraes destaca a importância desse julgamento: “o Tribunal Constitucional, pela primeira vez na sua história de três décadas, ignorando a letra da Constituição, proferiu uma sentença manipulativa que fez publicar no mês de Julho e que permite a uma norma declarada inconstitucional com eficácia ‘erga omnes’ vir a produzir efeitos futuros até o final do ano de 2012” (MORAIS, Carlos Blanco de. As mutações constitucionais implícitas e os seus limites jurídicos, in *Constitucionalismo e democracia*, André Fellet e Marcelo Novelino (org.), Salvador: JusPodivm, 2013, p. 515).

<sup>11</sup> MORAIS, Carlos Blanco de, As mutações constitucionais implícitas e os seus limites jurídicos, in: *Constitucionalismo e democracia*, André Fellet e Marcelo Novelino (org.), Salvador: JusPodivm, 2013, p. 57.

<sup>12</sup> PINHEIRO, Alexandre Sousa. A jurisprudência da crise: Tribunal Constitucional português (2011-2013), *Observatório da Jurisdição Constitucional*, Brasília: IDP, ano 7, v. 1, jan./jun. 2014, p. 176.

<sup>13</sup> Tribunal Constitucional de Portugal. Acórdão n. 353/2012.



**KARL LARENZ**  
*Metodologia da Ciência do Direito*  
Fundação Calouste Gulbenkian, 1983

social, que sejam desconstituídas as conquistas já alcançadas pelo cidadão ou pela formação social em que ele vive. – A cláusula que veda o retrocesso em matéria de direitos a prestações positivas do Estado (como o direito à educação, o direito à saúde ou o direito à segurança pública, v. g.) traduz, no processo de efetivação desses direitos fundamentais individuais ou coletivos, obstáculo a que os níveis de concretização de tais prerrogativas, uma vez atingidos, venham a ser ulteriormente reduzidos ou suprimidos pelo Estado. Doutrina. Em consequência desse princípio, o Estado, após haver reconhecido os direitos prestacionais, assume o dever não só de torná-los efetivos, mas, também, se obriga, sob pena de transgressão ao texto constitucional, a preservá-los, abstendo-se de frustrar – mediante supressão total ou parcial – os direitos sociais já concretizados.<sup>14</sup>

Tratava-se da possibilidade de aplicação, por sentença, de multa diária por criança não atendida em unidades de ensino infantil próximas a sua residência ou ao endereço de trabalho dos responsáveis. No caso, foi feita referência ao princípio da proibição do retrocesso social, bem como à reserva do possível e à intangibilidade do mínimo existencial.

Embora se possa entender que a proibição de retrocesso tem em vista assegurar a preservação de direitos consolidados, especialmente aqueles direitos de caráter prestacional, não se pode olvidar que vicissitudes de índole variada podem afetar a capacidade do Estado de garantir tais direitos na forma inicialmente estabelecida.

Esse é exatamente o ponto que liga a experiência da jurisprudência de crise portuguesa com aquela que se desenvolveu no Brasil por ocasião do enfrentamento da pandemia da covid 19, conforme será descrito no próximo tópico. Nas duas circunstâncias históricas particulares, ressaltou-se como, mesmo em democracias consolidadas, é crítico que a jurisdição constitucional abra-se ao chamado pensamento de possibilidades. Conforme leciona Zagrebelsky, ao desenvolver a ideia do pensamento da possibilidade, é preciso evitar os extremos, evitar o dogma e a *sképsis*, o ceticismo. O autor destaca que o pensamento da possibilidade é próprio daqueles que rejeitam tanto a arrogância da verdade possuída quanto a renúncia da realidade aceita.<sup>15</sup>

Nessa mesma linha, o professor Peter Häberle é enfático quanto à importância de que o intérprete desenvolva as orientações básicas fixadas pelo texto constitucional. É nesse contexto que o professor desenvolve o pensamento possibilista (*Möglichkeitsdenken*), em sentido de conformação e desenvolvimento da cultura jurídica constitucional. A propósito, esta não é uma ideia distante daquela desenvolvida por Karl Larenz, em sua aclamada Metodologia da Ciência do Direito, na qual aborda os chamados métodos de desenvolvimento judicial do direito.<sup>16</sup>

A noção de pensamento das possibilidades inspirou fortemente a atuação do STF na construção da sua chamada jurisprudência da crise. Essa experiência será adequadamente compreendida a seguir.

### O Supremo Tribunal Federal e a pandemia da covid 19 no Brasil

Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial de Saúde decretou que a contaminação pelo novo coronavírus atingira escala global, passando a ser tratada como pandemia. No Brasil, a pandemia levou à decretação do estado de calamidade pública, Decreto Legislativo n. 6, de 2020, para fins do art. 65 da Lei Complementar n. 101, com efeitos até 31 de dezembro de 2020.

A atuação do STF nesse contexto inequivocamente demandou uma abertura hermenêutica da jurisdição constitucional à compreensão e à conformação da realidade econômica e social experimentada. Trata-se de campo fértil à invocação da célebre expressão em alemão cunhada por Konrad Hesse: “*Not kennt kein Gebot*”: necessidade não conhece princípio. Daí a sua defesa enfática para que o texto constitucional contemple uma disciplina adequada do Estado de necessidade ou do estado de emergência.<sup>17</sup>

A gravidade da crise de saúde pública, que levou à implementação de medidas de distanciamento e isolamento social, gerou graves efeitos econômicos, especialmente nas faixas mais pobres da população. O complexo quadro institucional que se desenhou levou à implementação de medidas sanitárias até então pouco usuais, com impacto relevante na fruição de direitos fundamentais: obrigatoriedade do uso de máscaras, restrição à circulação de pessoas, fechamento de comércio, de escolas, implementação de barreiras sanitárias etc.

Em meio a esse complexo quadro, parecia evidente que as normas jurídicas soavam, em um ponto de vista estritamente pragmático, um mero detalhe no debate sobre a aprovação de medidas essenciais ao combate a uma epidemia que se alastra em progressão geométrica e vem vitimando milhares de pessoas pelo mundo. Entretanto, mesmo nesses momentos, as normas jurídicas — em especial a Constituição — não podem ser encaradas como um obstáculo, mas como um caminho necessário e seguro para a solução da crise. É fundamental prezar pela compatibilização de aparentes contradições e abertura à busca por alternativas a uma leitura fria e seca da lei, distante de uma realidade que, muitas vezes, não poderia sequer ser imaginada pelo legislador ou pelo constituinte.

A questão, nessa perspectiva teórica, não é nova e já é há muito debatida no constitucionalismo, como nas reflexões acima referenciadas de Gustavo Zagrebelsky sobre o *ethos* da Constituição na sociedade moderna. Diz aquele eminente professor italiano, no seu celebrado trabalho sobre o direito dúctil — *il diritto mitte* — que a Constituição desempenha, em meio a sociedades dotadas de grande diversidade, não a “tarefa de estabelecer diretamente um projeto predeterminado de vida em comum, senão a de realizar as condições de possibilidade da mesma”.<sup>18</sup>

Assim, para o professor Zagrebelsky, seria importante, nesse contexto de grande complexidade, a tentativa de se buscar, na prática, a proteção dos princípios de forma simultânea, ainda que, em teoria, esteja-se diante de valores em contradição. Daí porque afirma a importância de uma “concordância prática”, a qual se realiza não por meio da “simples amputação de potencialidades constitucionais, senão principalmente mediante soluções acumulativas, combinatórias, compensatórias, que conduzam os princípios constitucionais a um desenvolvimento conjunto e não a um declínio conjunto”.<sup>19</sup>

Nessa mesma linha, observa Häberle, “para o estado de liberdade da res publica afigura-se decisivo que a liberdade de alternativa seja reconhecida por aqueles que defendem determinadas alternativas”. Daí ensinar que “não existem apenas alternativas em relação à realidade, existem também alternativas em relação a essas alternativas”.<sup>20</sup>

O pensamento do possível tem uma dupla relação com a realidade. Uma é de caráter negativo: o pensamento do possível indaga sobre o também possível, sobre alternativas em relação à realidade, sobre aquilo que ainda não é real. O pensamento do possível depende também da realidade em outro sentido: possível é apenas aquilo que pode ser real no futuro (*Möglich ist nur*



**GILMAR FERREIRA MENDES**  
e **PAULO GUSTAVO GONET BRANCO**  
*Curso de Direito Constitucional*  
São Paulo: Editora Saraiva, 2018

<sup>14</sup> ARE 639.337-AgR/SP, rel. Min. Celso de Mello, 2ª Turma, j. em 23-8-2011.

<sup>15</sup> ZAGREBELSKY, G. A crucificação e a Democracia, São Paulo: IDP/Saraiva, 2012, p. 34.

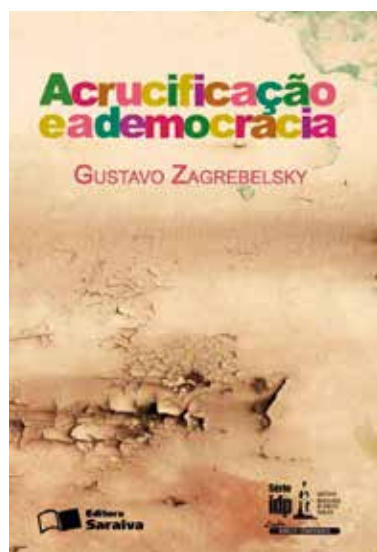
<sup>16</sup> Se bem que a interpretação da lei constitua a tarefa imediata de uma Jurisprudência dirigida à prática jurídica, a Jurisprudência contudo nunca se esgotou nisso. Sempre se reconheceu que mesmo uma lei muito cuidadosamente pensada não pode conter uma solução para cada caso necessitado de regulação que seja atribuível ao âmbito de regulação da lei; por outras palavras: que toda a lei contém inevitavelmente lacunas. Igualmente se reconheceu desde há muito a competência dos tribunais para colmatar as lacunas da lei. É, portanto, um desiderato importante da Jurisprudência pôr à disposição do juiz métodos com ajuda dos quais ele possa cumprir esta tarefa de modo materialmente adequado e conclusivo. Mas, por vezes, não se trata só no desenvolvimento judicial do Direito de colmatar lacunas da lei, mas da adopção e conformação ulterior de novas ideias jurídicas que, em todo o caso, se tinham insinuado na própria lei, e cuja realização pela jurisprudência dos tribunais vai para além do plano originário da lei e o modifica em maior ou menor grau. (LARENZ, Karl. Metodologia da Ciência do Direito, p. 519).

<sup>17</sup> HESSE, Konrad. A Força Normativa da Constituição. Porto Alegre: Sergio Antonio Fabris Editor, 1991. p. 24-27.

<sup>18</sup> ZAGREBELSKY, Gustavo. El Derecho Dúctil: Ley, derechos, justicia. Trad. de Marina Gascón. Madrid: Trotta, 3ª ed., 1999. p. 13.

<sup>19</sup> Idem, p. 16.

<sup>20</sup> HÄBERLE, P. Demokratische Verfassungstheorie im Lichte des Möglichkeitsdenken, in: Die Verfassung des Pluralismus, Königstein/TS, 1980. p. 6



**GUSTAVO ZAGREBELSKY**  
*A crucificação e a democracia*  
Editado por IDP e Saraiva, 2012

*was in Zukunft wirklich sein kann*). É a perspectiva da realidade (futura) que permite separar o impossível do possível.<sup>21</sup>

Foi exatamente esse espírito de abertura ao pensamento de possibilidades que possibilitou que o STF realizasse a interpretação das normas constitucionais de modo a fornecer soluções adequadas nesse momento de crise e de incertezas quanto aos efeitos da covid 19 na população brasileira.

O Tribunal capitaneou o entendimento de que a Constituição não pode ser vista como um obstáculo à implementação de medidas essenciais, que podem proteger vidas e diminuir o impacto da pandemia na nossa economia. Antes disso, é preciso enxergá-la como um caminho necessário a tais políticas públicas, buscando-se alternativas que contemplem os valores constitucionais, dentre os quais se destacam a função do Estado de proteger a vida e a saúde pública.

Evidentemente, a leitura da norma não deve criar um impasse que, no limite, poderia colocá-la em contradição com as próprias finalidades de um Estado Democrático de Direito. No caso da covid 19, interpretações frias das normas e, sem se sopesar a grande excepcionalidade da situação, podem igualmente levar a situações catastróficas, com uma enorme perda de vidas. Por óbvio, defender tal posição não significa permitir toda sorte de ações, até mesmo porque, em diversos momentos, o próprio texto constitucional excepciona a aplicação de determinadas normas em situações emergenciais.

Foi justamente evitando esses extremos que o STF trilhou uma sólida jurisprudência da crise ao revisar as medidas administrativas e legislativas de enfrentamento da pandemia. Tal atuação foi inicialmente vista em um dos primeiros debates levados à Corte sobre a temática: os questionamentos sobre as restrições orçamentárias contidas na Lei de Responsabilidade Fiscal, que poderiam representar um grave obstáculo à implementação de políticas necessárias ao enfrentamento da covid 19. Em decisão liminar proferida pelo ministro Alexandre de Moraes, posteriormente referendada pelo plenário, uma série de artigos relativos ao orçamento público foi excepcionada. Na oportunidade, assim destacou o ministro:

O surgimento da pandemia de covid 19 representa uma condição superveniente absolutamente imprevisível e de consequências gravíssimas que, afetará, drasticamente, a execução orçamentária anteriormente planejada, exigindo atuação urgente, duradoura e coordenada de todos as autoridades federais, estaduais e municipais em defesa da vida, da saúde e da própria subsistência econômica de grande parcela da sociedade brasileira, tornando, por óbvio, lógica e juridicamente impossível o cumprimento de determinados requisitos legais compatíveis com momentos de normalidade. O excepcional afastamento da incidência dos artigos 14, 16, 17 e 24 da LRF e 114, caput, in fine, e § 14, da LDO/2020, durante o estado de calamidade pública e para fins exclusivos de combate integral da pandemia de covid 19, não conflita com a prudência fiscal e o equilíbrio orçamentário intertemporal consagrados pela LRF, pois não serão realizados gastos orçamentários baseados em propostas legislativas indefinidas, caracterizadas pelo oportunismo político, in consequência, desaviso ou improviso nas Finanças Públicas; mas sim, gastos orçamentários destinados à proteção da vida, saúde e da própria subsistência dos brasileiros afetados por essa gravíssima situação; direitos fundamentais consagrados constitucionalmente e merecedores de efetiva e concreta proteção.<sup>22</sup>

<sup>21</sup> HÄBERLE, P. Demokratische Verfassungstheorie im Lichte des Möglichkeitsdenken, in: Die Verfassung des Pluralismus, Königstein/TS, 1980. p. 10.

<sup>22</sup> ADI 6357 MC/DF, Rel. Min. Alexandre de Moraes, DJ de 31/03/2020.

Em outros importantes precedentes, suspendeu-se por 180 dias o pagamento das dívidas de uma série de Estados com a União.<sup>23</sup> Receosos com a grave crise econômica que se encaminhava e com o aumento de gastos em áreas como a saúde, diversos governos locais solicitaram ao STF tal medida, que conferiu maior conforto fiscal aos Estados para a implementação das medidas necessárias ao combate à covid 19.

A responsabilização dos servidores no complexo contexto da crise sanitária igualmente foi um tema de grande relevância debatido pela Corte.<sup>24</sup> Por meio da Medida Provisória nº 966/2020, limitou-se a responsabilização dos agentes públicos por decisões relacionadas à pandemia a apenas em casos de dolo ou erro grosseiro na conduta. Nas ações que questionaram tal dispositivo, defendeu-se a incompatibilidade da previsão com as disposições constitucionais sobre o tema, bem como alegou-se a falta de critérios objetivos para a configuração de erro grosseiro do agente público, o que conduziria a verdadeiro regime de impunidade.

Na oportunidade, o STF destacou a possibilidade de a legislação ordinária qualificar a modalidade culposa pela qual o agente público pode ser responsabilizado — no caso em questão, por erro grosseiro —, mas conferiu interpretação conforme da norma no sentido de se adotar, como critério para a aferição de tal modalidade culposa, a observação: “(i) de standards, normas e critérios científicos e técnicos, tal como estabelecidos por organizações e entidades internacionais e nacionalmente conhecidas; bem como (ii) dos princípios constitucionais da precaução e da prevenção”.

Não é preciso destacar como todo esse debate ganhou contornos ainda mais complexos com a covid 19, que, diante das dificuldades de uma crise econômica, financeira e sanitária, demandou a implementação de medidas invasivas e urgentes, muitas delas pouco usuais na Administração Pública. Assim, se por um lado o gestor se via envolto em uma situação de grande complexidade, por outro, a sua inação — um possível “Apagão das Canetas” — poderia levar a consequências ainda mais catastróficas.

A decisão, ao definir critérios mais claros para a aferição da responsabilidade do agente público, conferiu maior segurança jurídica aos gestores, sem se olvidar da necessidade da correta utilização dos bens públicos. A Corte reforçou que os órgãos de controle, ao realizar o exame *a posteriori* da responsabilidade do agente público, devem considerar o contexto informacional contemporâneo à tomada de decisão.

Outro debate de grande relevância ao país tratou da divisão de competência entre os entes na implantação de medidas sanitárias de controle da pandemia.<sup>25</sup> No contexto de uma série de ações adotadas por Estados e Municípios, a União invocou os dispositivos constitucionais relativos à sua competência exclusiva, para centralizar as decisões acerca de medidas de enfrentamento da crise sanitária da covid 19, enquanto os entes regionais e locais fundamentaram-se em dispositivos de competência comum e concorrente para justificar os atos de restrição de locomoção de pessoas que vêm sendo adotados em seus âmbitos.

A Constituição de 1988 traz sistematização pouco objetiva em matéria de competências administrativas e legislativas. Não é fácil identificar no Texto Constitucional os limites das competências dos entes federativos em cada matéria. A Constituição fala, por exemplo, que é competência comum da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios “cuidar da saúde e assistência pública, da proteção e garantia das pessoas portadoras de deficiência”.

<sup>23</sup> É o caso das ACOs 3378, 3379, 3380 e várias outras.

<sup>24</sup> ADIs 6.421 MC/DF, 6.422 MC, 6.424 MC, 6.425 MC, 6.427 MC, 6.428 MC e 6.431 MC, Rel. Min. Roberto Barroso, com acórdãos ainda não publicados.

<sup>25</sup> Conforme analisado na ADPF 672, Rel. Min. Alexandre de Moraes, bem como nas ADIs 6343, Rel. Min. Marco Aurélio, Redator Min. Alexandre de Moraes, e 6341, Rel. Min. Marco Aurélio. Acórdãos de todas as decisões ainda não publicados.

No mesmo sentido, o Texto Constitucional, ao estabelecer o Sistema Único de Saúde, revela que esse sistema deve ser pensando de forma descentralizada (artigo 196).

Em meio aos desencontros entre as posições dos governos estaduais e municipais frente a posição defendida pela União, parecia clara que a pluralidade de opções sobre o assunto e a ausência de medidas uniformes, no contexto de urgência, alertavam para a necessidade de definição dos limites constitucionais e legais para a atuação dos entes federativos regionais e locais. Isso porque, independentemente do direcionamento da política pública de saúde que se pretendesse adotar, seria inviável, em um contexto de pandemia, a sua execução sem uma articulação mínima entre a União, os Estados e municípios.

Nesse sentido, o Supremo Tribunal Federal, baseado no federalismo cooperativo que permeia nossa Constituição, afirmou a competência concorrente dos entes da Federação para implementar as medidas de contenção da pandemia e destacou a necessária articulação entre eles para o seu êxito. Dessa forma, garantiu-se aos Estados e Municípios a possibilidade de adoção de medidas restritivas, sem se afastar a necessária e devida atuação da União, seja coordenando as ações dos outros entes, seja implementando políticas de contenção do vírus, especialmente em casos de interesse nacional.

O Supremo Tribunal Federal também se mostrou atuante na garantia dos direitos fundamentais em todo o processo de enfrentamento à covid 19. Em algumas ações, a Corte reconheceu o caráter excessivo de medidas tomadas pelo Poder Público. Foi o caso de decisão liminar do ministro Dias Toffoli que, ao analisar caso de uma fábrica cujo funcionamento havia sido impedido em razão de decreto da cidade de Teresina (PI), destacou a ausência de fundamentação técnica da medida.<sup>26</sup> Em outro caso, novamente o Ministro Presidente, de forma monocrática, com argumentação semelhante, negou a suspensão de liminar do Tribunal de Justiça de São Paulo que sustara os efeitos de decreto da cidade de São Bernardo do Campo (SP) responsável por restringir a circulação de pessoas com mais de 60 anos.<sup>27</sup>

No plenário, importante questionamento foi levantado contra Medida Provisória que permitia o compartilhamento de dados de empresas de telefonia com IBGE para fins de estatísticas durante o período da covid 19.<sup>28</sup> A Corte, referendando decisão da ministra Rosa Weber, reconheceu a violação ao direito fundamental à proteção de dados pessoais diante da ausência de salvaguardas técnicas e administrativas efetivas que pudessem colmatar a necessária proteção ao tratamento de dados, seja estabelecendo formas de anonimização dos dados compartilhados, seja contemplando mecanismos minimamente eficientes de transparência no tratamento.

No caso, reconheceu-se que a referência ao momento de pandemia global gerada pela disseminação do coronavírus não seria suficiente para alterar tal conclusão. Muito pelo contrário, o STF reforçou que o momento vivenciado nesta crise não atenua, mas antes reforça a necessidade de se zelar por um rígido ambiente institucional de proteção aos dados pessoais, conforme reconhecido pela própria Organização Mundial da Saúde, a qual, no seu Regulamento Sanitário Internacional, incorporado ao ordenamento pátrio pelo Decreto 10.212/2020, impõe que não devem existir “processamentos [de dados] desnecessários e incompatíveis” com o propósito de “avaliação e manejo de um risco para a saúde pública” (art.45, 2, “a”).

<sup>26</sup> SS 5.362/PI, Min. Dias Toffoli, DJ de 13/04/2020.

<sup>27</sup> SL 1.309/SP, Min. Dias Toffoli, DJ de 03/04/2020.

<sup>28</sup> ADIs 6387, 6388, 6389, 6390 e 6393, Rel. Min. Rosa Weber, acórdão ainda não publicado.

Por outro lado, também foram direcionadas à Corte discussões quanto à omissão do Estado no enfrentamento da crise. Tal situação ocorreu em um dos casos mais emblemáticos, no qual se reconheceu a omissão do Governo Federal em adotar medidas de combate à covid 19 voltadas aos povos indígenas, especialmente quanto aos isolados ou de contato recente. A Corte, ciente da especial vulnerabilidade dessa parcela da população, determinou a obrigatoriedade de ações como a criação de barreiras sanitárias, a criação de uma sala de situação, a elaboração de um “Plano de Enfrentamento da covid 19 para os Povos Indígenas Brasileiros”, dentre outras.

O STF igualmente atuou de forma clara no sentido de garantir a correta divulgação de dados e informações no contexto da covid 19. Nesse sentido, o Tribunal reconheceu, por exemplo, a inconstitucionalidade das alterações realizadas na Lei de Acesso à Informação que traziam limitações indevidas durante o período da pandemia.<sup>29</sup> Em decisão proferida pelo ministro Roberto Barroso, suspendeu-se a divulgação de campanha publicitária do Governo Federal que incentiva o retorno da população às suas atividades normais, de forma contrária às principais recomendações das entidades nacionais e internacionais de saúde.<sup>30</sup>

A importância da divulgação de informações corretas e precisas à população também foi reforçada em decisão do ministro Alexandre de Moraes, que, diante da alteração da forma de divulgação dos dados epidemiológicos sobre a covid 19, obrigou o Ministério da Saúde a manter a metodologia anterior, por entender que a nova forma poderia suprimir e omitir dados relevantes.<sup>31</sup>

Nesse sentido, é possível verificar que o STF, ciente de seu papel constitucional, atuou como importante pilar no momento de enfrentamento da crise. Os precedentes acima citados mostram como o Tribunal conferiu segurança e previsibilidade ao Poder Público em um contexto de complexa gravidade, além de ter devidamente mediado os conflitos entre as esferas de poder. Paralelamente a isso, a Corte resguardou os direitos e garantias fundamentais dos cidadãos frente a condutas abusivas, sejam elas comissivas ou omissivas.

### Considerações finais

As constituições brasileira e portuguesa compartilham o perfil de textos diretivos, voltados à transformação social e que se destacaram por superar um período histórico de autoritarismo a partir da consagração de um amplo rol de direitos fundamentais. A interpretação desses textos, por sua vez, requer que as Cortes Constitucionais respectivas se mostrem abertas aos períodos críticos de crise que se estabelecem nos planos sociais, políticos e econômicos.

O presente artigo apresentou como o desenvolvimento das chamadas jurisprudências da crise em Portugal e no Brasil aponta para uma confluência das experiências das jurisdições constitucionais irmãs. Em ambos os contextos históricos analisados, as Cortes Constitucionais assumiram a estabilização de posições conflituosas no contexto de democracias pluralistas a partir da afirmação da força normativa dos direitos fundamentais, sem descartar ou negligenciar as possibilidades de restrições de posições jurídicas necessárias à superação dos períodos de instabilidade.



BOAVENTURA DE SOUSA SANTOS

*A cruel pedagogia do vírus*

Boitempo Editorial 2020

<sup>29</sup> ADIs 6351, 6347 e 6353, Rel. Min. Alexandre de Moraes, acórdão ainda não publicado.

<sup>30</sup> ADPF 669, Rel. Min. Roberto Barroso, DJ de 02/04/2020.

<sup>31</sup> ADPF 690, Rel. Min. Alexandre de Moraes, DJ de 10/06/2020.



JOÃO LOURO (1963)  
Map #03, 2015  
Impressão sobre tela, 296 × 430 cm  
Coleção particular, Lisboa

## Portugal na geopolítica atual

O estudo do posicionamento português nas relações internacionais pode se organizar em três períodos: o ibérico, o da expansão global e o euro-atlântico. São períodos não totalmente estanques (desde logo, porque no respectivo momento antecedente se criam os alicerces do que vem a seguir e há zonas de transição), de duração desigual e com compartimentações internas relativamente difusas, pelo menos no segundo.

No primeiro período, do início da nacionalidade até a conquista de Ceuta, em 1415, Portugal envolve-se sobretudo no jogo ibérico, procurando assegurar sua independência através, por um lado, da aposta nos equilíbrios das unidades políticas ibéricas e, por outro, do diálogo com o poder papal e com outras potências europeias relevantes para seus objetivos de afirmação nacional. Nesse período, lançam-se os alicerces da aliança com a Inglaterra, assente nos Tratados de Aliança, de 1373, e de Windsor, de 1386, que se diz ser a mais antiga aliança diplomática em vigor, nunca interrompida, apesar de alguns incidentes de percurso. Essa aliança visava os objetivos imediatos da viabilização do projeto da independência em relação a Castela. Ao longo dos séculos, à medida que a Inglaterra se tornou uma potência marítima universal e que Portugal se instalou em vários cenários do mundo, a aliança foi sendo consolidada e reorientada para outros objetivos.

A transição entre o primeiro e o segundo período, no século XV, assenta-se na verificação da falta de condições para uma política continental que pudesse compensar as dificuldades internas portuguesas, sobretudo em termos econômicos e demográficos, próprias de país periférico, encerrado numa única fronteira terrestre, fora dos circuitos comerciais e destituído de recursos. A independência em relação a Castela era vista como um desígnio e sucesso nacional, mas era também uma barreira à participação na dinâmica continental dificilmente transponível.

Para Portugal, a política europeia só foi importante até o momento em que sua independência ficou consolidada. A conquista de Ceuta, em 1415, e a chegada à Madeira, em 1418, são já expressões de uma nova visão estratégica da projeção portuguesa. Desde então, e durante vários séculos, Portugal só se interessou ou interveio na política europeia quando se viu forçado a isso (por exemplo, durante a parte da Guerra dos Trinta Anos em que foi governado pela casa real espanhola) ou quando seus interesses específicos extraeuropeus o recomendavam (entrada na Primeira Guerra Mundial, em 9 de março de 1916).

**VITALINO CANAS**  
Presidente do Fórum de Integração  
Brasil Europa – FIBE e professor  
da Faculdade de Direito da  
Universidade de Lisboa



Com o sucesso dos Reis Católicos na expulsão dos mouros do território ibérico e na unificação da Espanha, a opção marítima, na direção do sul do Atlântico, afigurou-se cada vez mais vital. Além disso, tornou-se crescentemente viável, quer pelo desenvolvimento tecnológico nas artes da navegação, quer pela expertise e informação ímpar reunida pelos portugueses. O projeto de expansão adquiriu tais premência e sucesso que, em 7 de junho de 1494, os reis de Portugal e Castela assinaram em Tordesilhas um tratado que dividia o que se pensava, então, ser o mundo existente, já descoberto e a descobrir. A zona de influência portuguesa era demarcada através do meridiano das 370 léguas a oeste da Ilha de Santo Antão, em Cabo Verde. O Tratado de Tordesilhas seria completado quanto ao “outro lado do Mundo” pelo de Saragoça, em 1529.

Durante séculos a Europa continental, particularmente a Europa além dos Pireneus, pouco mais representou do que o destino onde os monarcas portugueses por vezes se casavam ou uniam seus filhos e irmãos a outras casas reais, com vistas a fazer parcerias que facilitassem a opção portuguesa de continuar pacificamente seu projeto voltado para fora da Europa – à exceção, é claro, de Espanha e Inglaterra, por motivos diferentes.

A introspeção portuguesa como nação atlântica, alheada tanto quanto possível dos assuntos continentais, e com interesses múltiplos a sul e no Oriente, só foi interrompida quando incidentes da história o determinaram. Por exemplo, as invasões napoleônicas, no início do século XIX, impuseram os temas e as ambições de potências europeias a Portugal. Mas é bem revelador da inclinação portuguesa a circunstância de, perante as invasões, a reação do poder político ter sido a transposição da corte para o Atlântico Sul, no final de 1807. Quando d. João VI se deslocou para o Brasil, é muito possível que estivesse preparado para que os domínios portugueses passassem a ser duradouramente administrados a partir daí, diminuindo drasticamente o peso da parte europeia do reino. Nenhuma outra potência imperial seria, porventura, capaz de ir tão longe na resignação de deixar cair seu berço territorial.

O terceiro período começa a configurar-se no final do segundo. Em 1916, depois de aceso debate interno, Portugal entrou na Primeira Guerra Mundial, integrando a coligação contra as potências centrais (Bulgária e impérios alemão, austro-húngaro e otomano), tratando, na Europa, de criar condições que permitissem a salvaguarda dos territórios africanos no fim da guerra.

Já quanto à entrada na Segunda Guerra, a questão veio a ser bem mais complexa. Dividido entre as simpatias por Alemanha e Itália e a solidariedade aos ingleses, decorrente da “velha aliança”, Salazar optou pela neutralidade, todavia rompida com os acordos com Reino Unido e EUA, em 1943 e 1944, que permitiram a estes usar bases nos Açores no final da guerra.

Após o término da Segunda Guerra, e com a crescente crispação entre o bloco liderado pela União Soviética e o bloco ocidental, liderado pelos EUA, Salazar viu-se sem amigos a quem se associar para garantir a segurança do país em caso de agressão soviética.

Em ambiente de receios de que a URSS, liderada por Stalin, aproveitasse o balanço de sucessos obtidos na Segunda Guerra para estender o regime comunista à Europa Ocidental, à imagem do que já fazia na Europa Oriental, apreensões partilhadas por EUA e seus aliados europeus, a convicção de Salazar era a de que os soviéticos não parariam nos Pireneus. E de que, se os superassem, os tanques soviéticos estariam em Lisboa em poucos dias.

Anticomunista visceral, líder de um país visto como cúmplice dos franquistas, na Guerra Civil, e do Eixo, na Segunda Guerra, Salazar só podia estar

#### THALES LEITE

Torre de Belém, séc. XVI, Lisboa

*Projetada para compor o sistema defensivo da Barra do Tejo ainda no século XV, sua construção foi iniciada em 1514 e concluída em 1520 sob o reinado de d. Manuel I, e realizada pelos mesmos construtores do vizinho Mosteiro dos Jerônimos e conta também com os elementos que remetem às navegações, tais como cordas e nós. Considerada pela Unesco, Patrimônio Mundial da Humanidade, em 1983.*





Capa da revista *Time*, de 24 de junho de 2019

*A capa da revista mostra o Secretário-Geral das Nações Unidas, o português António Guterres, em visita à costa do Tuvalu, um dos países mais vulneráveis às mudanças climáticas. Enfrentando a elevação global dos níveis dos oceanos, os países insulares estão liderando a luta contra as mudanças climáticas.*

temeroso ante a possibilidade de se ver a enfrentar os brutais soviéticos acompanhado apenas por seu parceiro do Pacto Ibérico, Francisco Franco.

A primeira porta a que bateu foi a do velho aliado europeu, o Reino Unido, talvez iludido pela convicção de que os ingleses tinham mantido incólume sua capacidade de agir como potência universal, não obstante o descomunal esforço de guerra. Seja por as pretensões portuguesas serem irrealistas ou por o Reino Unido ser incapaz de as satisfazer, o pacto de defesa permanente foi rejeitado, como, aliás, sempre sucedeu ao longo da história das relações entre Portugal e Inglaterra.

Não obstante as desconfianças, e mesmo reservas, de Salazar em relação aos norte-americanos, foi para estes que o ditador português se virou. Os Estados Unidos, que usavam os Açores como base desde o final da Segunda Guerra, estavam determinados a garantir que o conjunto de porta-aviões “inafundáveis” que as ilhas do arquipélago atlântico representavam continuasse disponível para a nova confrontação militar, desta feita com a URSS, que alguns vaticinavam. Salazar procurou definir condições e obter concessões, que não foram atendidas. Todavia, de forma surpreendente para os responsáveis portugueses, incluindo ele próprio, em 1948 os Estados Unidos, com apoio do Reino Unido e o desagrado da França e de outros aliados, convidaram Portugal a integrar o Pacto Atlântico. Em abril de 1949, Portugal seria um dos dez signatários do Tratado de Washington, tornando-se o único Estado não democrático a constar do grupo dos fundadores da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), supostamente um clube democrático. Em relação à Espanha, que não foi convidada e que só integraria a Otan em 1982, já depois da reinstalação da democracia, Portugal possuía algumas vantagens aos olhos dos aliados: tinha as Lajes nos Açores, era um velho aliado da Inglaterra, e Salazar não tinha uma imagem equivalente à de Franco, a qual resultava dos desmandos na Guerra Civil espanhola.

Foi a contragosto, segundo as crônicas, que Salazar aceitou o convite para integrar a aliança, porque isso indispunha a Espanha, se lhe afigurava ser uma iniciativa anti-alemã e colocava a Europa nas mãos dos EUA. Mas era uma opção inevitável; a alternativa era o isolamento, já patente pela circunstância de Portugal, devido ao veto soviético, não ter sido admitido na ONU (só o seria em 1955). Ser aceito no seio das democracias ocidentais, capitaneadas pelos EUA, foi seguramente um triunfo político-diplomático de Salazar.

Todavia, a integração na Otan implicava pelo menos duas alterações fundamentais da política externa portuguesa: por um lado, a potência marítima a que Portugal passava a estar estreitamente associado seriam os EUA, e não o Reino Unido; por outro lado, para continuar a ser relevante no flanco sul, no Atlântico Sul e na África, e a cuidar de seus interesses regionais aí, Portugal passava a integrar uma dimensão que nunca constara de suas prioridades, o bloco do Atlântico Norte, ou seja, da América do Norte e da Europa Ocidental.

A transição para a terceira fase, euroatlântica, conclui-se com a entrada do país na Comunidade Econômica Europeia (CEE), em 1986. A descolonização (com exceção de Timor-Leste) tinha sido consumada. Pela primeira vez na história, Portugal e Espanha partilhavam exatamente o mesmo espaço geopolítico, euroatlântico, com tudo o que isso implicava designadamente quanto às prioridades e à política de defesa. Logo a seguir, com a queda do muro de Berlim e o colapso da União Soviética, várias estados do Leste Europeu passaram a integrar a CEE e a Otan. Pela primeira vez, a Europa com que Portugal partilha desígnios comuns vai para lá do que são hoje as fronteiras da Alemanha.

Não obstante sua reduzida dimensão geográfica, Portugal continua a considerar-se um Estado com interesses e visão globais.

No programa recentemente apresentado pelo terceiro governo presidido por António Costa (abril de 2022), que vigora na legislatura que termina no último trimestre de 2026, isso fica mais uma vez patente. No plano multilateral, a ênfase é, naturalmente, conferida à participação na União Europeia. Com menor expressão, mas ainda assim realçada, alude-se também à participação na Otan e em outras organizações multilaterais, como a Organização para a Segurança e Cooperação Europeia, o Conselho da Europa e as organizações do Espaço Ibero-Americano e, sobretudo, a CPLP, que merece um tratamento mais extenso.

No plano das relações bilaterais, aponta-se para as relações com os países mais próximos, como a Espanha, o Reino Unido, a França, a Alemanha, a Itália e os Estados Unidos da América, bem como cada um dos países de língua portuguesa, na África, na América Latina e na Ásia. Mais genericamente, alude-se ao incremento do relacionamento com os países da vizinhança sul, no norte da África e na África subsaariana, com os países latino-americanos e com países de todas as regiões do mundo, com destaque para a região do Indo-Pacífico.

Saliente é a ausência de qualquer referência à relação bilateral com a China. Antes e depois da transferência da Administração de Macau para a República Popular da China, em 20 de dezembro de 1999, alguns sublinham que é possível tirar partido da facilidade de diálogo entre Portugal e a China, seja por via da relação direta entre Lisboa e Pequim, seja via Macau. Porém, essa não tem sido uma linha matriz da política externa portuguesa, e a omissão de referências no programa de governo pode indiciar uma tendência de gradual esvaziamento do relacionamento político, não obstante os fortes laços económicos materializados, mormente, no controle mais ou menos direto de várias empresas estratégicas portuguesas pelo Estado chinês.

A situação internacional atual não é apenas de instabilidade; é de mudança dos equilíbrios, das alianças e dos pilares da ordem internacional estruturada depois da Segunda Guerra Mundial. A Guerra da Ucrânia acabará mais tarde ou (desejavelmente) mais cedo. Qualquer que seja o desenlace, haverá mudanças sensíveis: no plano das instituições de ação global, entre as quais a ONU, que, para não ter o destino da Sociedade das Nações, não terá outra alternativa senão a de encontrar novos modos de funcionamento (no campo da distribuição de funções na produção e logística que a globalização forjou; no que toca ao mix energético; nos equilíbrios e alianças internacionais, de blocos). A Guerra da Ucrânia pode ser um interlúdio de uma confrontação mais global, por muitos anunciada, entre os EUA e a China. Nessas circunstâncias, a tendência, já antes registrada, de os EUA se concentrarem no Pacífico, deixando o Atlântico e a Europa em segundo plano, retomará o curso anterior àquela guerra.

O Atlântico não perderá, contudo, importância a todos os títulos, como espaço geopolítico que liga continentes, economias e culturas, apetecível para potências pouco atentas a ele até há algumas décadas, como a China. É nesse quadro que poderá ser imprescindível que países e potências atlânticas, como Portugal e Brasil, se reposicionem perante essa nova realidade.

**Mudam-se os tempos,  
mudam-se as vontades,  
Muda-se o ser,  
muda-se a confiança;  
Todo o mundo é  
composto de mudança,  
Tomando sempre  
novas qualidades.**

Luis de Camões





## Portugal redescoberto: um novo lugar para se viver

Conheci Portugal pelos olhos de um jovem descendente de imigrantes. Minha família vem de Aveiro, na Costa Oeste, no Centro de Portugal e Ourense, cidade na Galícia, noroeste da Espanha. Em 2023, celebramos 100 anos da família no Brasil. Sempre tivemos o desejo de voltar ao país. Tenho filhos e sobrinhos que moram em Portugal e em outros países da Europa.

Fui a Portugal pela primeira vez há 25 anos. Como muitos outros visitantes, entrei por Lisboa e, de lá, parti para outros países da Europa. Em Portugal, encontrei um país fragilizado, meio que esquecido no tempo. Tudo parecia estar à espera de recuperação: a gastronomia, a hotelaria e o patrimônio histórico. Em Lisboa, a hotelaria demonstrava a necessidade de uma renovação, que só chegou décadas depois. Hoje há uma oferta diversificada e atualizada, não só na capital, mas por todo o país. No Algarve, encontro um dos meus hotéis favoritos, aonde sempre retorno. Depois daquela primeira impressão, cheguei a pensar que não voltaria mais a Portugal. Mas há dez anos voltei, e percebi que as coisas estavam mudando para melhor.

Se, no passado, os portugueses fugiram das dificuldades enfrentadas no Velho Continente Europeu nos séculos XIX e XX, semeando no Brasil suas esperanças de um futuro promissor, hoje, esse fluxo se inverte. Portugal se abre para conquistar o mundo uma vez mais, atraindo investimentos e investidores para dentro de seus limites territoriais. Portugal se transformou em um novo lugar para se viver. É como reviver nossa memória coletiva no sentido inverso da história. Nesta estrada, hoje se percorre o caminho de volta. Não há uma roda de conversa por aqui que não se fale de Portugal.

Portugal se lançou ao mundo na Era dos Descobrimentos, liderando o primeiro movimento de globalização, e hoje o país recupera o tempo perdido em relação a seus vizinhos do bloco Europeu, protagonizando um movimento de internacionalização. E, cada vez mais, atraindo não só um movimento migratório, mas também de investimentos e recursos que fomentam a recuperação econômica de uma terra promissora.

Em 22 de abril de 2021, mesmo dia e mês que marcam a chegada dos portugueses ao Brasil naquele distante ano de 1500, Portugal formalizou a entrega de seu Plano de Recuperação e Resiliência (PRR) atendendo aos requisitos do Mecanismo de Recuperação e Resiliência da União Europeia que disponibiliza sob a forma de empréstimos cerca de €750 bilhões (em valores de 2018) para impulsionar a recuperação dos países membros da Europa pós-covid 19.

**SIDNEI GONZALEZ**  
Diretor da FGV Conhecimento

*O bom do caminho  
é haver volta.*

*Para ida sem vinda  
Basta o tempo.*

Mia Couto

**THALES LEITE**  
*O Elétrico (bonde) passando pela  
Praça do Comércio em Lisboa, 2018*

Foi o primeiro estado-membro a entregar a sua proposta de recuperação econômica, na forma do PRR.

### Reabertura dos portos

País preservado pelo esquecimento, Portugal é como aquele bairro de subúrbio, que se manteve apegado a suas tradições e seus costumes, e pelo qual ninguém se interessava. Mas hoje surpreende. Quem volta àquela “terra preservada” encontra um local pacato para morar e viver. É como a Ilha de Paquetá, adormecida por um tempo e onde se vive como antigamente. Tem segurança e aquela familiaridade da vizinhança de uma cidade pequena.

Durante um tempo, Portugal foi esquecido pela Europa, e pelo mundo. Após a Revolução dos Cravos em 1974 e o reconhecimento da independência das antigas colônias na África, aquele país ao Sul do continente europeu encerrou o século XX voltando-se para o seu interior. Era preciso curar as feridas, restaurando a liberdade e a democracia ao seu povo. A adesão à Comunidade Econômica Europeia veio em 1986.<sup>1</sup> Foi um longo caminho rumo à renovação que se configura nos dias de hoje. Portugal manteve-se a uma distância segura do restante da Europa. Se hoje vive-se a apreensão de um conflito internacional que aflige boa parte de países da UE, entre eles a França, Portugal consegue manter um distanciamento maior em relação às ameaças da guerra travada entre Rússia e Ucrânia.

Esse novo processo de internacionalização nos remete à lembrança de uma nova abertura nos portos. Quando o rei de Portugal, d. João VI, veio com sua família para o Brasil, pondo fim ao Pacto Colonial, abrindo os portos para o comércio, proporcionou um momento de grande desenvolvimento para Brasil e Portugal. Se Portugal foi capaz de abrir seus portos no passado, hoje retoma o passado com o olhar para o futuro.



### Taxa de homicídios intencionais por 100 mil habitantes em 2018

Brasil	27,4
Portugal	0,8
Mundo	5,8

Fonte: UNODC / <https://dataunodc.un.org/content/country-list>

### Viver com segurança

Em avaliações internacionais mais recentes sobre violência no mundo todo, Portugal está entre os lugares mais seguros para se viver. Há uma grande diferença em se falar em recuperar Portugal e recuperar o Brasil. É uma questão delicada comparar com a realidade brasileira, não se pode esquecer. Portugal não apresenta o desequilíbrio social do Brasil de hoje.

### Navegar é preciso

A obra criada pelo artista português João Louro, *Map #03, 2015* (ver pág. 44) mostra as correntes marítimas com as rotas de navegação usadas pelos portugueses na Era dos Descobrimentos, ilustra o primeiro movimento de globalização do planeta. A obra destaca o Caminho Marítimo das Índias, descoberto por Vasco da Gama na expedição iniciada em 1497, além do traçado de todas as outras linhas que foram capitaneadas por Portugal, inclusive a que veio para o Brasil.

O mapa de João Louro nos permite visualizar esse momento histórico e essa movimentação. O domínio do conhecimento sobre as correntes marítimas possibilitou o sucesso de Portugal em suas navegações. Com esta vantagem estratégica, os navegadores portugueses conseguiam chegar e retornar a lugares definidos. Eles sabiam que, partindo de Lisboa e seguindo determinada corrente marítima, chegariam às ilhas atlânticas, onde semeavam o milho, o arroz, a batata, que encontrariam ao retornar nos anos seguintes para a

colheita, aproveitando o fluxo das mesmas correntes marítimas que os levaram inicialmente, e seguindo viagem ao descobrimento.

Antes de dominarem esse conhecimento, os expedicionários portugueses saíam sem rumo e acabavam por enfrentar um grande problema, pois os suprimentos – água, comida – esgotavam-se pelo caminho, obrigando-os a voltar ao ponto de partida. O domínio das técnicas de navegação e as correntes marítimas foi um avanço, permitindo que se desse sequência às viagens de “descobrimento” do chamado “Novo Mundo”. Passaram então a planejar suas viagens de forma organizada. Deixavam gente cuidando da lavoura nas colônias, onde criavam pequenas comunidades. Depois voltavam, reabasteciam a frota e continuavam seus percursos no descobrimento.

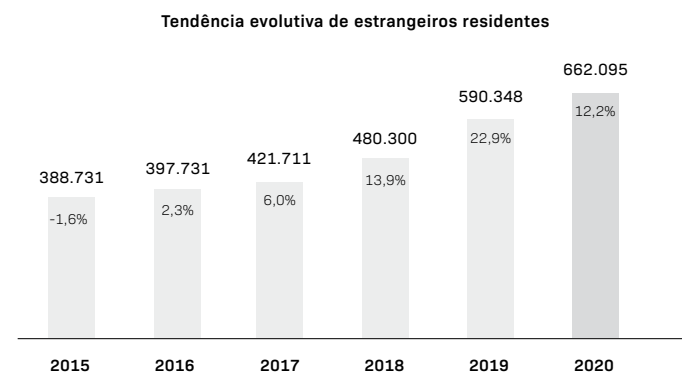
Neste seu novo momento, Portugal vem atraindo pessoas interessadas em morar, em viver, em trabalhar. Pessoas que não somente vão do Brasil, mas de todo o mundo, inclusive de outros países europeus, em tendência de alta. Com 10,3 milhões de habitantes residentes, os estrangeiros totalizaram 662.095 pessoas em 2020. Os brasileiros são o maior grupo, representando perto de um terço desse total, seguidos dos ingleses, italianos e franceses, que figuram entre as maiores altas, pelas estatísticas mais recentes consolidadas pelo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) de Portugal.<sup>2</sup>

Essa atração crescente nos últimos anos tem seu ponto de partida no Sul do país. Uma área específica do Algarve começou a chamar a atenção dos europeus

Reitoria da Universidade Nova de Lisboa –  
Campus de Campolide  
©Laura Zamboni / Shutterstock

Projeto arquitetônico de Manuel Aires Mateus  
e Francisco Aires Mateus, construído em 2001.  
Ao fundo antigo Colégio dos Jesuítas  
(atual Colégio Almada Negreiros)

<sup>2</sup> <https://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa2020.pdf>

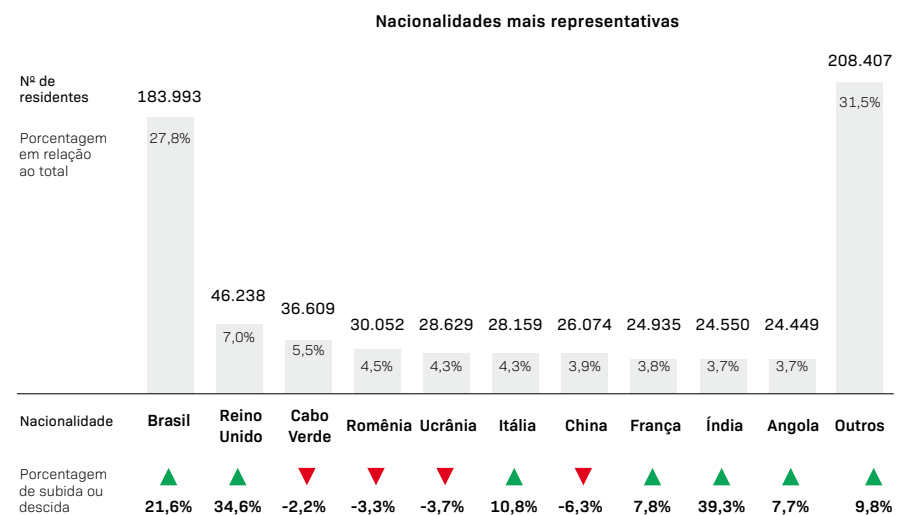


Fonte: Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo de 2020, Serviço de Estrangeiros e Fronteiras

que viviam na Alemanha, na Inglaterra, na França, em países com clima onde o inverno é mais rigoroso e o custo de vida, mais alto. Ao se aposentarem, esses cidadãos viam seu padrão de vida cair. Buscaram em Portugal conciliar o clima mais ameno e um padrão de vida à altura. O Algarve se destacava com a proximidade da praia, um modo de viver mais tranquilo.

Em paralelo, após o ingresso no bloco Europeu, Portugal deu início a um processo de reestruturação institucional, tornando-se ainda mais atraente aos olhos do mundo.

Para se tornar um país-membro e se conectar à União Europeia, há uma série de requisitos econômicos, sociais e de infraestrutura que precisam ser cumpridos e que indicam a abertura do país ao bloco, em todas as suas vertentes. Portugal mergulhou em um processo amplo de recuperação da economia, da política, do patrimônio histórico, dando largada a essa nova fase de internacionalização que se encontra atualmente. Todos esses esforços somados se refletem e resultam em avanços que têm se destacado em ativos importantes para a imagem de um país aos olhos do mundo como o vinho, a gastronomia, a infraestrutura e a retomada do turismo.



O primeiro momento que Portugal viveu nesse processo de recuperação foi direcionado a sua infraestrutura viária. Investiu-se muito na recuperação de estradas, na reformulação do modelo de gestão e financiamento das estradas, e que mais tarde, em 2015, foi incorporado ao sistema ferroviário, integrando a sociedade anônima Infraestruturas de Portugal.

Entre 1978 e 2011, o montante de investimentos direcionado à infraestrutura rodoviária consumiu 28,2% dos recursos totais destinados à infraestrutura.<sup>3</sup> O resultado desses esforços tornou-se visível e é atestado pelo Índice de Competitividade do Fórum Econômico Mundial. Portugal ocupa o 34º lugar entre os 141 países listados no ranking global (2019), sendo o pilar de Infraestrutura, na 21ª posição, o de melhor pontuação conquistada no ranking de 2019.<sup>4</sup> Conforme dados do Eurostat (Gabinete de Estatísticas da União Europeia), Portugal é atualmente o 3º país da UE com a dívida pública mais elevada (130,5% do PIB), tendo essa situação se acirrado após a pandemia de covid 19.<sup>5</sup> Um montante considerável deste endividamento é atribuído ao financiamento de investimentos em infraestrutura,<sup>6</sup> principalmente nos últimos 20 anos.

### Investimentos beneficiam o turismo – mais um apelo para a internacionalização

Um plano global de recuperação prevendo benefícios fiscais concedidos a investimentos, principalmente, permitiu avanço em outras frentes. A criação de incentivos fiscais conectados – para recuperação de patrimônio, infraestrutura turística, principalmente, ocorreu nos últimos dez anos. Citando pontualmente alguns desses incentivos, destacamos a recuperação do patrimônio histórico, com isenção por cinco anos, renovável por mais cinco anos do Imposto Municipal sobre Imóveis (IMI) – que equivale ao nosso Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU) – para quem compra; e redução do Imposto sobre Valor Acrescentado (IVA), de 23% para 6%,<sup>7</sup> nos gastos realizados em obras para quem constrói em área considerada de recuperação histórica. Desta forma, torna-se possível adequar a viabilidade econômica de um empreendimento, possibilitando as transformações necessárias para atender às demandas da vida contemporânea, enquanto se preserva o patrimônio histórico. Esse equilíbrio é possível e contribui para a atratividade do país aos olhos do investidor estrangeiro, especialmente quando se permite a exploração dos imóveis revitalizados como alojamento local.

O esforço de internacionalização de Portugal também contempla a educação. Segundo o *Financial Times*, Portugal conta com quatro escolas de gestão entre as melhores do mundo, e o destaque é para a Universidade Nova de Lisboa, considerada a melhor dentre as quatro. É uma universidade pública internacional, onde a maior parte das aulas são ministradas em inglês, garantindo maior atratividade para o aluno estrangeiro que não domina o idioma português. Essa preocupação também se vê em empreendimentos turísticos. No Algarve, dada a quantidade de estrangeiros que lá residem, o idioma recorrente também é o inglês, não apenas nos hotéis.

O crescimento do turismo em Portugal acompanha esse ciclo virtuoso de incentivos a investimentos que fomenta a ampliação do parque hoteleiro. Portugal viu crescer seu número de hóspedes à medida em que também ampliou sua oferta hoteleira. Uma pausa nesta curva ascendente, porém, é feita para o período da pandemia de covid 19, conforme nos mostram os dados do Instituto Nacional de Estatística (INE).

<sup>3</sup> PEREIRA, Alfredo Marvão; PEREIRA, Rui Manuel. Infrastructure Investment, Labor Productivity, and International Competitiveness: The Case of Portugal. *Journal of Economic Development*, V. 45, N. 2, junho de 2020.

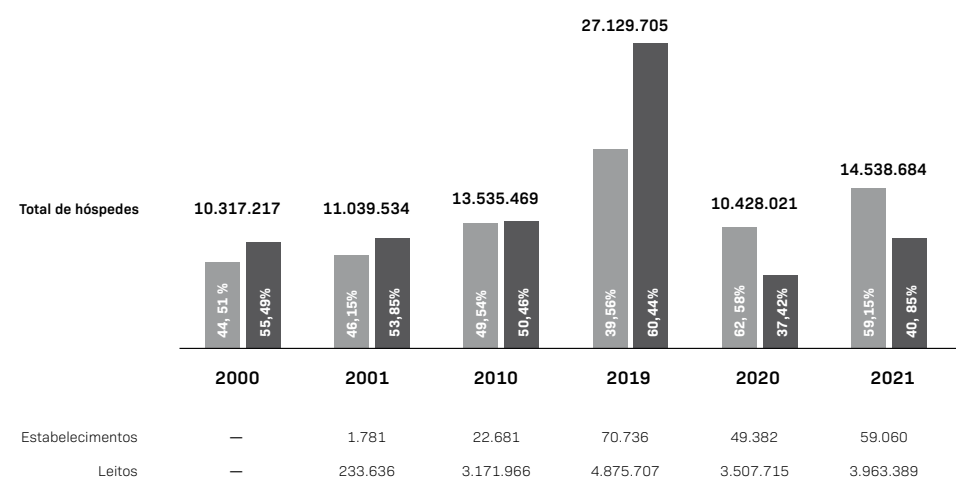
<sup>4</sup> [https://www3.weforum.org/docs/WEF\\_TheGlobalCompetitivenessReport2019.pdf](https://www3.weforum.org/docs/WEF_TheGlobalCompetitivenessReport2019.pdf)

<sup>5</sup> <https://www.gee.gov.pt/pt/indicadores-diarios/ultimos-indicadores/31796-divida-publica-zona-euro-e-uniao-europeia-eurostat>

<sup>6</sup> VIEIRA, Bruno Miguel Carmo. *O impacto financeiro das parcerias público-privadas na economia portuguesa*. ISCTE Business School, Instituto Universitário de Lisboa, 2016.

<sup>7</sup> <https://informacoeseeservicos.lisboa.pt/servicos/detalhe/iva-reducao-de-taxa>

**Total de hóspedes  
nos meios de hospedagem  
em Portugal**



Fonte: INE – Instituto Nacional Estatística

■ Portugueses ■ Estrangeiros

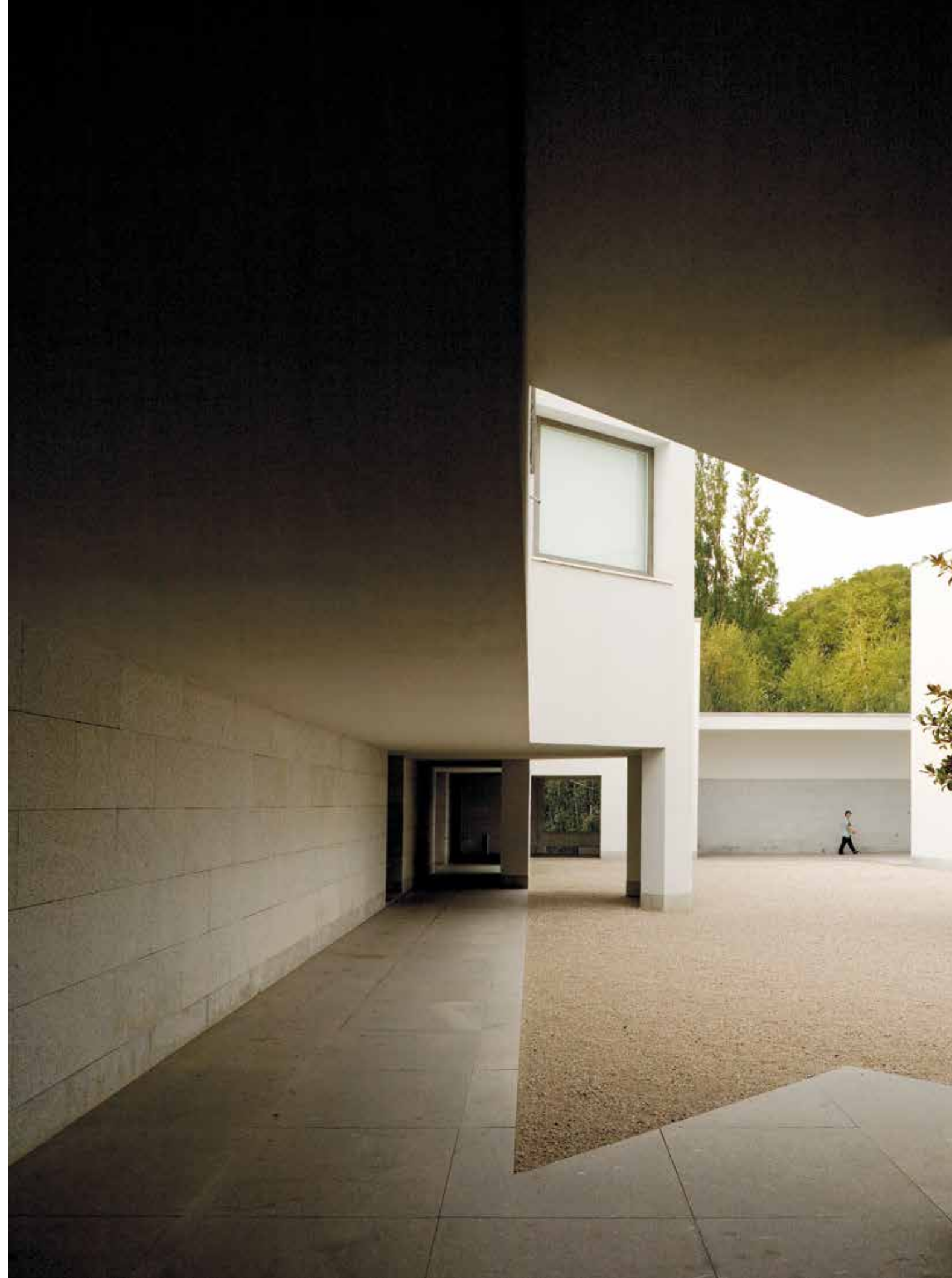
O plano de recuperação econômica e o processo de internacionalização se associam através de incentivos que estão interconectados. Há um programa de recuperação do patrimônio histórico que encoraja o investidor que busca o Golden Visa, que poderá ter incentivos fiscais que estimularão o empreendimento. O comprador paga menos imposto depois durante a manutenção. E a isso se conectam também incentivos ao uso do imóvel, por exemplo no turismo, uma vez que se permite que os imóveis recuperados sejam utilizados como aluguel de temporada (alojamento local). E o proprietário pode criar uma pessoa jurídica individual para investimentos desse porte, buscando rentabilizar o investimento nos períodos em que não usa o imóvel.

Tudo é planejado, com níveis de saturação monitorados, indicação de limitação de transformação de uso. Como exemplo, quando determinada região atinge capacidade máxima, as permissões para aluguel de temporada são bloqueadas. E parte-se para outra região. Neste ponto reside a inteligência do Estado. Isso se estende também para a questão dos vistos de residência. Atualmente, o Golden Visa em Portugal segue disponível para quem aplica em fundos de investimentos geridos pelas instituições financeiras, para incentivar o desenvolvimento de startups de tecnologia, inteligência artificial, fundos imobiliários, agricultura. O investidor tem o direito a ter o Golden Visa enquanto os fundos incentivam os segmentos contemplados. O monitoramento é constante para evitar que haja saturação física, geográfica. Aí reside a inteligência da gestão do incentivo ao desenvolvimento com foco na recuperação econômica. As cotas variam com a capacidade do investidor e as características do investimento. São incentivos que requerem dinheiro externo. São recursos novos irrigando a economia. E a chave para o sucesso é a perfeita conjunção entre o planejamento e a execução das medidas adotadas. Viva Portugal!

**FERNANDO GUERRA** (1970)  
Fundação Serralves, Porto

*A Fundação Serralves, criada em 1989, é formada pelo Museu de Arte Contemporânea, projetado por Álvaro Siza Vieira, pela Casa de Serralves, um exemplar único da arquitetura Art Déco, e pelo Parque, desenhado pelo arquiteto francês Jacques Gréber. É uma das principais instituições culturais portuguesas e a mais relevante do Norte de Portugal.*

pág. 61  
Interior da biblioteca  
da Universidade de Coimbra  
© Sopotnicki/Shutterstock



**O ser humano é um peregrino.  
É só na aparência que ele  
tem uma geografia.**

Nélida Piñon



# Brasil e Portugal: sociedade, poder e cultura

## FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

Sociólogo e professor universitário. Foi Ministro das Relações Exteriores e da Fazenda, quando foi criado o Plano Real e, posteriormente, presidente da República do Brasil em dois mandatos (1995-2002).

*“O poder vem de cima,  
mas a confiança vem de baixo.”*

Abbé Sieyès, *Qu'est-ce que le  
Tiers-État?*, 1789, texto fundador  
da Revolução Francesa

Brasil e Portugal empreenderam, cada um a sua maneira, uma longa marcha de reconstrução da democracia na segunda metade do século XX.

O autoritarismo perdurou mais tempo em Portugal (1933-1974), mas seu colapso com o 25 de Abril foi mais súbito e inesperado. A onda democrática na Europa do pós-guerra começou em Portugal com a Revolução dos Cravos, espalhando-se em seguida para Grécia e Espanha. O regime militar no Brasil durou menos tempo que o regime salazarista, 14 anos se a data de referência for a revogação do AI-5 em 1978, 21 anos se for a eleição de Tancredo Neves à Presidência em 1985, no impulso do movimento pelas Diretas Já.

A democracia foi o fio condutor de minha vida. Nos anos de chumbo, orientei meu trabalho como intelectual e político a entender e combater o autoritarismo. Restabelecida a democracia, meu esforço voltou-se para a busca dos caminhos da transformação do Brasil numa nação mais justa e próspera.

Ao longo desse percurso, tive o privilégio de compartilhar minha crença na democracia com grandes homens públicos portugueses – Mario Soares, Jorge Sampaio, António Guterres e, mais recentemente, Marcelo Rebelo de Souza – artífices todos do processo de consolidação da democracia em Portugal.

Nesse texto falarei, como é natural, mais do Brasil do que de Portugal. Nos dias de hoje, a democracia, que julgávamos assegurada no Brasil, vive tempos incertos sob a ameaça de arroubos autoritários. Tem também dado provas de sua resiliência tanto no plano das instituições quanto no espírito dos cidadãos.

Portugal, em contraponto, se afirma como exemplo de um sistema político capaz de inovar para responder aos desafios das crises econômicas e da pandemia que nos assola a todos. Mais adiante, falarei brevemente sobre o sucesso da “geringonça” e mais longamente sobre os desafios do cenário brasileiro.

Para além de nossas dessemelhanças, estamos ambos, Brasil e Portugal, como a maioria das democracias contemporâneas, confrontados a um mesmo enigma: reconstruir os laços de confiança entre sociedade e política. No enfrentamento desse desafio, não se pode deixar de lado a dimensão da cultura, entendida no seu plano mais amplo, história, valores, formas de relacionamento, memória e projeto. O que me levará a revisitar nossa herança comum, nossos sonhos e pertencimentos, a presença do Brasil e de Portugal no mundo como países democráticos.

## Uma matriz cultural comum

Gosto de usar a expressão “Extremo Ocidente” para designar países latino-americanos, como Brasil, Argentina, Uruguai e Chile, com tradição jurídica ocidental e mercado funcionando há séculos. Pertencemos ao mesmo universo de valores, o que nos difere do mundo muçulmano e do mundo oriental, que são diferentes, nem melhores nem piores, mas uma outra realidade, sobretudo do ponto de vista da cultura.

No Brasil, nunca estivemos propriamente integrados à América Latina. A ideia da América Latina foi uma construção política e intelectual da geração anterior à minha e da minha geração. Foi o exílio nos anos 1960 e 1970 que nos fez latino-americanos.

Esse sentimento de pertencimento à América Latina, forjado na resistência ao regime militar, coincidiu com a revalorização dos laços do Brasil com Portugal. Já mencionei o impacto positivo das transformações democráticas ocorridas em Portugal sobre a política brasileira. Vale mencionar também o apoio do Brasil ao processo de independência das colônias portuguesas na África, em particular Angola e Moçambique, rompendo com uma política retrógrada de tolerância com o colonialismo.

Como me disse Mario Soares, no livro que escrevemos juntos – *O mundo em português* (1998) –, a questão fundamental para o novo Portugal, membro desde 1985 da União Europeia, tem sido a defesa da língua portuguesa e a afirmação de sua vocação atlântica e africana. Nessa empreitada, a seu ver, Portugal não tem melhor aliado do que o Brasil.

A consolidação da democracia em ambos os países abriu um novo tempo nas nossas relações bilaterais. O investimento português no Brasil cresceu fortemente. A inserção de Portugal na União Europeia deu ao Brasil uma ponte mais imediata com a Europa. Mais recentemente, e pela primeira vez na história dos dois países, aumentou a emigração do Brasil para Portugal. Juntos, construímos um relacionamento sólido com os países africanos de língua oficial portuguesa.

A percepção brasileira da África tem suas raízes no passado colonial. É a religião, a escravidão, a cor da nossa pele. O que nos junta? Uma resposta poderia ser a própria diversidade, que nos diferencia para melhor num mundo em que prospera a intolerância e o ódio ao diferente, e a cultura original que construímos na convivência com a diversidade (e da desigualdade) das quais a música, a musicalidade, talvez sejam o traço mais forte e original.

A democracia racial era um mito, que serviu para encobrir relações reais de exploração e desigualdade, mas não é uma completa mentira. Mais do que pura ideologia, a negação do racismo ao mesmo tempo exprimia um desejo: o que nós gostaríamos de ser, mas não éramos.

Ao aceitar a miscigenação, queríamos dizer que nós não discriminamos. Isso é bom, ainda que não seja imediatamente verdadeiro. Claro que há discriminação contra os negros, mas a cultura, o que é comum, é a tentativa de construir uma situação de convivência na diversidade, que pode servir de aspiração coletiva.

Nosso gênero musical mais forte é o samba. O samba junta o asfalto com o morro e junta branco com preto. A imensa diversidade dos nossos gêneros e ritmos musicais é uma afirmação de nosso multiculturalismo. Samba, bossa nova e MPB, sertanejo, maracatu, axé, funk são gêneros tipicamente brasileiros. Tudo isso de certo modo interage e ajuda a integrar o negro, o nordestino, o evangélico, os jovens das favelas e das quebradas.



Prato em porcelana Limoges, séc. XIX  
Decorada a ouro, com o brasão dos  
Estados Unidos do Brasil ao centro,  
datado de 15 de novembro de 1889, 24,5 cm.  
Peça pertencente a um dos primeiros serviços  
de gala da Presidência da República.



*Depois do 25 de Abril, Portugal foi um país extraordinário. Nós fizemos tudo. Entramos na União Europeia, um grande gesto. Desenvolvemos uma política social imensa. Tivemos um serviço nacional de saúde gratuito. Houve respeito pelos sindicatos de todas as naturezas. E o diálogo social entre sindicatos e empresas para fazermos a concertação social. Tudo isso se fez. Fizemos um país que, até à crise, era um país extraordinário.*

Mario Soares, ex-Presidente da República de Portugal

A diversidade religiosa é outra dimensão do nosso modo de ser. Não que a convivência entre as religiões de origem africana e as autoridades do Estado tenham sido sempre pacíficas. Nem que não se veja, agora, casos de violência contra adeptos dessas religiões. Mas nada que se possa, nem de longe, comparar com a intolerância religiosa observável em outras partes do mundo. Temos e valorizamos esse ativo cultural, que nos protege do fechamento e da xenofobia.

“Povo novo”, como dizia com orgulho Darcy Ribeiro, temos uma cultura forte com capacidade de absorver e reprocessar. Somos todos, de um jeito ou de outro, produto da miscigenação e das mais diversas correntes migratórias, internas e externas.

Ao fim e ao cabo, como dizem os portugueses, a matriz cultural brasileira, bem como a própria estrutura básica da organização da sociedade e do Estado, está marcada pela tradição ibérica e, em particular, portuguesa. Há uma vasta literatura que vê aí uma desvantagem em relação à tradição anglo-saxônica. Sem negá-la, prefiro ressaltar o que herdamos de positivo especificamente da tradição portuguesa: a plasticidade, a capacidade de absorção de fatores culturais exógenos.

Gilberto Freyre em seu livro *O mundo que o português criou* (1940) sustenta que há na cultura lusa uma percepção do “outro” e a capacidade de aceitar o “outro”. Creio que nós herdamos essa curiosidade pelo outro que é portuguesa e faz parte do *ethos* luso-brasileiro.

Sobretudo, temos em comum a língua portuguesa. Quantas línguas haverá no mundo, faladas por mais de 260 milhões de pessoas nos nove países que têm o idioma como oficial? Em uma palavra, unidos pela língua, existimos e temos um lugar no mundo.

Essa convicção inspirou o processo de construção da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, conduzida em Portugal por Jorge Sampaio e António Guterres; no Brasil, por José Sarney e por mim.

No prefácio do catálogo da exposição na Torre de Belém em 2000 sobre a Carta de Pero Vaz de Caminha a d. Manuel, escrevi que Jaime Cortesão costumava lembrar-nos que o Portugal que se deslocou aos trópicos em 1500 foi um Portugal que se renovava em ideias, que substituiu um classicismo dogmático por uma cultura nova, de base experimental e certamente mais universalista. A literatura de viagens nos confirma o gosto dos portugueses da época pela observação das terras, dos mares e de outros povos, sob a presunção de que a humanidade comportava uma diversidade de raças, crenças e costumes.

Cito um exemplo da fecundidade desse encontro entre crenças e costumes. Foi exatamente do poder de irradiação da arte sacra lusitana que se beneficiaram os santeiros, talhadores e escultores que no século XVIII deram forma ao barroco brasileiro, que antecipou no plano artístico a maioria do Brasil. Manuel da Costa Ataíde, Mestre Valentim e, com nota de louvor, António Francisco Lisboa, o Aleijadinho, mostraram que a nação híbrida que se gestava nos trópicos já era suficientemente madura para aclimatar às condições locais, os códigos estéticos da Contra-Reforma, imprimindo leveza às imagens sacras, traduzindo de maneira própria seu misticismo, sua religiosidade.

Gostamos daquilo que singulariza cada nação. Não queremos reduzir o fado à bossa nova, ou vice-versa. Preferimos a caracterização que nos faz Boaventura de Sousa Santos de “culturas de fronteira”, que coincidem em ser permeáveis ao que vem de fora, mas mantêm forte heterogeneidade interna. Somos pela unidade na diversidade.

A língua é mais do que nossa pátria. É trunfo para uma presença internacional mais nítida e diferenciada. Se, por paradoxal que possa parecer, a globalização tem trazido consigo o multiculturalismo, há de se ter uma face própria para ganhar visibilidade e negociar espaço, o que passa pela valorização do nosso acervo linguístico, onde está codificado o que somos, o que aspiramos a ser.

É certo que não foi só a matriz cultural – o modo de olhar para si mesmo e para o outro – que herdamos de Portugal. Também a burocracia, o amor a privilégios estamentais veio de Portugal e veio mais fortemente quando a própria Coroa Portuguesa assentou seus pilares no Rio de Janeiro. Disso sobraram marcas profundas. Também como profunda foi, como já mencionei, a influência da Revolução dos Cravos sobre nossa redemocratização. Com o resgate da democracia e da liberdade, acertamos, ambos, nosso compasso com a história.

#### **Da euforia à incerteza**

Brasil e Portugal viraram o século, como inúmeros outros países, num ambiente de euforia no presente e otimismo com o futuro. A Queda do Muro de Berlim, o fim do apartheid na África do Sul, as esperanças geradas pela Primavera Árabe, as possibilidades antes impensáveis de mudanças na ex-União Soviética e na China levaram alguns afoitos a profetizar o triunfo global da democracia liberal. O fim da história parecia ao alcance da mão: globalização, democracia e prosperidade econômica se articulavam numa interação virtuosa.

Gosto de dizer que a história está longe de ser uma ciência exata. Espera-se o inevitável e sobrevém o inesperado. Não há destino preestabelecido nem caminho único a ser seguido. Tampouco, vale lembrar, há mal que para sempre dure.

Assistimos, pasmos, nos últimos dez anos a algo que parecia inimaginável: a crise da democracia na Europa e na América do Norte. Lá onde estava mais profundamente enraizada, fundamento do Estado de Direito, da prosperidade econômica e do bem-estar social. Essa crise se estende à América Latina, onde o restabelecimento da democracia após tanta luta nos parecia uma conquista irrevogável.

Como todo fenômeno complexo, a crise da democracia tem múltiplas causas. Mais vale olhar os fatos e deixá-los falar por si mesmos.

A hegemonia americana, colocada em questão pelo atentado às Torres Gêmeas, sofre as consequências da malfadada guerra do Iraque e, como se fosse pouco, da retirada desastrosa do Afeganistão. A ascensão da China redefine a estrutura de poder mundial.

A crise financeira global de 2007 e 2008 expõe de forma dramática a perda de capacidade dos estados nacionais de proteger suas populações, tanto das derivas de um mercado de difícil regulação quanto dos efeitos danosos das mudanças tecnológicas trazidas pela globalização.

Aumento da desigualdade, sentimento de abandono, medo do futuro engendram um clima malsão, propício à emergência de salvadores da pátria que se propõem a restaurar a unidade da nação e sua grandeza. A essas incertezas, se acrescenta uma reação conservadora contra a maior liberdade nos comportamentos e relacionamentos afetivos, percebidos por muitos como atentatórios às suas crenças e a seus valores.

A vitória do Brexit no Reino Unido e a eleição de Trump nos Estados Unidos, ambas em 2016, o crescimento dos partidos de extrema direita na Itália, Áustria, Hungria e Polônia, as derivas autoritárias na Turquia, Índia, Rússia e China são momentos fortes no encaminhamento de uma onda regressiva.



**ISMAIL KUPELI**  
*Revolução dos Cravos*, s.d.  
Estêncil sobre muro público, Porto



A democracia representativa é cada vez mais percebida como um sistema elitista, disfuncional, minado pela corrupção, insensível às necessidades das pessoas comuns. Os partidos se sucedem nos governos e não se revelam capazes de impedir a destruição de empregos, o aumento da violência e da desigualdade.

O sentimento de rejeição, para não dizer de detestação, dos políticos se estende a outras formas mais genéricas de rejeição do outro, do imigrante, das elites e das instituições (partidos, sindicatos, mídia). Aumentam a violência e a intolerância em relação às mulheres, aos negros, aos gays, cujos comportamentos são percebidos como antinaturais e, por extensão, antinacionais.

O ódio, o medo e o ressentimento, o recurso sistemático à mentira e à desinformação, o ataque à ciência e à cultura são outros tantos ingredientes dessa poderosa onda retrógrada, como se fosse possível voltar no tempo e reviver um passado onírico que nunca existiu: a grandeza nacional, a ordem, a simplicidade atribuída ao mundo de ontem.

Que fazer? “Os filósofos até hoje se limitaram a interpretar o mundo, o que importa agora é transformá-lo.” Diante da complexidade da crise da democracia, o apelo emblemático de Karl Marx assume uma nova forma e uma nova urgência. Hoje, mais do que nunca, é imperativo interpretar o mundo para poder transformá-lo.

#### **Retrocesso civilizatório ou refundação da democracia**

Um paradigma está em crise. Vivemos uma mutação de sociedade. A grande força transformadora que abala as estruturas de poder não é mera ideologia, ela deriva da reorganização do modo de produzir, comunicar e interagir.

A meu ver, a globalização está na raiz da crise de legitimidade que afeta a democracia. Economia, comércio, comunicações e cultura se tornaram globais enquanto a democracia representativa permaneceu essencialmente nacional. Confrontada a tendências globais, a capacidade dos estados nacionais de prover segurança e estabilidade foi abalada.

A integração global dos mercados, operando em tempo real, permitiu ao capitalismo abranger a totalidade do mundo. A globalização fortaleceu o poder das empresas globais em detrimento dos estados e, mais importante ainda, criou um mercado financeiro praticamente desregulado, que nos levaria à beira de uma catástrofe com a crise financeira de 2008. Nos Estados Unidos, os bancos foram salvos da bancarrota pela injeção massiva de dinheiro público, enquanto as famílias que perderam suas casas foram deixadas ao léu. Injustiça dói e não se esquece.

A reação contra as elites, os governos e os partidos tampouco pode ser dissociada das grandes transformações geradas pela revolução tecnológica das últimas décadas. Com a automação, a miniaturização e sobretudo a comunicação em rede, as tecnologias criaram uma economia na qual a participação dos salários na renda diminuiu, ao passo que a renda do capital cresce, levando a um aumento da desigualdade, que os Estados de Bem-Estar conseguem atenuar, mas não impedir. O trabalho humano mais repetitivo e padronizável foi e será cada vez mais substituído pela máquina e pela inteligência artificial, o que muda não só a economia como também as formas de sociabilidade e a vida política.

Os elos entre as classes, os partidos, as instituições – fundamento da democracia representativa – se esgarçaram. Para entender as oscilações do relacionamento entre governantes e governados, é preciso ajustar nossas ideias e instituições da democracia às novas formas de comunicação e sociabilidade criadas pelo mundo contemporâneo.

**THALES LEITE**  
*Padrão dos Descobrimentos, 2017*  
Lisboa

*Monumento construído às margens do Rio Tejo, em Belém, de onde partiram as caravelas. Concebido em 1940 pelo arquiteto Cottinelli Telmo (1897-1948) e do escultor Leopoldo de Almeida (1898-1975) para a exposição Mundo Português, foi reconstruído em 1960.*

No momento em que vivemos – que qualifico de “tempos contemporâneos” em contraponto aos “tempos modernos” – o desafio reside na recriação de laços de confiança entre cidadania e sistema político, em sociedades onde os modos de associação entre as pessoas estão se transformando rapidamente.

O futuro da democracia, como no passado, continua a depender das escolhas dos cidadãos. Mas é fundamental levar em conta que o algoritmo da política mudou. As novas formas de sociabilidade se redefinem nas e pelas “conexões à distância” que configuram a “sociedade em rede”, em contraponto – e frequentemente em confronto – às formas tradicionais de expressão da vontade popular.

Dito à moda gramsciana, a crise consiste no fato de que o velho está morrendo e o novo ainda não se vislumbra, ou, se vislumbrado, não é reconhecido, acrescento. Estamos assistindo à emergência de atores que operam no plano da sociedade e da cultura, e não apenas nos níveis político e institucional.

O indivíduo hoje não é exclusivamente o ser isolado lutando para adquirir mais. É um ser social. Cada um existe como pessoa na família, mas responde como cidadão aos desafios coletivos. Às vezes, cidadão-bárbaro, que grita e depreda, mas também como cidadão solidário que sente as necessidades públicas e age.

Nossa atenção tende a ser captada pelo negativo: violência, corrupção, mau funcionamento dos serviços públicos. Sem em absoluto negar a dramaticidade destas questões, é muito importante olhar também para o que aponta na direção do futuro.

Quando uma pessoa se vê diante de uma situação que exige uma tomada de decisão difícil, ela fala com as pessoas em quem confia. Nas sociedades contemporâneas, se reduz o número de pessoas que fazem automaticamente ou deixam de fazer algo porque o partido ou a religião diz que tem que ser assim ou assado. O que é uma mudança e tanto no perfil da sociedade. Cada vez mais pensa pela própria cabeça, conversa, discute e escolhe. Esse é um grau inicial de cidadania muito concreto. Com a internet, a conversa como base para escolhas se ampliou para tudo: coisas inúteis e coisas importantes. Mas há também que prestar atenção para o lado obscuro das redes, essa terra-de-ninguém do ponto de vista legal, em que proliferam as fake news e os discursos de ódio veiculados por máquinas de destruição em massa da civilidade e da democracia. Regular o mundo digital é uma tarefa tão imperativa quanto complexa.

Diante da desmoralização dos partidos, vale recordar que não vai muito longe o tempo no Brasil em que as pessoas se interessavam por política. Quando me lembro da imensa mobilização popular pelo restabelecimento das eleições diretas ou da comoção com a agonia e morte de Tancredo Neves, primeiro presidente eleito pós regime militar, sinto saudade de um momento em que sociedade e política estavam muito ligadas. No enterro de Tancredo, vi, como todo mundo, a dor, a tristeza do povo e, a despeito delas, a esperança. Não fui o único a sentir que pesava sobre nós, políticos, a tarefa imensa de transformar cada voto de confiança em ação efetiva de mudança.

Eleição era um dia de festa. Sem polícia na rua e sem crime. O nível de participação era alto. Não só porque o voto era obrigatório. Nas eleições para os cargos majoritários, sobretudo de presidente, a escolha era clara e as pessoas percebiam as diferenças entre os candidatos e faziam suas escolhas.

Hoje, o descrédito da política põe em xeque uma conquista do povo brasileiro, que são as eleições regulares, sem contestação nem fraude. As pessoas, em geral, gostam de assistir aos debates na televisão entre os candidatos a



*Presente, passado e futuro?  
Tolice. Não existem. A vida  
é uma ponte interminável.  
Vai-se construindo e  
destruindo. O que vai  
ficando para trás com o  
passado é a morte. O que  
está vivo vai adiante.*

Darcy Ribeiro

presidente, governador, prefeito. Esses debates costumam ser vivos e espontâneos. Na hora do cara a cara, sem intermediários nem maquiagens, não há dinheiro para campanha nem ajuda de marqueteiro que resolva. É um cara a cara entre os candidatos. Como gosto de dizer, no fim das contas, quem ganha e quem perde é sempre o candidato.

A expectativa era que as instituições e os partidos fossem os instrumentos pelos quais a sociedade enfrentaria os interesses corporativos. O que aconteceu na realidade foi o oposto. A sociedade de certo modo desertou, espero que provisoriamente, das instituições políticas. A “classe política” (conceito sociologicamente errado) virou uma corporação, um estamento de gente que só pensa nos seus próprios interesses.

O grande ideário da Revolução Francesa se transformou, mas continua a existir. Não na velha polaridade entre esquerda e direita, classe contra classe, proletários contra burgueses, opressores contra oprimidos. Contraposições que não desapareceram, mas não exprimem todas as clivagens que modelam a sociedade.

O que conta hoje é a ideia de justiça, a ideia de igualdade, a ideia de liberdade, a ideia de deliberação e a ideia de que eu posso me ligar e desligar, não estou constrangido a ficar numa só posição, tenho opções. E a ideia de dignidade. As grandes narrativas se esgarçaram, não existem mais certezas, nem afirmações dogmáticas do que está certo e do que está errado.

**LEONARDO FINOTTI** (1977)  
*Palácio do Planalto*  
Sede do Poder Executivo Federal  
Projeto arquitetônico de Oscar Niemeyer, 1960  
Praça dos Três Poderes, Brasília

### **Democracia e política: convergências e dessemelhanças**

Nos últimos anos, a história política do Brasil e a de Portugal seguiram trilhas divergentes. Sobre Portugal, direi pouco por falta de maior conhecimento. O que percebo e saúdo é que, em contraponto ao avanço da onda conservadora nos Estados Unidos e em boa parte da Europa, a “geringonça” – acordo entre os partidos da esquerda parlamentar: Partido Socialista, Bloco de Esquerda, Partido Comunista Português e Partido Ecologista “Os Verdes” – funcionou.

Uma frente ampla de esquerda ganhou as eleições em 2015, primeira surpresa. Governou em tempos de incerteza, e, nas eleições antecipadas de 2022, seu principal componente, o Partido Socialista, obteve a maioria necessária para formar um novo governo sem o apoio antes imprescindível dos agrupamentos mais à esquerda. Segunda surpresa.

Em entrevista ao jornal *Le Monde*, em 2012, Jorge Sampaio, presidente da República de 1996 a 2006, lançou um alerta. “Uma política de austeridade à *outrance* pode causar um dano terrível à democracia. A democracia necessita de esperança. Se não se vislumbra o fim do túnel, a esperança se esvai. As pessoas não veem saída, se desesperam e abrem caminho para os extremismos.”

O governo de coalizão presidido por António Costa fez prova de competência e bom senso. Num cenário econômico adverso e num contexto político de recuo da social-democracia na Europa, foi capaz de reduzir o endividamento público, condição de retomada do emprego, adotando uma disciplina fiscal conforme às metas rígidas do bloco europeu. Os bons resultados na gestão econômica permitiram uma transição bem-sucedida da política de austeridade para a retomada do crescimento e a modernização país.

O governo português foi também capaz de liderar o país e a sociedade no enfrentamento da pandemia da covid 19, mobilizando os recursos públicos e valorizando a ação responsável de uma população bem informada.

É nesse cenário de recuperação econômica e controle da pandemia, que eclode uma crise política, com a saída do Partido Comunista, o Bloco de Esquerda e “Os Verdes” do governo de coalizão. O Parlamento rechaça o Orçamento e o Presidente da República convoca eleições antecipadas para janeiro de 2022.

Para surpresa de políticos e analistas, o Partido Socialista conquista a maioria absoluta no Parlamento. O primeiro-ministro António Costa aprova o Orçamento de Estado sem precisar de apoio de quaisquer de seus antigos aliados. O novo governo dispõe de todas as condições para implantar o Plano de Recuperação e Resiliência com fundos da União Europeia.

### **A “geringonça” sai de cena e o sistema político português dá provas de grande resiliência**

Não quero terminar esse breve capítulo sem registrar e louvar o primeiro-ministro António Costa, pela serenidade, persistência e capacidade agregadora com que exerceu suas funções de chefe de governo. Idêntico mérito e louvor cabem ao presidente Marcelo Rebelo de Souza por sua extraordinária capacidade de comunicação com o povo e seu exemplar relacionamento com um governo que não pertencia a seu campo político. São líderes dessa têmpera que revigoram a democracia contemporânea.

O cenário político brasileiro recente vai na contracorrente do que se passa em Portugal. Em artigo publicado em 2016, alertei para o que infelizmente viria a ocorrer: “O amálgama dos ultraconservadores em matéria comportamental

com os oportunistas forma o que denomino de o atraso. Ou bem seremos capazes de reinventar o rumo da política ou a insatisfação popular se manifestará nas ruas, sabe-se lá contra quem e a favor do quê.”

A vitória da candidatura Bolsonaro em 2018 funcionou como um braço cego da História: acabou de quebrar um sistema político que já estava em decomposição. Quatro anos depois, continuamos a viver em tempos incertos, quando não sombrios.

Hoje em dia, o Brasil vive uma tempestade perfeita: crise econômica, pandemia, aumento da violência, desmatamento da Amazônia, ataques à mídia independente, desprezo pela ciência e a cultura. A postura do “nós” contra “eles” é desastrosa. O adversário virou inimigo. E com inimigo não se conversa: se destrói. A menos que ele se renda e, ajoelhado, mostre repúdio a suas ideias “subversivas”, que corroem a “ordem”.

A vítima é a estabilidade da democracia, conquista civilizatória que nos tem permitido resolver nossos conflitos políticos, de modo pacífico. Quem a põe em xeque ou silencia frente a vozes autoritárias não é conservador. É promotor da instabilidade e do retrocesso civilizatório ou conivente com ele.

Alguns são cultores da violência, do fanatismo e da ignorância. Subversivos são os que assim procedem, não quem ergue sua voz para preservar o patrimônio comum de todos os brasileiros, mulheres e homens, civis e militares, conservadores, liberais e progressistas: a democracia que construímos.

Mas nem tudo é desolação. A onda conservadora que explodiu nas eleições de 2018 é tão preocupante quanto é alvissareiro o avanço da sociedade no plano das liberdades.

Acredito profundamente que o Brasil é uma grande nação, por seu território e sua população. Contamos no mundo, herdeiros que somos de uma cultura original, mestiça, afeita ao sofrimento, mas movida por uma inquebrantável alegria de viver, e de ativos estratégicos como um patrimônio natural em biodiversidade e biotecnologia que nos projeta no futuro.

Os ativos do Brasil explicam a resiliência de que a sociedade deu provas ao enfrentar o desafio da pandemia a despeito da inércia ou, pior, dos erros do governo. Essa resiliência nos anima e nos alenta. Uma nação é uma comunidade de destino. Precisamos de quem possa inspirar, em lugar de ódio e rancor, confiança em nós mesmos. Confiança requer serenidade de quem busca despertá-la nos seus compatriotas, exige compostura, capacidade de convencer pelas ideias e não de se impor pela ameaça.

Sempre houve no Brasil um pensamento conservador de base religiosa, e outro de base militar, cuja maior expressão, no tempo da guerra fria, era o anti-comunismo. Hoje há o surgimento de uma “nova direita”, que mistura denúncia de corrupção com moralismos comportamentais e prega o recurso à violência para combater a insegurança.

Esta direita é mais reacionária do que conservadora. Não defende ideias, quer voltar para um passado que não existe mais, se é que algum dia existiu. Suas posições extremas podem ser o combustível para ódios e divisões que tendem a prosperar em tempos de crise e ameaçam a democracia.

Há que fugir das ideologias, com suas utopias regressivas, aliados autoritários e inimigos imaginários. Seria uma imensa regressão se, em nome dos “valores do Ocidente” ou de um pretenso imperativo bíblico, o Brasil viesse a se alinhar com os que negam a mudança climática, perseguem artistas e cientistas, são insensíveis às violações de direitos humanos e não aceitam a liberdade de cada um de viver sua vida.

O Brasil já contou com políticas e políticos que despertavam confiança. Convivi com Tancredo Neves. Era homem de fala mansa, mas de valores firmes. Foi um democrata a vida toda, um político de diálogo, atento à necessidade de buscar denominadores comuns em momentos críticos. Convivi com Ulysses Guimarães, que sabia aliar ao diálogo a firmeza, quando necessário. E assim vários outros. Que a lembrança deles nos inspire a fazer frente aos arranjos autoritários com firmeza e serenidade, para que em 2022 não se repita a escolha trágica de quatro anos atrás.

### Contemporaneidade é olhar para frente

Em janeiro de 2019, tive o privilégio de debater sobre o futuro da democracia, com Alain Touraine, no evento em Paris de comemoração de seus 95 anos.

Em sua fala, meu amigo e mestre de sempre, foi direto ao ponto. O vazio que nos aflige é o vazio do pensamento social e político. No passado, as sociedades eram guiadas por um princípio unificador: a religião outrora, a política em seguida, depois a economia. Não é mais o caso nas sociedades de hoje. Nossa tarefa como intelectuais é a de reconstruir o pensamento e a ação a serviço da democracia. O que mais faz falta hoje é dar um sentido para a vida das pessoas.

Procurei responder na mesma linha. É preciso criar, com imaginação sociológica, uma narrativa que faça sentido para as pessoas. Precisamos reaprender a falar com as pessoas. O discurso político exprime uma história que já se passou.

Vou mais longe. Contemporaneidade é olhar para a frente. O que os terremotos eleitorais recentes evidenciam, cada um a seu modo, é a rejeição da política tradicional e a quebra da coesão nas sociedades contemporâneas. Não há mais princípio de unidade. As sociedades são, ao mesmo tempo, altamente fragmentadas e móveis.

As formas de coesão se transformam. Estudante de sociologia, liamos um autor alemão, Ferdinand Tönnies. Ele tinha uma teoria sobre Comunidade e Sociedade: *Gemeinschaft e Gesellschaft*. Comunidade implicava relação face a face, relação direta entre as pessoas. O conjunto da sociabilidade se assentava nesse tipo de interação pessoal, de corpo presente, direta. Enquanto a Sociedade se caracterizava por uma relação de tipo contratual.

Hoje, a comunidade se forma pela internet. São tribos, grupos de interesse ou de afinidade que se formam virtualmente, saltando qualquer formalidade. Não há relação face a face, mas as pessoas estão conectadas. A conexão prima sobre a organização.

Liberdade quer dizer, no fundo, escolha. Numa sociedade hierarquizada tradicional, cada um tem seu lugar e ninguém tem escolha. Tudo está socialmente determinado. Na sociedade contemporânea cada um pode inventar e se reinventar, ser o que quer ser, fazer o que nunca foi feito. Isso se exprime em múltiplos planos: sexualidade, relações amorosas, espiritualidade, escolhas profissionais, vida vivida.

Nesse sentido, é preciso ir além do conceito de que só o estado pode construir a nação. A ação cidadã e a opinião pública têm um crescente poder transformador. Mas as instituições são imprescindíveis. Não há democracia sem partidos políticos. As estruturas configuram o campo de possibilidades para a ação humana, mas a vontade de cidadãos, inspirada por valores, é que cria a brecha para as mudanças.

Na minha visão, a política não é a arte do possível. É a arte de tornar o necessário possível. É tempo de refazer os laços entre *demos e res publica*.



Pavilhão Nacional  
Praça dos Três Poderes, Brasília  
Ao fundo, Congresso Nacional e  
da Esplanada dos Ministérios  
© Rosalba Matta-Machado/Shutterstock

p. 74  
Atribuído a  
**LOPO HOMEM** (1497-1572)  
*Terra Brasilis*, c. 1519  
Mapa manuscrito, desenhado e iluminado  
sobre pergaminho, 39 × 57 cm  
Acervo Bibliothèque Nationale de Paris

*Este mapa, atribuído por Jaime Cortesão (1884-1960) a Lopo Homem, foi produzido para o rei de Portugal e é, talvez, o primeiro mapa em que aparece assinalado "R. de Janro". Faz parte do Atlas Miller. O irmão de Jaime, o historiador e cartógrafo Armando Cortesão (1891-1977), atribuiu esse mapa a Jorge Reinel (1502-1572).*



**Vou-me embora pra Pasárgada  
Vou-me embora pra Pasárgada  
Aqui eu não sou feliz  
Lá a existência é uma aventura.**

Manuel Bandeira



## E agora, padre Belchior?

As datas magnas são momentos de comemoração,<sup>1</sup> mas, por serem históricas, importam também em instantes de reflexão, sobretudo para a história das nações, uma vez que se trata do dia em que se formou o Estado politicamente organizado naquele determinado país.

No Brasil, os duzentos anos da Independência oferecem uma oportunidade de recuperar a importância do povo em sua caminhada para alcançar a data síntese do momento heroico e simbólico do seu destino.

A maior das reflexões é a de que o sentimento de liberdade já estava amadurecido e vitorioso. Ela não foi uma versão consolidada na bela frase de um príncipe insubordinado: “Independência ou morte!”

Não diminui d. Pedro dizer que ele não a fez por si, mas que ela caiu em suas mãos, e que foi a expressão de lutas, sangue, atos de revolta e heroísmo que se desenrolaram ao longo de séculos e cuja evidência são, ao exemplo dos *cahiers de doléances* que documentam a Revolução Francesa, os milhares de boletins, panfletos, posições individuais e sociedades secretas que conspiraram para que a “liberdade [abrisse] as asas sobre nós”.

D. João VI e Pedro I confrontavam o amor de pai e filho e cumpriram a profecia do rei: “Pedro, se o Brasil se separar, antes seja para ti, que me hás de respeitar, do que para algum desses aventureiros”. Mas a luta vinha de longe.

A celebração da Independência bicentenária se fixa, naturalmente e com justiça, naquele ano de 1822, em que a aliança improvável de um jovem, quase menino, e de um velho aposentado afirmou e firmou a separação do Brasil de Portugal. Mas nunca é tarde para pensar nas circunstâncias mais largas que levaram àquele desfecho e nos sonhos que se sonharam.

As nações sempre tiveram grande mobilidade na fixação de seu território e de sua soberania. Embora os termos “nação” e “soberania” sejam modernos, a historiografia registra a expansão e a retração, o surgimento e o desaparecimento dos impérios da Antiguidade; e vivemos no momento uma guerra territorial na Europa. Apesar disso, é fácil enxergar alguns ciclos nesses movimentos. O século passado registrou a descolonização da maior parte dos países africanos, inclusive com o erro gravíssimo de tê-lo feito pelas fronteiras dos colonizados, sem atentar para os territórios étnicos e históricos. No começo do século XIX, havia sido a vez da América Latina. Os Estados Unidos tinham dado um exemplo forte ao mundo não só com sua independência, mas também, mais adiante, com sua constituição. A iniciativa da Convenção francesa, em plena

### **JOSÉ RIBAMAR SARNEY**

Ex-Presidente da República (mandato entre 1985-1990), ex-Senador, ex-Governador e ex-Deputado Federal e membro da Academia Brasileira de Letras

### **JOÃO MAXIMIANO MAFRA (1823-1908)**

Fundição Louis Rochet, fotografia Marc Ferrez  
*Independência ou morte*, 1862  
Acervo Instituto Moreira Salles, Rio de Janeiro

*Estátua equestre do d. Pedro I instalada na Praça da Constituição, hoje Praça Tiradentes, no centro do Rio de Janeiro, para celebrar o local onde D. Pedro I jurou a Constituição do Império de 1824 e inaugurada por d. Pedro II.*

<sup>1</sup> Frase do regente d. Pedro dita no riacho Ipiranga.



Alegoria à vinda de d. João, príncipe regente de Portugal para o Brasil, séc. XIX  
Desenho  
Acervo Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro

Atribuído a  
**JOSÉ SAMPAIO** (1770-1824)  
Retrato do Rei D. João VI, s.d.  
Óleo sobre tela, 198 x 122 cm  
Coleção Museu de Arte do Rio – MAR,  
Rio de Janeiro, doação Fundo Z  
Foto de Thales Leite

O rei está representado sentado, com traje de corte, usando o manto de arminhos real, ostentando as seguintes condecorações: banda das três ordens, placa de Carlos III de Espanha, placa das Três Ordens, placa da Ordem da Torre e Espada, e outra (coberta); ao pescoço, enverga o Tosão de Ouro. Na perna, enverga a Ordem da Jarreteira de Inglaterra. Segundo o Boletim da Academia Falerística, “trata-se de um retrato verdadeiramente singular, dado o Rei ostentar a famosa Liga da Ordem da Jarreteira, com que foi investido em 1823, no Palácio Real da Ajuda, para além da insígnia da Ordem do Tosão de Ouro e das Bandas e Placas das quatro ordens com que habitualmente foi retratado após finais de 1808 – data da criação da Ordem da Torre e Espada. A placa não identificada, por se encontrar escondida sob as bandas, pode ser a da ordem da N.ª Sra. Conceição de Vila Viçosa ou, então uma das outras ordens estrangeiras que o Rei recebeu – S. Fernando ou Isabel, a Católica, ou mesmo, a da Ordem do Saint Esprit, recebida dias antes da Jarreteira.”

revolução, de decretar a abolição da escravatura consolidou as revoltas negras e, em 1804, Dessalines declarou a independência do Haiti. Já com as marchas e contramarchas da invasão napoleônica e da Constituição Espanhola de Cádiz, surgem, em 1810, as *Provincias Unidas del Río de la Plata*; em 1818, a do Chile; em 1819, a *Gran Colombia*; em 1821, o *Imperio Mexicano* e a *República del Perú*; em 1825, a *República de Bolívar*. Os extraordinários nomes de Bolívar, San Martín, Sucre, O’Higgins, Artigas não foram suficientes, no entanto, para estabilizar o quadro das novas nações, que atravessaram dificuldades bem maiores do que as que atravessaria o Brasil.

Os fatos centrais da nossa Independência aconteceram em rápida sucessão e como consequência da questão do *status* de reino que o Brasil alcançara em 1815. A transferência da corte portuguesa para o Rio de Janeiro tivera forte impacto na economia de Portugal ibérico, a começar pela destruição feita pelos exércitos napoleônicos de Junot. Havia, porém, a ideia de que a situação era transitória. A elevação à igualdade com Portugal, na formação do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, e a formalização do Rio como capital traziam a marca da permanência.

A grande fonte de riqueza de Portugal era o comércio com o Brasil, que a partir da abertura dos portos era feito diretamente com a Inglaterra. A inquietação política, social e econômica, sobretudo em Lisboa e no Porto, tomou vulto e, em 1817, formou-se uma conspiração sob a liderança do Gomes Freire de Andrade – general que lutara em toda a Europa, inclusive ao lado de Napoleão. Essa conspiração foi desmontada, e seus líderes, como era praxe, foram enforcados. Mas a 24 de agosto de 1820, no Porto, a burguesia se levanta em outra revolução.

A 17 de outubro a novidade aporta no Rio de Janeiro, onde, desde a chegada da notícia da explosão do Porto, d. João VI e seu conselho procuraram tomar posições. Em janeiro de 1821 instalam-se Cortes Constituintes.







**JEAN-BAPTISTE DEBRET** (1768-1848)  
*Estudo para o desembarque de D. Leopoldina no Brasil, 1818*  
 Óleo sobre tela, 44,5 × 69,5 cm  
 Coleção Museu Nacional de Belas Artes – MNBA, Rio de Janeiro

Enquanto no Rio se debatia o que fazer, no Pará, um estudante de Coimbra, Felipe Alberto Patroni Martins Maciel Parente, vindo de Portugal com a notícia da revolução, consegue insuflar a pequena cidade, que se declara subordinada às cortes, e não mais ao governo do Rio de Janeiro. Um mês depois, em princípios de fevereiro, a Bahia seguia o mesmo caminho.

A partir desse momento, os episódios atropelam-se num ritmo intenso no Rio de Janeiro. Uma das exigências das cortes portuguesas era a volta do rei a Portugal. O ministro da Guerra, o então conde de Palmela – futuro duque –, sugere enviar o príncipe Pedro para Portugal. Exige-se também que João VI jure “as Bases da Constituição”, documento ainda em discussão, pois seria aprovado a 9 de março de 1821.<sup>2</sup> Em Lisboa, a decisão é pela volta do próprio rei. No Brasil, em janeiro daquele ano, prevalece a opção da ida de d. Pedro. Pela primeira vez o príncipe é consultado. Ele aceita partir.

Mas a 17 de fevereiro chega a notícia de que o conde de Palma e Felisberto Caldeira Brant Pontes – futuro marquês de Barbacena – haviam formado na Bahia um governo “constitucional”. Palmela sugere a publicação imediata das bases da Constituição e a partida de d. Pedro. Tomás António, o ministro conservador, e Pedro, o filho liberal, consultados pelo rei, são ambos contra a solução. A proposta de Palmela pressupõe a tentativa de um golpe de força de d. Pedro ao chegar a Portugal: dissolveria as cortes e convocaria outras a ele submissas.

O príncipe depara também com um complicado problema de ordem familiar: a princesa d. Leopoldina, sua mulher, está no último mês de gravidez, esperando o parto para logo. O certo é que escreve:

mandar as bases da Constituição é reconhecer a conservação destas Cortes, reconhecida aí está reconhecido o governo e é indecoroso o veto; o reconhecimento é uma vergonha certa, e o ser ou não ser admitida uma P. R. [proposta real?] é incerto, portanto neste caso é melhor ir pelo incerto do que pelo certo.<sup>3</sup>

Isto é, o melhor é não reconhecer as bases da Constituição.

<sup>2</sup> BERBEL, Márcia Regina. *A nação como artefato: deputados do Brasil nas Cortes Portuguesas, 1821-1822*, Editora Hucitec, 1999, p. 234.

<sup>3</sup> SOUSA, Otávio Tarquínio de. p. 150.



**GEORGINA DE ALBUQUERQUE** (1885-1962)  
*Sessão do Conselho de Estado, 1922*  
 Óleo sobre tela, 236 × 293 cm  
 Acervo Museu Histórico Nacional – MHN, Rio de Janeiro

A 23 de fevereiro é lavrado um decreto com data de 18: d. Pedro partirá para Portugal para agir em nome do rei, escutar as cortes e procurar encaminhar uma Constituição. Esta será enviada ao Brasil e submetida a d. João VI para aprovação e sanção. No Brasil, far-se-á uma “Junta de Cortes” para examinar as modificações necessárias ao reino brasileiro, propondo

As reformas, os melhoramentos, os estabelecimentos e quaisquer outras providências que se entendessem essenciais ou úteis, ou fosse para a segurança individual das propriedades, boa administração da Justiça e da Fazenda, aumento do comércio, da agricultura e navegação, estudos e educação pública.

Nomeia-se também uma comissão de moradores do Rio encarregada de tratar, desde já, das matérias a serem submetidas a essa junta.

Palmela pede demissão, escrevendo ao Rei que, “se algum meio resta ainda de servir a V. Majestade, e de lhe evitar a desgraça e a humilhação de receber a lei, que lhe quiserem impor, como a recebeu o Sr. d. Fernando VII, é o adotar V. Majestade um sistema claro e segui-lo com lisura”.<sup>4</sup>

A 25 de fevereiro de 1821, na única reunião que a comissão constituída no recém-publicado decreto faz, sob a presidência de Palmela, Tomás António lhe diz que eles têm o dilema entre dois caminhos: “o [de aceitar as] bases da Constituição para Portugal e o Brasil ou o de reconhecer já a Constituição de Lisboa, que vem a ser a da Espanha”. Mais tarde, já madrugada de 26, a tropa se forma no Largo do Rossio sob a liderança de portugueses exaltados. Silvestre Pinheiro Ferreira – pensador que muito influenciou na concepção das instituições brasileiras – narrou o que acontecia:

os europeus, aterrados com a ideia de ver tomar o Brasil uma atitude constitucional diferente da que pelas Cortes da metrópole lhe fosse decretada, assentaram que não havia um só momento a perder para proclamarem a adesão à causa de Portugal, qualquer que ela fosse, ou qualquer que possa ser a Constituição que as Cortes ora congregadas naquele reino houwerem de decretar para toda a monarquia.<sup>5</sup>

<sup>4</sup> Ibid., p. 156.

<sup>5</sup> Ibid., p. 158.



*Bandeira Imperial*  
61 × 69 cm  
Coleção Museu de Arte do Rio – MAR,  
Rio de Janeiro, doação Fundo Z  
Foto de Thales Leite

*Ao centro, brasão do Império, composto por círculo estrelado, esfera armilar e cruz de Cristo. Encimado por coroa Imperial e ladeado por ramos de café à esquerda e tabaco à direita.*

O príncipe Pedro toma a frente à reação do pai, indo buscar na casa de Tomás António um decreto previamente lavrado e que cedia às exigências. Diz à tropa: “Está tudo feito. A tropa pode ir a quartéis, e os oficiais a beijar a mão do meu augusto pai”<sup>6</sup> O padre Macamboa, um dos líderes civis do movimento, rejeita o documento, exige o juramento prévio da Constituição e a formação de uma Junta de Governo composta de treze nomes ali indicados.<sup>7</sup> Constroem-se fórmulas de aceitação das cortes que são rejeitadas. Finalmente, depois de consultar o rei e seus conselheiros, sai o decreto desejado:

Havendo eu dado todas as providências para ligar a Constituição que se está fazendo em Lisboa com que é conveniente ao Brasil, e tendo chegado ao meu conhecimento que o maior bem que posso fazer aos meus povos é desde já aprovar esta mesma Constituição, e sendo todos os meus cuidados, como é bem constante, procurar-lhes todo o descanso e felicidade: hei por bem desde já aprovar a Constituição que ali se está fazendo e recebê-la no meu reino do Brasil e nos demais domínios da minha Coroa.

Não bastou: faltava o juramento. Na sala do teatro, organizou-se uma reunião em que, com o Senado da Câmara, os oficiais mais graduados, as pessoas que tinham acabado de ser nomeadas para o Ministério e grande quantidade de soldados e povo, começou o juramento da Constituição portuguesa. D. Pedro falou primeiro:

Juro em nome de el-rei, meu pai e senhor, veneração e respeito à nossa santa religião, observar, guardar e manter perpetuamente a Constituição, tal qual se fizer em Portugal, pelas cortes.

Exigiram que d. João jurasse pessoalmente. Quando a carruagem do rei se aproximou do Rossio, por toda a parte se gritavam vivas a ele e à Constituição. Do episódio, ficou a imagem da responsabilidade de d. Pedro. O barão de Stürmer, representante da Áustria, escreveu a Metternich, seu chefe:

A revolução é obra de uma grande personagem, levada pela mocidade e a inexperiência, pelo desejo de representar um papel e, talvez por paixões alimentadas de opiniões particulares, a sacrificar gratuitamente os mais belos atributos da Coroa que a sorte lhe destinou.

No começo de março, decidiu-se que d. João – e não d. Pedro – e a corte partiriam para Portugal. No dia 7, foram referendados dois decretos. No primeiro, d. João VI declarava que partiria de volta para Portugal, e que d. Pedro ficaria encarregado da regência do Brasil. Era um decreto curioso. Falava em “pacto social”, em cooperar com “os deputados procuradores dos povos na gloriosa empresa de restituir à briosa nação portuguesa aquele grau de esplendor com que tanto se assinalou nos antigos tempos”. No segundo decreto, determinam-se eleições para os deputados do Brasil às cortes constitucionais, a serem realizadas segundo as regras da Constituição de Cádiz, a famosa *La Pepa*. Curiosamente, no dia 9 de março, em Lisboa, eram aprovadas as “bases da Constituição”.

Aproximando-se a data da partida do rei e de seu *entourage*, o Rio de Janeiro vive nova jornada revolucionária. Reunida na Praça do Comércio no dia 21 de abril, uma multidão passa a exigir a votação da Constituição de Cádiz.

Organiza-se um governo revolucionário. O rei, procurado, está na Quinta da Boa Vista, residência nos arredores da cidade. O jovem príncipe pensa logo no uso da força. Mas o pai tem medo. Assina o decreto:

Havendo tomado em consideração o termo de juramento que os Eleitores Paroquiais desta Comarca, a instâncias e declaração unânime do Povo dela, prestaram à Constituição Espanhola, e que fizeram subir à minha Real Presença, para ficar valendo interinamente a dita Constituição Espanhola [...]: Sou servido ordenar que de hoje em diante se fique estrita e literalmente observando neste Reino do Brasil a mencionada Constituição Espanhola...

*La Pepa* se torna, assim, a primeira Constituição do Brasil.

Mas a jornada não terminara ali. O príncipe reúne a tropa. E, às cinco da manhã de 22, ela marcha sobre o povo. São disparados tiros de pólvora seca. Na correria, alguns se ferem. Um comerciante, que distribuía vinho à multidão, morre. Os dois líderes mais exaltados do “governo provisório” em formação, Luís Duprat e o padre Macamboa, são presos. Às três da tarde, o rei assina um novo decreto, do qual há, nos arquivos brasileiros, um manuscrito redigido por seu filho, indicando ser ele o autor intelectual do texto:

Subindo ontem à Minha Real Presença uma representação, dizendo-se ser do Povo, por meio de uma deputação formada dos eleitores das paróquias [...]; observando-se porém, hoje, que esta representação era mandada fazer por homens mal-intencionados [...]; hei por bem determinar, decretar e declarar por nulo todo ato feito ontem...

Colhida a assinatura do pai, d. Pedro, em seguida, lê o decreto à tropa. No mesmo dia, outro decreto regulamenta o governo de d. Pedro.

D. João está pronto para partir. A 25 embarca, e a 26 os navios deixam a barra, afastando-o da terra querida. Vai triste e sofrido.

Mas no edifício da Bolsa, onde haviam sido baionetadas as pessoas, aparecem cartazes: *açougue dos Braganças* e *açougue real*. Na Bahia, a Praça do Comércio é coberta de crepe negro, em sinal de luto. A cidade vive em permanente agitação. Pasquins são pregados nas esquinas. Um dizia:

Se for preciso, correi às armas e desapareça de todo o despotismo de qualquer maneira que ele esteja mascarado; baldai planos traçados pelo ódio e que serão seguidos de uma longa série de desgraças; mostrai ainda uma vez que, ou portugueses ou brasileiros, descendeis de heróis que fizeram brilhar as quinas portuguesas nas regiões mais remotas.

Em quase todas as províncias, os governos nomeados pelo rei são substituídos por juntas autoproclamadas. Cada uma tem orientação própria. A junta do Pará e a da Bahia se ligam estreitamente com as cortes em Portugal; a junta de Pernambuco se mostra de uma grande independência, não tratando nem com Portugal nem com o Rio de Janeiro, e as juntas de São Paulo e de Minas Gerais tratam com o Rio de Janeiro. Em São Paulo, José Bonifácio de Andrada e Silva, eleito vice-presidente, mantém forte estrutura administrativa e política. No Rio, d. Pedro tem de enfrentar levantes de tropas, como o chefiado pelo tenente-general Jorge de Avilez.



*Escudo do Império do Brasil, s.d.*  
Bronze dourado, 11,8 × 11,8 cm  
Coleção Museu de Arte do Rio – MAR,  
Rio de Janeiro, doação Fundo Z  
Foto de Thales Leite

*Ao centro, a inscrição “P.II” (monograma do Imperador Pedro II); ladeado por fitas. Ao redor deste formando um círculo, dezenove pequenas estrelas (que representavam o número de províncias da época) encimado por coroa imperial. À esquerda, ramo de café e, à direita, ramo de tabaco, unidos por fita em nó de laço. Ladeado a coroa imperial, duas lanças e fita de cada lado.*

<sup>6</sup> Ibid., p. 160. O autor cita versões ligeiramente contraditórias de Varnhagen e Silvestre Pinheiro.

<sup>7</sup> MELLO MORAES. *História do Brasil-Reino e do Brasil-Império*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1982, tomo 1, p. 60-1.

Começa a campanha pela independência, e pelas ruas são pregadas proclamações em verso e em prosa. Dos brasileiros:

Para ser de glórias farto,  
Inda que não fosse herdeiro,  
Seja já Pedro Primeiro,  
Se algum dia há de ser Quarto.  
Não é preciso algum parto  
De Bernarda atroador;  
Seja nosso imperador  
Com governo liberal  
De cortes, franco e legal  
Mas nunca nosso senhor.

E dos portugueses:

Recruta-se para uma Bernardinha a favor do príncipe, dão-se no teatro extemporâneos vivas ao príncipe regente nosso senhor. Que quererá isto dizer? Quer dizer que todo verdadeiro português deve acautelar-se de cair no laço, que os vis satélites do antigo despotismo lhes armam com a sedutora oferta de um reino independente do de Portugal. Alerta, portugueses.

No final de outubro, d. Pedro recebe Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, que lhe dá cópia das instruções que José Bonifácio escrevera para os deputados paulistas e que consubstanciam a estrutura ideal para a nação, do ponto de vista dos liberais avançados, dos reformadores. Escreve ao pai:

Hoje falei com os deputados de São Paulo entre os quais vai Ant.º Carlos d'Andrade, o qual me disse q. ele e todos os deputados do Brasil o q. queriam era uma mútua reciprocidade, e q. a não ser assim nada estava feito.

A *Gazeta do Rio de Janeiro* reproduz, entre 25 de setembro e 11 de outubro, o projeto de Constituição que está sendo debatido em Lisboa. Fica evidente que ele não atende aos interesses do Brasil. A situação está chegando a um ponto crítico. O rompimento definitivo parece inevitável. Em Lisboa são assinados decretos pelos quais o Brasil retornaria à condição de colônia. Um decreto institui juntas provinciais para todas as províncias, inclusive a do Rio de Janeiro, ligadas somente a Lisboa, sem permissão de união entre si, e transfere para Portugal as principais decisões judiciárias, políticas e administrativas. Outro dispõe sobre d. Pedro:

As cortes gerais extraordinárias e constituintes na nação portuguesa, havendo decretado, em data de hoje, a forma do governo e administração pública das províncias do Brasil, de maneira que a continuação da residência do príncipe real no Rio de Janeiro, se torna não só desnecessária, mas até indecorosa à sua alta hierarquia: [...] mandam respeitosamente participar a el-rei que tem resolvido o seguinte: 1º – que o príncipe real regresse quanto antes para Portugal; 2º – que Sua Alteza Real, logo que chegue a Portugal, passe a viajar incógnito às cortes e reinos da Espanha, França e Inglaterra...



D. Pedro fica numa camisa de força: diz a Lisboa estar pronto a obedecer ao decreto e retornar, mas aguarda representações que estão sendo preparadas no Rio, em Minas e em São Paulo. O Clube da Resistência firma uma posição coerente. Os principais líderes são José Joaquim da Rocha, José Mariano de Azeredo Coutinho, Francisco de França Miranda, Luís Pereira da Nóbrega, Antônio de Menezes Vasconcelos de Drummond. São coletadas assinaturas, mas é indispensável a participação de São Paulo e de Minas Gerais. São despachados emissários em busca de adesão à manifestação. Para Ouro Preto segue Paulo Barbosa e, para São Paulo, Pedro Dias Paes Leme.

Paulo Barbosa não tem dificuldades em Minas. Já haviam chegado notícias dos atos das cortes e bastava um trabalho de coordenação. Em São Paulo, Paes Leme encontra ainda mais adiantados os fatos. A Câmara Municipal já resolvera representar contra os decretos; sob a liderança de José Bonifácio, o governo provisório fizera uma reunião extraordinária e decidira mandar uma representação ao príncipe e emissários a Minas, convidando-a “a que de mãos dadas com este governo represente a Sua Alteza Real sobre esta matéria”. Para Ouro Preto seguiu Antônio Carlos Aguiar de Andrada, sobrinho de José Bonifácio.<sup>8</sup>

Enquanto isso, o próprio José Bonifácio, embora adoentado, escreve a d. Pedro, pedindo que aguarde mensagem de São Paulo. Quando Paes Leme chega à casa onde moram os Andradas, a carta está redigida:

Apenas fixamos nossa atenção sobre o primeiro decreto das cortes acerca da Organização dos Governos das Províncias do Brasil, logo ferveu em nossos corações uma nobre indignação, porque vimos nele exaurado o sistema da anarquia e da escravidão; mas o segundo, pelo qual V. A. Real deve regressar para Portugal, a fim de viajar incógnito somente pela Espanha, França e Inglaterra, causou-nos um verdadeiro horror. [...]

**BELMIRO DE ALMEIDA** (1885-1962)  
*Palácio de São Cristóvão*, 1894  
Óleo sobre tela, 26,5 × 46,5 cm  
Coleção Museu de Arte do Rio – MAR,  
Rio de Janeiro, doação Fundo Z  
Foto de Thales Leite

<sup>8</sup> Essa é a origem do ramo mineiro dos Andradas.



**BENEDITO CALIXTO** (1853-1927)  
Retrato de José Bonifácio de Andrada e Silva, 1902  
Óleo sobre tela, 140 × 100 cm  
Coleção Museu Paulista da USP, São Paulo

Sim, augusto senhor, é impossível que os habitantes do Brasil, que forem honrados, e se prezarem de ser homens, e mormente os paulistas, possam jamais consentir em tais absurdos e despotismos! sim, augusto senhor, Vossa Alteza Real deve ficar no Brasil, quaisquer que sejam os projetos das cortes constituintes, não só para nosso bem geral, mas até para a independência e prosperidade futura do mesmo Portugal. Se V.A.R. estiver (que não é crível) pelo deslumbramento e indecoroso decreto de 29 de setembro, além de perder para o mundo dignidade de homem, e de príncipe, tornando-se escravo de um pequeno número de desorganizadores, terá também que responder, perante o Céu, do rio de sangue que decerto vai correr pelo Brasil com sua ausência.

A carta chega às mãos de d. Pedro no dia 1º de janeiro de 1822. Diante da posição dos paulistas, o príncipe não pode mais hesitar. D. Leopoldina trabalhava ativamente pela causa da ficada. Por toda a cidade o movimento cresce. Poucos dias depois da publicação dos decretos, surge o *Despertador Brasiliense*, violentamente contra a resolução das cortes, declarando-as injuriosas, impolíticas e ilegais. Diz diretamente a d. Pedro:

Eis o momento em que deveis decidir-vos. Lançai mão dele: se o perderdes, não podereis reavê-lo senão com muito custo, ou talvez com efusão de muito sangue.

A carta de José Bonifácio levara-o a se decidir. No dia 8 de janeiro, d. Leopoldina escreve a Schäffer, agente austríaco em quem confia:

Esperam-se aqui muitas agitações para os dias de amanhã; ouviu dizer alguma coisa? O príncipe está preparado, mas não tanto quanto eu desejaria, os ministros vão ser mudados e empregam-se-ão naturais do país que sejam ilustrados e o governo será instituído à maneira dos Estados Unidos da América do Norte. Custou-me muito alcançar isto tudo – só queria poder inspirar ainda mais decisão.

O ministério pede demissão. A carta de José Bonifácio, a pedido do próprio príncipe, aparece na *Gazeta Extraordinária*. No dia 9, com o Senado da Câmara à frente de um imenso cortejo, o povo dirige-se ao Paço. José Clemente Pereira discursa ao entregar a petição fluminense: “Senhor. A saída de V. A. Real dos Estados do Brasil será o fatal decreto que sancione a independência deste reino”. E enumera longamente todos os motivos que impedem o povo brasileiro de aceitar a saída do príncipe e os outros decretos. O Brasil quer somente

Um centro próximo de união e atividade, uma parte do corpo legislativo, um ramo do poder executivo, com poderes competentes, amplos, fortes e liberais, e tão bem ordenados que, formando um só grupo legislativo e um só poder executivo, só uma corte e só um rei, possa Portugal e o Brasil fazer sempre uma família irmã, um só povo, uma só nação, e um só Império.

D. Pedro responde:

Convencido de que a presença de minha pessoa no Brasil interessa ao bem de toda a nação portuguesa, e conhecido que a vontade de algumas províncias assim o requer, demorei a minha saída até que as cortes e meu augusto pai e senhor deliberem a este respeito, com perfeito conhecimento das circunstâncias que têm ocorrido.

A resposta é publicada no dia seguinte, com a alteração que permanece na História: “Como é para bem de todos e felicidade geral da nação, estou pronto; diga ao povo que fico.” Mais uma vez, sob o comando de Avilez, a tropa se amotina. Ameaça prender d. Pedro. Os portugueses saem às ruas com paus, quebrando vidraças, apagando os lampiões e gritando: “Esta cabrada leva-se a pau!”

D. Pedro reúne a tropa que lhe é fiel. Monta-se o cenário do confronto. Mas os portugueses, em menor número – embora mais bem armados – se retiram.

O novo ministério deveria ser, como dissera d. Leopoldina, um ministério de brasileiros. D. Pedro nomeou portugueses, com exceção do ministro do Reino e Estrangeiros, José Bonifácio de Andrada e Silva. A identificação entre os dois é rápida. Poucos dias depois, d. Pedro perde o príncipe d. João Carlos, e ele escreve ao Andrada:

Meu José. Remeto o epitáfio que deve ser aberto sobre o caixão do meu querido filho, e emende-o se não estiver bom, porque lhe dá esta autoridade este seu amo e amigo.

Pela primeira vez se planeja a longo prazo. Expede-se uma ordem para que toda lei que vier de Portugal seja submetida a um exame prévio do príncipe. José Bonifácio ordena aos governos provisórios que façam todos os esforços para a união entre as províncias e a sujeição delas à regência do príncipe. É proibido o desembarque de tropas. Um decreto criara o Conselho de Procuradores das Províncias.

Em março, chega uma esquadra com 1.200 homens para buscar d. Pedro. José Bonifácio permite apenas que se reabasteçam na Fortaleza de Santa Cruz. Antes mesmo do prazo concedido, os navios retornam a Portugal.

D. Pedro viaja a Minas Gerais e consegue o apoio dos mineiros. Põe-se agora à frente dos acontecimentos. De São João del-Rei, escreve a José Bonifácio:

Uma das coisas que se há de tratar depois de sabermos como foi recebido Antônio Carlos é a convocação de cortes no Rio, que me parece de absoluta necessidade e ser o único ajuze que possa conter uma torrente tão forte.

Entre os independentistas, um grupo, liderado por Gonçalves Ledo, Januário Barbosa e José Clemente Pereira, opõe-se a José Bonifácio e prefere a república. Age por meio da maçonaria, que se divide em duas “lojas”.

A 1º de junho, José Bonifácio faz proceder à eleição dos procuradores fluminenses: José Mariano de Azeredo Coutinho e Joaquim Gonçalves Ledo. E, no dia 2, reunidos com o representante do Estado Cisplatino, o deputado Lucas José Obes, e os ministros – que tinham voz, mas não voto – pedem a convocação, o mais cedo possível, da Assembleia. No dia 3, assinava-se o decreto de convocação.<sup>9</sup>

A 26 de julho chega uma deputação pernambucana que reconhece a autoridade do regente. É um trabalho de José Bonifácio, através de Antônio Menezes Drummond.

José Bonifácio age rapidamente. Nomeia um cônsul em Buenos Aires, com instruções para tratar de uma liga de países americanos em defesa da liberdade e de um tratado de aliança ofensiva e defensiva; prepara agentes diplomáticos para as várias capitais da Europa; prepara uma esquadra para levar tropas, sob o comando do general Labatut, para a Bahia, onde o general português Madeira

<sup>9</sup> A convocação da Assembleia, pleito do grupo carioca, sob a liderança de Gonçalves Ledo, foi feita em junho de 1822. Ela compartilha com o Manifesto às Nações Amigas ser a antecipação de fato da Independência. A eleição dos deputados foi feita segundo as regras de Cádiz e resultou numa Câmara bastante representativa do Brasil, com predominância dos interesses brasileiros sobre os portugueses.

resiste a uma ordem de partida para Portugal; notifica o cônsul inglês de que os navios de seu país não precisarão mais dos vistos do consulado português em Londres; os residentes no Estado Cisplatino recebem a nacionalidade brasileira e a tropa portuguesa é mandada de volta.

As cortes de Lisboa tomam uma série de providências contra d. Pedro, que, por decreto de 1º de agosto, ordena a todas as juntas provisórias, comandantes militares e outras autoridades que considerem inimigas todas as tropas portuguesas enviadas ao Brasil. Se tentassem desembarcar, deveriam ser

rechaçadas com as armas na mão, por todas as forças militares de 1ª e 2ª linhas, e até pelo povo em massa.

No mesmo dia, num manifesto, provavelmente escrito por Ledo, o príncipe explica ao povo o decreto:

vejo o Brasil reunido todo em torno de mim, requerendo-me a defesa de seus direitos e a mantença de sua liberdade e independência. [...] habitantes deste vasto e poderoso Império – está dado o grande passo da vossa independência e felicidade... já sois um povo soberano.

Mais lucidamente, mais enfaticamente, mais firmemente, José Bonifácio redige o manifesto às nações lançado pelo príncipe a 6 de agosto. Era preciso comunicar a Independência já não ao povo, mas às outras nações do mundo:

Desejando eu, e os povos, que me reconhecem como seu príncipe regente, conservar as relações políticas e comerciais com os governos e nações amigos deste reino, e continuar a merecer-lhe a aprovação e estimação, de que se fez credor o caráter brasileiro; cumpre-me expor-lhes sucinta, mas verdadeiramente a série de fatos e motivos, que me têm obrigado a anuir à vontade geral do Brasil, que proclama à face do universo a sua independência política; e quer como reino irmão, e como nação grande e poderosa, conservar ilesos e firmes seus imprescritíveis direitos, contra os quais Portugal sempre atentou, e agora mais do que nunca, depois de decantada regeneração política da Monarquia pelas cortes de Lisboa.

Em 14 de agosto, mandando a cópia de seu manifesto, José Bonifácio dizia ao corpo diplomático:

Tendo o Brasil, que se considera tão livre como o Reino de Portugal, sacudido o jugo da sujeição e inferioridade, com o que o reino irmão o pretendia escravizar; e passando a proclamar solenemente a sua independência...

D. Pedro vai a São Paulo e deixa como responsáveis pelo governo d. Leopoldina e José Bonifácio. Entre comemorações e acertos políticos – substituição do governo provisório, que afastara Martim Francisco de Andrada, ministro da Fazenda –, passa-se agosto. A 5 de setembro, o príncipe desce a serra para conhecer Santos.

No dia 7, volta pela serra. Acometido de uma disfunção intestinal que o obriga, conforme um de seus companheiros, o coronel Manoel Marcondes de Oliveira Melo, a parar a toda hora “para prover-se.”

Nos últimos dias de agosto, chegam ao Rio notícias e decretos alarmantes, cerceando a autoridade de d. Pedro, anulando a convocação do conselho de procuradores e abrindo processo contra várias pessoas, começando por José



**JEAN-BAPTISTE ISABEY** (1767-1855)

*Princesa Leopoldina*, séc. XIX  
Miniatura, 8,5 × 7 cm  
Coleção Museu de Arte do Rio – MAR,  
Rio de Janeiro, doação Fundo Z  
Foto de Thales Leite

*Carolina Josefa Leopoldina Fernanda  
Francisca de Habsburgo-Lorena, arquiduquesa  
da Áustria, a primeira esposa do imperador  
D. Pedro I e Imperatriz Consorte do Império  
do Brasil de 1822 até sua morte em 1826,  
foi brevemente Rainha Consorte do Reino  
de Portugal e Algarves entre março  
e maio de 1826.*

**HENRIQUE JOSÉ DA SILVA** (1772-1834)

*Pedro I, Imperador do Brasil*, 1824  
Óleo sobre tela, 43 × 55 cm  
Coleção Museu Imperial, Petrópolis



Bonifácio. Pelo mesmo correio, Antônio Carlos transmite uma impressão muito negativa dos ânimos em Lisboa. Reuniu-se o conselho de ministros, presidido por d. Leopoldina. Martim Francisco diz à princesa: “Se se tem que fazer, senhora, que se faça já!”. Decidem. D. Leopoldina<sup>10</sup> e José Bonifácio escrevem a d. Pedro. Ela lhe diz:

Esteja persuadido que não só o amor e a amizade me fazem desejar, mais que nunca, sua pronta presença, mas sim as críticas circunstâncias em que se acha o amado Brasil; só a sua presença, muita energia e rigor podem salvá-lo da ruína.

E José Bonifácio:

Senhor, o dado está lançado e de Portugal não temos a esperar senão escravidão e horrores. Venha V.A.R. quanto antes e decida-se; porque ir resoluções e medidas de água morna, à vista desse contrário que se não nos poupa, para nada servem, e um momento perdido é uma desgraça.

Prontas as cartas, entregam-nas a Paulo Emílio Bregaro, porteiro e oficial da secretaria do Conselho Supremo Militar. Toda uma vasta correspondência – essas cartas e mais as que vieram de Lisboa – deve ser entregue ao príncipe o mais rápido possível. José Bonifácio lhe diz: “Se não arrebentar uma dúzia de cavalos no caminho, nunca mais será correio; veja o que faz”

Begarou correu, arrebentou cavalos. A 7 de setembro encontra d. Pedro perto da colina sobre o riacho do Ipiranga e lê os papéis a d. Pedro:

Depois, abotoando-se e compondo a fardeta (pois vinha de quebrar o corpo à margem do riacho Ipiranga, agoniado por uma disenteria com dores, que apanhara em Santos), virou-se para mim e disse: “E agora, padre Belchior?”. E eu respondi prontamente: “Se V. Alteza não se faz rei do Brasil, será prisioneiro das cortes e talvez desertado por elas. Não há outro caminho senão a independência e a separação”. D. Pedro caminhou alguns passos silenciosamente, acompanhado por mim, Cordeiro, Bregaro, Carlota e outros em direção aos nossos animais, que se achavam à beira da estrada. De repente, estacou-se já no meio da estrada, dizendo-me: “Padre Belchior, eles o querem, terão a sua conta. As cortes me perseguem, chamam-me com desprezo de ‘rapazinho’ e de ‘brasileiro’. Pois verão agora quanto vale o ‘rapazinho’. De hoje em diante estão quebradas as nossas relações; nada mais quero do governo português, e proclamo o Brasil para sempre separado de Portugal”.

Vai ao encontro dos dragões da guarda de honra: “Amigos, as cortes querem escravizar-nos e perseguem-nos. De hoje em diante nossas relações estão quebradas. Nenhum laço nos une mais”. Arranca do chapéu o laço azul e branco, símbolo da nação portuguesa, atira-o ao chão: “Laço fora, soldado! Viva a Independência, a liberdade e a separação do Brasil!”. Desembainha a espada: “Pelo meu sangue, pela minha honra, pelo meu Deus, juro fazer a liberdade do Brasil”.

Todos o acompanham no juramento. Monta em sua bela besta baia gateada, fica de pé nos estribos, volta-se para trás, chefiando o grupo, e, alto, para que todos o ouçam: “Brasileiros, a nossa divisa de hoje em diante será: Independência ou morte”. Apoderado de um frenesi, esporeia sua besta e parte a galope para São Paulo. A cidade vibra com ele. Apresenta-se no teatro e é longamente aclamado.

Aí, nessa explosão, se juntam a impaciência de d. Pedro em mostrar que não era um “rapazinho”, o conhecimento de d. Leopoldina, de que mesmo os impérios multicentenários podiam ser abalados – o tratado de Schöbrun fora



Autor desconhecido  
D. Pedro I, Imperador do Brasil, s.d.  
7,5 × 6 cm  
Coleção Museu de Arte do Rio – MAR,  
Rio de Janeiro, doação Fundo Z  
Foto de Thales Leite

<sup>10</sup> Apesar dos vários estudos sobre a imperatriz Leopoldina, a historiografia brasileira e o Brasil em geral ainda não deram a devida dimensão a seu papel na Independência. Culta, corajosa, de brilhante inteligência, ela teve a visão do que poderia ser o destino do Brasil e trabalhou para que ele se cumprisse.



selado, em 1810, com a mão de sua irmã Marie-Louise dada a Napoleão, que vencera seu pai em tantas batalhas –, a sólida inteligência de José Bonifácio na concepção do “grande império” que anunciara em sua despedida da Academia de Ciências de Lisboa, e o antigo e disseminado anseio de liberdade que tantas vezes se manifestara em discursos, panfletos e rebeliões. Mas era preciso consolidar a vitória e construir instituições. Essa é a tarefa a que se dedica José Bonifácio ao se desdobrar em planejador militar, estrategista diplomático e chefe de governo.

Para José Bonifácio e seus irmãos – Martim Francisco, que controla a economia, e Antônio Carlos, que elabora o projeto de Constituição –, o tempo é curto. Em novembro de 1823, depois de dois ensaios fracassados, os nossos montagnards-quase-republicanos (Gonçalves Ledo, José Clemente Pereira, Januário Barbosa), aliados aos regressistas (os aristocratas que temem por seus privilégios) e aos bernardistas (os negociantes que haviam sido destronados em São Paulo e usavam a força em ascensão da Domitila), fecham a constituinte na dramática noite da agonia e mandam para o exílio os Andradas. O Brasil perde aí a oportunidade de solução do que são até hoje seus maiores problemas: a emancipação, a educação e o assentamento dos escravos africanos; a educação, inclusive universitária, como elemento vital; a reforma agrária; o destino dos índios; a preservação do meio ambiente; um regime constitucional liberal – o Estado de direito com que sonhamos. Apesar de tudo, restou uma herança fundamental, que é sermos um país, e não uma porção de províncias ultramarinas de Portugal.

Era tempo de começar a “expição de nossos crimes e pecados velhos”. E insistia: educação, amparo à maternidade e à velhice, integração econômica e social têm de acompanhar a extinção do tráfico e a libertação. Em 1825, do exílio na França, lembrava: “sem a emancipação dos atuais cativos nunca o Brasil firmará sua Independência nacional e segurará e defenderá a sua liberal

Autor desconhecido  
(oficina portuguesa do século XIX)  
El-Rey D. Miguel, 1831  
Óleo sobre tela, 70 × 60 cm /  
Coleção Museu de Arte do Rio – MAR,  
Rio de Janeiro, doação Fundo Z  
Foto de Thales Leite

O rei d. Miguel I veste uniforme de gala, condecorações e manto de arminho. Ao lado, uma mesa exhibe a coroa e o cetro real.

Constituição. Sem liberdade individual não pode haver civilização, nem sólida riqueza; não pode haver moralidade e justiça, e sem estas filhas do Céu, não há nem pode haver brio, força e poder entre as nações”

Seguindo a regra formulada por Odylo Costa Filho, “no Brasil, revolução só vence quando não há sangue, e sim abraço”<sup>11</sup>

Os anos seguintes são de muita inquietação. Os liberais portugueses não se conformaram e se manifestaram de todas as formas. Um panfleto de 1826, *O Velho Liberal*, dizia que, se o Brasil quisesse receber ouro de Portugal, “obriria tão indiscretamente quanto a Madeira, se se empenhasse que lhe fossem os Vinhos do Douro”. Mas não só os liberais. A *Carta do Enxota Cães da Sé ao Tesoureiro d’Aldea, ou Amalgamento do Pá do Enxota com o Pá da Cruz*, dizia:

a nossa opulência comercial, que é a única que temos e devemos ter, que se formou [...] das produções e indústrias coloniais do Brasil desde 1642 até 1820. E agora, depois de acabadas as cargas de pimenta que se faziam em Cochim, e em Onor, depois de extintas as caixas de açúcar, os rolos de tabaco, os molhos de salsa, os feixes de pau, as sacas de algodão, os costais de arroz, os surrões de ouro, e os porões de coiros que se traziam do Brasil, com algumas cuias de anil, canistréis de cacau, e saquitéis de café, com que a Europa, de norte a sul, se enchia de Drogas, a Alfândega de olheiros, o Erário de moedas, e nós todos de grandes, e fartas barrigas, que havemos de fazer? O quê? Ir para o alto de Santa Catarina, sentarmo-nos ao sol, ler a Constituição, que nos veio dar direitos, e nos entortou eternamente, e olharmos de vez em quando para a Barra a ver se entra algum calhambeque estrangeiro, e a ver se nos traz alguma coisa do Brasil pagando nós a carga e o frete com o nosso dinheiro, se o houver já, do que duvido.

É verdade que, antes da Independência, 98% da exportação ultramarina portuguesa se destinava ao Brasil.<sup>12</sup> Na virada do século XIX, sua população era de 2,5 milhões de habitantes, sendo metade composta de negros, e um quarto de mestiços.<sup>13</sup> Os brasileiros brancos eram dez vezes mais numerosos que os reinóis ou marinheiros.

A impressão e a publicação de conteúdos deixaram de ser proibidas em 1808. Mas faziam-se apenas por panfletos, cartas, farpas: só era autorizada a Imprensa Régia, que publicava a *Gazeta do Rio de Janeiro*.<sup>14</sup> A imprensa brasileira começara em Londres, com o *Correio Brasileiro* de Hipólito José da Costa. Depois de uma temporada nos Estados Unidos, foi enviado à Inglaterra para adquirir equipamentos de impressão para Portugal, que, ainda encaixotados, em 1808, foram trazidos para o Brasil e se tornaram a Imprensa Régia. Caindo nas garras da Inquisição por ser maçom, fugira para o exílio na Inglaterra. Defensor da monarquia portuguesa, mas sobretudo defensor do Brasil e de seu progresso, material e político, Hipólito manteve o jornal de 1808 a 1822, quando se incorporou ao serviço diplomático brasileiro a convite de José Bonifácio.<sup>15</sup> Sua influência foi notável, no Brasil e em Portugal. Ainda nos primeiros anos, o governo cogitou controlá-lo, fazendo quinhentas assinaturas do jornal, mas a negociação gorou.

O número de periódicos políticos no Brasil explodiu depois que d. Pedro declarou a liberdade de imprensa, em agosto de 1821. Já em meados do século passado, Carlos Rizzini, autor da fundamental biografia<sup>16</sup> de nosso primeiro jornalista, estudou, em *O livro, o jornal e a tipografia no Brasil*, 23 jornais no Rio de Janeiro, dez na Bahia, cinco em Pernambuco, um no Pará, três no Maranhão.<sup>17</sup>



Os principais questionamentos foram sobre problemas de difícil solução. Em Portugal, o lamento pela “perda” da colônia buscava os culpados, com dois alvos preferenciais: as Cortes Constitucionais, o constitucionalismo com sua visão liberal, e d. Pedro, visto como ingrato ao pai e a Portugal. Eles logo foram superados, de um lado pela generosidade do acordo, assumindo a maior parte da enorme dívida portuguesa com a Inglaterra; de outro, pela entrada em cena do príncipe d. Miguel e do absolutismo.

Já em maio de 1823, d. Miguel, com o patrocínio de d. Carlota Joaquina, tenta, sem êxito, derrubar o rei d. João VI por este sujeitar-se ao regime constitucional na Vilafrancada. Malgrado o golpe, obteve ao menos a dissolução das primeiras Cortes Ordinárias. Um ano depois, faz novo ensaio, com a Abrilada, bem-sucedida por alguns dias, mas logo superada pelo rei com o auxílio do corpo diplomático e dos ingleses. D. Miguel é, então, enviado para um exílio dourado em Viena, e sua mãe, trancada no Palácio de Queluz.

D. João VI falece em março de 1826, e a regente, d. Isabel Maria, declara d. Pedro I rei de Portugal, com o título de d. Pedro IV. Colocado na difícil situação de aceitar ou não a nova Coroa, ouve seu conselho e decide outorgar uma constituição a Portugal – baseada na do Brasil<sup>18</sup> – e abdica do trono para d. Maria da Glória, sua filha mais velha. Caiu na esparrela do compromisso de d. Miguel de casar-se com ela e assumir como regente depois de jurar a Constituição: logo que o irmão se viu em Lisboa, deu novo golpe e assumiu o trono. Implantou então um regime de terror que só terminou com a guerra civil, que o duque de Bragança – o mesmíssimo d. Pedro I e IV, depois de abdicar em favor de d. Pedro II –, liderou com heroísmo para, vitorioso, morrer em Queluz.

Voltemos, porém, às reações no Brasil. A abundância de periódicos e panfletos reflete as diversas dissenções que o país precisava superar para consolidar-se. No próprio cerne da proclamação da Independência, houve um conflito ostensivo entre os Andradas, para quem o único caminho viável era o da monarquia constitucional – posição que afinal prevaleceu, embora com seu sacrifício –, e os partidários de um regime “popular”, sob a liderança de Gonçalves Ledo e José Clemente Pereira. Valeria aí a frase sempre lembrada de Nabuco: “a fatalidade das revoluções é que sem os exaltados é impossível fazê-las e com

JACQUES AUGUSTE FAUGINET (1809-1847)

Estojo com medalha do imperador e cópia da Constituição do Império do Brasil, 1824  
Coleção Museu Imperial, Petrópolis

<sup>18</sup> Afonso Arinos fez a comparação entre elas em obra preciosa para a nossa história constitucional: *O constitucionalismo de d. Pedro I no Brasil e em Portugal*, que publicamos no Senado Federal (2003).

<sup>11</sup> COSTA FILHO, Odylo. “Sangue e abraço nas revoluções do Brasil”. *Jornal do Brasil*, 2 jun. 1964. As consequências, acrescentava, sempre vinham depois. Mais tarde foi preciso passar pela consolidação da Independência, pela Confederação do Equador, pelas Guerras Cisplatina – e pela Revolução Farroupilha –, pela Cabanada, pela Cabanagem, pela Revolta dos Malês, pela Sabinada, pela Balaiada. As dimensões dessas revoltas variaram, como variou a participação popular. É verdade que os próprios movimentos pela Independência se limitaram a pequenos grupos, como mostram os abaixo-assinados de janeiro de 1822 sobre a autonomia do reino, com a ida ou a ficada do príncipe regente.

<sup>12</sup> Oliveira Marques, A. H. de. *História de Portugal*. p. 597.

<sup>13</sup> *Ibid.*, p. 613

<sup>14</sup> Publicou depois o primeiro jornal de letras, *O Patriota*.

<sup>15</sup> Faleceu logo depois, em setembro de 1823, poucos dias antes de ser nomeado cônsul-geral e sem realizar o outro sonho, de voltar ao Brasil.

<sup>16</sup> RIZZINI, Carlos. *Hipólito da Costa e o Correio Brasileiro*. São Paulo: Brasiliense; Companhia Editora Nacional, 1957.

<sup>17</sup> *Id.* *O livro, o jornal e a tipografia no Brasil*. Rio de Janeiro: Kosmos, 1946, p. 183.



**ARNAUD JULIEN PALLIÈRE** (1784-1862)  
*Panorama da Cidade de São Paulo*, 1821  
Óleo sobre tela 36,5 × 96,8 cm  
Coleção Brasileira Itaú, São Paulo





Angelo Agostini, *Revista Ilustrada*, Rio de Janeiro

n. 376, 1884 (Retrato do abolicionista Francisco Nascimento, o Dragão do Mar)

n. 313, 1882 (Retrato do abolicionista Luiz Gama)

n. 222, 1880 (Escravidão ou morte)

n. 498, 1888 (Comemoração da abolição)



eles é impossível governar”. No final, os exaltados de 1822 caíram em outra categoria, a dos cooptados. D. Pedro revelaria a natureza de Ledo:<sup>19</sup> “Forte tratante! É a terceira vez que o compro e em todas me tem servido bem”.

A situação nas províncias variava de acordo com as peculiaridades de cada uma. Examinemos, como modelo, dois casos: o de Maranhão-Piauí e o de Pernambuco-Ceará. O Maranhão, como o Pará, tinha um problema físico a superar: com a navegação à vela,<sup>20</sup> as correntes marítimas tornavam mais fácil ir a Lisboa que ao Rio de Janeiro. Já a transferência da corte para o Rio de Janeiro afetara a relação privilegiada que permitia que seus contatos oficiais se dessem diretamente com Lisboa, evitando o controle do vice-rei. Por conta disso, assim como todas as notícias vindas de Portugal, as da Revolução do Porto e da formação das cortes chegaram ali bem antes<sup>21</sup> do que as das reações no Rio.

Assim, no Maranhão, o ano de 1821 foi de adesão aos aparentes vencedores, as cortes, dando menor importância aos acontecimentos do Rio de Janeiro. Começou a circular, então, o *Conciliador* – primeiramente, manuscrito e, a partir do número 34, impresso na pioneira Tipografia Nacional do Maranhão, instalada pelo governo, que priorizou a impressão do jornal que o apoiava. Entre seus redatores e os de *A Palmatória Semanal*, jornal de curta duração, se destacava o padre Tezinho, clérigo eleito deputado do Maranhão às cortes ordinárias, agitador político e comerciante, proprietário de um botequim, um bilhar e uma botica.<sup>22</sup>

Quase ao mesmo tempo chegam a São Luís informações de que Parnaíba, no litoral do Piauí,<sup>23</sup> aderira ao novo imperador e de que a Constituição portuguesa havia sido concluída. *O Conciliador* publica nota sobre a primeira na edição 140, de 13 de novembro, e sobre a segunda na 145, do dia 25 daquele mês. Ao lado da primeira notícia, curiosamente, faz constar a carta de um cidadão que protesta por estar seu nome falsamente entre os de um abaixo-assinado de apoio ao “ilegal e subversivo governo do Rio de Janeiro”. A Junta Governativa apressou-se a declarar traição o ato da pequena cidade piauiense e a enviar

19 José Clemente Pereira foi várias vezes ministro, deputado, senador, conselheiro de Estado; o padre Januário Barbosa foi diretor do *Diário Fluminense* – o jornal do governo – e da Biblioteca Nacional.

20 O barco a vapor cruzara o oceano Atlântico em 1819, mas levaria muitos anos para chegar ao Brasil.

21 Naturalmente, a antecedência das notícias de Portugal acontecia também nas províncias que ficavam no caminho de Lisboa ou do Porto ao Rio de Janeiro.

22 Ao chegar a Lisboa já tinha acontecido a Vilafrancada e sido fechado o parlamento, de maneira que, ao voltar ao Maranhão em 1826, tinha se tornado de antemão ardoroso defensor de D. Pedro.

23 A província do Piauí se fizera pelo desmembramento de parte da província do Maranhão, em 1811.



auxílio às forças portuguesas chefiadas pelo major Fidié, que partira da capital, Oeiras, para corrigir a situação.

Entretanto, chegara a São Luís a notícia da ratificação da Constituição Política da Nação Portuguesa. Animados com as primeiras notícias de vitória em Parnaíba, promove-se logo no dia 12 de janeiro o juramento compulsório e festivo.

Logo que Fidié partira de Oeiras, Manuel de Sousa Martins proclamara<sup>24</sup> o apoio à Independência, como já fizera, também, a província do Ceará<sup>25</sup> em outubro, pelo chefe do Cariri, José Pereira Filgueiras, e, em novembro, pela Câmara de Fortaleza, onde prevalecia a liderança de Tristão de Alencar. No Piauí, Campo Maior se junta à causa poucos dias depois. Ali se trava, em março, a sangrenta batalha do Jenipapo,<sup>26</sup> em que as forças pela Independência perderam o dia,<sup>27</sup> mas ganharam a guerra, pois Fidié se enfraquecera com a perda de seus mantimentos e, recuando em direção a Caxias, seria ali cercado.

Logo, as forças do Império se organizaram e dominaram todo o Piauí, podendo partir para a conquista do Maranhão. Não tarda a cair São José dos Matões, que se torna a primeira cidade maranhense a reconhecer a Independência. Porém, instalara-se em São Luís um clima de terror, com prisões e deportações, a que corresponderam, no interior, violências enormes de parte a parte, começadas pelos portugueses e logo dominando o número maior de brasileiros. As tropas avançam em marcha coordenada por toda a extensão da margem maranhense do rio Parnaíba, e Raimundo de Sousa Martins se posiciona a sete léguas de Caxias. Ao ataque nacionalista, os vintistas,<sup>28</sup> continuamente derrotados, começaram a se render, enquanto suas tropas eram vítimas de dissenções internas.

Em junho, surge um dilema: chega a notícia da Vilafrancada e da derrota do vintismo em Lisboa. Reunida a Junta com uma assembleia dos notáveis e com os militares, deliberam ceder ao que parece inevitável: o Império. Na undécima hora, “um fato espantoso”, diz *O Conciliador*: surgem navios com tropas



24 Dia 24 de janeiro de 1823.

25 Dia 24 de novembro de 1822.

26 Um de meus avoengos participou da batalha, segundo meu avô Assuêro Leopoldino Ferreira, e deixou na família a memória desses momentos de coragem simples, do desafio de peito aberto às armas portuguesas, da ansiedade da preparação da batalha.

27 Os números de mortos e feridos que se conhecem são apenas aqueles comunicados pelo major Fidié e publicados a 29 de março na edição 179 d’O Conciliador: “perdendo os facciosos mais de 200 homens mortos, grande número de feridos, e 542 homens prisioneiros, durante o fogo, e que ao depois correrão d’entre os matos a virem-se-me entregar: perdêrão mais de 200 armas de diversas qualidades, 3 caixas de guerra, [...] Da minha Tropa morrerão 16 Soldados, 1 Sargento, 1 Alferes e 1 Capitão; e foram feridos 60 homens”. Não se conhece levantamento brasileiro, de modo que é possível que os números contenham certo exagero. A “falta de farinha” que fez “prudente” ir para o porto do Estanhado (atualmente União), a meio caminho de Caxias, não demonstra um exército vitorioso.

28 Assim ficaram conhecidos os partidários do movimento liberal que convocou as Cortes Constitucionais em Portugal.



**M.J. GARNIER**

*José do Patrocínio*

Do álbum *Sonetos brasileiros* (edição completa):

desenhos dos sonetos. p. 108

Organização Laudelino Freire

Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia Editores, 1867-1870

Acervo Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro

portuguesas, e a vitória é da força armada. Tornavam, então, a deliberar que ficava o dito pelo não dito. Dentro de mais alguns dias formar-se-ia uma nova Junta Governativa.

Em Caxias, o cerco se fechava às tropas portuguesas. Do Ceará veio José Pereira Filgueiras com 2 mil homens e ordens de d. Pedro. Depois de tentativas infrutíferas de romper o cerco, a 31 de julho de 1823 as tropas comandadas por Fidié se renderam.

Entretanto, em São Luís, a situação mais uma vez se invertera: a 26 de julho, usando uma típica manobra corsária, chegara à capital esquadra comandada por lorde Cochrane. Com apoio em terra, ele desembarcara à noite para, no dia seguinte, amanhecer senhor da situação. A 28 de julho proclamara-se, solenemente, a adesão à Independência.<sup>29</sup>

O *Conciliador* publica sua ducentésima décima – e última – edição no dia 16 de julho. A partir de agosto, seria a vez da *Gazeta Extraordinária do Governo da Província do Maranhão*. Dois anos depois, Manuel Odorico Mendes imprime nela o *Argos da Lei*, ao mesmo tempo que a Tipografia Melandiana produzia *O Censor*, de João Antônio Garcia de Abranches.<sup>30</sup> O primeiro era a favor do governo – agora, da Independência, no momento representada por Cochrane –, enquanto o segundo era seu crítico e defensor dos direitos dos portugueses, o que significava atacar o inglês que conduzia os acontecimentos com mão pesada e confiscatória. Abranches pagou pela rebeldia com a prisão e a deportação para Portugal.

As províncias do Nordeste foram muito influenciadas pelos acontecimentos de Pernambuco. Ali, aproveitaram o que restava da Tipografia do Catanho, herança da Revolução de 1817, para imprimir, a partir de março de 1821, avisos oficiais. Quase imediatamente, a Oficina do Trem de Pernambuco passou a imprimir o *Aurora Pernambucana*, a um só tempo constitucionalista e regalista, mas, sobretudo, preocupado com o fantasma republicano. Em 1822, ela tornou-se Tipografia Nacional, e no mesmo ano surgiu a Tipografia de Cavalcante e Cia. Delas saíram a *Segarrega*, o *Relator Verdadeiro*, o *Conciliador Nacional*, o *Maribondo* e a *Gazeta Pernambucana*. A primeira era “pedrista”; o segundo, absolutista; o terceiro foi constitucionalista até a derrota da Confederação do Equador, quanto se voltou contra ela; o quarto, nativista; a última se pretendeu isenta. Já em abril de 1823, Cipriano Barata, de certo modo expulso, por seu nativismo, das cortes de Lisboa, onde era deputado pela Bahia, passou a publicar, em Recife – pois Salvador se encontrava ainda ocupada pelas tropas de Madeira –, a *Sentinela da Liberdade na Guarita de Pernambuco*.

Deixemos um pouco a imprensa de lado para falar muito brevemente da Confederação do Equador. A Revolução de 6 de março de 1817 reunira brasileiros de vários estados para proclamar, em Pernambuco, uma república<sup>31</sup> que, de imediato, convocou uma constituinte. Na Paraíba, no Rio Grande do Norte e no Ceará houvera forte adesão. A repressão tinha sido violenta e rápida. Já nos primeiros dias o padre Roma – pai do general Abreu e Lima, herói multinacional –, emissário à Bahia, fora sumariamente fuzilado. Catorze revolucionários foram ou enforcados ou fuzilados, muitos outros foram degredados ou ficaram tempos na prisão. Entre estes últimos estavam frei Caneca, Bárbara de Alencar e Antônio Carlos de Andrada.

Em meados de 1824, alguns sobreviventes, com apoio mais amplo, fizeram nova tentativa nativista. O primeiro movimento foi a substituição do presidente, Pais Barreto, por Manoel de Carvalho. A ordem de restabelecer a

nomeação de d. Pedro I não foi obedecida, nem foi aceita a nomeação de um terceiro. A 2 de julho foi proclamada a Independência de Pernambuco e foram convidadas as outras províncias. O Manifesto de Manoel de Carvalho reclama da traição de d. Pedro, a começar por fazer em pedaços a Assembleia Constituinte. A Confederação do Equador não chegou a consolidar-se. Apenas no Ceará – onde Quixeramobim se antecipara e proclamara a República desde 9 de janeiro –, o padre Mororó, os irmãos José e Tristão de Alencar<sup>32</sup> e José Pereira Filgueiras tentaram, sem sucesso, o controle da província, afastando-se, depois de alguns dias, da cidade do Ceará – Fortaleza – para evitar o enfrentamento com forças marítimas. Na Paraíba, a expressão foi pequena.

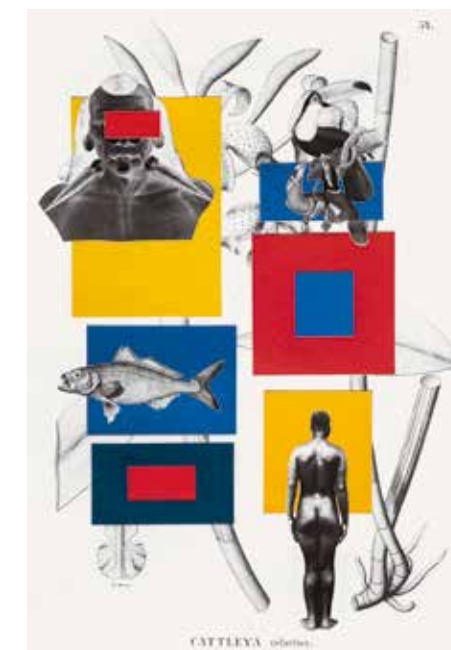
Manoel de Carvalho Paes de Andrade mandara para o Ceará máquinas que se transformaram na Tipografia Nacional, e nelas foi impresso o *Diário do Governo do Ceará*. Frei Caneca – Joaquim do Amor Divino Caneca – publicou, a partir de dezembro de 1823, o *Typhis Pernambucano*. Começou argumentando a regularidade dos procedimentos da Assembleia Constituinte e a arbitrariedade do Imperador; terminou, já em plena repressão, fazendo o apelo inútil: “às armas, às armas!”

A repressão, mais uma vez, foi brutal. Cochrane, por mar, e Francisco de Lima e Silva, desembarcado em Alagoas, por terra, venceram rapidamente em Pernambuco e em seguida no Ceará. Frei Caneca, o padre Mororó e outros líderes foram executados.

Final, a ideia de uma monarquia constitucional e um país único funcionou melhor do que se esperava e pior do que poderia ser. A Constituição outorgada e feita às pressas mostrou-se suficientemente hígida para ter apenas uma emenda e flexível o bastante para permitir a implantação paulatina do parlamentarismo e do regime de gabinetes: durou 65 anos. D. Pedro, oscilando entre suas tendências contraditórias de absolutismo e liberalismo, entre as duas imperatrizes e a favorita mercenária, entre o homem de impulso e o de reflexão, deixou o Brasil num momento de crise para terminar em grandeza seu destino. Fomos capazes de atravessar as vontades em conflito nas regências e de ter um longo caminho com Pedro II, de menino lúcido a velho indiferente.

A Independência brasileira se deu como um processo da sociedade civil. Assim, ao contrário do que aconteceu na América espanhola, forjou-se, ao final, pela paz, e como um só país, um só povo. Somos o quinto maior país em extensão territorial, o país que mais cresceu no século XX,<sup>33</sup> e vivemos sob o signo da unidade.

Contudo, em 1822, não fizemos o urgente. E o preço que pagamos é alto, altíssimo: a escravidão, prolongada, penosa, mas insuficientemente tratada pela Abolição resultou na gigantesca desigualdade social, só superada em países completamente marginais; a reforma agrária, que era o seu corolário, ainda está por ser feita no país que tem os maiores latifúndios do mundo; a educação ainda é vista como um privilégio, não como um direito, como uma benesse, não como um dever do Estado; a natureza não recebeu a proteção necessária, e grande parte da elite ainda sonha em fazer com a Amazônia o que fez com a Mata Atlântica; a ocupação do território se deu de maneira desordenada e incrementando os desequilíbrios regionais. Tampouco fizemos o que era o cerne da luta pela Independência: estabelecer um regime constitucional, um Estado de direito, um projeto político, uma democracia plenamente funcional, capaz de concretizar os projetos básicos de uma nação: “liberdade, igualdade, fraternidade”, os direitos “à vida, à liberdade e à busca da felicidade”, à justiça social.



**ROSANA PAULINO**

*Geometria brasileira chega ao paraíso tropical # 54*, 2018

Impressão digital, colagem e monotipia sobre papel,

48 × 33 cm

Coleção Sartori, Antonio Prado

Foto Fabio Del Re/VivaFoto

pág. 100-101

**ANTONIO LUIZ FERREIRA**

*Missa campal celebrada em ação de graças*

*pela Abolição da escravidão no Brasil*,

17 de maio de 1888

Fotografia em gelatina de prata, 28,5 × 51,5 cm

Acervo Instituto Moreira Salles,

doação Dom João de Orleans e Bragança

<sup>32</sup> Filhos de d. Bárbara de Alencar. Tristão Gonçalves de Alencar Araripe foi eleito presidente da província.

<sup>33</sup> Segundo o professor Delfim Netto.

<sup>34</sup> Perdoem o anacronismo, naquele momento a palavra democracia era temida. Vejam-se as referências a ela nos *Federalist Papers*, de Hamilton, Madison e Jay. Emprego aqui o termo no sentido atual.





# Imprensa, Poder Judiciário e redes sociais – passado, presente e futuro

A obra de Kafka imortalizou-se. Superou o seu tempo e apresenta um painel rico em vários temas da vida moderna. Direito, psicanálise, religião, são assuntos tratados com absoluta transparência e objetividade.

O percurso surrealista de Joseph K, no magnífico texto de *O Processo*, homem indefeso e incrédulo dentro de um sistema judicial anacrônico e corrupto, hierarquizado e inacessível, cruel e injusto, é o pano de fundo de uma ampla reflexão sobre o Judiciário que se iniciou no segundo pós-guerra e ainda não terminou.

Há momentos, na história, em que os nós não mais se desamarram, cortam-se.

Assim é que, com o surgimento da imprensa – no século XV – houve grande impulso à modernidade, com a disseminação do conhecimento por meio da impressão de livros e de sua distribuição, ampliando o número de cidadãos alfabetizados, portanto, com um conhecimento mais diversificado e, em última análise, contribuindo para a passagem da Idade Média à Renascença e ao Iluminismo.

De fato, a prensa de Gutenberg, de 1440, eliminou os copistas, aqueles que copiavam textos e os transformavam. A primeira publicação de Gutenberg foi a bíblia, que, por rapidamente multiplicar os escritos, simboliza a ideia da velocidade da informação. Além de ser considerada um marco, foi uma das maiores invenções da idade moderna.

Os primeiros jornais impressos foram publicados no século XVI, na Itália (em Veneza), na França e no Reino Unido, como instrumentos de Estado, visando informar acontecimentos a seus súditos. O primeiro jornal do Brasil, chamado *Gazeta do Rio de Janeiro*, foi publicado em 10 de setembro de 1808, e era um órgão oficial do governo português, editado pela Imprensa Régia, como resultado da transferência da família real portuguesa para o Rio de Janeiro, que se tornaria capital da Colônia.

Esse avanço da imprensa ampliou a maioria dos aspectos da vida social: a ciência, a religião, a literatura e o direito, dentre outros. Com isso, governantes que tinham reduzidas formas de comunicação passaram a ter também uma forma de levar suas leis e regras a todos em seus reinados.

Nesse contexto, podemos compreender a publicação das Ordenações Manuelinas, em 1514, com sua versão definitiva disponibilizada em 1521. As primeiras Ordenações reais portuguesas, as Ordenações Afonsinas, foram compiladas em cinco livros ao longo de todo o reinado de D. Afonso V, que reinou em Portugal de 1438 a 1481, e tiveram difusão limitada e vida curta. As Ordenações Manuelinas, por sua vez, reuniram as leis extravagantes promulgadas

*“Se tiver que ser agora, não está para vir; se não estiver para vir, será agora; e se não for agora, mesmo assim virá. Estar preparado é tudo.”*

William Shakespeare, *Hamlet*

**LUIS FELIPE SALOMÃO**

Ministro do Superior Tribunal de Justiça e professor da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

O primeiro livro das *Ordenações* (de D. Manuel), segunda impressão da segunda compilação Lisboa: Germão Galhardo, c. 1533  
Acervo Biblioteca Digital do Tribunal de Contas de Portugal

até então com as Ordenações Afonsinas, visando a um melhor entendimento das normas vigentes.

A invenção da imprensa e a necessidade de correção e atualização das normas contidas nas Ordenações Afonsinas serviram de justificativas para a elaboração das novas leis. “A possibilidade de se imprimir e divulgar a obra e, ainda assim, a oportunidade de acrescentar a seus muitos feitos a memória das novas ordenações levaram D. Manoel a encomendar a empresa a seus letrados.”<sup>1</sup>

“As Ordenações Filipinas, promulgadas em 1603, durante o reinado de Felipe II (1598 a 1621), compuseram-se da união das Ordenações Manuelinas com outras leis extravagantes em vigência. No período conhecido como União Ibérica, no qual Portugal foi submetido ao domínio da Espanha (1580 a 1640), foram concebidas as últimas leis que o reino lusitano teve até ver o fim na monarquia no século XIX. As novas Ordenações foram necessárias devido à atualização com o direito vigente, pois algumas normas já estavam em desuso e outras precisavam ser revistas.

Todas as Ordenações evidenciavam que todo poder emanava do rei, cujo poder provém de Deus, e traça aspectos político-religiosos daquele contexto. “O fato de a sociedade portuguesa ver como natural a atribuição ao rei da guarda e vigilância da fé e da prática cristã sugere que a religiosidade cristã fosse a forma de ser da sociedade portuguesa, forma que lhe garantia a identidade e a unidade, cabendo, portanto, ao rei sua preservação, o que o fazia por meio do direito e da educação.”<sup>2</sup>

O amplo acesso à informação também alimentava os adversários. A introdução da imprensa facilitou a circulação de informações relativas ao sucesso e ao insucesso das navegações, e a Corte Portuguesa muitas vezes revelou-se “avessa à demasiada publicização das viagens que se faziam sob seus auspícios, graças às disputas com Espanha, num primeiro momento e, posteriormente, com França, Inglaterra ou Países Baixos.”<sup>3</sup>

Durante o período colonial, as Ordenações também deveriam ser aplicadas no Brasil, assim como nas demais colônias portuguesas. Entretanto, nem sempre foi possível aplicar as leis como propostas e, muitas vezes, tiveram que ser adaptadas em função de peculiaridades culturais ou da falta de condições de aplicação. Lentamente, o sistema judiciário ganhou contornos locais em função dessas demandas, e foram criados tribunais em cada uma das capitânicas, e depois províncias, originando um sistema jurídico que serviu como instrumento de manutenção do poder imperial português, mas apoiado numa burocracia que até hoje pode ser observada.

Segundo a historiadora Isabel Lustosa:

“o isolamento português com a presença francesa em seu território europeu fez com que o governo investisse na criação de fábricas de ferro, pólvora, vidro na colônia americana. Também havia a necessidade de se fazer imprimir os atos do governo e de divulgar notícias interessantes à Coroa. Daí ter-se implantado aqui também, logo após a chegada do rei, a imprensa.

Essa mudança seria seguida, quatorze anos depois, pela Independência. O elemento mais importante para esse processo foi mesmo a mudança do centro de poder português de Lisboa para o Rio de Janeiro, que gerou a liberação da imprensa no Brasil.”<sup>4</sup>

Ainda segundo a historiadora:

“o primeiro jornal impresso no Brasil foi a *Gazeta do Rio de Janeiro*. Lançada em 10 de setembro 1808, seguindo os moldes de sua irmã, a *Gazeta de Lisboa*, era uma espécie de folha oficial onde se publicavam os decretos e os fatos relacionados com a família real. Publicava também um noticiário internacional, mas este era absolutamente anódino, com as informações filtradas pela rigorosa censura da Imprensa Régia de forma que nada que lembrasse liberalismo ou revolução alcançasse as vistas sugestionáveis dos súditos da Coroa portuguesa.”<sup>5</sup>

### A internet e o Direito

No mundo globalizado, a sociedade atual, caracterizada como sociedade de risco<sup>6</sup> e da informação,<sup>7</sup> é marcada pela efemeridade e a fluidez das relações, emergindo o conceito de “modernidade líquida” – cunhado por Zygmunt Bauman<sup>8</sup> – como pedra de toque da análise da realidade contemporânea, a Era das Incertezas.<sup>9</sup>

Esse processo ganha intensidade, sobretudo após a popularização das chamadas redes sociais, com o ambiente livre e democrático da *internet*, mecanismo catalisador de mudanças e potencial gerador de insegurança jurídica.<sup>10</sup>

Com efeito, no final dos anos 1950 e início dos anos 1960, foi criado um projeto militar com o objetivo de “conectar os mais importantes centros universitários de pesquisa americanos com o Pentágono para permitir não só a troca de informações rápidas e protegidas, mas também para instrumentalizar o país com uma tecnologia que possibilitasse a sobrevivência de canais de informação no caso de uma guerra nuclear”, em plena Guerra Fria. “(...) No fim de 1989 o sistema contava com mais de cem mil servidores envolvidos no projeto. Em 1992 o WWW (World Wide Web) foi lançado, aumentando consideravelmente o número de servidores conectados ao sistema (mais de um milhão).”<sup>11</sup>

Entre 2007 e 2014, o Brasil realizou a formulação e o desenvolvimento da legislação do Marco Civil da Internet, por meio de consultas públicas realizadas no âmbito da própria Internet, oportunidade em que foram colhidos os princípios e propostos os temas que fariam parte da legislação. Esta, em linhas gerais, tem como objetivo precípua oferecer segurança jurídica aos usuários da rede, sejam eles internautas, empresas, provedores ou da Administração Pública, bem como garantir os direitos à liberdade de expressão, à privacidade dos usuários, como também a livre iniciativa. Um dos pontos mais relevantes abordados é a neutralidade da rede, que deve garantir que não haja discriminação de serviços nos bastidores da Internet, impedindo que os fornecedores de acesso possam cobrar das empresas da rede para que seus sites, por exemplo, carreguem mais rápido.

O ambiente da regulação setorial da Internet afeta significativamente as empresas proprietárias das redes de telecomunicações, as empresas provedoras de serviços de acesso e de aplicações de Internet, os novos negócios das empresas de tecnologia e os provedores de conteúdo *on-line*. Portanto, é enorme o impacto desta regulação em diferentes mercados, especialmente sobre os mercados de entretenimento, de audiovisual e de publicidade comercial, que vêm crescendo exponencialmente no ambiente da rede de computadores.

Por outro lado, o monopólio da produção e da disseminação de informação, que pertencia à indústria jornalística, também deixou de existir. Atualmente, todos podemos distribuir conteúdo, fato que leva a uma alteração do papel das empresas de comunicação e do seu relacionamento com a sociedade. É por meio dos veículos de comunicação que os cidadãos se informam diante da variedade

5 Idem.

6 BECK, Ulrich. *Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade*. Trad. Sebastião Nascimento. São Paulo: Editora 34, 2010, p. 23.

7 CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. V. I. Trad. Roneide Venancio Majer com a colaboração de Klauss Brandini Gerhardt. 14ª reimp. São Paulo: Paz e Terra, 2011, p. 43.

8 BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

9 Para exemplos dos impactos das novas tecnologias na seara do Direito, consultar: AQUINO JÚNIOR, Geraldo Frazão de. Responsabilidade civil nos contratos eletrônicos. *Revista de Direito Civil Contemporâneo*. n. 2. v. 3. p. 161-184. São Paulo: Ed. RT, abr.-jun. 2015; MENDES, Laura Schertel e DONEDA, Danilo. Marco jurídico para a cidadania digital: uma análise do Projeto de Lei 5.276/2016. *Revista de Direito Civil Contemporâneo*. vol. 9. ano 3. p. 35-48. São Paulo: Ed. RT, out.-dez. 2016; SILVA, Joseane Suzart Lopes da. A responsabilidade civil dos provedores em face dos consumidores de produtos e serviços contratados no ambiente virtual: a relevância do Marco Civil da Internet regulamentado pelo Decreto Federal 8.771/2016. *Revista de Direito Civil Contemporâneo*. vol. 10. ano 4. p. 151-190. São Paulo: Ed. RT, jan.-mar. 2017; ROSSETTO, Guilherme Ferreira; LISBOA, Roberto Senise. A tutela da privacidade no âmbito da internet: reflexões sobre a importância da criptografia. *Revista de Direito Civil Contemporâneo*. vol. 18. ano 6. p. 91-113. São Paulo: Ed. RT, jan.-mar. 2019; CACHAPUZ, Maria Cláudia. O conceito de pessoa e a autonomia de data (ou sobre a medida da humanidade em tempos de inteligência artificial). *Revista de Direito Civil Contemporâneo*. vol. 20. ano 6. p. 63-85. São Paulo: Ed. RT, jul.-set. 2019.

10 “O radical influxo da tecnologia na vida cotidiana é certamente inegável na atualidade (...) Em razão da extrema complexidade advinda do uso da tecnologia – notadamente da tecnologia aplicada diretamente à vida, ou seja, à biotecnologia –, alguns cânones da civilização ocidental se tornaram completamente obsoletos. Em contrapartida, conceitos como globalização, virtualização e conectividade foram acrescidos à vida das pessoas e, em regra, tornaram-se imprescindíveis para a percepção do contexto atual (...) Algumas consequências já são perceptíveis, enquanto outras ainda apontam para um prognóstico de uma abissal clivagem na história da humanidade. Com efeito, a revolução do uso da tecnologia da informação provocou profundas alterações nas relações sociais, gerando efeitos políticos, econômicos, jurídicos e existenciais” (SARLET, Gabrielle Bezerra Sales. Notas sobre a identidade digital e o problema da herança digital: uma análise jurídica acerca dos limites da proteção póstuma dos direitos da personalidade na internet no ordenamento jurídico brasileiro. *Revista de Direito Civil Contemporâneo*. vol. 17. ano 5. p. 34-35. São Paulo: Ed. RT, out.-dez. 2018).

11 [https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/9888/9888\\_4.PDF](https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/9888/9888_4.PDF)



Regra, estatutos e definições da Ordem de Santiago Impresso em tipos móveis por Hermão de Campos, em Lisboa, 1509  
Biblioteca Nacional Digital de Portugal

O impressor Hermão de Campos trabalhou em sociedade com Valentim Fernandes (1450-1518), Nicolau da Saxônia e João Pedro Bonhomini de Cremona, pioneiros na produção de impressos com tipos móveis em Portugal.

de fontes e de entendimentos distintos. Uma forma de mensurar o nível democrático de um povo ou de um país é avaliando sua liberdade de imprensa.

Segundo o professor Thomas Pettitt, pensador dinamarquês que adota a teoria do Parêntese de Gutenberg, “a web e, principalmente, as redes sociais fizeram a humanidade voltar a um estado pré-Gutenberg, onde a comunicação era baseada na oralidade”.<sup>12</sup> Muitos teóricos negam essa teoria e sugerem que a Internet tornou o jornalismo mais fluido. O próprio professor afirma: “Imprimir não é mais uma garantia de verdade. A sobrevivência dos meios de comunicação estará cada vez mais vinculada à sua credibilidade”.

Destaca-se também as palavras do Ministro Dias Toffoli, que afirmou, em 2019, enquanto presidia o Conselho Nacional de Justiça:

“a natureza evolutiva das novas tecnologias da informação somada à capacidade inerente de revolucionar a sociedade, demonstram a importância de se discutir os seus impactos na atuação do Poder Judiciário. Em duas décadas, as mídias sociais revolucionaram não somente o processo comunicacional, promovendo dentre outras mudanças, a desintermediação entre a fonte e o público, como revolucionaram também a própria Internet, ao transformar uma plataforma informacional em uma plataforma de influência.”<sup>13</sup>

Além disso, tem-se o relatório final sobre o uso das mídias sociais pela magistratura brasileira, que reitera em suas considerações finais: “o fenômeno das redes sociais se mostra ainda mais expressivo no Brasil, em que 62% da população mantém perfis ativos em redes sociais, 20% a mais que o percentual mundial, de 42%. Por isso e pela sua importância comunicacional, em que os usuários dessas redes são tanto potenciais produtores de informação quanto potenciais influenciadores, as discussões sobre a regulamentação do uso dessas mídias por autoridades públicas se mostram tão relevantes.”

Segundo o criador do Facebook, Mark Zuckerberg, “em breve serão necessárias novas tecnologias, incluindo soluções envolvendo telas, áudio, acompanhamento do movimento das mãos e olhos, e com o aperfeiçoamento de sensores e de inteligência artificial.” As redes sociais constituem uma das grandes preocupações da atualidade porque pouco se sabe sobre onde nossas informações compartilhadas podem chegar ou o que atores desconhecidos podem fazer com elas. Nos Estados Unidos, as redes sociais são consideradas espaços públicos; as informações compartilhadas lá são cobertas pela “doutrina de terceiros”, o que significa que os usuários não podem razoavelmente esperar privacidade em relação aos dados que seus provedores de serviços coletam sobre eles. Quaisquer dados fornecidos às redes, independentemente das configurações de privacidade, ou coletados por terceiros deixam de ser privados, e muitas vezes são transmitidos de forma jamais imaginada.<sup>14</sup>

Uma das grandes diferenças entre as praças públicas e esse “espaço público digital” construído pelas redes sociais é que, por mais que pareçam públicas, como mencionado, elas são oferecidas por empresas privadas que possuem seus próprios interesses comerciais. O acesso às redes está condicionado à aceitação de normas que se sobrepõem aos direitos e deveres estabelecidos pelas leis brasileiras e que são definidas no espaço privado dessas organizações.

Cabe, portanto, referir a Lei nº 13.709, de 14 de agosto de 2018, denominada Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais – LGPD, que está em vigor desde 2020, e dispõe sobre o tratamento de dados pessoais, inclusive nos meios digitais, por pessoa natural ou por pessoa jurídica de direito público ou privado,



com o objetivo de proteger os direitos fundamentais de liberdade e de privacidade e o livre desenvolvimento da personalidade da pessoa natural. A referida lei aborda também a proteção de dados sensíveis (que incluem uma camada a mais de proteção, por envolver informações como origem racial ou étnica, orientação sexual, biometria, dados genéticos e informações de saúde, religião, opiniões políticas, entre outras). Para fiscalizar a aplicação da lei foi criada a Autoridade Nacional de Proteção de Dados com a missão de elaborar políticas nacionais de preservação das informações pessoais e de punição a quem descumprir a norma, poder público ou iniciativa privada.<sup>15</sup>

Em suma, é notório que a Internet, juntamente com as redes sociais, está em constante expansão, conquistando, mundialmente, cada vez mais espaço na rotina dos cidadãos. É necessário, portanto, que o Direito acompanhe tais inovações, para que tenha capacidade de se adaptar às novas demandas sociais que surgirem. O grande questionamento é como isso poderá ser feito, para que o Poder Judiciário consiga se remodelar, mas sem, jamais, perder sua essência.

### Judiciário e Mídia

A relação entre Judiciário e imprensa é dialética, quase contraditória. Nesses tempos de integração total da fala, texto, vídeo, áudio e telecomunicações eletrônicas, confirma-se o advento da “era da comunicação”, acelerando-se as relações sociais e jurídicas.

Como pano de fundo, no Brasil, a reengenharia das instituições e poderes republicanos no ambiente democrático, pós-ditadura, em meio à “sociedade espetáculo”.

No debate em torno do assunto, fala-se do tempo urgente, urgentíssimo, do jornalista para apurar a notícia e disparar a informação; e também da necessária



Gazeta do Rio de Janeiro, nº 1, 10 de setembro de 1808  
Acervo Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro

Gazeta do de Lisboa, nº 1, 1 de janeiro de 1733  
Fonte: Hemeroteca Digital, Lisboa

<sup>15</sup> Agência Senado – <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/07/29/punicoes-pelo-uso-indevido-de-dados-pessoais-comecam-a-valer-no-domingo>.



**E cada instante é diferente,  
e cada homem é diferente,  
e somos todos iguais.**

*Carlos Drummond de Andrade, Poesia até agora*











Nesse contexto histórico, o avanço das ciências para além das observações e experiências homem-natureza tem nas navegações ultramarinas uma dupla dinamização de feitos, posto que, ao mesmo tempo que geram novos conhecimentos, enriquecem a Coroa e viabilizam, assim, novas conquistas, financiando as estruturas da monarquia, do clero e das classes dominantes europeias.

Reijer Hooykaas, com uma visão mais profunda, assevera que as mudanças provocadas pelas grandes expedições “conduziram à reforma de todas as ciências, porque influenciaram o método de todas as ciências e não apenas uma parte delas, na medida em que já não adaptavam a natureza à nossa razão, mas a nossa razão à natureza”.<sup>4</sup>

A era das navegações situa Portugal em um novo papel na história: o pioneirismo nas expedições além-mar, ampliando os limites oceânicos e terrestres do mundo e criando as condições favoráveis para a expansão da organização social europeia para as novas terras.

Caio Prado Jr. sintetiza o elo, a conexão entre a era dos “descobrimentos”, o mercantilismo e o Estado moderno. Segundo o autor:

Todos os grandes acontecimentos desta era [...] articulam-se num conjunto que não é senão um capítulo da história do comércio europeu. Tudo que se passa são incidentes da imensa empresa comercial a que se dedicam os países da Europa, a partir do século XV, e que lhes alargará o horizonte pelo oceano afora. Não tem outro caráter a exploração da costa africana e o descobrimento e colonização das ilhas pelos portugueses, o roteiro das Índias, o descobrimento da América, a exploração e a ocupação de seus vários setores.<sup>5</sup>

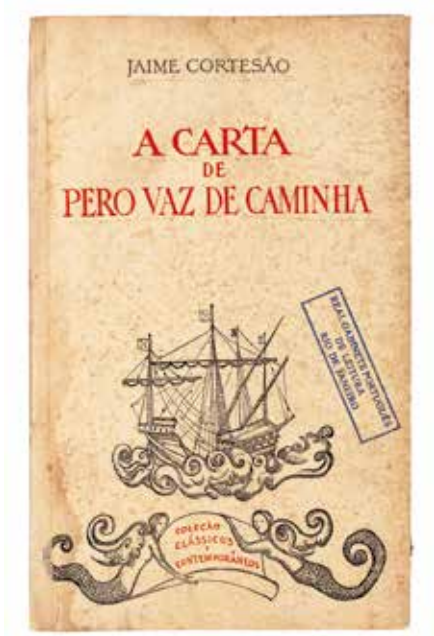
**A chegada dos navegadores portugueses. A visão do paraíso. O colonialismo. As populações originárias brasileiras**

Na obra *Visão do paraíso*, Sérgio Buarque de Holanda descreve os mitos edênicos que ocuparam a imaginação dos navegadores portugueses e influenciaram a narrativa a respeito de um mundo fantástico, muito diverso daquela ideiação que os povos originários tinham do europeu conquistador, o deus Tupã. Holanda registra que:

A parte que cabe aos portugueses nas origens da geografia fantástica do Renascimento acha-se, realmente, em nítida desproporção com a múltipla atividade de seus navegadores. [...] A atmosfera mágica, de que se envolvem para os europeus, desde o começo, as novas terras descobertas, parece assim rarefazer-se à medida que penetramos a América lusitana. E é quando muito à guisa de metáfora, que o enlevo ante a vegetação sempre verde, o colorido, variedade e estranheza da fauna, a bondade dos ares, a simplicidade e inocência das gentes – tal lhes parece, a alguns, essa inocência que, dissera-o já Pero Vaz de Caminha, “a de Adão não seria maior quanto à vergonha” – pode sugerir-lhe a imagem do Paraíso Terrestre.<sup>6</sup>

Da mesma forma, Darcy Ribeiro, historiador, antropólogo e sociólogo brasileiro, percebe as alterações no mundo físico provocadas pelos grandes descobrimentos. Contudo, realça as novas experiências humanas, decorrentes do encontro entre culturas distintas, o “olho no olho” entre indígenas e conquistadores. Afirma que:

Ao longo das praias brasileiras de 1500, se defrontaram, pasmos de se verem uns aos outros tal qual eram, a selvageria e a civilização. Suas concepções, não só



**PERO VAZ DE CAMINHA**  
A carta de Pero Vaz de Caminha, 1943  
Introdução e notas de Jaime Cortesão  
Ilustração da capa de Maria Helena Vieira da Silva  
Acervo Real Gabinete Português de Leitura,  
Rio de Janeiro

**LUÍS TEIXEIRA** (152?-1604)  
Capitanias hereditárias  
Mapa, c. 1574  
Acervo Fundação Biblioteca da Ajuda, Lisboa  
As capitanias hereditárias no litoral brasileiro foram doadas por D. João III entre 1534 e 1536, a doze representantes do rei de Portugal na colônia. Os donatários recebiam a posse da terra, podendo transmiti-la para seus filhos, mas não vendê-la. Adquiriam ainda alguns direitos, como isenção de impostos, venda de escravos e recebimento de parte das rendas devidas à Coroa.

4 HOOYKAAS, Reijer. “Contexto e razões do surgimento da ciência moderna”. In: BARRETO, Luiz Felipe; DOMINGUES, Francisco (orgs.). *A abertura do mundo: estudos de história dos descobrimentos europeus – em homenagem a Luís de Albuquerque*. Lisboa: Presença, 1986, p.182.

5 PRADO JR., Caio. *Formação do Brasil contemporâneo: colônia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p.19.

6 HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p.43.



**FREI VICENTE DO SALVADOR** (c.1564-c. 1639)  
*História do Brasil 1500-1627*  
 São Paulo e Rio de Janeiro: Weiszflog Irmãos, 1918  
 Acervo Real Gabinete Português de Leitura,  
 Rio de Janeiro

*Primeiro documento historiográfico sobre o Brasil, concluído em 1627. O manuscrito foi encontrado pelo historiador Capistrano de Abreu na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro em 1881, dois séculos e meio depois de escrito. Publicado em 1888, ganhou a edição definitiva em 1918.*

diferentes, mas opostas, do mundo, da vida da morte, do amor, se chocaram cruamente. Os navegantes, barbudos, hirsutos, fedentos de meses de navegação oceânica, escalavrados de feridas, do escorbuto, olhavam, em espanto, o que parecia ser a inocência e a beleza encarnadas. Os índios, vestidos da nudez em plumada, esplêndidos de vigor e de beleza, tapando as ventas contra a pestilência, viam, ainda mais pasmos, aqueles seres que saíam do mar.<sup>7</sup>

A chegada dos portugueses à “ilha” que chamaram de Vera Cruz não provocou o apossamento imediato das terras. Até 1530, período conhecido como pré-colonialismo, Portugal concentrou suas ações no extrativismo de pau-brasil no litoral brasileiro, com o uso da mão de obra dos indígenas.

O conceito de colonialismo é empregado para descrever as relações entre os Estados modernos europeus e os territórios que estavam sob seu controle, principalmente na América, na Ásia e na África. O colonialismo no Brasil se inicia com as capitanias hereditárias, num processo de dominação política, econômica e cultural e numa estratégia de formação dos núcleos sociais.

Mozart Vergetti de Menezes assim sistematizou o antigo sistema colonial:

- 1) Que o capital mercantil ascendente, após a desagregação do feudalismo, impulsionou a expansão comercial da Europa orientando-se pela formulação da política econômica do mercantilismo;
- 2) que a competição internacional e a necessidade de executar a política mercantilista favoreceram o desenvolvimento de Estados absolutistas na Europa;
- 3) que a colonização europeia da época moderna, protagonista da expansão comercial ultramarina que, a princípio, limitava-se ao extrativismo de matérias-primas e comercialização no ultramar, transitou, no Brasil, para área de produção, pressupondo a montagem de uma nova sociedade: uma sociedade escravista colonial;
- 4) que a transformação e o desenvolvimento das economias periféricas do antigo sistema colonial tiveram, na história do capitalismo, a função de promover a aceleração da acumulação primitiva na Europa;
- 5) que “a relação metrópole (Portugal) e a colônia (Brasil) realizava-se sob a égide da noção de exclusivismo comercial, ou seja, o monopólio do fluxo mercantil reservado unicamente para a metrópole, cuja efetividade tornava imprescindível a adoção de uma forte política protecionista que exigia por seu turno, ações de natureza fiscal e militar para sua execução.”<sup>8</sup>

Ao longo da história, tentou-se compreender a origem dos povos originários que ocuparam a pré-América lusitana. Contudo, em razão dos poucos estudos, pesquisas e conhecimento disponíveis, várias são as inconsistências sobre a história indígena. Segundo Manuela Carneiro da Cunha, “sabe-se pouco da história indígena: nem a origem, nem as cifras de população são seguras, muito menos o que realmente aconteceu”.<sup>9</sup>

A forma de apropriação dos territórios do Novo Mundo pela Coroa portuguesa não contemplou a existência de organizações sociais originárias, com suas próprias tradições e culturas. Com a lógica de dominação de mercado, o conquistador submeteu o “selvagem” a um sistema de trabalho escravizado, convencendo-o a trocar riquezas do território por simples objetos que lhe causavam curiosidade.

Viabilizar a conquista do Novo Mundo impôs aos portugueses a necessidade de negociação com os povos indígenas, uma vez que estes detinham o conhecimento dos locais onde se encontravam as riquezas e, sem uma parceria com as populações tradicionais, a empresa colonizadora tardaria em avançar. Merece realce que, diversamente dos europeus, os povos originários não possuíam valores inerentes ao capitalismo, como acumulação de riquezas, propriedade privada e poder político centralizador. Outro fator intensificou as divergências: a intolerância religiosa em colisão com rituais pagãos aos olhos do “homem branco”.

Os indígenas, habitantes tradicionais das terras e florestas, com liberdade e mobilidade espacial, costumes e rituais próprios, deixam de ser, para os conquistadores, os representantes do paraíso terrenal, puros e inocentes, para passarem a assumir características de povos bárbaros e selvagens.

A conflituosidade das relações entre os indígenas e conquistadores foi fielmente retratada por Holanda em sua obra *Raízes do Brasil*:

A tentativa de implantação da cultura europeia em extenso território, dotado de condições naturais, se não adversas, largamente estranhas à sua tradição milenar, é, nas origens da sociedade brasileira, o fato dominante e mais rico em consequências. Trazendo de países distantes nossas formas de convívio, nossas instituições, nossas ideias, e timbrando em manter tudo isso em ambiente muitas vezes desfavorável e hostil, somos ainda hoje uns desterrados em nossa terra.<sup>10</sup>

Sobre o assunto, arremata Darcy Ribeiro:

Estamos diante de um processo civilizatório que, interrompendo a linha evolutiva prévia das populações indígenas brasileiras, depois de subjugar-las, recruta seus remanescentes como mão de obra servil de uma nova sociedade, que já nascia integrada numa etapa mais elevada da evolução sociocultural.<sup>11</sup>

### O mercado e o meio ambiente. Séculos de perda de biodiversidade. Recuperação florestal da Mata Atlântica: *case* Floresta da Tijuca-RJ

O Estado moderno surge da aliança entre a monarquia, a nobreza e a burguesia. A desintegração do feudalismo, a decadência da nobreza e do clero e a consequente ascensão da burguesia provocaram o surgimento de uma nova estrutura econômica. A origem do capitalismo é estudada por Ellen Wood, que nos ensina que:

Na Inglaterra, onde a riqueza ainda deriva predominantemente da produção agrícola, todos os grandes agentes econômicos do setor agrário – tanto os produtores diretos quanto os apropriadores de seus excedentes – ficaram, do século XVI em diante, cada vez mais dependentes do que correspondia a práticas capitalistas: a maximização do valor da troca por meio da redução dos custos e do aumento da produtividade, através da especialização, da acumulação e da inovação.<sup>12</sup>

Percorrer a evolução do capitalismo agrário para o industrial é reconhecer que não haveria capitalismo, nem mesmo a revolução industrial, sem as riquezas retiradas das terras do Novo Mundo: inicialmente o pau-brasil, depois o ouro, a prata, diversos metais, pedras preciosas e espécies da fauna e da flora.

Nesse ponto, os avanços da modernidade podem ser observados, na medida em que a mudança no sistema econômico e no modelo de produção interferirá diretamente nos aspectos políticos e sociais da Europa e influenciará a

<sup>7</sup> RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p.44.

<sup>8</sup> MENEZES, Mozart Vergetti de. *Colonialismo em ação: fiscalismo, economia e sociedade na capitania da Paraíba (1647-1755)*. Tese (doutorado). São Paulo: Universidade de São Paulo (USP), 2005, p.59.

<sup>9</sup> CUNHA, Manuela Carneiro da. “Introdução a uma história indígena”. In: *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p.11.

<sup>10</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p.19.

<sup>11</sup> RIBEIRO, Darcy. Op. cit., pp.73-4.

<sup>12</sup> WOOD, Ellen Meiksins. *A origem do capitalismo*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p.75.



**LUIZ ZERBINI** (1959)

*Primeira missa*, 2014  
Acrílico sobre tela, 200 × 300 cm  
Coleção do artista  
Foto Jaime Acioli

*Comissionada para a exposição Histórias mestiças, no Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, nessa tela o artista refaz e inverte a narrativa da pintura Primeira Missa no Brasil, (1860) de Victor Meirelles. O protagonismo é da figura indígena posicionada ao centro, olhando diretamente o espectador. À esquerda está a figura do infante d. Henrique. Ao fundo, o local da primeira missa.*



**HANS STADEN** (c.1525-c.1576)  
*Wahrhaftig be schreibung eyner landschafft der wilden nacketen grimigen*, 1577  
 Acervo Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, São Paulo

**ANDRÉ THEVET** (1502-1590)  
*La cosmographie universelle*  
 Paris: P. L'Huillier, 1575.  
 Acervo Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro



organização de todos os aspectos da sociedade, dentre eles a relação predatória com o meio ambiente.

O extrativismo de pau-brasil deu início à mudança física no território, fato que antecedeu o colonialismo e o povoamento, uma vez que a expropriação dessas riquezas não motivou, num primeiro momento, a permanência portuguesa e a dominação do território. Caio Prado Jr. argumenta que “a ideia de povoar não ocorre inicialmente a nenhum. É o comércio que os interessa, e daí o relativo desprezo por este território primitivo e vazio.”<sup>13</sup>

A importância da exploração do pau-brasil foi retratada por André Thevet, religioso franciscano e cosmógrafo, durante a sua estada no Rio de Janeiro, no período de 1555-56:

Tal árvore, tendo sido descoberta em nosso tempo, serviu de grande alívio aos mercadores, e meio de novas buscas para os que tinham o costume de navegar, os quais, chegando a este país, e vendo os selvagens adornados com tão belas plumagens de cores diversas, e também que esse povo tinha o corpo pintado diversificadamente, indagaram qual o meio dessa tintura, e alguns lhe mostraram a árvore que chamamos brasil, e os selvagens, *Orabutan/Araboutã*.<sup>14</sup>

Frei Vicente do Salvador, o historiador mais antigo do Brasil, ao se debruçar sobre o período histórico pré-colonial, descreve a relação fática dos conquistadores com as novas terras:

Da largura que da terra do Brasil tem para o sertão não trato, porque até agora não houve quem a andasse, por negligência dos portugueses que, sendo grandes conquistadores de terras, não se aproveitam delas, mas contentam-se de as andar arranhando ao lado do mar como caranguejos.<sup>15</sup>

Warren Dean, em sua obra *A ferro e a fogo*, narra a história da devastação, da depredação e da dilapidação da Mata Atlântica. Expõe que:



É difícil dizer se é correto referir-se à Mata Atlântica no tempo presente. Certa extensão de cobertura florestal ainda existe na região... A maioria delas, contudo, talvez todas, sofreu algum grau de intervenção-derrubada seletiva, extrativismo ou poluição do ar”.<sup>16</sup>

São mais de quinhentos anos de desmatamento contínuo, iniciado com o extrativismo do pau-brasil e de diversas espécies arbóreas nativas, logo na chegada da armada portuguesa, seguido do ciclo do ouro, da cana-de-açúcar, do café, da conversão de áreas florestadas em terras voltadas para atividades agro-pastoris, da industrialização e da urbanização.<sup>17</sup>

Vale assinalar que as civilizações humanas sempre se desenvolveram às expensas dos recursos naturais, em um processo ininterrupto de alterações no ambiente. E não foi diferente com ocupação da Mata Atlântica, que abriga as metrópoles mais desenvolvidas do Brasil, dentre elas, São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte.

Spix e Martius narram o ávido impulso humano na direção da supressão das florestas, “suas”, perigosas e atrasadas, em contraposição às cidades, limpas, seguras e civilizadas:

Quando o povo deitar abaixo as matas, esgotar pantanais, romper estradas por toda a parte, fundar vilas e cidades, e, assim, pouco a pouco, triunfar da luxuriante vegetação e dos bichos daninhos, então todos os elementos da atividade humana virão ao seu encontro e o recompensarão plenamente.<sup>18</sup>

Contudo, nem só de devastação vive a história ambiental brasileira. A recuperação da Floresta da Tijuca, no Rio de Janeiro, a partir de 1861, tornou possível compatibilizar diferentes relações: natureza e desenvolvimento; passado e presente; ciência e cultura.

A ocupação do território fluminense intensificou-se, a partir do século XIX, em espaços geográficos assenhorados pela corte portuguesa. Em paralelo,



**JEAN DE LÉRY** (1534-1611)  
*Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil, autrement dite Amerique*, 1578  
 Acervo Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro

**THEODOR DE BRY** (1534-1611)  
*Historia Americae: sive Novi orbis*, 1590  
 Acervo Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa

<sup>13</sup> PRADO JR., Caio. Op. cit., p.38.

<sup>14</sup> THEVET, André. *A cosmografia universal de André Thevet, cosmógrafo do rei*. Rio de Janeiro: Batel, Fundação Darcy Ribeiro, 2009, p.173.

<sup>15</sup> SALVADOR, Frei Vicente do. *História do Brasil – 1500-1627*. São Paulo: Melhoramentos, 1965, p.61.

<sup>16</sup> DEAN, Warren. *A ferro e a fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 31.

<sup>17</sup> *Atlas dos remanescentes florestais da Mata Atlântica*. São Paulo: Fundação SOS Mata Atlântica; Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), 2019.

<sup>18</sup> SPIX, Johann Baptist von; MARTIUS, Carl Friedrich P. von. *Viagem pelo Brasil (1817-1820)*. Trad. Lúcia Furquim Lahmeyer. Brasília: Senado Federal, 2017, p.162.

ciclos econômicos levaram a população a se estabelecer nas matas da Floresta da Tijuca. Em colisão com o passado idílico – de abundância de recursos naturais –, a ocupação desses territórios provocou escassez de água para abastecimento da cidade do Rio de Janeiro.

Esse processo está intrinsecamente ligado aos mesmos métodos de apropriação das terras brasileiras desde as grandes navegações – em resumo, a substituição da vegetação nativa por espécies exóticas e comercialmente viáveis para os interesses do mercado europeu. Nesse contexto, o cultivo de cana-de-açúcar e, depois, de café derrubou imensas áreas de mata nativa.

Conforme os estudos da historiadora Begonha Bediaga, d. Pedro II, sensível aos argumentos dos intelectuais da época, criou, em 1860, o Imperial Instituto Fluminense de Agricultura (IIFA), com o propósito de modernizar as práticas agrícolas, por meio de tecnologias voltadas à recuperação da Mata Atlântica, ensino agrário e divulgação de conhecimento, integrando teoria à prática.<sup>19</sup>

Segundo Pedro Menezes, “a história oficial de nossas áreas protegidas começa em 1861, com a criação, pelo Império, das Florestas da Tijuca e Paineiras”.<sup>20</sup>

Durante treze anos foram plantadas mais de 100 mil árvores, em sua grande parte de espécies da Mata Atlântica. Paralelamente a esse reflorestamento conduzido pelo Major Manoel Gomes Archer, o projeto de paisagismo foi orientado pelo botânico francês Auguste François Marie Glazou, transformando a floresta em um parque para uso e contemplação, com áreas de lazer, esculturas, fontes e lagos. Apesar da grande pressão antrópica sobre a Floresta da Tijuca, o processo de recuperação florística e a regeneração natural formaram a maior floresta urbana do mundo.

#### Crise do capitalismo no século XX: as mudanças climáticas e o desenvolvimento limpo

As duas grandes guerras deixaram como legado não só a devastação nos países envolvidos e nos meios de produção, mas também o empobrecimento da população mundial. Essa conjuntura demandou intervenções por parte dos Estados nacionais, em contraposição a práticas do liberalismo econômico, o que gerou diversas crises nos sistemas econômicos da Europa e dos EUA no século XX.

A preocupação de cientistas e intelectuais com a relação homem-natureza é muito antiga, e acentuou-se com a percepção dos impactos decorrentes da revolução industrial. Todavia, somente na década de 1960 a insustentabilidade do capitalismo começou a ser debatida, em decorrência da destruição ambiental e do crescente risco de esgotamento dos recursos naturais e da extinção da biodiversidade.

Em 1968, ocorreu a primeira reunião do Clube de Roma,<sup>21</sup> grupo fundado pelo economista e industrial italiano Aurelio Peccei e pelo cientista escocês Alexander King. Com a participação de trinta pesquisadores, entre economistas, educadores e empresários de diversos países, o encontro se propunha a refletir sobre o sistema econômico global integrando o viés ecológico e social como estratégia para chamar a atenção do mundo para uma nova ética de desenvolvimento.

Em um contexto de inquietações políticas, econômicas, ambientais e sociais, o Clube de Roma publicou, em 1972, o relatório “Limites no crescimento”, com grande repercussão na I Conferência Mundial sobre Meio Ambiente, realizada pela Organização das Nações Unidas (ONU) em Estocolmo, Suécia, naquele mesmo ano. Merecem destaque as conclusões de Flávio Tayra a respeito do relatório:

**GUILHERME PISO** (1611-1678)

*Historia Naturalis Brasiliae*, 1648  
Acervo Fundação Biblioteca Nacional,  
Rio de Janeiro

*Guilherme Piso veio ao Brasil como médico na expedição colonizadora de Johann Moritz von Nassau-Siegen, entre 1637 e 1644. Como parte de sua missão para a Companhia Holandesa das Índias Ocidentais de administrar a colônia recentemente conquistada no nordeste do Brasil, o conde de Nassau decidiu incluir artistas e cientistas para documentar e registrar informações como geografia, paisagens, doenças, plantas medicinais. Estavam na expedição os pintores Albert Eckhout e Frans Post, o pintor e arquiteto Pieter Post, e o cartógrafo, botânico e astrônomo Georg Marggraf, que trabalhou no texto desse volume com Guilherme Piso.*

<sup>19</sup> BEDIAGA, Begonha. *Marcado pela própria natureza: o imperial Instituto Fluminense de Agricultura: 1860-1891*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014.

<sup>20</sup> MENEZES, Pedro. “A natureza construída pelo homem”. In: *Parque Nacional da Tijuca: uma floresta na metrópole*. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson, 2010, p.33.

<sup>21</sup> Ver: <http://www.clubofrome.org>. Acesso em: 4 maio 2022.





Se se mantiverem as atuais tendências de crescimento da população mundial, industrialização, contaminação ambiental, produção de alimentos e esgotamento de recursos, este planeta alcançará os limites de seu crescimento no curso dos próximos cem anos. O resultado mais provável será um súbito e incontável declínio tanto da população como da capacidade industrial.<sup>22</sup>

A ONU, liderando o debate sobre as questões ambientais, indicou a primeira-ministra da Noruega, Gro Harlem Brundtland, para estudar a temática em conjunto com outras lideranças mundiais. O resultado obtido foi apresentado em 1987 por meio do documento intitulado *Nosso futuro comum*, também conhecido como “Relatório Brundtland”, em que o termo sustentabilidade é referido como estratégia para uma nova ordem econômica planetária. O relatório registra que:

O desenvolvimento sustentável é mais que crescimento. Ele exige uma mudança no teor do desenvolvimento, a fim de torná-lo menos intensivo de matérias-primas e energia, e mais equitativo em seu impacto. Tais mudanças precisam ocorrer em todos os países, como parte de um pacote de medidas para manter a reserva de capital ecológico, melhorar a distribuição de renda e reduzir o grau de vulnerabilidade às crises econômicas.<sup>23</sup>

As drásticas transformações políticas que o mundo tem sofrido nos últimos anos, inclusive com a recente eclosão de uma nova guerra a partir da invasão da Ucrânia pela Rússia, o acirramento das tensões sociais e a incessante deterioração do meio ambiente nos impõem fazer uma inter-relação entre, por um lado, a lógica de mercado e seus impactos físicos e sociais e, por outro, um modo de vida saudável e com meios de produção limpos e sustentáveis.

O debate internacional sobre a mudança climática teve início na Conferência do Rio, em 1992, conhecida como Eco-92, que resultou na Convenção sobre Mudanças Climáticas. Em 1997, foi firmado o Protocolo de Kyoto, com 174 países signatários, evento marcante para a história climática, em razão da criação do Mecanismo de Desenvolvimento Limpo (MDL), como uma estrutura de recompensas, em consonância com as dinâmicas de mercado, objetivando a redução de emissões de gases de efeito estufa (GEE). O MDL consiste em uma ferramenta capaz de fomentar atividades econômicas ambientalmente sustentáveis e socialmente adequadas, constituindo-se no único instrumento de participação dos países em desenvolvimento no mercado de carbono.

Em continuidade à implementação da governança climática mundial, o Acordo de Paris, em 2015, estabeleceu como a principal meta manter o aumento da temperatura do planeta abaixo dos 2°C. Houve consenso no sentido de que a adaptação e a adequação ao câmbio climático seriam prioridades, assim como as ações de mitigação de riscos e fortalecimento da resiliência comunitária.

A ciência do clima global, por meio do Painel Intergovernamental para Mudanças Climáticas (ou IPCC), comprometida com o assessoramento e monitoramento do conhecimento relacionado às mudanças climáticas, realizou, ao longo de 35 anos, pesquisas que concluíram pela certeza científica a respeito das mudanças climáticas. O sexto relatório do IPCC, publicado em fevereiro de 2022,<sup>24</sup> afirmou que a influência humana é o principal fator das alterações na neve, no gelo, nos oceanos, na atmosfera e no solo; e que as mudanças já impactam todas as regiões do planeta, com significativos riscos para a população

**LEON JEAN BAPTISTE SABATIER** (c.1827-1887)  
*Cascatinha da Tijuca*, 1830/1839  
 Litogravura sobre papel, 33 × 24 cm  
 Coleção Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro

<sup>22</sup> TAYRA, Flávio. “A relação entre o mundo do trabalho e o meio ambiente: limites para o desenvolvimento sustentável”. *Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*, Barcelona, v.VI, n.119, ago. 2002, p.72.

<sup>23</sup> Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente. *Nosso futuro comum*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1991. p.56.

<sup>24</sup> Disponível em: <https://www.ipcc.ch/report/ar6/wg2/>. Acesso em: 5 maio 2022.



mundial, sobretudo quanto à segurança hídrica e alimentar, e para a biodiversidade. Destaca, ademais, que entre 3,3 e 3,6 bilhões de pessoas vivem em regiões altamente vulneráveis aos impactos das mudanças climáticas.

A crise climática de projeção mundial e os consequentes riscos para todas as formas de vida no planeta foram destacados pelo Secretário-Geral da Nações Unidas, o português António Guterres, durante a Reunião do Clima de Abu Dhabi, em junho de 2019: “Estamos aqui porque o mundo está a enfrentar uma grave crise climática. A rutura do clima está a acontecer agora e está a acontecer com todos nós. Estamos numa batalha pelas nossas vidas. Mas é uma batalha que ainda podemos vencer.”<sup>25</sup>

Conectando os dados científicos com a nossa realidade, vale perguntar qual o papel do Brasil no jogo climático. O Brasil possui um dos ativos mais valiosos no processo de descarbonização: as florestas e, em razão desse capital natural, são produzidas soluções baseadas na natureza. Ressalta-se que 85% da matriz energética brasileira é limpa, e que já estão em execução, no país, novos processos de produção de alimentos, como as agroflorestas e a integração lavoura-pecuária-floresta como meio de produção sustentável. Há, ainda, novas tecnologias para a obtenção de energia renovável, como a solar e a eólica.

O potencial brasileiro para as negociações climáticas de carbono sempre foi reconhecido pelo mercado. Desde a certificação do primeiro projeto de crédito de CO<sub>2</sub>, em 2002, resultante de uma parceria entre o Banco Mundial e a indústria siderúrgica Plantar S.A., situada em Minas Gerais, houve avanços e retrocessos políticos e diplomáticos no mercado global de comercialização de carbono. Contudo, o fato de o Brasil ainda não possuir regulação para o mercado de carbono sinaliza a falta de vontade política do governo brasileiro em assumir uma agenda verde, coincidindo com os dados que indicam que o desmatamento ilegal das florestas brasileiras continua.

Em 2021, pressões econômicas, dos consumidores e dos investidores pela descarbonização e a realização da 26ª Conferência das Partes da Convenção da ONU sobre Mudanças do Clima e do Acordo de Paris mobilizou a criação de instrumentos para a ampliação do mercado de carbono com abrangência global. Ações climáticas inovadoras dos Estados-membros para a manutenção do equilíbrio do clima até o fim do século poderão interferir, inclusive, nas relações econômicas entre os países, como ocorre com a incidência do imposto de carbono de fronteira (*Carbon Border Adjustment Mechanism*, ou CBAM), criado pela União Europeia e que impõe taxaço sobre produtos importados de países que não possuem regulação de precificação de carbono.

Por outro lado, houve uma reorientação do setor produtivo mundial, concretizado no comprometimento voluntário não só com a neutralização das emissões de CO<sub>2</sub>, mas também com a meta de se tornarem *net zero*, o que impõe a compensação das emissões diretas e indiretas de toda a cadeia produtiva e de consumo, além de incluir os lançamentos gerados por fornecedores, terceirizados e clientes.

Percebe-se atualmente um forte movimento das empresas brasileiras na direção da regulação do mercado de carbono. Em 29 de março de 2022, reuniram-se oitenta CEOs, integrantes do Conselho Empresarial para o Desenvolvimento Sustentável (CEBDS), com o presidente da COP26, Alok Sharma, com o propósito de discutirem métodos que visem o cumprimento das metas climáticas e ações concretas contra o aquecimento global.<sup>26</sup> No calor dos debates, o protagonismo brasileiro no mercado de CO<sub>2</sub> foi realçado, registrando-se que o

<sup>25</sup> Disponível em: <https://unric.org/pt/mundo-espera-solucao-para-alteracoes-climaticas-diz-ban-ki-moon-7/>. Acesso em: 5 maio 2022.

<sup>26</sup> Ver: “Executivos brasileiros voltam a se reunir com presidente da COP26”. *Folha de S. Paulo*, 27 mar. 2022, coluna Paineis S.A. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/painelsa/2022/03/executivos-brasileiros-voltam-a-se-reunir-com-presidente-da-cop26.shtml>. Acesso em: 5 maio 2022.



Brasil será um dos maiores geradores de crédito de carbono.<sup>27</sup> Aliando-se à tendência do crescimento das negociações climáticas, o último relatório do Banco Mundial (2021) aponta que o valor do carbono subirá consideravelmente nos próximos anos, incentivando a execução dos projetos de redução de emissões.<sup>28</sup>

#### Estratégias para a criação de uma agenda verde comum entre Brasil e Portugal

Ante as reflexões aqui apresentadas, podemos concluir que o câmbio climático é a dimensão mais urgente da crise ambiental do século XXI, sobretudo porque assistimos à deterioração progressiva da cooperação internacional no cumprimento das metas prioritárias para a redução da emissão de CO<sub>2</sub> à atmosfera. Como acreditar que caberá à humanidade conviver com um futuro sombrio e os aspectos nefastos de uma luta insana pela sobrevivência?

Nossa visão prospectiva acredita na possibilidade de construção de uma agenda verde comum entre Brasil e Portugal. Não pretendemos, com esta breve análise, substituir os estudiosos do futuro e, muito menos exaurir o tema. Entretanto, como demonstrado até o presente momento, as tendências históricas, assim como os sistemas sociais, econômicos e naturais destes dois países, apontam para possibilidades hipotéticas que nos permitem identificar futuros possíveis orientando uma nova forma de atuar hoje.

**LUIZ ZERBINI**

Rio Doce, 2019  
Cerâmica faiança, 42 × 34 × 8,7 cm  
Foto VivaFoto

*Concebida a partir da residência de Zerbini no Parque Industrial criado pelo artista português Rafael Bordallo Pinheiro, em Caldas da Rainha, Portugal. Registra o acidente da barragem de rejeitos de minério de ferro de Mariana, Minas Gerais, com consequências para o Rio Doce.*

<sup>27</sup> Ver: “Brasil vai ser o maior gerador de crédito de carbono”, diz Wilson Ferreira Jr.” *O Estado de S. Paulo*, 30 mar. 2022. Disponível em: <https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,sonia-racy-cenarios-wilson-ferreira-junior-credito-carbono,70004023719>. Acesso em: 5 maio 2022.

<sup>28</sup> Disponível em: <https://openknowledge.worldbank.org/handle/10986/35620>. Acesso em: 5 maio 2022.

As relações entre Brasil e Portugal têm 522 anos. Estamos vinculados por um idioma comum, culturalmente interligados e conectados pela ancestralidade luso-brasileira. Geograficamente, as duas nações guardam enormes distinções físicas e dimensões territoriais. A disparidade populacional é muito grande: enquanto o Brasil registra uma projeção populacional de mais de 211 milhões de habitantes, Portugal possui 10,3 milhões de residentes, segundo o censo de 2021.

Dificuldades históricas e, sobretudo, as cicatrizes do colonialismo marcaram certo distanciamento entre os dois países na contemporaneidade, colocando-os em lados opostos. Contudo, ao retirar do debate as paixões, os traumas e os saudosismos, percebemos a potência do intercâmbio tecnológico, econômico e de mercado entre as duas nações, possibilitando a inserção conjunta do Brasil e de Portugal no enfrentamento da crise global climática.

No passado, houve várias tentativas de se estabelecer relações comerciais entre Brasil e Portugal, inclusive negociações em favor de uma área de livre-comércio, sinalizando a existência de um ânimo de cooperação. Aspectos como a democratização de ambos os países, a inserção de Portugal na União Europeia, a inversão do fluxo migratório e os fortes investimentos do empresariado português na economia brasileira demonstraram uma nova relação diplomática e comercial, a partir do fim do século XX, culminando com a celebração do Tratado de Amizade, Cooperação e Consulta entre os dois governos, promulgado pelo Decreto Federal nº 3.927.<sup>29</sup>

Portanto, a construção de um novo diálogo pautado por uma agenda verde comum vai além do fortalecimento das relações diplomáticas e comerciais e se inicia, primeiramente, com o estabelecimento da comunicação entre as academias brasileira e portuguesa, possibilitando uma maior cooperação universitária, com a sistematização do conhecimento e a estruturação de objetivos estratégicos compartilhados na direção de uma economia sustentável, engendrando uma forma inovadora de pensar, criar e influir nos vínculos mercantis entre os dois países.

Desastres de causas naturais, entre eles a pandemia de covid 19, estão se tornando cada vez mais recorrentes e fatais diante das desigualdades sociais, impondo mudanças profundas e radicais na forma de pensar e viver o cotidiano. Desse modo, a conscientização da opinião pública sobre as mudanças climáticas e a cooperação possível entre Brasil e Portugal no enfrentamento da crise climática, com vistas a um futuro sustentável, propiciarão o alargamento do conhecimento e a circulação dos dados e informações atuais contendo diretrizes sociais, ambientais, econômicas e políticas, induzindo a formação de uma nova consciência e conseqüentemente a percepção coletiva da crise planetária e do papel de cada um nas reivindicações por direitos e políticas públicas.

Outro importante incremento a propiciar a construção de uma agenda verde é a atual tendência do mercado financeiro, que consiste na implantação da avaliação ESG (*Environmental, Social and Governance*), que pode ser compreendida como gestão empresarial sustentável, com o emprego de melhores práticas ambientais, sociais e de governança. O conceito ESG traz ínsito o compromisso empresarial para além do lucro, com responsabilidades socioambientais que preservem a qualidade de vida para as gerações atuais e futuras.

Falar sobre o câmbio climático é falar sobre demanda por água, alimento e energia para uma população cuja projeção mundial para 2050 é de 9 bilhões de pessoas. Em vista disso, e diante das condições favoráveis para uma

cooperação entre Brasil e Portugal, com o objetivo de garantir o desenvolvimento sustentável nesses dois países, serão necessários investimentos sustentáveis na produção de alimentos: lavoura-pecuária-floresta e agroflorestas, economia de baixo carbono, soluções climáticas de desenvolvimento e tecnologia voltadas para a geração de energia limpa.

A mudança do clima já avançou para o estágio das emergências climáticas, diante dos recorrentes desastres ocorridos nos últimos anos, com graves repercussões para a segurança humana. Assim, o enfrentamento às ameaças e aos perigos exigem não só tecnologias inovadoras ou acordos de cooperação entre as nações, mas também a mudança de valores, de cada indivíduo e de cada Estado, na direção de uma civilização global democrática, com consciência histórica e capacidade coletiva para a concretização de ações sinérgicas para a manutenção da vida em todas as suas formas, o que nos coloca de frente com o “Paradoxo de Giddens”:

Os perigos representados pelo aquecimento global não são palpáveis, imediatos ou visíveis no decorrer da vida cotidiana, por mais assustadores que se afigurem, muita gente continua sentada, sem fazer nada de concreto a respeito. No entanto, esperar que eles se tornem visíveis e agudos para só então tomarmos medidas sérias será, por definição, tarde demais.<sup>30</sup>

#### **Considerações finais: “salvar nossa gente”**

A história é uma ferramenta de construção da identidade de um país. No caso brasileiro, nossa história recente ainda reverbera o trauma da ocupação do território. As cicatrizes do colonialismo estão em todos nós, certamente mais em uns do que em outros. Ainda que poucos as vejam, as desigualdades brasileiras e mundiais nos sinalizam o caminho a ser trilhado até o ideal de uma sociedade sustentável. O Brasil é uma nação rica, com um valoroso capital natural, e que pode contribuir não só com o diálogo climático internacional, mas também com práticas tecnológicas e iniciativas efetivas na “virada de jogo”, reorientando nossa direção rumo ao desenvolvimento humano e sustentável.

Sem nos aprisionarmos a uma percepção ingênua, poética ou otimista ao ressaltar as condições favoráveis que unem Brasil e Portugal e a possibilidade de cooperação por meio de uma agenda verde comum, esta reflexão funciona como um ponto a ser puxado para o aprofundamento acerca da necessidade emergencial do novo, que tenha a capacidade de afastar o pensamento consolidado e invadir mentes e sistemas públicos e privados, em uma grande teia, na proteção da vida, enquanto valor.

A carta de Pero Vaz de Caminha, em que reconhece o povo originário como o “melhor fruto” da expedição de Cabral, é considerada por muitos a “certidão de nascimento” do Brasil. A perspectiva de “salvar esta gente”, como valor da época, avança cinco séculos na história e mostra a urgência de um novo olhar para a “nossa gente”, como integrantes de uma mesma estrutura planetária e submetidos ao mesmo ecossistema.

“Salvar a nossa gente” é um grito de resistência, uma forma política de nos expressarmos no mundo, ao mesmo tempo que compartilhamos dados e informações que, sem alarmismo, possam fazer ecoar o alerta dos povos tradicionais, dos socialmente mais vulneráveis, dos cientistas e dos conscientes ambientais para a ética do cuidado humano, do princípio da precaução e da responsabilidade intergeracional.

<sup>29</sup> CERVO, Amado; Calvet de Magalhães, José. *Depois das caravelas. As relações entre Portugal e Brasil, 1808-2000*. Brasília: Editora Unb, 2000.

<sup>30</sup> GIDDENS, Anthony. *A política da mudança climática*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000, p.20.



**LEANDRO JOAQUIM** (1738- 1798)  
*Lagoa do Boqueirão e Aqüeduto da Carioca*, séc. XVIII  
 Pintura sobre madeira, 96 × 126 cm  
 Coleção Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro  
 Foto Jaime Acioli

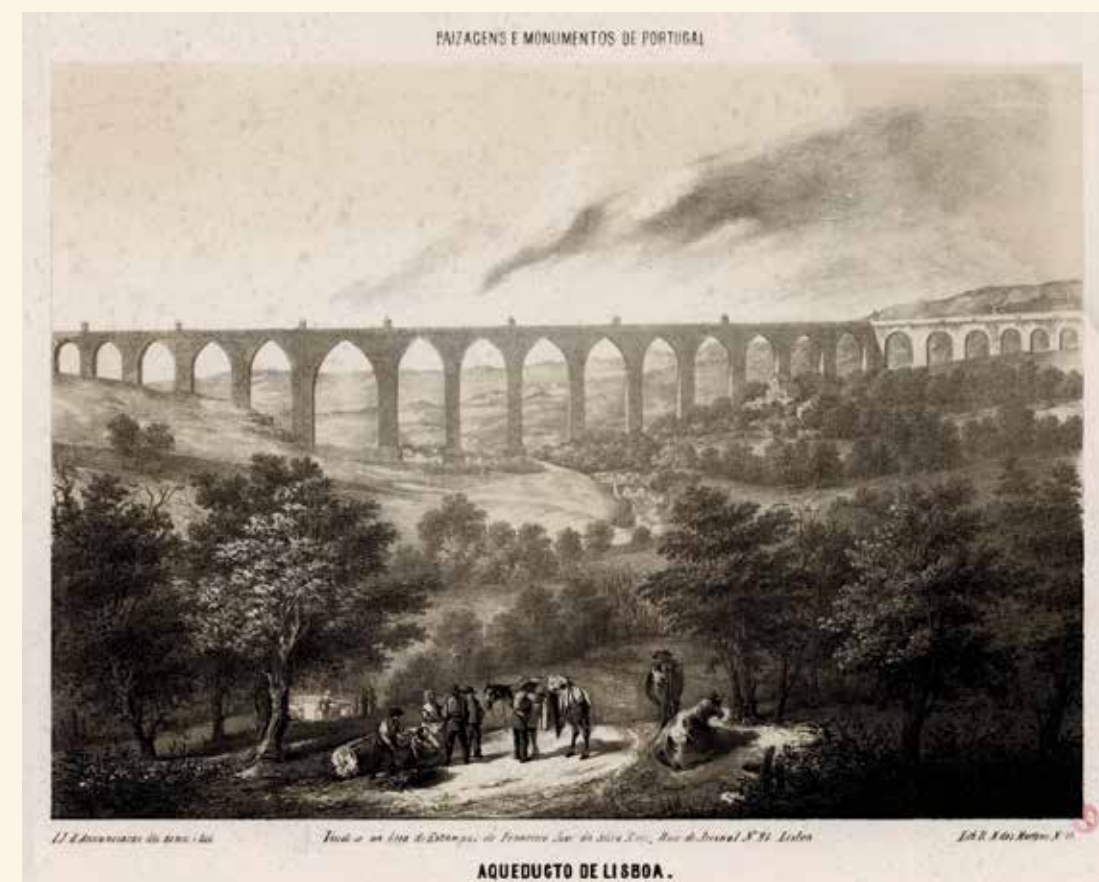


**JEAN-BAPTISTE DEBRET** (1768-1848)  
*Escravo tigre*, c. 1820-1830  
*Máscara que se usa nos negros que têm o hábito de comer terra*  
 Aquarela, 18,7 × 12,5 cm  
 Coleção Museu Castro Maia, Rio de Janeiro  
 Foto Horst Merkel

O rio Carioca, que desce a Floresta da Tijuca, foi, desde a fundação da cidade do Rio de Janeiro, uma das fontes de abastecimento de água potável para a cidade. A partir do início do século XVII, diversos estudos foram elaborados para a distribuição das águas, com a construção de canalização em diversas ruas centrais, como a antiga rua do Cano – hoje rua Sete de Setembro –, que ainda no século XVII tinha tubulação de água potável, com registros de vazamentos. Em 1718, o governador da província, Antônio de Brito Freire de Menezes, decidiu pela construção do Aqüeduto da Carioca, com o objetivo de levar água até o Chafariz da Carioca, então localizado no atual Largo Carioca e inspirado no Aqüeduto das Águas Livres, em fase de projeto, à época, para abastecer Lisboa.

D. João V mandou construir o Aqüeduto das Águas Livres, cujo ponto inicial é a nascente das Águas Livres, em Belas, Sintra. O sistema de abastecimento da capital portuguesa é um complexo sistema de captação, adução e distribuição que chegou a 47 quilômetros de extensão e que se valia da ação da gravidade para levar a água da nascente até a capital. Sua construção de fato foi iniciada em 1740 e concluída, em sua etapa inicial, em 1748, resistindo ao terremoto de 1755. O Aqüeduto recebeu sucessivos reforços e foi ampliado até fins do século XIX.

O sistema português, bem mais complexo e robusto que o brasileiro, tinha trechos em aquedutos e outros em galerias subterrâneas. Dentre os vários



aquedutos, destaca-se o chamado Aqüeduto de Alcântara, com extensão de 941 metros e arcos em ogiva. É o mais conhecido e preservado.

Tanto Lisboa quanto o Rio de Janeiro utilizaram os chafarizes, localizados em pontos estratégicos, para oferecer acesso à água. Normalmente, esses chafarizes tinham áreas para as lavadeiras, para os animais e para a população em geral, que mandava os escravos buscarem água para as residências. Havia, ainda, alguns escravos que se dedicavam a vendê-la.

Não havia infraestrutura de saneamento na capital brasileira. Além do fornecimento de água pelo aqueduto, inexistia um sistema de esgoto. A retirada dos dejetos humanos era também trabalho dos escravos, os chamados “tigres”, que recebiam tal designação porque “parte do conteúdo, que continha ureia e amônia, vazava dos tonéis e deixava marcas brancas sobre a pele negra, parecidas com listras. Por essa reação química, as marcas se pareciam com as do animal – daí o apelido em tom pejorativo dos ‘tigres’ ou ‘tigrados’”<sup>1</sup>

A ausência desses serviços básicos tornava a cidade do Rio de Janeiro insalubre, e sua população, sujeita a inúmeras doenças. Apenas no início do século XX, com a renovação urbana empreendida pelo prefeito Pereira Passos, é que a infraestrutura urbana passa a ser priorizada. Aliada à ação do médico e microbiologista Oswaldo Cruz, com campanhas bem-sucedidas de combate às principais doenças da então capital federal – febre amarela, peste bubônica e varíola –, a cidade alcança níveis aceitáveis de sanitização.

**TOMÁS JOSÉ DA ANUNCIÇÃO** (1818-1879)  
*Aqüeduto de Lisboa*, c.1850  
 Litografia, 24 × 33,5 cm  
 Lisboa: Lithographia R. N. dos Martyres, nº 14  
 Acervo Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa

<sup>1</sup> PEREIRA, Vinicius. “Quem eram os escravos ‘tigres’, marcantes na história do saneamento básico no Brasil”, BBC News.



# Apontamentos sobre a experiência político-religiosa brasileira

Durante um longo período da História, o Estado e a religião caminharam de mãos tão entrelaçadas que não se podia conceber aquele sem a influência dos dogmas desta, cuja autoridade geralmente se sobrepunha à estatal, norteados os rumos a serem tomados.

Na experiência brasileira, a relação Estado-Igreja ocorreu com a adoção da cristandade, e remonta à época colonial, onde se destacam a instituição das “missões” e o regime do padroado. Henrique Cristiano José Matos define cristandade como a “utopia de construir uma sociedade integralmente cristã, ou seja, a religião cristã deve penetrar todos os segmentos da vida tanto do cidadão como da coletividade”. Prossegue o autor ao observar que:

Na perspectiva teológica, então em vigor, seria a realização do Reino de Deus, já aqui na terra! Nesse projeto político-religioso, o poder civil e o poder eclesiástico trabalham juntos numa íntima união de forças, em que os limites e competências de cada um não são bem definidos. Temos aqui um modelo histórico de sociedade, rigidamente organizado, no qual todas as esferas aparecem como “sacralizadas”, tendo o seu ponto de convergência na pessoa do monarca.

Em verdade, atribui-se à religiosidade parte do sucesso da Coroa portuguesa em controlar suas colônias e manter um reino (ou império, como sugere a literatura) coeso e universal, preservando-se a centralidade da metrópole, com controle suficiente das periferias. Assim se posiciona a pesquisadora Laura de Mello Souza, quando afirma que a vertente religiosa do Reino de Portugal (em sua linguagem, Império Português) é o que melhor simboliza o aspecto de universalidade de tal experiência, tendo a Igreja Católica sido responsável por fornecer o arcabouço principiológico e dogmático utilizado pelo regime. Nesse aspecto, sobressaltam-se as missões religiosas no papel de aglutinação de cada desmembramento do Reino, mantendo-se a coesão e a liga do todo como ente unitário e consolidado.

O projeto missionário foi, sobretudo, um projeto de continuidade da hegemonia da Coroa portuguesa sobre suas colônias. Ao mudar o paradigma de expansão colonialista e do processo de formação histórica, introduzindo a finalidade de promoção e disseminação da fé católica, fundiram-se as dimensões política, religiosa e cultural, o que, a sua vez, proporcionou a vantagem da adaptabilidade à experiência portuguesa.

**THEOPHILO ANTONIO MIGUEL FILHO**

Desembargador Federal do Tribunal Regional Federal da Segunda Região

Gravura do livro *Vida do apostólico padre António Vieira da Companhia de Jesus, chamado por antonomasia “O Grande”, aclamado no mundo por príncipe dos oradores evangélicos, pregador incomparável dos augustíssimos reis de Portugal, varão esclarecido em virtudes, e letras divinas, e humanas, restaurador das missões do Maranhão, e Pará*, de André de Barros. Lisboa: Nova Officina Sylviana, 1746. Acervo do Real Gabinete Português de Leitura



**JEAN-BAPTISTE DEBRET** (1768-1848)  
*Aclamação de d. Pedro I*, Imperador do Brasil,  
 no Campo de Santana, Rio de Janeiro, em 12 de  
 outubro de 1822  
*Voyage pittoresque et historique au Brésil*  
 Litografia de Thierry Frères  
 Acervo Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro

Com o compromisso do padroado, o Rei de Portugal investiu-se do poder divino e reuniu em si as funções de chefe político e de representante do Papa (“Vigário de Cristo na Terra”), inclusive para as colônias mantidas além do recorte marítimo, como o Brasil. Despontam como mecanismos utilizados no regime do padroado, as nomeações eclesiásticas, a sustentação do clero, o envio de missionários e a cobrança do dízimo. Como consequência do padroado, instituiu-se o primeiro bispado no Brasil, por meio da Bula *Super Specula Militantis Ecclesiae*, de 1551, do Papa Júlio III.

Nas palavras de Henrique Cristiano José Matos,<sup>5</sup> “[a] união entre Igreja e Estado, em virtude do [P]adroado, criava na realidade uma total dependência em relação à Coroa. Pelo juramento de fidelidade todos os eclesiásticos submetiam-se oficialmente à autoridade “sagrada” do rei”. Entretanto, aponta também o autor como o regime foi se deturpando, a ponto de instituir no Brasil uma “política de favores”, de modo a concluir que, ao final, não haveria o Padroado sido realmente benéfico à Igreja e à sua missão.<sup>6</sup>

Mesmo com a declaração de Independência, em 1822, e com a outorga da primeira Constituição Imperial do Brasil (*Constituição Política do Império do Brasil*), em 1824, o regime do Padroado se manteve, adotando-se a religião católica apostólica romana como a oficial do Império.<sup>7</sup>

Apenas com a República, por intermédio do Decreto nº 119-A, de 7 de janeiro de 1890,<sup>8</sup> deu-se a extinção do padroado, oportunidade em que também se declarou a separação entre Estado e Igreja, com a destituição da religião

oficial e com a proibição de intervenção de autoridade estatal (federal ou dos estados) em matéria religiosa. O referido decreto é, pois, o marco legal do estado laico na experiência brasileira.

A Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil, de 24 de fevereiro de 1891,<sup>9</sup> cuidou de confirmar a decisão de laicidade transposta pelo Decreto nº 119-A, de 1890, como desponta de seu artigo 11, II, e do artigo 72, e parágrafos (Seção II, do Título IV, da *Declaração de Direitos*), posteriormente modificados pela Emenda Constitucional de 3 de setembro de 1926.

Mister destacar que a referida Carta se perfaz resposta diametralmente oposta à ordem política do Império – fundada em um Estado eminentemente católico –, de modo que, forjada em contexto de ascensão do liberalismo, retirou qualquer religiosidade ou caráter ecumênico de seu preâmbulo<sup>10</sup> quando, mesmo, assumiu posturas um tanto rígidas em relação às instituições religiosas. A título de ilustração, a proibição do alistamento eleitoral dos “religiosos de ordens monásticas, companhias, congregações ou comunidades de qualquer denominação, sujeitas a voto de obediência, regra ou estatuto que importe a renúncia da liberdade individual” (artigo 70, §1º, IV).<sup>11</sup>

Com a Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988, tem-se a concretização da liberdade religiosa em um Estado Democrático de Direito, liberdade essa transportada ao altiplano de direito fundamental. O Estado é laico, mas não ateu. Assim, em que pese não adote o Estado uma religião oficial, estando o cidadão livre para profetizar ou não uma ou qualquer religião, o preâmbulo constitucional invoca a proteção de Deus.<sup>12</sup>

Ocorre que, mesmo em um estado democrático e laico, em que a liberdade e a pluralidade religiosas são asseguradas a todos, sem distinção, surgem conflitos concretos que, na perspectiva jurídica, podem ser interpretados como colisão aparente de princípios envolvendo, de um lado, a referida liberdade religiosa.

Nesse diapasão, relembra-se julgado do Tribunal Regional Federal da 2ª Região (TRF2), em sede de mandado de segurança impetrado por uma fiel da Igreja Adventista do Sétimo Dia que, insurgindo-se contra certa norma de um concurso público que determinava o horário de realização das provas coincidindo com período em que sua religião não permite sejam feitas quaisquer atividades (antes do pôr do sol de sábado), acionou o Judiciário para assegurar o direito que entendia ter, com base na garantia de liberdade religiosa, de fazer as provas em horário diverso daquele estipulado para todos os outros candidatos.<sup>13</sup>

A referida corte deu provimento ao agravo de instrumento da parte demandada para reformar a sentença e denegar a segurança, com base a jurisprudência do Superior Tribunal de Justiça (STJ).<sup>14</sup>

De modo geral, tanto a administração pública quanto o Poder Judiciário têm dado interpretação semelhante, no sentido de privilegiar o princípio da isonomia quando da ponderação dos valores em jogo nessas questões.

Por causa da inexistência de lei federal que permita tratamento diferenciado para os crentes adventistas do sétimo dia, de modo que possam ter suas faltas escolares abonadas (por não estarem presentes nas aulas/provas entre 18h de sexta-feira e 18h de sábado), ou permitir que façam seus exames em horário especial nos concursos públicos, alguns estados da federação têm legislado determinando que as provas de concursos públicos sejam realizadas de domingo a sexta-feira, entre as 8 e 18h. Exemplo de tal atividade é a Lei nº 12.142/2005, do Estado de São Paulo.<sup>15</sup>



Constituição do Império do Brasil de 1824  
 Acevo Arquivo Nacional, Rio de Janeiro



**TITO FRANCO D'ALMEIDA** (1829-1899)  
*A igreja no estado*  
 Rio de Janeiro: Typographia Perseverança, 1874  
 Acervo Real Gabinete Português de Leitura



**JOAQUIM SALDANHA MARINHO (GANGANELLI)** (1816-1895)  
*A igreja e o estado*  
 Rio de Janeiro: Typographia Imperial e Constitucional de J. C. de Villeneuve & C., 1873  
 Exemplar autografado pelo autor,  
 acervo Real Gabinete Português de Leitura

Também em razão da inexistência de amparo legal que fundamenta o abono de faltas daqueles que alegam motivo religioso para justificar a ausência, o Conselho Federal de Educação, a Câmara de Educação Básica e a Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação deram pareceres entendendo que, nesses casos, os alunos terão suas faltas registradas normalmente, sendo considerados, portanto, faltosos. Citam especificamente os adventistas do sétimo dia, esclarecendo que eles não poderão ter tratamento diferenciado dos demais, em função de suas convicções religiosas. Acrescentam que as instituições de ensino que assim o desejem, poderão organizar um calendário acadêmico especial, diferenciado, para acomodar as peculiaridades dos adeptos desse credo, desde que observem o número mínimo de 200 dias de efetivo trabalho acadêmico, ou seja, dias letivos.

O Supremo Tribunal Federal, ao julgar casos semelhantes, também usa da ponderação de valores para concluir pela aplicação do princípio da isonomia como melhor solução. A decisão do ministro Gilmar Mendes no julgamento de um pedido de suspensão de tutela antecipada (STA 389/SP)<sup>16</sup> aborda o tema com clareza, fazendo dela um excelente exemplo:

Agravo Regimental em Suspensão de Tutela Antecipada. 2. Pedido de restabelecimento dos efeitos da decisão do Tribunal *a quo* que possibilitaria a participação de estudantes judeus no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) em data alternativa ao *Shabat*. 3. Alegação de inobservância ao direito fundamental de liberdade religiosa e ao direito à educação. 4. Medida acautelatória que configura grave lesão à ordem jurídico-administrativa. 5. Em mero juízo de delibação, pode-se afirmar que a designação de data alternativa para a realização dos exames não se revela em sintonia com o princípio da isonomia, convolvando-se em privilégio para um determinado grupo religioso. 6. Decisão da Presidência, proferida em sede de contracautela, sob a ótica dos riscos que a tutela antecipada é capaz de acarretar à ordem pública. 7. Pendência de julgamento das Ações Diretas de Inconstitucionalidade nº 391 e nº 3.714, nas quais este Corte poderá analisar o tema com maior profundidade. 8. Agravo Regimental conhecido e não provido. (STA 389 AgR, relator(a): Gilmar Mendes (presidente), tribunal pleno, julgado em 03/12/2009, DJe-086 Divulg 13-05-2010 Public 14-05-2010 Ement Vol-02401-01 PP-00001 RTJ Vol-00215-01 PP-00165 RT v. 99, n. 900, 2010, p. 125-135).

Há de se ter cautela com a medida da flexibilidade da Administração Pública diante dessas questões, para evitar distorções, como se vê em outro julgado do STF, sob relatoria também do ministro Gilmar Mendes, em mandado de segurança (MS 29992/DF)<sup>17</sup> com pedido de medida liminar, no qual o impetrante pleiteava, por motivo religioso, a alteração da data de sua convocação para a prova prática no concurso público promovido pelo Ministério Público da União. Ficou demonstrado que o impetrante intentava, na verdade, uma nova oportunidade por não se ter inscrito dentro do período previsto no edital do certame. A invocação do motivo religioso era tão somente um subterfúgio para reverter os efeitos de sua própria negligência.

Agravo regimental em mandado de segurança. 2. Concurso público. MPU. 3. Atendimento especial por motivo de crença religiosa. Requerimento realizado pelo candidato fora do prazo previsto no instrumento editalício. 4. O edital é a lei do certame e vincula tanto a Administração Pública quanto os candidatos.



5. Ausência de argumentos suficientes para infirmar a decisão agravada. 6. Agravo regimental a que se nega provimento. (MS 29992 AgR, relator(a): Gilmar Mendes, segunda turma, julgado em 13/09/2011, processo eletrônico DJe-187 Divulg 28-09-2011 Public 29-09-2011)

*Alegoria da Primeira Missa*  
 Medalhão em prata, s.d.  
 Doação de Joaquim de Oliveira e esposa,  
 Santa Maria da Feira  
 Acervo Real Gabinete Português de Leitura

Já no julgamento de um pedido de investigação de paternidade, que teve como relator o desembargador Fernando Foch, o Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro (TJ/RJ) enfrentou um caso de aparente conflito de direitos fundamentais envolvendo dogmas religiosos judaicos.<sup>18</sup>

A aplicação do enunciado nº 301 da súmula do STJ foi a solução encontrada para preservar os direitos fundamentais nesse conflito. O enunciado da jurisprudência da Corte Superior permite o reconhecimento da presunção *juris tantum* de paternidade, diante da recusa do suposto pai a submeter-se ao exame de DNA, em sede de ação de investigação de paternidade.

O judaísmo permite a exumação somente em três casos: para transportar o corpo até Israel; para sepultamento próximo aos parentes pré-mortos; para investigação de sepultura profanada. Fora dessas hipóteses não é aceita, por se tratar de violação do corpo, que é sagrado para os judeus. Se os julgadores determinassem o desenterramento, a família judia se sentiria ultrajada em suas convicções religiosas. Mas é preciso entregar uma prestação jurisdicional efetiva que acomode os valores em jogo. Daí a alternativa de aplicar o enunciado do STJ, considerando a paternidade por presunção. Se os réus não se sentirem confortáveis com a relatividade da suposição que fundamentou a decisão, podem reconsiderar a possibilidade de se submeterem ao exame de DNA.

Felizmente, vivemos em um Estado cujos conflitos por razões religiosas se resumem, em geral e ainda, à legalidade ou não dos feriados motivados pela manifestação da fé; da exposição de crucifixos nas paredes de repartições públicas; do choque entre dias de guarda religiosa e horários de aulas e exames em instituições públicas.

Com relação ao último aspecto (liberdade religiosa × calendário escolar/ concursos públicos), já vislumbramos os caminhos para as soluções possíveis. Sobre os crucifixos e as imagens de santos e divindades, o próprio art. 19, I, da Constituição da República parece bastante esclarecedor para quem deseja acomodar os direitos em jogo.<sup>19</sup>

Notável a ressalva apontada no inciso I, direcionando a questão para o interesse público, na forma da lei, fundamental para a administração pública. Embora o texto seja de singular clareza, podem ser aventadas algumas considerações para exemplificar o que poderia ser uma boa aplicação dessa norma.

Como o interesse público diz respeito à vontade da maioria, e, como ela é formada, no Brasil, por católicos, justifica-se a preservação da tradição dos crucifixos em imóveis públicos, prática que remonta aos tempos coloniais. Do mesmo modo que fica justificada a manutenção das esculturas e imagens dos orixás africanos colocadas em praças públicas baianas. Pela mesma razão, é de se compreender as encomendas de imagens de Maria, mãe de Jesus, e de outras figuras ligadas à fé, como as estátuas do Padre Cícero que encontramos em praticamente todos os municípios nordestinos.

Não há unanimidade sobre o tema da garantia do direito fundamental à liberdade religiosa, quando a vivência nos leva a ponderar, a partir de situações práticas, dando efetividade à Carta Constitucional, na medida da acomodação inclusiva dos valores envolvidos nos casos trazidos ao Judiciário. Ainda é campo que precisa ser explorado e traduzido em obras que nos acenem com teorias, correntes doutrinárias e jurisprudenciais, enfim, posições mais assertivas. Se necessário, que tais trabalhos científicos respaldem eventuais regulamentações normativas e atos administrativos (*lato sensu*) que venham no sentido da harmonização dos direitos, das garantias e das atitudes estatais e individuais, sempre com foco no bem comum sustentador da coletividade, que se colocou sob a proteção de Deus já nas primeiras linhas do documento que resguarda o Estado (teísta laico) de direito, escritas pelos representantes desse mesmo corpo social.

Autor desconhecido  
São Tiago Menor, c. 1600  
Terracota policromada. Rio de Janeiro, Mambucaba.  
Coleção Museu de Arte do Rio – MAR, doação Fundo  
Ronaldo Cezar Coelho  
Foto Thales Leite

O apóstolo está representado com peiots, os cachos usados pelos judeus. Mambucaba é um distrito de Angra dos Reis. Sabe-se que alguns judeus (cristão novos) ali vivam desde o Quinhentos, portanto esta deve ser a primeira representação de um judeu nas Américas. É anterior ao período da ocupação holandesa do Nordeste brasileiro pela Companhia das Índias Ocidentais (1630-1654). É ainda um raro documento colonial que comprova presença judaica no Brasil fora da história holandesa no Nordeste.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LOPES, José Reinaldo de Lima. *O Direito na História*. 2ª ed. São Paulo, Editora Max Limonad, 2002.

MENDES, Gilmar Ferreira. *Curso de Direito Constitucional*. 8ª ed. São Paulo, Editora Saraiva, 2013.

CANOTILHO, José Joaquim Gomes. *Direito Constitucional*. 5ª ed. Coimbra, Livraria Almedina, 1992.

SANDEL, Michael J. *Justiça – O que é fazer a coisa certa*. 9ª. Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira, 2012.

MORAES, Guilherme Peña. *Curso de Direito Constitucional*. 2ª ed. Niterói, Editora Impetus, 2008.

GUERRA, Sidney. *Direitos Humanos Curso Elementar*. São Paulo, Editora Saraiva.

MUTO, Eliza. “Símbolo do sincretismo religioso da Bahia”. *Revista História Viva*, pg. 97. Editra Duetto, Fevereiro 2004.

MATOS, Henrique Cristiano José. *Nossa história. 500 anos de presença da Igreja Católica no Brasil*. Tomo 1. “Período Colonial”. 3ª Edição. São Paulo: Paulinas, 2011.

*Um imenso Portugal. Império lusitano soube usar liberdade das elites locais e religião missionária para manter-se por cinco séculos*. Revista Pesquisa FAPESP. HAAG, Carlos. Edição nº 201. Novembro de 2012. Projeto *Dimensões do Império Português* (nº 2004/10367); Modalidade Projeto Temático; Coordenadora Laura de Mello Souza – USP. Disponível em Um imenso Portugal: Revista Pesquisa Fapesp. Visitado em 14/02/2022.

Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm) Visitado em 12/02/2022.

Estado de São Paulo. Lei nº 12.142/2005. Disponível em <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/2005/lei-12.142-08.12.2005.html> . Visitado em 12/02/2022.

MS 29992 AgR, Relator(a): Gilmar Mendes, Segunda Turma, julgado em 13/09/2011, Processo Eletrônico DJe-187 Divulg 28-09-2011 Public 29-09-2011.

Disponível em <https://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=TP&docID=1480908>. Visitado em 12/02/2022.

AG 200802010102377, Juiz Federal Convocado, Theophilo Miguel, TRF2 – Sétima Turma Especializada, DJU – Data:28/07/2008 – Página:119

Processo nº 0020927-31.2013.8.19.0000 – rel. Des. Fernando Foch, j. 18.09.2013 e p. 26.09.2013. Fonte: Gab. Des. Fernando Foch.

STA 389 AgR, Relator(a): Gilmar Mendes (Presidente), Tribunal Pleno, julgado em 03/12/2009, DJe-086 Divulg 13-05-2010 Public 14-05-2010 Ement Vol-02401-01 PP-00001 RTJ Vol-00215-01 PP-00165 RT v. 99, n. 900, 2010, p. 125-135. Disponível em <https://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=AC&docID=610995>. Visitado em 12/02/2022.

<http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/16241/16241.PDF> . Visitado em 12/02/2022.

<http://www.tjrrj.jus.br/documents/10136/1445158/boletim-do-servico-de-difusao-154.pdf> . Visitado em 12/02/2022.

## NOTAS

**1** Doutor em Direito pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Mestre em Direito da Administração Pública pela Universidade Gama Filho, Especialista em Direito Processual Civil e Direito Sanitário pela Universidade de Brasília, Bacharel em Teologia e Professor Adjunto da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (Direito Processual Civil, Direito Internacional Privado e Improbidade Administrativa), Coordenador Científico da Comissão de Direito Internacional da Escola de Magistratura Regional Federal (Emarf) do Tribunal Regional Federal – 2ª Região. Possui Curso de Extensão em Propriedade Intelectual pela PUC/RJ.

**2** MATOS, Henrique Cristiano José. *Nossa história. 500 anos de presença da Igreja Católica no Brasil*. Tomo 1. *Período Colonial*. 3ª Edição. São Paulo: Paulinas, 2011. Página 97.

**3** Idem.

**4** *Um imenso Portugal. Império lusitano soube usar liberdade das elites locais e religião missionária para manter-se por cinco séculos*. Revista Pesquisa FAPESP. HAAG, Carlos. Edição nº 201. Novembro de 2012. Projeto *Dimensões do Império Português* (nº 2004/10367); Modalidade Projeto Temático; Coordenadora Laura de Mello Souza – USP. Disponível em *Um imenso Portugal, Revista Pesquisa Fapesp*. Visitado em 14/02/2022.

**5** MATOS, Henrique Cristiano José. *Nossa história. 500 anos de presença da Igreja Católica no Brasil*. Tomo 1. *Período Colonial*. 3ª Edição. São Paulo: Paulinas, 2011. Página 103.

**6** “Nascido para favorecer a catequese e a implantação da Igreja nas ‘novas terras’, o *padroado*, na realidade, degenerou-se frequentemente num sistema opressivo, perdendo assim seu significado religioso. Limitou em muito a ação evangelizadora da Igreja, asfixiou iniciativas pastorais, arrefeceu o entusiasmo pela religião e reduziu a criatividade de muitos obreiros no campo missionário. Contribuiu para o surgimento de uma mentalidade de conformismo e acomodação entre pastores e fiéis. [...] Por fim, o regime do *padroado* criou no Brasil uma cultura de favores por parte dos ‘grandes’, em detrimento da luta pelos legítimos direitos dos indivíduos e grupos sociais. Efetivamente, na cristandade colonial toda a sociedade era estruturada na base de privilégios e compadrios. [...] Em suma: analisando com imparcialidade dos fatos históricos [...] a instituição do *padroado* não foi benéfica para a igreja e sua missão evangelizadora. [...] A posição privilegiada, monopolista e protegida do catolicismo na colônia portuguesa do Brasil constitua, na realidade, em cárcere de ouro, nascedouro de permanente tensão e conflito entre os ‘dois poderes’, sempre em frágil equilíbrio. Tirou também da igreja um aspecto essencial de sua missão histórica: o profetismo, exercido no anúncio e na denúncia da verdade evangélica. P. 107 a 110.

**7** “Art. 5. A Religião Catholica Apostolica Romana continuará a ser a Religião do Império. Todas as outras

*Religiões serão permitidas com seu culto doméstico, ou particular em casas para isso destinadas, sem fórma alguma exterior do Templo.*” Constituição Política do Império do Brazil. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil\_03/constituicao/constituicao24.htm . Visitado em 15/02/2022.

**8** “Art. 1º E’ proibido á autoridade federal, assim como à dos Estados federados, expedir leis, regulamentos, ou actos administrativos, estabelecendo alguma religião, ou vedando-a, e crear differenças entre os habitantes do pais, ou nos servíços sustentados á custa do orçamento, por motivo de crenças, ou opiniões philosophicas ou religiosas. Art. 2º a todas as confissões religiosas pertence por igual a facultade de exercerem o seu culto, regerem-se segundo a sua fé e não serem contrariadas nos actos particulares ou publicos, que interessem o exercicio deste decreto. Art. 3º A liberdade aqui instituida abrange não só os individuos nos actos individuaes, sinão tabem as igrejas, associações e institutos em que se acharem agremiados; cabendo a todos o pleno direito de se constituirem e viverem collectivamente, segundo o seu credo e a sua disciplina, sem intervenção do poder publico. Art. 4º Fica extincto o padroado com todas as suas instituições, recursos e prerogativas.” Decreto nº 119-A, de 7 de janeiro de 1890. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil\_03/decreto/1851-1899/d119-a.htm . Acesso em 15/02/2022.

**9** Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil, de 24 de fevereiro de 1891. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil\_03/constituicao/constituicao91.htm . Visitado em 15/02/2022.

**10** “Nós, os representantes do povo brasileiro, reunidos em Congresso Constituinte, para organizar um regime livre e democrático, estabelecemos, decretamos e promulgamos a seguinte”. Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil, de 24 de fevereiro de 1891. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil\_03/constituicao/constituicao91.htm . Visitado em 15/02/2022.

**11** Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil, de 24 de fevereiro de 1891. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil\_03/constituicao/constituicao91.htm . Visitado em 15/02/2022.

**12** “Nós, representantes do povo brasileiro, reunidos em Assembléia Nacional Constituinte para instituir um Estado Democrático, destinado a assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social e comprometida, na ordem interna e internacional, com a solução pacífica das controvérsias, promulgamos, sob a proteção de Deus, a seguinte Constituição da República Federativa do Brasil!”. Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil\_03/constituicao/constituicao.htm . Visitada em 15/02/2022.

**13** *Agravo de instrumento. Administrativo. Concurso público. BNDES. Modificação de horário das provas. Liberdade de crença religiosa. Princípio da isonomia 1 –*

O BNDES interpôs agravo de instrumento contra decisão do juízo de primeira instância que, em sede de mandado de segurança, viabilizou a possibilidade de horário diferenciado à Impetrante, para que se submetia às provas de concurso público realizado pelo Banco, ora agravante. Na origem, o fundamento do pedido da Impetrante reside na garantia constitucional de liberdade de crença religiosa, posto que, em razão da doutrina por ela reverenciada, estaria impedida de praticar atividades antes do pôr do sol do dia de sábado. 2 – Não resta dúvida que a análise da questão em epígrafe revela uma situação paradoxal, em que a incidência de um dos postulados enseja, inequivocamente, o afastamento do outro. A convivência de ambas as normas mostra-se de difícil pacificação. Entremetes, é de se observar que a incidência direta da garantia prevista no art. 5o, VI e VIII, na espécie, atinge direta e frontalmente o tratamento isonômico entre os candidatos ao emprego público em foco, porque a viabilização de um outro momento para a aplicação das provas, em benefício de apenas uma única pessoa, requer mudanças das regras do edital, já publicadas e anteriormente definidas. Por outro lado, a prevalência do princípio da isonomia, no presente caso, apenas poderia atingir indiretamente a garantia constitucional da liberdade de crença, porquanto, se porventura houver qualquer privação de direitos, isso não se dará, certamente, em razão de crença religiosa ou qualquer outro tipo de convicção filosófica ou política. Assim, o indeferimento do pedido de realização das provas em horário diferenciado se impõe.

3 – Agravo conhecido e provido. Decisão reformada. (AG 200802010102377, Juiz Federal Convocado, Theophilo Miguel, TRF2 – Sétima Turma Especializada, DJU – Data: 28/07/2008 – Página:119.)

**14** Recurso ordinário – Mandado de segurança – Concurso público – Provas discursivas designadas para o dia de sábado – Candidato membro da Igreja Adventista do Sétimo Dia – Pedido administrativo para alteração da data da prova indeferido – Inexistência de ilegalidade – Não violação do art. 5º, vi e vii, cr/88 -Isonomia e vinculação ao edital – Recurso desprovido.
1. O concurso público subordina-se aos princípios da legalidade, da vinculação ao instrumento convocatório e da isonomia, de modo que todo e qualquer tratamento diferenciado entre os candidatos tem que ter expressa autorização em lei ou no edital.
2. O indeferimento do pedido de realização das provas discursivas, fora da data e horário previamente designados, não contraria o disposto nos incisos VI e VIII, do art. 5º, da CR/88, pois a Administração não pode criar, depois de publicado o edital, critérios de avaliação discriminada, seja de favoritismo ou de perseguição, entre os candidatos.
3. Recurso não provido. (ROMS n 16107/PA, Min. Paulo Medina, DJ de 01-08-2005)

**15** “Art. 1º As provas de concurso público ou processo seletivo para provimento de cargos públicos e os exames vestibulares das universidades públicas e privadas serão realizados no período de domingo a sexta-feira, no horário compreendido entre as 8h e as 18h. § 1º Quando inviável a promoção de certames em conformidade com o caput, a entidade organizadora poderá realizá-los no sábado, devendo permitir ao candidato que alegar motivo de crença religiosa a possibilidade de fazê-los após as 18h.

§ 2º A permissão de que trata o parágrafo anterior deverá ser precedida de requerimento, assinado pelo próprio interessado, dirigido à entidade organizadora, até 72 (setenta e duas) horas antes do horário de início do certame. § 3º Na hipótese do § 1º, o candidato ficará incomunicável desde o horário regular previsto para os exames até o início do horário alternativo para ele estabelecido previamente. Art. 2º É assegurado ao aluno, devidamente matriculado nos estabelecimentos de ensino público ou privado, de ensino fundamental, médio ou superior, a aplicação de provas em dias não coincidentes com o período de guarda religiosa previsto no caput do artigo 1º. § 1º Poderá o aluno, pelos mesmos motivos previstos neste artigo, requerer à escola que, em substituição à sua presença na sala de aula, e para fins de obtenção de frequência, seja-lhe assegurada, alternativamente, a apresentação de trabalho escrito ou qualquer outra atividade de pesquisa acadêmica, determinados pelo estabelecimento de ensino, observados os parâmetros curriculares e plano de aula do dia de sua ausência. § 2º Os requerimentos de que trata este artigo serão obrigatoriamente deferidos pelo estabelecimento de ensino. Art. 3º As despesas decorrentes da execução desta lei correrão à conta das dotações orçamentárias próprias, suplementadas se necessário”. Disponível em https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/2005/lei-12142-08.12.2005.html . Visitado em 12/02/2022.

**16** Selecionado ademais o seguinte trecho do voto do Exmo. Ministro Gilmar Mendes:

"[...] Ademais, cumpre ressaltar a existência de outras confissões religiosas, as quais possuem 'dias de guarda' diversos dos dos autores. Assim, a fixação de data alternativa apenas para um determinado grupo religioso configuraria, em mero juízo de delibação, violação ao princípio da isonomia e ao dever de neutralidade do Estado diante do fenômeno religioso. Tal fato atesta, ainda, o 'efeito multiplicador' da decisão impugnada, haja vista que, se os demais grupos religiosos existentes em nosso país também fizessem valer as suas pretensões, tornar-se-ia inviável a realização de qualquer concurso, prova ou avaliação de âmbito nacional, ante a variedade de pretensões que conduziriam à formulação de um sem-número de tipos de prova. [...]

Por fim, saliente-se que a União juntou aos autos, às fls. 225-271, cópia de ofício expedido pelo Ministério da Educação, segundo o qual, na inscrição para o ENEM, foi ofertada a opção de 'atendimento a necessidades especiais', com a finalidade de garantir a possibilidade de participação de pessoas com limitações em virtude de convicção religiosa ou que se encontram reclusas em hospitais e penitenciárias. Afirma-se, no referido ofício, que 'todos que realizaram suas inscrições no ENEM e solicitaram atendimento especial por motivos religiosos terão suas solicitações atendidas. No caso dos Adventistas do Sétimo Dia, a prova do sábado, dia 03 (três) de outubro próximo será realizada após o pôr-do-sol' (fl. 227). Tal providência (início da prova após o pôr-do-sol) revela-se aplicável não apenas aos adventistas do sétimo dia, mas também àqueles que professam a fé judaica e respeitam a tradição do Shabat. Em uma análise preliminar, parece-me medida razoável, apta a propiciar uma melhor "acomodação" dos interesses em conflito."

STA 389 AgR, Relator(a): Gilmar Mendes (Presidente), Tribunal Pleno, julgado em 03/12/2009, DJE-086 Divulg 13-05-2010 Public 14-05-2010 Ement Vol-02401-01 PP-00001 RTJ Vol-00215-01 PP-00165 RT v. 99, n. 900, 2010, p. 125-135. Disponível em https://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=AC&docID=610995. Visitado em 12/02/2022.

**17** Destaque para o seguinte excerto do voto do Exmo. Ministro Relator: "Conforme expressamente confessado nas razões da petição inicial, o impetrante tomou conhecimento da publicação do Edital nº 11 PGR/MPU, de 2 de agosto de 2010, que tornou públicas os procedimentos para solicitação de atendimento especial por motivos religiosos. Como mencionei no julgamento do MS 29.939/DF, o referido edital estabeleceu ser necessário a todos os candidatos participantes do concurso, de forma ampla e irrestrita, atender às exigências ali previstas para o deferimento do pedido, a saber: requerer atendimento especial por motivos religiosos no formulário de inscrição e encaminhar, via correio e em prazo específico, determinados documentos que comprovassem a sua vinculação à congregação religiosa a que pertencem. Verifica-se no item 1.2 do mencionado edital que essa oportunidade foi concedida tanto aos candidatos que já tinham efetuado sua inscrição, como àqueles que ainda poderiam se inscrever. No item 1.3, por conseguinte, está expresso que 'as solicitações de atendimento especial por motivos religiosos fora do prazo e da forma estabelecidos neste edital serão indeferidas'. Portanto, diferentemente do alegou o impetrante, foi expressamente concedida e regulamentada a oportunidade de qualquer candidato requerer e comprovar a necessidade de atendimento especial por motivos religiosos no concurso público, o que afasta a plausibilidade de ocorrência de ato ilegal ou abusivo. Ademais, o que se verifica dos autos é que o impetrante, ciente do referido edital, deixou de providenciar tempestivamente sua inscrição com o requerimento de atendimento especial por motivos religiosos, por acreditar se tratar de edital voltado exclusivamente para a prova objetiva. [...]

Nesse sentido, a concessão da segurança poderia, inclusive, violar o princípio da isonomia, por privilegiar o impetrante ao possibilitar o exercício de sua condição especial em momento posterior à inscrição e sem prévia comprovação documental." MS 29992 AgR, Relator(a): Gilmar Mendes, Segunda Turma, julgado em 13/09/2011, Processo eletrônico DJE-187 DIVULG 28-09-2011 PUBLIC 29-09-2011. Disponível em https://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=TP&docID=1480908 . Visitado em 12/02/2022.

**18** Processo civil. Investigação de paternidade. Suposto pai judeu já falecido. Ação proposta em face dos filhos. Recusa a fornecimento de material genético para perícia. Determinação de exumação para tal fim. Resistência à medida. Alegada agressão a preceito religioso. Desnecessidade da diligência. Conflito de direitos fundamentais. Composição sem malferi-los. Agravo de instrumento interposto de decisão que, em

ação de investigação de paternidade *post mortem*, ante a recusa de os réus, filhos do suposto pai, a fornecimento de material genético, determina a exumação dos restos mortais do genitor, a fim de possibilitar exame de DNA. Alegação de que a providência feriria direito de liberdade religiosa, pois, tendo sido judeu o falecido e judeus sendo seus filhos, a medida é inaceitável à luz de preceito da religião que aquele professava e que estes professam. 1. Exumação pode, à vista de preceitos judaicos, agredir direito à liberdade de crença. 2. Por outro lado, é direito fundamental, ligado à dignidade humana, cláusula geral dos direitos da personalidade, o conhecimento da própria paternidade biológica, com todos os seus efeitos. 3. Sem prejuízo de nenhum desses direitos ou, dito de outro modo, com a preservação de ambos, se deve resolver o impasse com a aplicação do mesmo entendimento que a súmula 301 do STJ sintetiza e com o qual foram sepultadas acesas discussões (em ação investigatória, a recusa do suposto pai a submeter-se ao exame de DNA induz presunção *juris tantum* de paternidade). 4. Isso, é claro, há de ser situação extrema, se pela prova que for produzida não restar cabal e indiscutivelmente afastada a paternidade do suposto pai sobre a investigante. 5. Recurso a qual se dá provimento. (0020927-31.2013.8.19.0000 – rel. Des. Fernando Foch, j. 18.09.2013 e p. 26.09.2013) Fonte: Gab. Des. Fernando Foch.

**19** Art. 19. É vedado à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios:

I – estabelecer cultos religiosos ou igrejas, subvencioná-los, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles ou seus representantes relações de dependência ou aliança, ressalvada, na forma da lei, a colaboração de interesse público;

II – recusar fé aos documentos públicos;

III – criar distinções entre brasileiros ou preferências entre si.

Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil\_03/constituicao/constituicao.htm Visitado em 12/02/2022.





**THOMAS ENDER** (1793-1875)  
Vila Rica, 1830  
Aquarela sobre papel  
Acervo Akademie der Bildenden Kunst, Viena  
Thomas Ender veio ao Brasil na expedição científica que acompanhava a arquiduquesa Leopoldina na ocasião de seu casamento com o príncipe D. Pedro de Alcântara. Liderada pelos pesquisadores bávaros Johann Baptist von Spix (1781-1826) e Carl Friedrich Philipp von Martius (1794-1868), a expedição tinha o objetivo de reunir informações sobre o país e criar um museu brasileiro em Viena. Durante os dez meses que permaneceu no Brasil, Ender desenhou panoramas do litoral e cenas urbanas, igrejas, edifícios públicos e praças. Ele nunca esteve em Vila Rica, e esse desenho é baseado em esboços e seu colega de expedição, Johann Baptist Emanuel Pohl (1782-1834).

*“E porque tive informação de que no tempo em que os quintos se pagaram por via da contribuição repartida pelos moradores, houve queixas dos povos contra os que cotizaram para que no caso de haver em alguns anos falta na soma do ouro que ficar nas casas de fundição, e nos resíduos dos anos precedentes, seja necessário perfazerem-se as sobreditas cem arrobas por via de derrama: Ordeno, que estas em tais casos se façam nunca pelas respectivas câmaras separadamente, mas sim por elas, concorrendo conjuntamente a assistência e a intervenção do ouvidor, intendente, e fiscal de cada comarca. Aos quais todos encarrego, e mando que com os olhos em Deus e na justiça ponham todo o cuidado e toda a diligência para que cada um pague em proporção ao que tiver, evitando a grande desordem de se aliviarem os ricos com a consequência de serem os pobres vexados, sobre pena de que tendo informação desta desigualdade me darei por muito mal servido, e mandarei proceder contra os que para ela concorrerem por comissão, ou ainda omissão, segundo o merecer a gravidade do caso, e a culpa dos que nele achar compreendidos.”*  
(trecho de *Alvará Real* de 3/12/1750)

# A tributação em Minas Gerais no século XVIII

A análise histórica da evolução da carga fiscal e das modificações estruturais no sistema tributário contribui para recuperar o aspecto político no estudo de alternativas de política fiscal. Trata-se de identificar os fatores que explicam a ampliação da capacidade extrativa do Estado e a forma como o incremento do ônus tributário se reparte por diferentes grupos sociais, buscando analisar as relações de poder em diferentes períodos, as desigualdades internas quanto às iniciativas governamentais e os efeitos redistributivos que resultam desse conflito.<sup>1</sup>

Não obstante a sua relevância, os aspectos históricos da tributação têm estado ausentes do debate atual sobre os problemas fiscais do país. Isso, quando a atitude usualmente adotada para solucionar os recorrentes déficits orçamentários não se diferencia substantivamente da prática da derrama utilizada pelo governo português no período colonial – quando o cálculo do imposto devido, por estimativa, continua sendo uma forma de contornar dificuldades operacionais, e quando a descentralização da arrecadação se propõe a tornar mais eficiente a administração fiscal.

Os resultados de estudos sobre a tributação em Minas Gerais durante o Ciclo do Ouro, resumidos neste artigo, mostram que diversos aspectos da política e da administração tributária do período mantêm a sua atualidade. Em particular, é importante destacar que a distância entre a intenção de justiça, enfatizada no édito real, e os resultados empíricos, que revelam uma acentuada iniquidade na repartição do ônus tributário, permanecem como o ponto central das críticas ao sistema tributário brasileiro, a despeito da complexidade e da sofisticação incorporadas ao longo de quase dois séculos e meio de história nacional.

## O regime tributário

O regime tributário em Minas Gerais, no século XVIII, caracterizava-se por uma acentuada fragmentação. Taxava-se tudo: a produção, as vendas, a circulação de mercadorias e pessoas, a propriedade e sua transferência.

Pelos padrões atuais, podemos identificar as seguintes categorias de impostos: a) impostos sobre a produção (quinto do ouro e dos diamantes, dízimos reais e misto); b) impostos sobre a circulação de mercadorias (entradas, subsídios voluntários, portagem); c) impostos sobre a prestação de serviços (donativos, terças partes, propinas); d) impostos sobre a renda (dízimos pessoais); e) impostos especiais (subsídio literário); f) impostos sobre a circulação de pessoas (passagens, pedágio); g) impostos sobre a propriedade (foro, censo);

## FERNANDO REZENDE

Ex-presidente do Ipea e professor na FGV. Atualmente desenvolve pesquisas e atua como consultor em temas sobre Finanças Públicas e Federalismo.

## JOSÉ ROBERTO AFONSO

Vice-presidente do Fórum de Integração Brasil Europa, Consultor técnico da Fundação Getúlio Vargas, professor do Instituto Brasileiro de Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa e Pós-Doutor em Administração Pública pelo Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa

<sup>1</sup> Este artigo resume os resultados de uma pesquisa realizada para a Escola de Administração Fazendária – Esaf, com base em documentos originais constantes da *Coleção Casa dos Contos*, cujas preservação e organização constituem um importante projeto daquela Escola. A pesquisa e a redação do relatório original contaram com a participação dos seguintes pesquisadores: Martha Bastos Guedes, Luciano Raposo de Almeida Figueiredo, Sheila Gabeto Martinez, Paulo Roberto Elian dos Santos e Francisca Helena de Oliveira. A eles deve ser creditado a maior parte do trabalho que permitiu a preparação deste artigo.



JOSÉ JOAQUIM DA ROCHA [c. 1740-1804]  
 Mapa da Comarca de Villarica, 1779  
 Acervo Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro

h) impostos sobre a transmissão de propriedade (sisa de imóveis, meia sisa de escravos); i) contribuição de melhoria (mão comum); j) contribuições diversas destinadas à Igreja (pé de altar, côngruas, miúças, Bula de Cruzada).

Os impostos sobre a produção eram *ad-valorem* e estipulavam uma contribuição de 20%, caso do ouro e dos diamantes, e de 10% para as demais mercadorias (QUADRO 1).

Os impostos sobre a circulação de mercadorias e de pessoas eram específicos, isto é, estabeleciam uma contribuição fixa, segundo a espécie de mercadoria, as pessoas e as montarias que cruzavam os registros localizados nos principais caminhos para a região das minas. Convém lembrar que os escravos eram considerados como mercadorias, e por eles se pagavam direitos de entradas, da mesma forma que pelas mercadorias em geral. As seguintes alíquotas vigoraram aparentemente durante todo o século: passagens – \$080 por pessoa e \$160 por montaria; entradas – duas oitavas por escravo, duas oitavas por cavalo ou mula sem sela, uma oitava por cabeça de gado vacum, uma oitava e meia por duas arrobas de carga de fazenda seca, e meia oitava por carga de molhados.

Os chamados dízimos pessoais eram uma modalidade de imposto sobre a renda. Incidiam sobre o lucro de qualquer cargo, comércio ou ofício, sendo pagos diretamente ao clero, na proporção anual de 10%. A alíquota do imposto sobre a transmissão de propriedade imobiliária (sisa) era equivalente à atual: 1%. A venda de escravos estava sujeita à alíquota de 0,5% (meia sisa), a metade do imposto sobre a venda de bens imóveis.

Na prestação de serviços, o fisco atuava por meio da cobrança de donativos; de terças partes – a terça parte dos rendimentos pagos ao fim de cada ano pelos serventuários dos ofícios de Justiça e Fazenda; e de propinas, instituídas na capitania em 1715. As propinas consistiam em um acréscimo aos contratos

QUADRO 1  
 Tributação em Minas Gerais no século XVIII  
 Composição e características dos principais tributos

Campo de incidência	Alíquota nominal	Forma de arrecadação	Procedimentos utilizados na cobrança
Produção de ouro	20%	Direta	Variável no período, adotando-se, alternativamente, o critério de estimativas (fintas), capitação dos escravos utilizados na mineração e cálculo efetivo do quinto (casas de Fundação)
Produção de diamantes	20%	Direta	Capitação dos escravos
Produção de mercadorias em geral	10%	Contratos de arrematação	...
Circulação de mercadorias nos caminhos para a região das minas	Duas oitavas por escravo ou animal.  Uma oitava por cabeça de gado. Uma oitava e meia por duas arrobas de carga de fazenda	Contratos de arrematação	Instalação de registros em pontos estratégicos dos caminhos.
Circulação de pessoas nos caminhos para a região das minas.	\$80 por pessoa \$160 por mercadoria	Contratos de arrematação	Instalação de registros em pontos estratégicos dos caminhos.
Rendimentos auferidos por pessoas, ofícios.	10%	...	...

da Fazenda Real, quantia destinadas inicialmente aos ministros e oficiais do Conselho Ultramarino. A partir de 1720, tais ministros passaram a receber do Contrato dos Dízimos 800\$000 anuais.

#### Receita e carga tributária

Como atividade que caracterizava o próprio ciclo, a produção de ouro era, de longe, a principal base impositiva. Considerando as informações existentes sobre arrecadação dos principais impostos, a receita proveniente do tributo sobre a extração de ouro representava, no início do século, cerca de 70% da receita total. Se adicionarmos a arrecadação sobre a produção de diamantes e dois terços da arrecadação dos dízimos, é possível estimar em pouco mais de 80% a participação dos impostos sobre a produção no total da receita. Os impostos sobre circulação de mercadorias respondiam por 15% da arrecadação, revelando a absoluta predominância de impostos indiretos sobre mercadorias no sistema fiscal. (QUADRO 2).

A inexistência de estimativas sobre a renda da Capitania de Minas Gerais, no século XVIII, impede o cálculo de coeficientes de carga tributária segundo os critérios atuais. Não obstante, algumas evidências a respeito podem ser obtidas a partir de informações disponíveis sobre a arrecadação das principais modalidades de tributos. Dos impostos vigentes à época, o quinto sobre a

**QUADRO 2**  
**Minas Gerais – século XVIII**  
**Estrutura da arrecadação tributária – mudanças ocorridas no período**

Imposto	Participação na receita total – percentagens					
	1725	1740	1755	1770	1785	1799
Quinto do ouro	74,0	65,5	58,0	57,4	58,0	50,0
Quinto dos diamantes	...	11,0	14,0	18,0	...	...
Entradas	14,0	14,5	21,0	16,0	27,0	30,6
Dízimos	11,2	8,3	6,2	8,0	14,1	18,3
Passagens	0,8	0,7	0,8	0,6	0,9	1,1
Arrecadação total (em mil reis)	692.561	1.232.713	979.341	138.367	463.177	395.824

Nota: Nos dados acima não estão incluídos Impostos menos importantes para os quais não foram encontradas quaisquer estimativas de arrecadação.  
 Fonte: NOYA PINTO, Virgílio. *O ouro brasileiro e o comércio anglo-português*.

produção mineral (ouro e diamantes) era de incidência restrita, e podemos admitir que o ônus do confisco era integralmente suportado pelos mineradores.

A população arcava, direta ou indiretamente, com o ônus dos demais impostos que incidiam sobre pessoas e mercadorias – principalmente entradas, passagens e dízimos. A arrecadação desses impostos “gerais” fornece, assim, uma estimativa da carga tributária global em valores absolutos. Como a renda oriunda da extração mineral constituía a base econômica da Capitania, a relação entre a receita dos impostos “gerais” e a renda implícita na arrecadação do quinto é uma das formas de avaliar a evolução da carga tributária do período (QUADRO 3).

Os coeficientes globais de carga tributária, calculados segundo critério mencionado anteriormente, são apresentados no QUADRO 4. Vale a pena notar que teria ocorrido um acréscimo mais significativo durante o último quartel do século, coincidindo com a decadência da mineração e com a Insurreição Mineira. Durante cerca de 50 anos, a pressão fiscal teria guardado uma relativa

**QUADRO 3**  
**Receita tributária em Minas Gerais – século XVIII**  
**Taxas anuais de crescimento**

Imposto	1714-1725	1726-1734	1735-1750	1751-1768	1769-1799
Quinto do ouro	10,3	0,08	2,6	2,0	2,4
Passagens	6,5	4,16	4,8	3,6	0,01
Entradas	28,0	3,4	2,4	0,8	0,1
Dízimos	15,0	0,5	0,8	0,4	0,5

Fonte: NOYA PINTO, Virgílio. *O ouro brasileiro e o comércio anglo-português*. (Dados brutos)

estabilidade (entre 9% e 12% da renda proveniente da mineração). A tentativa do Estado em aumentar o nível de extração fiscal, na fase do declínio da produção de ouro, agravou as tensões sociais e gerou clima propício à revolta. É sintomático que entre os conspiradores estivessem incluídas pessoas que eram ou tinham sido contratadoras de impostos com a Coroa, e cuja dívida estaria aumentando possivelmente em face da crescente impossibilidade de a população atender aos compromissos assumidos.

Ao se tomar por base as estimativas populacionais utilizadas por Cassio Lanari<sup>2</sup> cada habitante livre estaria pagando, em 1776, cerca de 1\$200 ao Erário local, sob a forma de direitos de entradas, passagens e dízimos.

Se em termos agregados os coeficientes de carga tributária não parecem muito elevados quando comparados com os padrões atuais, é certo que a tributação

**QUADRO 4**

	Receitas das entradas, passagens e dízimos (mil réis) (A)	Renda de produção de ouro (mil réis)* (B)	Coefficiente de carga tributária (A/B)
1715	3.141	737.868	0,02
1725	181.756	1.912.232	0,09
1735	241.025	2.037.254	0,12
1745	286.436	3.624.023	0,09
1755	276.631	2.899.607	0,10
1765	284.396	2.255.270	0,13
1775	222.567	1.845.007	0,12
1785	193.83q	1.077.350	0,18
1790	202.995	818.073	0,25
1795	195.886	884.736	0,22
1799	199.217	786.432	0,25

\* Correspondente a 80% do valor do ouro extraído, calculado com base na arrecadação do quinto.  
 Fonte: NOYA PINTO, Virgílio. *O ouro brasileiro e o comércio anglo-português*. (Dados brutos)

atingia de forma relativamente severa toda a população. Levantamento da arrecadação dos dízimos em 1751 mostra uma extensa relação de contribuintes. Estavam sujeitos ao pagamento do imposto: escravos, pretos alforriados, pardos, prestadores de serviços, militares, agricultores, artesãos, comerciantes, viúvas, ausentes (os que não habitavam na comarca) e, até mesmo, defuntos. A contribuição variava de frações mínimas da oitava de ouro a, aproximadamente, mil oitavas, conforme a categoria social do contribuinte.

O QUADRO 5 mostra os resultados do levantamento referente aos dízimos recolhidos em 1751, segundo classes de valores de contribuição. Verifica-se uma acentuada concentração da receita, com apenas 15% dos contribuintes respondendo por 70% do total arrecadado.

A contribuição média também variava acentuadamente: de 6\$200, para os valores mais baixos, a 1:140\$700, para quantias acima de 500 oitavas de ouro. A média geral foi calculada em 82\$300.



*Regimento da forma por que se ham de cobrar os reais impostos na carne, & vinho nesta Cidade, Reyno, & Ilhas, pera a contribuiçam dos quinhentos mil cruzados, que os tres Estados do Reyno offereceram em Cortes por vsuaes, a cumprimento de hum milhão, pera as despesas dos presidios, Conquistas, Embaixadas, & empenhos do Reyno.*  
 Lisboa: s.n., 1674  
 Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa  
<https://purl.pt/35508>



*Livro em que se contém toda a fazenda e real patrimonio dos reinos de Portugal, Índia e ilhas adjacentes, e outras particularidades*  
 Organização de Luiz de Figueiredo Falcão, secretário de El-Rei Filipe II  
 Lisboa: Imprensa nacional, 1859

<sup>2</sup> OLIVEIRA Tarquinio J.B.; LANARI Cássio. *Ouro nas Minas Gerais*. Esaf, Ouro Preto, 1976.

QUADRO 5  
Distribuição da arrecadação dos dízimos – 1751

Classes de receita (em oitavas de ouro)	Frequência (N.º de contribuintes)	Média da distribuição por classe (em mil réis)	Arrecadação total (em mil réis)
0 a 10	239	6,2	1.482
10 a 20	89	22,2	1.980
20 a 50	104	53,1	5.520
60 a 100	42	115,2	4.832
100 a 300	45	212,2	9.548
200 a 500	51	502,3	15.570
Mais de 500	6	1.140,7	6.844
<b>TOTAL</b>	<b>556</b>	<b>82,3</b>	<b>45.782</b>

Fonte: Arquivo Nacional. Coleção *Casa dos contos*. Microfilme 003.127 72, rolo 128, v. 2029.

### A administração fiscal

Se as dificuldades administrativas ainda são apontadas hoje em dia como causa de baixa eficiência na arrecadação de impostos, é fácil imaginar os problemas enfrentados pelas autoridades da época. Grandes distâncias, precárias comunicações, organização econômica incipiente, e baixa qualificação profissional dos quadros públicos contribuíram para sucessivas regulamentações, buscando garantir um rendimento satisfatório do fisco.

Com exceção do ouro e dos diamantes, para os quais a concentração da atividade produtiva facilitava a arrecadação direta, a arrecadação dos demais impostos era objeto de arrematação. Os contratos estipulavam o montante a ser pago ao Estado em um determinado período (geralmente três anos), cabendo ao contratador a responsabilidade pelo sistema de cobrança e pela forma de arrecadação.

Gastos excessivos, riscos e dificuldades na administração dos diversos tributos eram os motivos alegados pelo Erário Real para transferir a particulares a responsabilidade pelo sistema de arrecadação. Isentava-se, portanto, tomando para si apenas o encargo de fiscalizar e regulamentar a cobrança de cotas estabelecidas, mediante leilão, para os triênios em que vigoravam os contratos arrematados.

### O quinto sobre a produção de ouro e diamantes

A vastidão do território e a diversidade de caminhos para a circulação de mercadorias tornavam difícil o controle fiscal sobre as atividades de mineração. Assim, embora a legislação portuguesa previsse o monopólio da Coroa sobre a extração mineral e o pagamento do quinto (equivalente a 20% da produção aurífera), a aplicação desses dispositivos era tarefa complicada. As sucessivas mudanças nos métodos utilizados para a cobrança do imposto sobre o ouro refletem os problemas enfrentados pelas autoridades portuguesas para coibir o descaminho e a sonegação.

Entre 1700 e 1713, a arrecadação do quinto apresentou valores insignificantes, sofrendo variações bruscas. Muitas vezes o volume do metal confiscado sobrepujou o do arrecadado, apesar de, como afirma Antonil,<sup>3</sup> a extração anual situar-se em cerca de 300 arrobas. Em 1710, tentando-se diminuir a deficiência

fiscal, o quinto passou a ser cobrado sobre o número de bateias utilizadas – o que incidia diretamente sobre o número de escravos, à semelhança da capitação. O sistema, embora dificultoso, produziu melhores resultados, pois a arrecadação atingiu 13.579 oitavas em 1711, contra 5.682 oitavas no ano anterior.<sup>4</sup>

A partir de 1713, o cálculo do quinto foi substituído pela fixação arbitrária de quantias anuais a serem pagas pelos mineiros, como estimativa do imposto devido – um método até hoje utilizado pela administração fiscal. Essas estimativas – fintas – variavam ao sabor do apetite fiscal e das expectativas quanto aos níveis efetivos de sonegação. Tal modalidade de arrecadação estabeleceu um teto mínimo a ser alcançado na cobrança. Entre 1713-18, o teto mínimo foi de 30 arrobas. A partir de 1718, perdurando até o ano de 1722, o teto foi rebaixado para 25 arrobas, mas os direitos de passagens nos registros não mais seriam arrecadados pelas Câmaras Municipais, e sim pela Real Fazenda. De 1722 até 1725, quando esse sistema foi suspenso, a finta elevou-se abruptamente para 52 arrobas. Os determinantes básicos dessas variações foram as causas internas, relacionadas, em parte, aos interesses dos produtores coloniais que temiam o restabelecimento do quinto. Isso pode ser exemplificado pela elevação do teto mínimo na última fase da finta (1722-1725). Diante da ameaça de cobrança do quinto para o ano de 1721, já que havia sido criada, em 1719, a Casa de Fundição de Vila Rica (cujo funcionamento foi retardado após as rebeliões em Pitangui, em 1720, e Vila Rica, em 1721), os produtores e os proprietários de estabelecimentos comerciais propuseram a elevação do teto, tentando negociar com a Coroa uma diminuição do nível de taxaço. Durante todo o período de vigência da finta, a cobrança conseguiu cumprir o teto mínimo estabelecido, atingindo um montante de 324 arrobas, ao longo de 12 anos.

O estabelecimento das Casas de Fundição permitiu substituir o regime das fintas pela cobrança do quinto, a partir de 1725. Do ouro encaminhado para fundição, 1/5 era imediatamente separado e constituía o imposto devido à Coroa. O restante era fundido em barras devidamente carimbadas e acompanhadas de certificado, cuja apresentação era exigida nos registros, para configurar a autenticidade do produto. No período de 1725 a 1735, quando da adoção dessa modalidade de cobrança, a arrecadação do quinto alcançou cerca de 100 arrobas anuais, representando uma produção estimada em pouco mais de 6 mil arrobas para todo o período. No cálculo dessa estimativa devemos levar em conta que o quinto fora fixado em 12%, no intervalo de 1730 a 1732, em vez dos 20% habituais.

Apesar dos rigores da legislação, persistiam os problemas enfrentados pelas autoridades. O insuficiente rendimento da arrecadação fiscal aumentava a insatisfação com o funcionamento do sistema. A receita do quinto, em 1729, alcançou o mais baixo nível do período – 57 arrobas, aproximadamente – em virtude de um provável aumento da sonegação. No ano seguinte, a arrecadação alcançou 65 arrobas e chegou a 98, em 1731. O aumento do valor da oitava e a redução do quinto para 12%, a partir de 1730, não foram suficientes para conter, por mais tempo, o contrabando. Ao assumir o governo da capitania, o Conde de Galveias anulou tais medidas, enquanto anunciava a determinação régia de estabelecimento da capitação sobre a produção aurífera, fato que não se consumou em sua administração por se oporem a ele mineiros e a própria Junta da Fazenda Real. Como resultado das negociações, instituiu-se a finta de 100 arrobas. Visando acabar com a instabilidade, a partir de 1735 a Coroa substituiu o quinto pela capitação e censo das indústrias. A capitação incidia sobre o número de escravos utilizados na atividade mineira e foi



Autor desconhecido  
Baiana, séc. XX  
Óleo sobre tela. :77,5 × 96 cm  
Coleção Museu Paulista da USP, São Paulo

*Trata-se de rara representação individual feminina negra. A mulher com diversos colares de ouro revelam a sua origem africana ou afro-brasileira, e disso decorre o título da obra.*



### ANDRÉ JOÃO ANTONIL

*Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas*, 1711  
Acervo Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.

*Impresso em Lisboa em 1711, a primeira edição de Cultura e Opulência foi proibida, apreendida e destruída, por ordem do rei de Portugal d. João V, que considerou inapropriada a publicação das informações sobre as riquezas do Brasil e a das rendas da Coroa, evitando assim que informações sobre a produção colonial despertasse a cobiça de outras potências europeias. Apenas seis exemplares sobreviveram. A obra, de autoria do jesuíta italiano Giovanni Antonio Andreoni (em português André João Antonil), revela práticas da economia colonial brasileira, do plantio da cana à fabricação do açúcar, a lavoura de tabaco, extração do pau-brasil, mineração, criação de gado e indicando o valor econômico destas atividades.*

<sup>3</sup> ANTONIL, André J.

*Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas*. São Paulo, Nacional, 1967.

<sup>4</sup> Para o estudo da tributação nesse período, consultar CARDOSO, M. Soares. *A arrecadação dos quintos no Brasil, de 1865 a 1709*. Estudos Americanos de História do Brasil, MRE, 1967.



*Modo como se estrai o ouro no Rio das Velhas e nas mais partes que a Rios, c. 1780*  
Arquivo Instituto de Estudos Brasileiros – IEB/USP  
Coleção Yan de Almeida Prado, São Paulo

inicialmente fixada em 4 oitavas e  $\frac{3}{4}$ . O censo das indústrias incidia sobre os estabelecimentos comerciais, variando segundo o tamanho das lojas. Para cada ofício, 4 oitavas e  $\frac{3}{4}$ ; para uma loja grande, 24 oitavas; loja medíocre, 16 oitavas; loja inferior, 8 oitavas; e, cada venda, 16 oitavas.<sup>5</sup>

Do ponto de vista estritamente fiscal, a capitação produziu seus efeitos. A arrecadação manteve-se em torno de 120 arrobas anuais, com um aumento de 30% em relação ao período anterior. O sistema, entretanto, foi duramente combatido pelos produtores, pela iniquidade da forma de cobrança. Tendo em vista o caráter incerto da mineração, não era possível estabelecer uma clara relação entre a produção efetiva do ouro e o número de escravos empregados nas minas. O resultado é conhecido. A distribuição da carga tributária não guardava proporção com o volume produzido e aumentava as agruras dos empresários menos afortunados.

Segundo C. R. Boxer,<sup>6</sup> “a taxa de capitação mostrou ser altamente impopular, pelas seguintes razões, entre outras: incidia mais duramente sobre os pobres do que sobre os ricos, pois os mineiros cujos escravos tinham sorte na lavagem do ouro pagavam sobre cada escravo a mesma quantia que pagavam os outros mineiros cujos escravos pouco ou nada ganhavam – e eles formavam a grande maioria. Da mesma maneira, os donos de oficinas, lojas e hospedarias que não davam lucros pagavam as mesmas taxas impostas sobre os que estavam retirando grandes proventos de seus estabelecimentos”.

A partir de 1750, a administração do Marquês de Pombal impôs uma reforma nos métodos de fiscalização da exploração aurífera. Reintituiu a cobrança do quinto e aboliu o imposto de capitação. A ameaça da derrama, estabelecida em 1734, passou a ser uma possibilidade mais concreta, já que se constituía em uma cobrança forçada para que o teto de 100 arrobas/ano na arrecadação do ouro fosse alcançado. Além disso, no combate ao contrabando, a Real Fazenda passou a recompensar informantes ou delatores, com metade do ouro apreendido.

<sup>5</sup> NOYA Pinto, Virgílio. *O ouro brasileiro e o comércio anglo-português*. São Paulo, Nacional, Brasília, INL, 1979 p. 62.

<sup>6</sup> BOXER, C. R. *A idade de ouro do Brasil, 1695-1750*. São Paulo, Nacional, 1969, p. 217



**ALBERTO DA VEIGA GUIGNARD**

*Execução de Tiradentes, 1961*  
Óleo sobre tela, 80 x 60 cm  
Coleção Hecila e Sergio Fadel, Rio de Janeiro  
Foto Jaime Acioli

*Tiradentes foi um dos líderes da Inconfidência (ou Conjuração) Mineira, que tinha por objetivo reduzir a cobrança do “quinto” do ouro, imposto de 20% sobre toda produção de ouro e diamantes. Foi preso e esartejado pela Coroa em 1792, para dar exemplo aos revoltosos. É considerado um dos primeiros movimentos que buscavam a independência do Brasil.*

As marchas e contramarchas no sistema de administração do quinto revelam a clara percepção que as autoridades metropolitanas tinham a respeito de elevados índices de evasão. Em geral, procurava-se contornar o problema de forma extremamente simplista: a fixação de contas globais mínimas de receita, cujo não atendimento provocava a acumulação de dívidas para com o governo. Sucessivas dívidas provocavam a ameaça da derrama, tornando bem mais tensas as relações entre o governo e a população.

A derrama consistia em repartir por toda a comunidade o ônus decorrente do não-cumprimento das cotas mínimas estipuladas para a arrecadação do imposto sobre o ouro. Tratava-se, assim, de uma forma de multa coletiva, possivelmente justificada pela dificuldade de fiscalização e pela impossibilidade de identificação do sonegador. De certa forma, a ameaça da derrama significava atribuir a cada mineiro uma parcela de responsabilidade pela fiscalização do cumprimento das normas vigentes, uma vez que o comportamento incorreto de alguns repercutiria posteriormente sobre todos. O Estado lavava as mãos. Se a cota estipulada não fosse cumprida, a culpa seria da comunidade, e não de uma ineficiente administração fiscal. Além disso, como a cota era estipulada com base na experiência passada, os valores tornavam-se rapidamente superestimados, em face da decadência da mineração. Nesse caso, a derrama passava a representar, efetivamente, um adicional ao imposto vigente, e não uma forma coletiva de multa, com a agravante de onerar, indistintamente, toda a população (produtores e não-produtores do metal).

#### Entradas e dízimos

A administração desses tributos era entregue a terceiros, por meio de contratos trienais arrematados em leilões. As informações recolhidas sobre os principais contratos de arrecadação de entradas e de dízimos sugerem que os níveis efetivos de carga tributária eram bastante inferiores à tributação nominal, em virtude dos frequentes atrasos no pagamento. Em alguns casos, o valor efetivamente recolhido ao Tesouro, ao cabo de quase 30 anos, representava pouco mais da metade do valor inicialmente contratado. Dentre as várias hipóteses que podem ser levantadas para explicar esses atrasos, podemos destacar:

- a) a de que uma carga tributária muito elevada dificultava a cobrança do imposto, em virtude da reduzida capacidade de pagamento da população;
- b) a de que os atrasos eram fruto de uma ação deliberada dos contratadores que, exercendo simultaneamente a função de banqueiros, obtinham ganhos adicionais com o giro do dinheiro;
- c) a de que as dificuldades administrativas e de fiscalização tornavam difícil a cobrança do imposto, no prazo e na forma inicialmente estipulados.

No triênio 1762-64, a arrecadação do direito de entradas esteve a cargo do contratador João de Souza Lisboa, que arrematou o contrato pelo valor total de 589:242\$000. No entanto, conforme indicam os registros contábeis, a execução do contrato de João de Souza Lisboa foi um completo fracasso. Em 1763, o contratante recolheu apenas cerca de 80 contos de réis relativos ao total devido no ano anterior, isto é, menos da metade da cota anual estipulada no contrato. O balanço realizado em 1780 mostra que, até essa data, o arrematante ainda devia uma terça parte da cota relativa a 1763 e o total da cota de 1764, perfazendo uma dívida acumulada de 263 contos de réis – praticamente a metade do valor inicial do contrato.

#### PEDRO AMÉRICO

*Tiradentes esquartejado*, 1893

Óleo sobre tela, 270 × 165 cm

Acervo Museu Mariano Procópio, Juiz de Fora

*Esta pintura foi executada depois da Proclamação da República, em 1889, e da morte de d. Pedro II, em 1891.*

*Pedro Américo era amigo do imperador brasileiro e possivelmente não quis*

*afrontá-lo, pois a cruel execução ocorreu no reinado de sua avó, dona Maria I.*

*O esquartejamento, determinado na sentença de morte, está representado sob a influência das pinturas de membros decepados do corpo humano, conforme a representação por Théodore Géricault. A forma dada na organização dos membros corresponde ao desenho do território brasileiro à época dessa pintura.*



O alvará de 21/04/1737 estipulava que os contratos nunca deveriam ser arrematados por preço inferior ao do ano precedente, assim como proibia terminantemente que os oficiais encarregados de efetuar os leilões usassem de meios ilícitos para aumentar o seu preço. Esse dispositivo explica o fato de a Junta da Real Fazenda ter assumido a administração das entradas no triênio posterior ao contratado por João de Souza Lisboa, pois a volumosa dívida acumulada por esse contratador não estimulava os novos candidatos a assumir uma responsabilidade semelhante.

Durante a administração da Real Fazenda, os resultados fiscais foram mais auspiciosos. No triênio 1765-67, foram arrecadados cerca de 568 contos de réis, ou seja, uma quantia equivalente ao total contratado com João de Souza Lisboa. Não há dúvida, pois, quanto ao fato de que a administração da Real Fazenda foi mais eficiente, embora não tivessem sido obtidas informações suficientes para que fossem identificadas as causas dessa diferença.

No triênio 1769-71, a arrecadação voltou a ser feita por contrato, e o arrematante do período, Capitão Manoel de Araújo Gomes & Cia., assumiu o compromisso de pagar ao Erário Real a importância total de 382:887\$892. É importante notar que o valor da arrematação foi bastante inferior ao total do período em que a cobrança ficou a cargo da Fazenda Real. Talvez por isso a execução desse contrato tenha sido bastante tranquila, tendo o mesmo sido integralmente liquidado três anos após sua vigência.

Em relação aos contratos anteriores, o de João Rodrigues de Macedo se distinguiu por abranger um prazo de seis anos, quando o período normal de arrematação era de três. Pelos seis anos desse contrato, João Rodrigues assumiu o compromisso de pagar à Fazenda Real a importância total de 766:726\$612. Nota-se que o valor anual do contrato era praticamente igual ao daquele firmado por Manoel de Araújo Gomes, mas sua execução também demonstrou grande fracasso.

Um resumo geral dos contratos de arrecadação de entradas realizados no período 1762-1780 é apresentado no QUADRO 6.

No caso dos dízimos, um resumo geral dos principais contratos de arrecadação realizados a partir de 1762 mostra que, em geral, a situação não era muito diferente daquela descrita anteriormente com relação aos contratos de entradas: atrasos de pagamento, acúmulo de dívidas, e um melhor desempenho, em termos de receita, no período em que a Junta da Real Fazenda assumia a responsabilidade direta pela cobrança do imposto (QUADRO 7).

Dos cinco contratos realizados após o interregno em que a Junta Real da Fazenda assumiu essa tarefa, apenas o do Coronel Ventura d'Oliveira apresentou um resultado similar ao obtido pela Junta Real da Fazenda.<sup>7</sup> Daí em diante a sucessão de fracassos culminou com o descalabro do contrato do Cel. Manoel Teixeira Queiroga. Ao cabo dos três anos, o contratador havia recolhido apenas 4 contos de réis à Junta da Real Fazenda, o que motivou a cassação parcial dos seus direitos e o confisco dos bens pessoais do arrematante como garantia de sua dívida para com a Real Fazenda.

#### As causas dos atrasos

De acordo com as hipóteses estabelecidas inicialmente, os frequentes atrasos no recolhimento do valor contratado poderiam dever-se a três fatores: incapacidade de pagamento dos contribuintes, vantagem para o contratador, e/ou dificuldades de fiscalização.

Mapa do Ouro que se permutou, barras que sahirão pellas contagens da Capita. Descrição: As comarcas a que se referem esta estatística são a do Rio das Mortes, de Sabará e a do Serro Frio num total de 184:988 1/4 6 oitavas. De Minas Geraes em os anos 1765/66/67, c. 1767  
Manuscrito, 50,5 x 35,5 cm  
Instituto de Estudos Brasileiros – IEB/USP, São Paulo  
Acervo Yan de Almeida Prado

7 Cl. Ventura Fernandes d'Oliveira – 1768-71; Pedro Luiz Pacheco da Cunha & Cia – 1771-74 e 1774-77; João Rodrigues de Macedo – 1777-83; Domingos de Abreu Vieira – 1784-86; e Cel. Manoel Teixeira Queiroga – 1787-89.

*Mapa do Ouro que se permutou, barras que sahirão pellas Contagens da Cap<sup>ta</sup> de Minas Geraes em os annos 1765-66-67.*

Comarcas	Contagens	Anos	Quartas	Barras	Valores Barras
Rio das Mortes	Sachibana	1765	16763	26303	
		66	16763	12352	
		67	3633 3/4	12352	
	Capim	1765	12301		
		66	12316 3/4		
		67	16283 3/4		
	Saguari	1765	3075 3/4		
		66	2324		
		67	2080		
	Cunha	1765	4525		
		66	4720		
		67	4350		
Fruity	1765	2644 3/4			
	66	2650 3/4			
	67	2650 3/4			
			167621 3/4		
Sabará	Sageana	1765	1743 1/4	104	
		66	1431 3/4	142	63280000
		67	1363 3/4	80	27820000
	Sao Loucas	1765	1626 3/4		
		66	2304 3/4		
		67	1328 3/4		
	Tabule	1765	306 3/4		
		66	445		
		67	466 3/4		
	Tranqu	1765	620	2	10520700
		66	575 3/4	16	21250160
		67	326 3/4	17	10220170
Anna Cabal	1765	26 3/4	2	2300211	
	66	142	1	2800000	
	67	50 3/4			
Sui Lus	1765	202 3/4	2	5870257	
	66	228 3/4	2	9620168	
	67	1710	4	11510210	
Nasari	1765	4386 3/4	100	22240728	
	66	4782 3/4	120	270320760	
	67	3307 3/4	80	175350172	
Koa e Agua	1765	542 3/4			
	66	340 3/4			
	67	710 3/4			
Anna Anonic	1765	4080 3/4	20	222030531	
	66	3338 3/4	80	242030341	
	67	008 3/4	80	135330743	
			40572 3/4		
Rio das Mortes	Caballo	1765	2314 3/4	40	11650163
		66	2447 3/4	30	23880433
		67	2343 3/4	5	20010033
	Lido Mero	1765	1543 3/4	63	
		66	1282 3/4	67	
		67	1035 3/4	34	
	Culla Mero	1765	1527 3/4	10	
		66	1375 3/4	10	
		67	1800 3/4	21	
	Sui Cine	1765	1450 3/4	20	13560100
		66	1247 3/4	26	32403000
		67	2031 3/4	25	30820750
Suhpua	1765	1210	3	23200200	
	66	232			
	67	1003 3/4	30	28200280	
Espitandinha	1765	2045 3/4	200	426050640	
	66	1804 3/4	227	250030160	
	67	2022	208	437800037 3/4	
Socambana	1765	1840	6	8120370	
	66	1575	6	1330037	
	67	1840	3	8200300	
			36303 3/4		
			184288 3/4		

**QUADRO 6**  
Resumo geral dos principais contratos de entradas

Período	Arrematante	Preço da arrematação	Dívida em 1790
62/64	João de Souza Lisboa	589:242\$000	257:448\$152
65/67*	Administração da Real Fazenda	568:036\$208	1:790\$229
68	Administração da Real Fazenda	166:630\$853	10:366\$817
69/71*	Manoel de Araújo Gomes & Cia.	382:887\$892	
72	Administração da Real Fazenda	166:660\$173	3:383\$019
73	Administração da Real Fazenda	168:090\$010	5:945\$389
74	Administração da Real Fazenda	168:633\$183	10:880\$883
75	Administração da Real Fazenda	156:788\$132	20:037\$295
76/81	João Roiz de Macedo	766:721\$612	415:625\$996
82/84	Joaquim Silvério dos Reis	355:612\$000	172:763\$719
85/87	José Pereira Marques	375:812\$000	193:641\$414
88	Administração da Real Fazenda	142\$627\$962	69:911\$762
89	Administração da Real Fazenda	131:031\$273	58:622\$556

Fonte: Registro das contas correntes de todos os rendimentos desta capitania extraídas no fim de dezembro de 1779 e remetidas ao contador geral em carta do escrivão e deputado da Junta da Fazenda desta capitania, em 9 de julho de 1780. Coleção *Casa dos Contos*, código 1376.

A maioria dos cronistas da época concorda em que a tributação concorria para o elevado preço das mercadorias consumidas na região das Minas Gerais. O direito de entradas sobre os escravos, por exemplo, influenciava sobremaneira o seu alto preço. Segundo J. J. Teixeira Coelho, os impostos pagos por escravo desde o Porto do Rio de Janeiro até o Registro do Caminho Novo eram os seguintes: direito de saída (450\$000), de despacho (\$500), passagem Rio Paraíba (\$500), passagem Rio Paraibuna (\$160) e entradas no Registro do Caminho Novo (3\$000). Tais tributos totalizavam uma despesa mínima de 454\$840 por escravo conduzido para a região.

Nas instruções para o Visconde de Barbacena, Martinho de Melo e Castro<sup>8</sup> comenta sobre as desvantagens do método utilizado para a fixação dos direitos de entradas: 1\$125 por arroba de fazenda seca (incluía tudo o que não era comestível, inclusive os instrumentos de trabalho) e 750 por carga de molhados (comida e bebida), computados pelo peso de duas, até de três arrobas. Segundo o mesmo autor, um alqueire de sal – gênero de primeira necessidade – pagava de entrada em Minas Gerais \$750 ou 93% do preço da mercadoria no Rio de Janeiro. Da mesma forma, todos os instrumentos de ferro usados na abertura e escavação das minas – alavancas, picaretas, alviões, enxadas e foices – também pagavam direitos elevados. O preço de um quintal de ferro, que no Rio de Janeiro estava entre 4\$800 e 6\$000, pagava de entrada em Minas Gerais a importância de 4\$500, isto é, 93% do preço da mercadoria quando consideramos a sua cotação mais baixa.

Em geral, o imposto incidia mais fortemente sobre os instrumentos de trabalho mais fundamentais, entre os quais se incluía o escravo e os bens mais essenciais. Não há informações completas sobre o imposto pago por algumas das principais

<sup>8</sup> MELO Castro, Martinho de. *Instruções para o Visconde de Barbacena*. Lisboa, 1788.

**QUADRO 7**  
Contratos de arrecadação dos dízimos

Contrato	Arrematante	Preço da arrematação	Dívida em 1798
1762-1765	João de Souza Lisboa	231:635\$040	113:592\$392
1765-1768	Real Fazenda	248:098\$857 <sup>1</sup>	16:055\$293
1768-1771	Cel. Ventura Fernandes d'Oliveira	190:265\$421	1:790\$487
1771-1774	Pedro Luiz Pacheco da Cunha e Cia.	190:235\$541	
1774-1777	Pedro Luiz Pacheco da Cunha e Cia.	190:235\$541	36:113\$592
1777-1783	Joao Rodrigues de Macedo	395:378\$957	252:653\$400
1784-1786	Domingos de Abreu Vieira	197:867\$375	62:493\$320
1787-1789 <sup>2</sup>	Cel. Manoel Teixeira Queiroga	197:867\$375	101:046\$883

<sup>1</sup> A arrematação do gado vacum estava separada deste contrato e foi feita a particular por 16:160\$000.

<sup>2</sup> O último ano deste contrato foi confiscado pela Real Fazenda; retirando-se o terceiro ano, o preço do contrato ficou por 131:911\$583.

Fonte: Arquivo Nacional, Coleção *Casa dos Contos* (vários microfilmes).

mercadorias consumidas na Capitania. Sabe-se apenas que no final do século um torrão de sal era tributado, nos registros, em \$500, a arroba de carne em \$375, a bruaca de sal em \$500, seis arrobas de fumo a 6\$750, uma arroba de toucinho em \$375 e um potro em 3\$000.<sup>9</sup> Que esses valores representavam um pesado encargo, atestam as sucessivas denúncias contidas nas instruções aos governadores da Capitania, preparadas a pedido da Coroa. Na instrução para o Visconde de Barbacena, por exemplo, consta a seguinte observação: “Que a forma e método atualmente estabelecido para a percepção dos direitos de entradas em Minas Gerais, é o mais absurdo e mais diametralmente opostos aos interesses da Real Fazenda e à prosperidade dos habitantes.<sup>10</sup>”

Pelas informações até agora obtidas, é improvável que os elevados níveis de taxação fossem os responsáveis pelos insucessos dos contratos de arrematação dos direitos de entradas. Na verdade, as evidências indicam que, se havia atrasos no pagamento do imposto, esse era integralmente recolhido quando a arrecadação estava por conta da Junta da Real Fazenda, que conseguiu cobrar mais de 90% dos créditos referentes a 1772 e 1773 num prazo de quatro anos: 1772 a 1775 e 1773 a 1776, respectivamente.

No caso dos dízimos, o exemplo mais eloquente da ação especulativa dos contratadores foi o apresentado por Manoel Teixeira Queiroga. Conforme balanço desse contrato, efetuado em fevereiro de 1802, o rendimento bruto dos dois anos iniciais (que permaneceram sob a responsabilidade do contratador) foi de 168:647\$971 que, em comparação com o preço inicialmente estipulado, 131:911\$583, representou um lucro da ordem de 36 contos de réis, não obstante o valor efetivamente pago à Real Fazenda até o ano de 1798 ter sido irrisório, e ser enorme a dívida acumulada pelo contratador no final do século.

Maxwell<sup>11</sup> informa que a ação especulativa dos contratadores era um fato conhecido. Segundo ele, um dos mais importantes inconfidentes, Alvarenga Peixoto, devia volumosas quantias a João Rodrigues de Macedo, provenientes de empréstimos feitos por intermédio do irmão de João Rodrigues (Bento R. Macedo), de José Pereira Marques e de Joaquim Silvério dos Reis.

<sup>9</sup> Informações do Arquivo Nacional, Códice, cx. 90.

<sup>10</sup> MELO Castro, Martinho de. op.cit. p. 117.

<sup>11</sup> MAXWELL, Kenneth R. *A devassa da devassa: A Inconfidência Mineira – Brasil e Portugal – 1750-1808*. Paz e Terra, 1978





Barra de ouro, séc. XVIII  
Acervo Museu do Ouro, Sabará

Quanto à hipótese de que os atrasos seriam fruto de dificuldades administrativas e de fiscalização, não há dúvidas quanto à ineficiência do sistema de cobrança e fiscalização. Em tese, estipulava-se um prazo de até seis meses para a cobrança das dívidas referentes aos direitos de entrada sobre mercadorias que cruzavam os registros, a crédito. Na prática, porém, este prazo não era obedecido, pois os pagamentos não levavam menos do que três anos para serem efetivados.

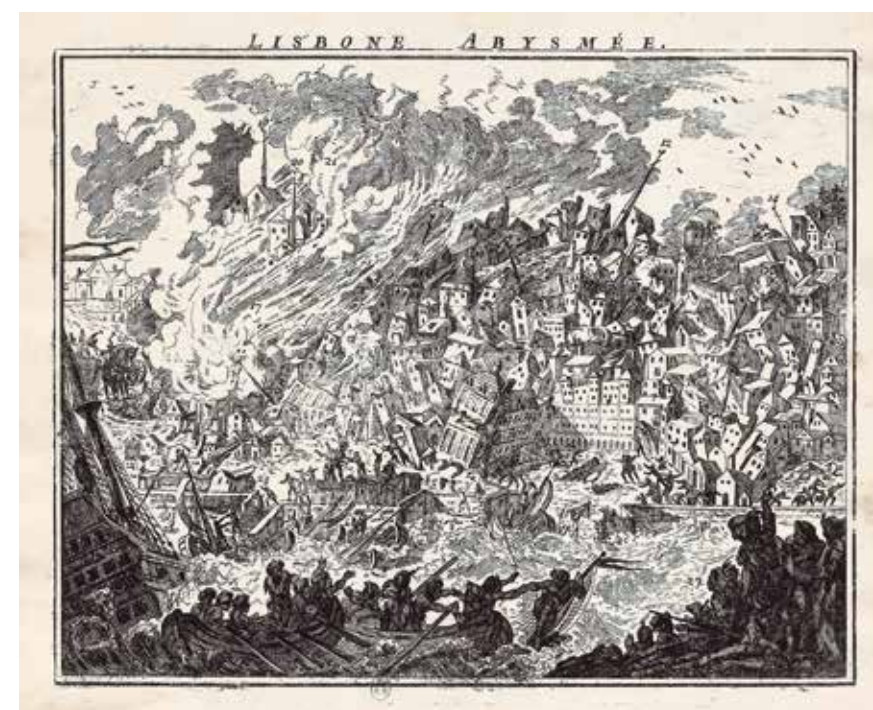
Nos contratos de dízimos, o rigor das cláusulas também não correspondia à realidade. No contrato de Manuel Queiroga, anteriormente analisado, estabeleceu-se três anos de carência, a partir dos quais o arrematante deveria pagar o preço da arrematação em 16 parcelas trimestrais. O não cumprimento dos prazos, revelado pelo acúmulo de dívidas, atesta a impotência da Junta da Real Fazenda para fazer cumprir os contratos de arrematação.

Pelo que se depreende do item anterior, as dificuldades administrativas eram mais sentidas nos momentos em que a arrecadação era entregue, por contrato, a particulares. Nesse caso, as dificuldades seriam mais de natureza institucional do que física, isto é, apesar das distâncias, da dispersão geográfica e da precariedade dos meios de comunicação, esses não seriam os fatores relevantes. O relacionamento do contratador com as autoridades locais tornava inoperante a multiplicação de sistemas formais de controle. Na verdade, como nos informa A. Lopes de Sá, o sistema contábil da época era bastante avançado e já incorporava as modernas técnicas em uso no exterior.

Vale a pena mencionar outro ponto: o de que a análise dos diferentes contratos de entradas e dízimos revela uma coincidência de fracassos. João de Souza Lisboa e João Rodrigues de Macedo mostram, em períodos distintos e para impostos distintos, um resultado altamente negativo do ponto de vista das relações com a Real Fazenda, enquanto Manoel de Araújo Gomes (entradas) e Ventura Fernandes d'Oliveira (dízimos) apresentam uma performance satisfatória. O fracasso ou o sucesso dos contratos relaciona-se, assim, com a atitude do contratador. Pelo menos no caso de João Rodrigues de Macedo, sabemos que desempenhou, à época, importante função de banqueiro, a qual provavelmente se teria expandido com base na acumulação de receitas fiscais.

#### Comentários finais

Do ponto de vista da política tributária, a conclusão que pode ser extraída da análise anterior é a de que a prática da derrama, utilizada pelo governo português no período colonial para solucionar os seus problemas de arrecadação, não foi inteiramente abolida no país. O sistema tributário tornou-se mais complexo, acompanhando as transformações políticas, econômicas e sociais registradas em quase dois séculos e meio de história nacional. A administração



Autor desconhecido  
*Lisbone Abysmée (Le tremblement de terre de Lisbonne de 1755)*, c.1760  
Água forte  
Acervo Bibliothèque Nationale de France

fazendária incorporou métodos cada vez mais sofisticados para assegurar o fiel cumprimento das responsabilidades tributárias. O “espírito” da derrama não foi, entretanto, devidamente exorcizado. Incorporado recentemente em entidades do reino animal, ele continua aterrorizando o cidadão brasileiro.

O “espírito” da derrama manifesta-se por uma corrente de decisões que se reforça mutuamente. Para solucionar os seus problemas financeiros, o governo eleva a pressão fiscal aumentando as alíquotas e explorando todas as possíveis fontes de receita; o aumento da pressão fiscal induz os contribuintes a buscarem meios – lícitos e ilícitos – de rechaçar a iniciativa governamental. O revide vem sob a forma de penalidades mais severas e de tentativas de aperfeiçoamento dos mecanismos de controle. A expansão das penalidades não reduz o incentivo à evasão. Muito pelo contrário, quanto maior for o ganho esperado em decorrência do não cumprimento das obrigações fiscais, maior será o incentivo à sonegação. Nesse caso, o risco associado à possibilidade de o contribuinte ser “apanhado” pelo fisco pode ainda ser reduzido, por meio da contratação de especialistas que buscam dar cobertura legal a práticas destinadas a reduzir o pagamento do tributo. O resultado final é uma maior iniquidade na repartição do ônus fiscal, a despeito das reiteradas manifestações de ênfase na justiça distributiva.

Do ponto de vista administrativo, as diferenças entre a base legal de incidência e os procedimentos administrativos de cobrança, além dos freqüentes atrasos no recolhimento do imposto devido aos cofres públicos, revelam o eterno conflito entre o fisco e o contribuinte, sepultando a figura do contribuinte civicamente responsável que é apresentada em alguns textos sobre tributação. Imposto é, por definição, algo com o que não se compactua voluntariamente. Desenvolvimento cultural e melhor nível de escolaridade não fazem com que o indivíduo pague, com devoção, o imposto que lhe é cobrado pelo governo (muitas vezes é exatamente o contrário que acontece). Diferenças encontradas

ao longo do tempo (ou entre países) refletem, muito mais, as desigualdades com respeito à eficiência dos controles e o rigor das penalidades. Quando os controles são ineficientes e a regra é a impunidade, não há razão para que o contribuinte colabore voluntariamente com o fisco.

Outro ponto muito importante a ser ressaltado, no tocante a lições que a história oferece para a atualidade, é o desafio que a revolução digital traz para manter a integração nacional e promover a coesão federativa num mundo em transformação. No período colonial, as províncias se relacionavam diretamente com a matriz e as relações internas praticamente não existiam. Isso mudou com a vinda de d. João VI para o Brasil e a transferência da Corte para o Rio de Janeiro. E foi fundamental para que, após o seu retorno a Lisboa e a instauração do regime imperial, patrocinado por José Bonifácio, a integridade do território brasileiro, num contexto de grandes disparidades e conflitos internos, fosse preservada.

Mas o problema não foi superado. As províncias mais ricas insistiam na demanda por autonomia política e financeira, mediante a adoção de uma monarquia federativa, nos debates travados na Constituinte de 1823, defendendo a tese de que essa opção não era incompatível com a preservação do interesse nacional, a exemplo do caso norte-americano. Mas os que se opunham a essa alternativa arguíam que não era possível sustentar a tese, tendo em vista que a realidade brasileira era muito diferente e que os riscos de perda da unidade nacional seriam enormes.

Centralizadores ganharam a disputa em 1823, mas isso não foi suficiente para aplacar os instintos liberalizantes que ressurgiram após a abdicação de Pedro I, com a adoção do Ato Adicional de 1834, que retomava a proposta de uma monarquia federativa, e que também acabou não tendo sucesso.

Com o fim do Império e a Proclamação da República os conflitos ressurgiram, sendo necessário que o Marechal Floriano Peixoto, que assumiu o poder naquele momento, usasse de mão de ferro para derrotar os revoltosos e controlar a situação, com o objetivo de evitar que a segregação saísse vitoriosa. Mas faltavam medidas para promover a integração do território por meio de uma política nacional de desenvolvimento regional.

Oficialmente adotado em 1891, o regime federativo passou por algumas mudanças que contribuíram para a renovação dos conflitos e a ampliação das disparidades inter e intra-regionais, com o retrocesso decorrente do virtual abandono das medidas adotadas na década de 1970 para lidar com esse problema. Num momento em que crescem os desafios para manter a integração nacional e sustentar a coesão federativa, como explorar as lições que a nossa história oferece para enfrentar esse desafio?

É claro que não se trata de defender o retorno a uma regime autoritário, e, sim, de realçar a importância de dotar o Estado Nacional dos instrumentos necessários para implementar uma estratégia que viabilize o atendimento dos objetivos a serem alcançados, mediante a adoção de um planejamento decenal, que propicie uma gestão eficiente dos recursos a serem mobilizados para esse fim. Ou seja, precisamos reestruturar o Estado para discutir as reformas necessárias que sustentem a integração nacional e a coesão federativa.

Em suma, o importante é que os governos estejam permanentemente atentos às mudanças que ocorrem na atividade econômica e na sociedade, para que a tributação e o federalismo se ajustem às novas situações geradas por essas mudanças. E isso é o que está faltando no atual debate sobre reforma tributária que ocorre atualmente no Brasil.



**THALES LEITE**

*Igreja do Convento Madre de Deus, Lisboa, 2018*

*A construção do convento Madre de Deus teve início em 1509, a mando da rainha d. Leonor, esposa do rei d. João II. A partir de 1550, foi erguida a atual igreja, sendo posteriormente decorada, nos séc. XVII e XVIII, seguindo o estilo barroco. Os altares da igreja, assim como o transepto, são decorados com elementos em talha dourada – madeira revestida com uma fina camada de ouro, trazido das colônias.*

pág. 165

**LEONARDO FINOTTI**

*Real Gabinete Português de Leitura, 2022*  
Rio de Janeiro

*Leonardo Finotti fotografa a arquitetura moderna em todos os continentes. Este brasileiro corresponde ao olhar do português Fernando Guerra na busca da grandexa à intimidade do espaço construído moderno. Este ensaio sobre o edifício do Real Gabinete Português de Leitura foi elaborado especialmente para essa publicação.*

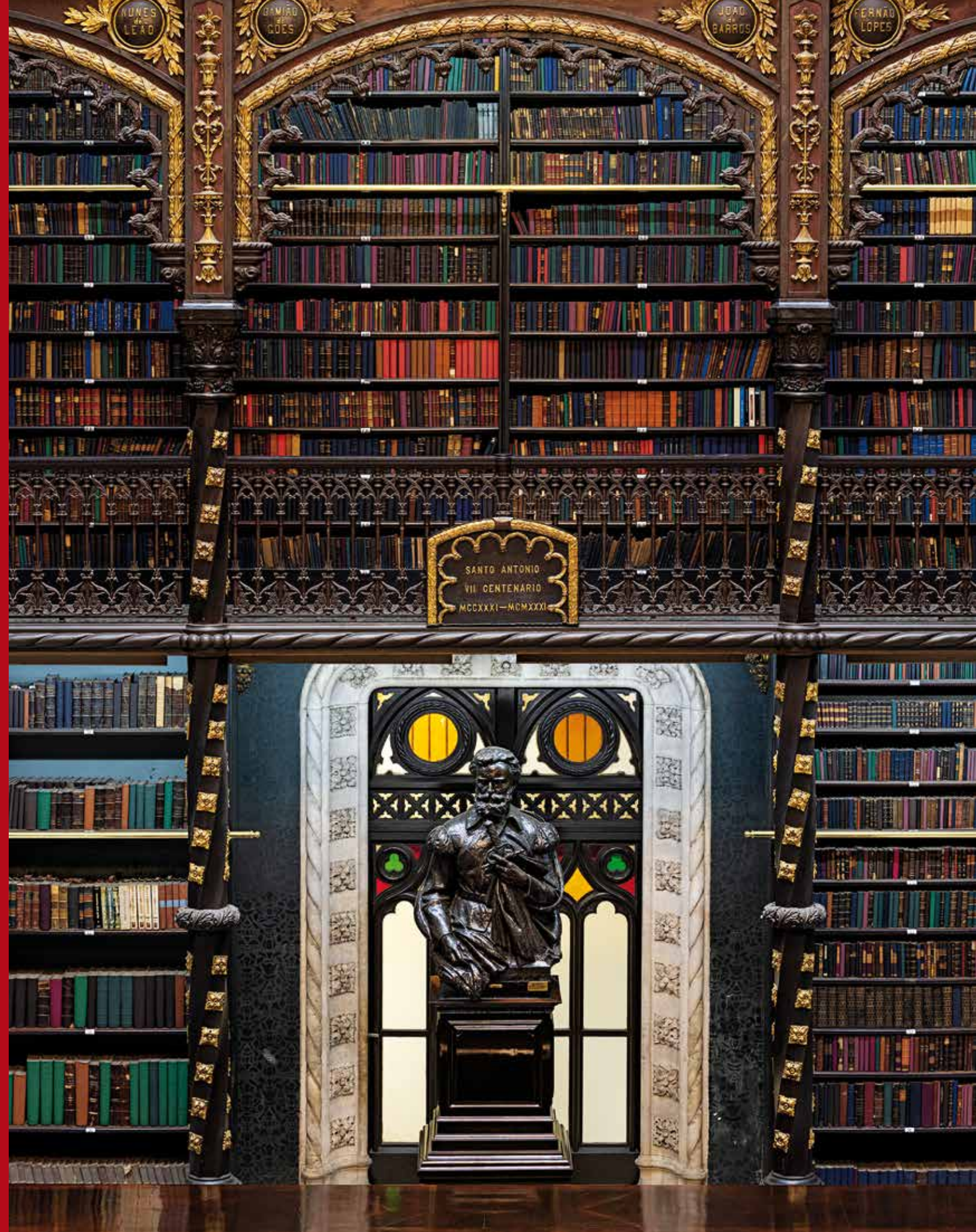
pág. 166

**THALES LEITE**

*Biblioteca Nacional, 2022*  
Rio de Janeiro

**Escrever é usar as palavras  
que se guardaram:  
se tu falares de mais,  
já não escreves,  
porque não te resta nada  
para dizer.**

Miguel Sousa Tavares





## Rio de Janeiro, a cidade das letras

No século XIX o Rio de Janeiro, capital do Império do Brasil, possuía um sistema de bibliotecas dignas de nota, fato que levou Angela Rama a chamar a metrópole tropical de “cidade das letras”. A grande estrela dessa constelação de acervos era e continua sendo, evidentemente, a Biblioteca Nacional, constituída pelo príncipe regente d. João VI, em 1810, como Biblioteca Real. A essa notável livraria enciclopédica agregaram-se três bibliotecas universitárias especializadas: a da Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica (fundada em 1806), a da Escola de Engenharia (oriunda da Academia Real Militar, fundada no século XVIII) e a da Academia Imperial de Belas Artes (incluída aí sua coleção de gravuras e desenhos europeus, originada pela vinda da Missão Artística Francesa de 1816).

A primeira biblioteca científica do país talvez tenha sido a do Museu Real. As raízes dessa instituição, por sua vez, remontam a 1784, quando da criação, pelo vice-rei d. Luiz de Vasconcelos, do Gabinete de Estudos de História Natural – ou “Casa dos Pássaros”, como era popularmente conhecido, em decorrência de sua coleção de espécimes brasileiros empalhados. Elevado, em 1818, à condição de Museu Real por d. João VI, foi apenas com a Proclamação da República que o antigo gabinete viria a se tornar o Museu Nacional. Por sorte, sobreviveu ao devastador incêndio de 2018 parte expressiva dessa biblioteca, como desenhos e manuscritos da expedição de Alexandre Rodrigues Ferreira, as estelas egípcias e a dita Torá do imperador d. Pedro II. O Museu Nacional integrava uma rede internacional de trocas de conhecimento, a qual, inclusive, era responsável por convalidar a produção científica da entidade, materializada em sua revista.

O Colégio Pedro II, fundado em 1837, hoje “caracteriza-se por ser uma instituição de ensino básico, profissional e superior, pluricurricular e multicampi, especializada na oferta de educação básica e de licenciaturas” (conforme Priscila de Assunção Barreto Côrbo e Tatyana Marques de Macedo Cardoso). Sua biblioteca reúne livros e periódicos do século XVI até o início do século XX, perfazendo um total aproximado de 20.000 volumes. Seu acervo arquivístico guarda a memória institucional desde o primeiro livro de *Avisos do Imperial Colégio de Pedro II* de 1838.

Fundado em 1838 por iniciativa de Januário da Cunha Barbosa e do marechal Raimundo José da Cunha Matos, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) tinha, quando de sua inauguração, a missão de coletar e

### PAULO HERKENHOFF

Consultor da FGV Conhecimento, mestre em Direito Comparado pela New York University, ex-professor de Direito Constitucional na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, ex-assistente do presidente da Biblioteca Nacional e autor do livro *Biblioteca Nacional, história de uma coleção*, Rio de Janeiro, editora Salamandra, 1996. Detentor da Grã-Cruz da Ordem do Mérito Cultural brasileira.



Torá, c. séc. XIII  
Manuscrito sobre pergaminho

*O imperador d. Pedro II colecionava livros sagrados de algumas religiões, todos hoje na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. No entanto, sua Torá medieval é hoje preservada no Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. É o mais importante documento judaico do Brasil. Chamada de “a Torá do Imperador”, aquela raridade sobreviveu intacta ao incêndio que acometeu o Museu Nacional em 2018.*



JAIME ACIOLI (1966)  
*Biblioteca do Mosteiro de São Bento*, Rio de Janeiro



**ANDRÉ PENTEADO** (1970)  
Salão Nobre decorado com o quadro *Coroação de Pedro II, de 1842, de Manuel de Araújo Porto-Alegre*. Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), Rio de Janeiro, 2017  
Fotografia  
Coleção do artista

publicar documentos relevantes para a história do Brasil e de incentivar o ensino público. Em última análise, tratava-se do primeiro grande projeto de elaborar uma História do Brasil que fosse escrita por brasileiros. Hoje, incumbe-se de coligir, metodizar, publicar ou arquivar os documentos caros à História e à Geografia do Brasil. A revista do IHGB é editada trimestralmente desde 1839. Seus fundos colecionísticos de livros e artefatos incluem preciosidades as mais diversas, como, entre outros: uma pintura de Frans Post; o manuscrito da sentença da Inquisição contra o padre Antônio Vieira; projetos de carros alegóricos para um desfile no Rio de Janeiro em 1786; a planta do Forte de Macapá, traçada em 1770; dezenas de documentos sobre os inconfidentes de Minas Gerais (como os registros do julgamento de Tiradentes e dos confiscos de bens e outros); cerca de cinquenta pinturas e esculturas que retratam membros da família real portuguesa e da imperial brasileira; o grande painel *Coroação de d. Pedro II* (c.1842, 4,85 cm × 7,93 cm, inacabado) que registra a de autoria Manuel de Araújo Porto-Alegre; centenas de manuscritos sobre a escravidão no Brasil; pequenos livros manuscritos com suratas do Alcorão, em árabe, que africanos islamizados (ou malês), traficados como escravos para o Brasil, traziam

ao pescoço; o crânio do homem da Lagoa Santa, oferta de Peter W. Lund cuja descoberta, em 1845, deu grande impulso à paleontologia no Brasil.

O Arquivo Nacional, conforme previsto na Constituição de 1824, foi regulamentado em 1838. Seu acervo corresponde a cerca de 55 quilômetros de documentos textuais, 1,74 milhão de fotografias e negativos, 200 álbuns fotográficos, 15 mil diapositivos, 4.600 peças gráficas, além de livros, mapas, filmes e registros sonoros. Entre seus principais documentos estão os autos do processo com a sentença de morte de Tiradentes, o manuscrito do juramento de d. Pedro I à Constituição de 1824 e o texto solene da Lei Áurea, de 1888, que formalizou o fim da escravidão no Brasil. O arquivo do Gabinete de d. João VI, que reúne itens do período em que esteve no Brasil, inclusive peças anteriores à sua vinda para o Rio de Janeiro, foi adquirido na Europa pelo colecionador Marcos Carneiro de Mendonça, em 1952, para doação ao Arquivo Nacional.

A gama de bibliotecas públicas não oficiais tem uma história que engloba desde algumas iniciativas comunitárias (como a associação Retiro Literário Português, na segunda metade do século XX) até a Biblioteca Fluminense, uma biblioteca privada situada à rua do Ouvidor, nº 82, frequentada por leitores como Machado de Assis, que podiam encontrar títulos como *Nouvelles Histoires extraordinaires*, coletânea de contos de Edgar Allan Poe, selecionados e traduzidos para o francês por Charles Baudelaire, publicada em 1856 – edição que envolve dois ícones da modernidade. Eram dignas as bibliotecas conventuais, como a dos beneditinos e a dos franciscanos, iniciadas no século XVI, já que os jesuítas haviam sido expulsos do Império português.



*Sentença de Tiradentes*  
Acervo Arquivo Nacional, Rio de Janeiro



*Ex-libris da Bibliotheca Fluminense*  
Acervo Fundação Biblioteca Nacional,  
Rio de Janeiro

O acervo da Bibliotheca Fluminense foi agregado ao da Biblioteca Nacional. Para a população da antiga capital do Brasil, esta foi uma biblioteca comunitária, à qual sempre se fez maciça doação de documentos e livros.

O Rio de Janeiro abriga uma instituição sui generis no mundo com sua sede dedicada aos estudos do positivismo do filósofo Auguste Comte. A Igreja Positivista brasileira foi fundada em 1881 e inaugurou seu Templo da Humanidade em 1897, com projeto segundo a orientação de Comte e execução conduzida por Miguel Lemos. O Templo da Humanidade conserva uma biblioteca de 15.000 volumes especializados no positivismo e arquivos dos republicanos. Entre os frequentadores da Igreja positivista estavam Euclides da Cunha e o marechal Candido Rondon. Com Benjamin Constant e Raimundo Teixeira Mendes, que projetou a primeira bandeira do Brasil e gravou o lema Ordem e Progresso, o positivismo foi o fermento da República no Brasil. O conjunto do Templo da Humanidade foi inscrito no projeto Memória do Mundo da Unesco.

Ex-libris da Coleção Dona Thereza Christina Maria  
Acervo Fundação Biblioteca Nacional,  
Rio de Janeiro

Esse é o símbolo que indica a origem da mais  
extensa doação feita à Biblioteca Nacional.



Moradores da “cidade das letras” se destacaram por suas bibliotecas particulares, entre eles José Bonifácio de Andrada e Silva, d. Pedro II, Rui Barbosa, Barão do Rio Branco, Francisco Ramos Paz, Jerônimo Máximo de Nogueira Penido e José Benício de Abreu e outros. José Bonifácio, o patriarca da independência do Brasil, reuniu mais de 5.000 livros. Esse conjunto, de grande valor para compreender a arquitetura intelectual da independência, hoje se encontra na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

O diplomata pernambucano (que residiu no Rio por força do ofício) Manuel de Oliveira Lima doou, em 1920, sua biblioteca, constituída de cerca de 45 mil exemplares, à Universidade Católica de Washington. Hoje Ibero American Library, abriga algo como 58 mil itens. Uma pesquisa realizada pelo Arquivo Nacional estudou 82 bibliotecas de advogados e 50 de médicos que eram conhecidas no Rio de Janeiro no período de 1870 a 1920.<sup>1</sup> Outras pesquisas listam, no Rio, 130 grandes bibliotecas de direito, 109 de medicina e 18 familiares. O imigrante português e bibliófilo Francisco Ramos Paz reuniu 30 mil volumes, inclusive raridades. É reconhecido como um grande doador de raridades para a Biblioteca Nacional – um total de 855 itens – e, outrora, também para o Gabinete Português de Leitura. Depois da morte de Ramos Paz, sua coleção foi arrematada em leilão por Arnaldo Guinle e doada à Biblioteca Nacional.



Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro  
Fonte Wikimedia Commons /  
Daniel Silva Barbutti

<sup>1</sup> BESSONE, Tania Maria Tavares. *Palácios de destinos cruzados. Bibliotecas, homens e livros no Rio de Janeiro*. São Paulo: Edusp, 1999.



A biblioteca de Rui Barbosa foi preservada na íntegra, com seus 23 mil títulos, em 57 mil volumes, ao ser adquirida pelo Estado brasileiro em 1924. Seus livros foram guardados em quatro gabinetes interligados em sua antiga residência, na rua São Clemente, bairro de Botafogo, na instituição hoje denominada Casa de Rui Barbosa, que em 1952 publicou, em três volumes, o *Catálogo da Biblioteca de Rui Barbosa*.

A biblioteca de d. Pedro II, com cerca de 100 mil itens, foi doada, quando de sua partida para o exílio, à Biblioteca Nacional e ao IHGB com o nome Coleção Dona Thereza Christina Maria. Aos 14 anos, em 1840, d. Pedro II foi o primeiro fotógrafo do Brasil – segundo a historiadora Lilia Moritz Schwarcz, a fotografia foi usada pelo imperador para passar uma imagem de si mesmo moderna, “como [ele] queria que fosse o reino”.<sup>2</sup> Dotado de um “desejo do mundo”, ele foi o primeiro colecionador de fotografias no país, tendo reunido mais de 25 mil imagens provenientes do Brasil e de várias partes do mundo. D. Pedro II foi amigo de escritores, pintores e viajantes, mas também de figuras europeias eminentes, como o escritor Victor Hugo e Friedrich Nietzsche. Em 1871, d. Pedro II viajava de trem para a Áustria com sua comitiva quando o filósofo alemão, sem saber que se tratava de um vagão exclusivo, entrou na composição. Ao notar que o carro estava ocupado por uma alta autoridade, Nietzsche fez gesto de retirar-se. O Imperador brasileiro, no entanto, convidou-o a permanecer, e os dois conversaram por cinco horas a fio. Tornaram-se então amigos e mantiveram uma correspondência que durou até a morte de Nietzsche.

**DANIEL LANNES** (1981)  
*Pacto sinistro*, 2017  
Acrílica e óleo sobre linho, 140 × 180 cm  
Coleção particular, Rio de Janeiro  
Foto Pat Kilgore

<sup>2</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As barbas do imperador: d. Pedro I, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.



### Liceu Literário Português

O Liceu Literário Português é um centro de investigação da paisagem linguística da lusofonia,<sup>3</sup> função que desempenha desde seu estabelecimento, no terceiro quartel do século XIX, com a missão – quase caritativa – de formação de jovens imigrantes pobres, até a atualidade, em que desponta como centro de excelência de estudos da língua portuguesa.

O liceu foi fundado em 10 de setembro de 1868 por um grupo de portugueses liderado pelo jovem José João Martins de Pinho, primeiro barão do Alto Mearim no Brasil e primeiro conde de Alto Mearim em Portugal. Muito próspero, Martins de Pinho, juntamente com Mota Machado e o conselheiro Mayrink, tornou-se sócio fundador do Banco Construtor.

A missão original do Liceu Literário Português, definida pelo barão do Alto Mearim, era a difusão da cultura luso-brasileira e a promoção do ensino, sobretudo para jovens portugueses desprovidos de formação para o mercado de trabalho que imigravam para o Rio de Janeiro. Essa benemerência tinha ecos autobiográficos, pois próprio Martins de Pinho havia emigrado para o Brasil aos 14 anos, sem profissão técnica significativa.

A missão atual do moderno Liceu Literário Português é, por meio de seus órgãos, manter o ensino e a pesquisa da língua portuguesa e apresentar trabalhos científicos, técnicos e artísticos relacionados com a lusofonia. Seu Centro de Estudos Luso-Brasileiros compreende quatro unidades: o Instituto de Língua Portuguesa, o Instituto Luso-Brasileiro de História, o Instituto de Estudos Portugueses Afrânio Peixoto e o Instituto Luso-Brasileiro de Folclore. Sua revista *Confluência* é voltada essencialmente para temas linguísticos.

Depois de ter passado por vários endereços no centro do Rio de Janeiro – rua da Carioca, rua dos Ourives e rua Sete de Setembro –, o Liceu Literário Português estabeleceu-se, finalmente, na rua da Saúde (depois cognominada travessa do Liceu), no largo da Prainha, atual praça Mauá. Com o crescimento de sua importância política e educacional, o Liceu Literário Português adquiriu, em 1915, uma nova sede na rua Senador Dantas, em zona mais privilegiada no centro do Rio de Janeiro. Mais tarde, o prédio foi acometido por um incêndio, que levou à construção do atual edifício inaugurado em 1938, com nove andares. O novo projeto é de autoria de Raul Pena Firme, que adotou discretos traços evocativos da arquitetura manuelina em diálogo com a sede de sua instituição coirmã, o Real Gabinete Português de Leitura.

No *hall* de entrada do edifício-sede do Liceu encontram-se alguns dos grandes tesouros da instituição: dois painéis de azulejos assinados por um dos maiores nomes da azulejaria, o português Jorge Colaço (1868-1942). Datados de 1937 e doados pelo conde Dias Garcia, as obras retratam cenas da vida do infante d. Henrique, o Navegador, e do primeiro rei de Portugal, d. Afonso Henriques. Na Sala Camões, onde se reúne a presidência do Liceu, encontra-se outro painel de Colaço, intitulado *Primeiro padrão em Porto Seguro*. Com episódios marcantes da história portuguesa, os painéis do Liceu confirmam o gosto de Colaço pela temática historicista. Esta é a dupla portugalidade abrigada nos azulejos do Liceu: a história gloriosa da potência da navegação intercontinental no Renascimento e da bela arte da azulejaria. Os painéis de Jorge Colaço podem ser considerados uma das mais importantes representações de azulejos de Portugal no Rio de Janeiro, no século XX.

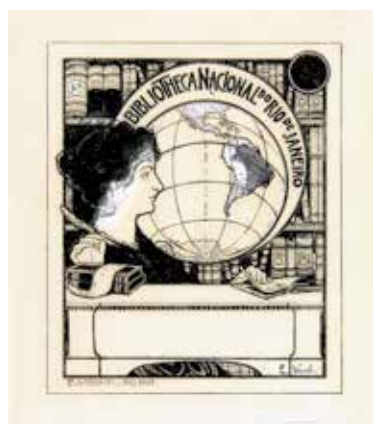
<sup>3</sup> Tomamos como modelo para essa definição da instituição o texto de Helena Rebelo “Da paisagem à paisagem linguística como património ou da prática à teoria: para uma tipologia da paisagem linguística”. In *Confluência*. Rio de Janeiro, Liceu Literário Português, n. 60, p. 198-221, jan.-jun. 2021, p. 198-221.



**THALES LEITE**  
Liceu Literário Português, Rio de Janeiro  
Fachada e hall de entrada



**ELISEU VISCONTI** (1866-1944)  
*Desenho original do ex-libris da Biblioteca Nacional, 1903*  
 Nanquim  
 Acervo Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro



### **Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro**

*Maktub!* Estava escrito que o destino da Biblioteca Real portuguesa e a Biblioteca do Infantado estavam destinados ao Brasil. Três episódios confirmam este fato.

#### I

Vieram de navio. Saíram às pressas. Atravessaram o oceano, escoltados por embarcações inglesas. Antes delas vieram uma rainha louca, um príncipe regente, nobres, gente da corte em sua apressada fuga das tropas napoleônicas que invadiram Portugal em 1807. Traziam o que podiam. Vieram livros. Veio o que parecia necessário a uma corte europeia exilada nos trópicos. Também aportou no Rio de Janeiro a livraria de uma Coroa europeia, a Real Biblioteca. Veio acondicionada em muitos caixotes. Era 1810. Vieram um livro de horas dos reis de Portugal, iluminado por Spino Spinelli (1378), incunábulo. Foi agregada outra livraria da realeza – a Biblioteca do Infantado, destinada à educação dos príncipes. Vieram textos de todas as províncias do saber. Veio o Portugal impresso até então. Vieram artes gráficas, de Dürer a Piranesi, de Rembrandt aos Caracci. Vieram a ciência e a filosofia. O Iluminismo de Buffon e a *Enciclopédia* de Diderot e d'Alembert aportaram em caixotes. Chegaram exemplares únicos, inexistentes em qualquer outra biblioteca.

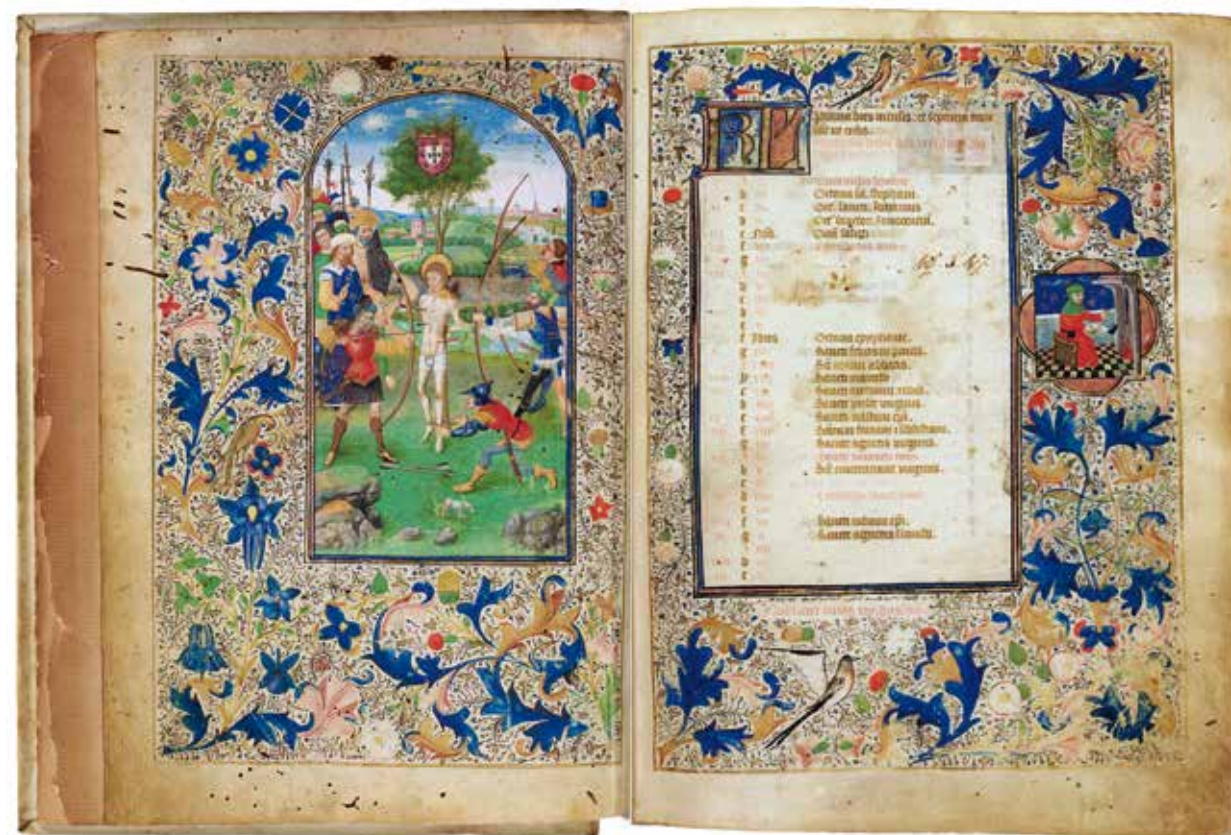
#### II

Essa necessidade de uma biblioteca alentada a uma corte europeia se transferiu concreta e pragmaticamente para o Brasil. Essa lição foi aprendida por d. Pedro I, príncipe e depois imperador do Brasil, e por artífices da Independência, como José Bonifácio de Andrada e Silva e a princesa e depois imperatriz Leopoldina.

Havia 60 mil livros na Biblioteca Real do Rio de Janeiro em 1814 – no mesmo ano, em Washington, quando a Biblioteca do Congresso ardeu, perdeu-se todo o acervo de apenas 3 mil títulos... Hoje, seu acervo possui cerca de 10 milhões de itens (livros, folhetos, manuscritos, partituras e registros sonoros, gravuras, desenhos e fotografias, teses universitárias e outras) que lhe garantem o lugar de décima maior biblioteca nacional do mundo, segundo a Unesco.

#### III

A reiteração daquele destino ao Brasil e da necessidade de uma biblioteca de grande categoria europeia se deu na decisão de adquirir a Biblioteca Real numa transação de filho com o pai, tal qual a Independência fora um acerto



pacífico entre filho e pai, malgrado as lutas em algumas províncias como a Bahia. Se, por um lado, a Real Biblioteca ficou em definitivo no Rio de Janeiro, por outro, sua permanência ali foi dispendiosa. De tão importante, ela foi objeto de cláusulas de atos diplomáticos de consolidação da Independência, do Tratado de Paz e Amizade de 1825 – d. Pedro I concordou em indenizar a família real portuguesa em oitocentos contos de réis pelo acervo deixado no Brasil. Ademais, o navio que levava os recursos para o pagamento para Portugal foi assaltado por piratas na travessia do Atlântico. Em consequência, foi necessário fazer uma segunda remessa de dinheiro. A tudo isso, podemos chamar de vontade de biblioteca da dinastia dos Orleans e Bragança.

### **Real Gabinete Português de Leitura**

O Real Gabinete Português de Leitura está solidamente representado nesta coletânea pelos artigos de Francisco Gomes da Costa, Gilda Santos e Luís Felipe de Castro Mendes. Sendo assim, optou-se aqui por apresentar dez questões especiais que abrem um leque de feitos, fatos singulares e problemas do Real Gabinete.

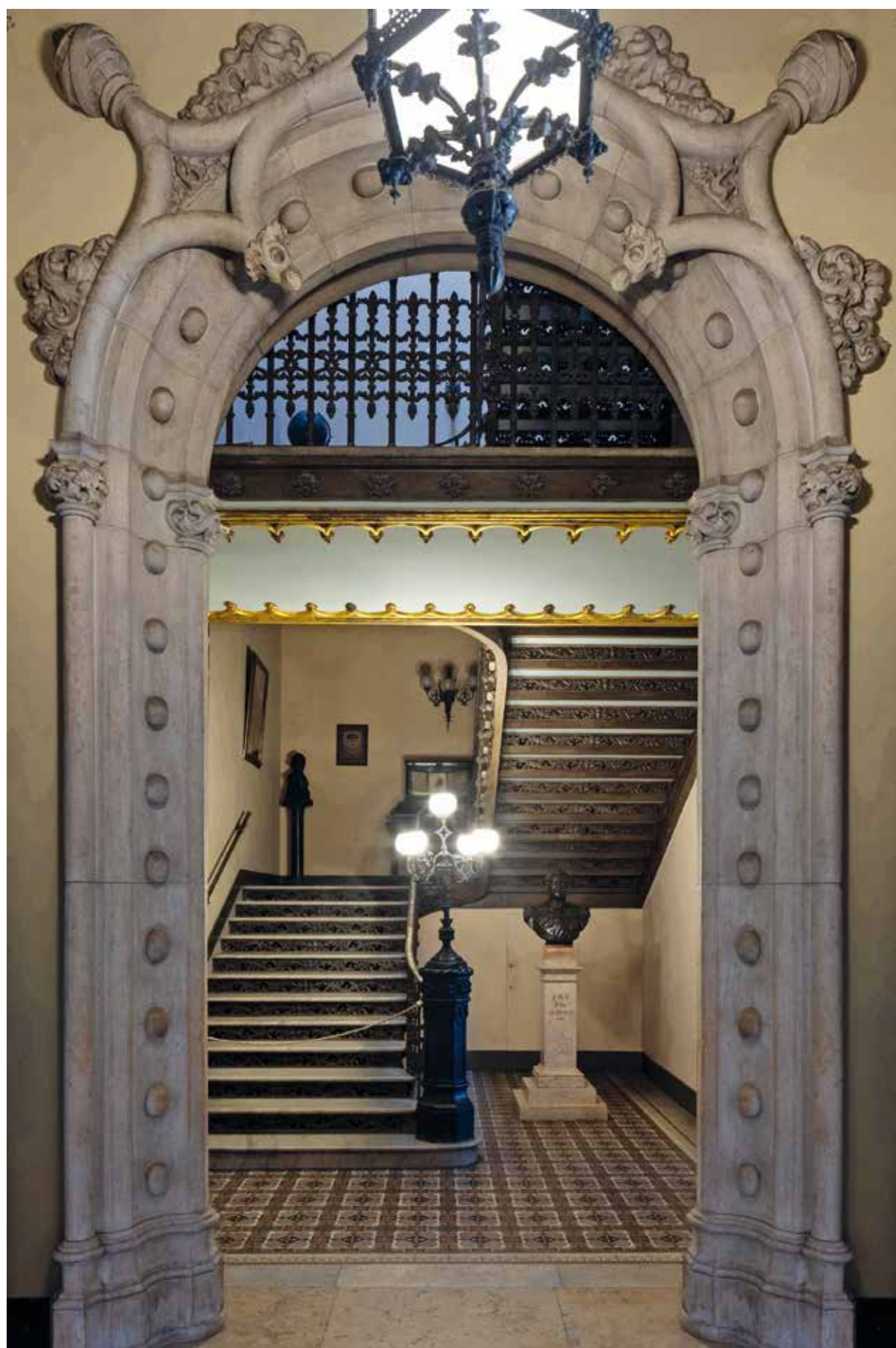
#### *I. Farol lusitano*

Gerações de portugueses que emigraram para o Rio de Janeiro desde 1837 legaram ao Brasil uma das mais extraordinárias bibliotecas de que se tem conhecimento – a maior reunião de publicações portuguesas fora de Portugal, com quase 400 mil títulos. O Real Gabinete Português de Leitura é, na verdade, a síntese de vários faróis reunidos em só, erigido na baía de Guanabara: um farol da língua portuguesa, surgido para saciar a saudade da língua materna dos

### **SPINO SPINELLI**

*Livro de horas, 1378*  
 Acervo Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro

*Este livro foi feito especialmente para os reis de Portugal. Iluminado a cores e ouro sobre pergaminho, chegou ao Brasil com a Real Biblioteca.*



imigrantes portugueses do século XIX; um farol da cultura lusitana no Brasil, que espalha luz com sua revista *Convergência Lusitana*, com cursos e palestras organizados no contexto do Centro de Estudos do Real Gabinete Português de Leitura (fundado em 1969), o qual inclui o dinâmico Polo de Pesquisa Luso-Brasileiras, criado pela professora Gilda Santos em 2001 e que reúne cerca de sessenta professores e pesquisadores; um farol modelo para a fundação dos Gabinetes Portugueses de Leitura de Salvador, de Pernambuco e de Santos; e um farol da arquitetura neomanuelina no Brasil, precursor da arquitetura neocolonial, como a sede do Gabinete Português de Leitura de Salvador, projetada pelo arquiteto italiano Alberto Barelli (inaugurada em 1918), e a do Gabinete Português de Leitura de Santos, desenhada pelos engenheiros portugueses Ernesto Maia e João Esteves Ribeiro da Silva.

#### II. Dúvidas sobre a dimensão do conjunto de obras de Camilo Castelo Branco

Um dos tesouros do Real Gabinete Português de Leitura são os manuscritos originais de 1861 do romance *Amor de perdição* (primeira edição de 1862) de Camilo Castelo Branco. A biblioteca da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) possui um acervo dedicado a Camilo, com 8 mil itens (entre livros, periódicos, folhetos, fotografias, fac-símiles de manuscritos, clichês de página de rosto, materiais sobre o autor e até livros de escritores brasileiros e portugueses que o citam em epígrafes). Tudo isso levou a considerarem-na a maior camiliana do Brasil, já que o Real Gabinete registra apenas 1.543 itens (807 itens bibliográficos [livros e periódicos], 700 de correspondência passiva e 36 de correspondência ativa). No entanto, essas contagens se valem de critérios bastante diversos, posto que a biblioteca mineira contabiliza todos os itens já mencionados, enquanto o acervo carioca computa apenas os títulos específico de e sobre Camilo. Uma minuciosa revisão de critérios e pesquisa no acervo pode assegurar que sua

**FREDERICO STECKEL** (c. 1834-1921)

*Inauguração do novo edifício do Gabinete Português de Leitura*, 1887

Óleo sobre tela

Acervo Real Gabinete Português de Leitura

O artista alemão Friedrich Anton Steckel mudou-se para o Brasil em meados do século XIX, estabelecendo-se no Rio de Janeiro, onde dedicava-se à pintura e às artes decorativas. Dentre os prédios que contaram com seus trabalhos, destaca-se a decoração na sede do Real Gabinete Português de Leitura, onde compôs pinturas e ornamentos em relevo, além da pintura a óleo que registra as festividades de inauguração da nova sede.

**LEONARDO FINOTTI**

*Real Gabinete Português de Leitura*, 2022

Rio de Janeiro



**JOSÉ MALHOA** (1855-1933)  
*Descoberta do Brasil, 1908*  
 Óleo sobre tela  
 Acervo Real Gabinete Português de Leitura

camiliana é de longe a maior do Brasil. Segundo a professora Gilda Santos, se o Real Gabinete Português de Leitura seguisse os mesmos critérios da UFMG, sem dúvida ultrapassaria largamente a casa dos 8 mil itens.<sup>4</sup> A coleção Queirosiana do Real Gabinete também é a maior do Brasil, segundo Carlos Reis, diretor da edição crítica das *Obras completas* de Eça de Queirós lançada pela Imprensa-Nacional/Casa da Moeda de Portugal.

### III. A vigência da legislação civil portuguesa no Brasil

O direito civil português teve vigência no Brasil até 1916, quando foi promulgado o primeiro Código Civil Brasileiro. Por isso, o Real Gabinete Português de Leitura deve ter sido uma fonte de pesquisa para advogados e autoridades judiciais do Rio de Janeiro, não fosse seu mentor inicial, José Marcelino da Rocha Cabral, um brilhante advogado. O Real Gabinete Português de Leitura possui desde sempre uma alentada coleção das Ordenações Afonsinas (a partir de 1446), Manuelinas (a partir de c.1613) e Filipinas (a partir de “*Considerando Nós quão necessaria he em todo tempo a justiça, assim na paz como na guerra, para boa governança e conservação da Republica e Stado Real, a qual aos Reys convem como virtude principal, e sobre todas as outras mais excellente, e em a qual, como em verdadeiro espelho, se devem ellas sempre rever e esmerar; porque assim como a Justiça consiste em igualdade, e com justa balança dar o seu a cada hum, assim o bom Rey deve ser sempre hum e igual a todos em retribuir e premiar cada hum segundo seus merecimentos*”), constitutivas da base histórica do direito civil luso-brasileiro e de livros de doutrina jurídica correlatos. As ordenações tiveram vigência no Brasil mesmo depois da Independência e de terem sido revogadas em Portugal em 1867.

### IV. O legado de Marcello Caetano: a solução do imbróglio

A biblioteca de Marcello Caetano, chefe do Conselho de Ministros de Portugal deposto em 1974 pela Revolução dos Cravos, está abrigada no Real Gabinete Português de Leitura. O conjunto de 17.963 títulos e 21.506 volumes foi

4 Em e-mail a Paulo Herkenhoff, 14 maio 2022.

repassado à instituição carioca pelo presidente da República Portuguesa Marcelo Rebelo de Souza, em solenidade com sua presença.<sup>5</sup> A coleção compunha a massa falida da Universidade Gama Filho, e sua transferência para o Real Gabinete decorreu por decisão da 9ª Câmara Cível do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro em 2017.

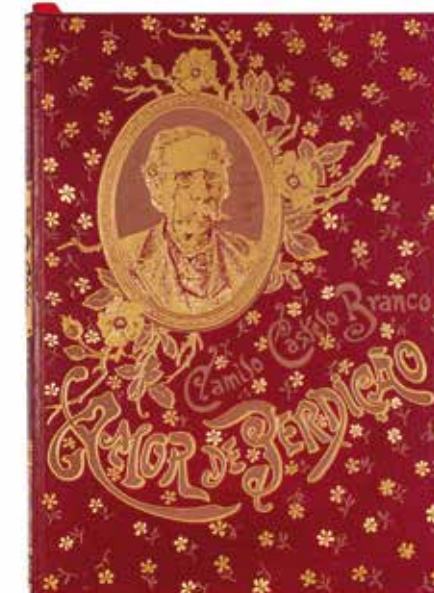
### V. A coleção de arte portuguesa do Rio de Janeiro

Existe uma vasta coleção de arte portuguesa no Rio de Janeiro. Constituída ao longo de mais de dois séculos, ela se encontra espalhada por uma dezena de instituições públicas, abrangendo obras obtidas por aquisição, doação e outras formas de concessão:

Museu Nacional de Belas Artes (MNBA): excepcionais pinturas de Simplício Rodrigues de Sá, José Malhoa, Columbano Bordalo Pinheiro, Carlos Reis, Souza Porto, António Pedro, José de Guimarães (por doação do autor), Domingos de Sequeira, Vieira Lusitano, Augusto Lupi; esculturas de António Teixeira Lopes; gravuras do período português de Francesco Bartolozzi; a monumental *Jarra Beethoven* em cerâmica, de Rafael Bordalo Pinheiro, doada pelo ceramista.<sup>6</sup> Museu Banco do Brasil: retrato equestre de d. João VI por Domingos de Sequeira.

Real Gabinete Português de Leitura: o próprio projeto arquitetônico, de Rafael da Silva e Castro; a fachada em cantaria, do mestre canteiro Germano José de Sales; as esculturas em pedra da fachada, de Simões de Almeida; bronzes de António Teixeira Lope; as pinturas de José Malhoa, Carlos Reis, Eduardo Malta, José Maria Veloso Salgado, Constantino Fernandes, entre outros; as pinturas em estuque de Joaquim Pinho Dinis e de Domingos António de Azevedo da Silva Meira; a prataria de António Maria Ribeiro; e o monumental Altar da Pátria, da Casa Reis & Filhos, localizada no Porto; os livros ilustrados por Maria Helena Vieira da Silva, entre outros volumes).

Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro: notável coleção de retratos de nobres portugueses; alguns leques comemorativos e desenhos históricos, como mapas do cartógrafo Sá e Faria.



**CAMILO CASTELO BRANCO**  
*Amor de perdição (memórias duma família)*  
 Introdução de Manuel Pinheiro Chagas, Ramalho Ortigão e Teófilo Braga. Ilustração de J. J. de Sousa Pinto, Caetano Moreira da Costa Lima e José de Almeida e Silva  
 Porto: Lello & Irmão – Editores, 1983  
 Acervo Real Gabinete Português de Leitura, Rio de Janeiro

**LUIS RAFAEL SOYÉ** (1760-1831)  
*Noites Josephinas de Mirtilo, sobre a infamada morte do serenissimo senhor D. José, príncipe do Brasil*  
 Lisboa: Regia Officina Typographica, 1ª edição, 1790  
 Acervo Real Gabinete Português de Leitura, doação Frances Reynolds  
 Foto Beatriz Gimenes

5 Ver REBELO DE SOUSA, Marcelo. “Marcello Caetano”. *Revista de Estudos e Debates*, Rio de Janeiro, Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro / CEDES, v. 13, n. 1, jul.-dez. 2017: “Doravante, a Biblioteca de Marcello Caetano encontra-se devidamente preservada e será acessível aos estudiosos do Direito e das Humanidades em geral. Não poderia existir melhor forma de homenagear a sua memória, pelo que me associei desde o início a esta iniciativa e aqui deixo estas palavras singelas, que exprimem a gratidão do Presidente da República, mas também do discípulo, do admirador e do amigo do Professor Doutor Marcello Caetano, um português de caráter cujo legado humano, acadêmico e intelectual devemos honrar para sempre, nos dois lados do Atlântico.”  
 6 O MNBA possui ainda uma iluminura sobre pergaminho historicamente atribuído a Francisco de Holanda, mas essa afirmação carece de pesquisa contemporânea.

Biblioteca Nacional: centenas de gravuras e alguns desenhos, como os de Domingos Sequeira, e uma iluminura renascentista.

Liceu Literário Português: painéis de azulejos de Jorge Colaço, entre outras obras.

Hospital da Beneficência Portuguesa: uma escultura de Simões de Almeida.

Estádio São Januário, do clube Vasco da Gama: painel de azulejos de Jorge Colaço.

Museu Castro Maya: nove painéis de azulejos barrocos e rococós com cenas religiosas, pastorais, alegorias clássicas, paisagens do século XVIII.

Museu Histórico Nacional: uma grande coleção de marfins indo-portugueses, além de retratos em pintura e gravura.

Museu Dom João VI, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e Universidade Rural do Rio de Janeiro: painéis de azulejos de Maria Helena Vieira da Silva no refeitório da universidade.

Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro: obras de Maria Helena Vieira da Silva;<sup>7</sup> pintura de Júlio Resende; desenho de Júlio Pomar; esculturas de Rui Chafes, Manuel Caeiro e João Pina, além de centenas de gravuras portuguesas.

Museu de Arte do Rio (MAR): uma pintura sacra do século XVIII, uma tela de Jorge Barradas para ilustrar *A selva*, de Ferreira de Castro; desenho de Eduardo Malta, o *Mapa #01*, de João Louro; o retrato de d. Pedro I do Brasil gravado por Henrique José da Silva; livros de artista de Lourdes Castro, Ana Hatherly, João Penalva, Leonor Antunes e João Louro; e um grande retrato de d. João VI, atribuído a José Sampaio.<sup>8</sup>

Instituto Casa Roberto Marinho: cinco obras de Maria Helena Vieira da Silva.



**JORGE BARRADAS** (1894-1971)

*A selva*, s.d.  
Óleo sobre cartão, 55,5 x 48 cm  
Coleção Museu de Arte do Rio – MAR,  
Rio de Janeiro, doação Fundo Z

<sup>7</sup> O colecionador Jorge de Brito doou o guache *La forge*, de Vieira da Silva, e o marchand Manuel de Brito, uma coleção de gravuras portuguesas. A artista Maria Helena Vieira da Silva doou um pequeno desenho para a reconstrução do acervo do Museu de Arte Moderna depois do devastador incêndio de 1978. Existem ainda seis obras de Vieira da Silva na coleção Gilberto Chateaubriand, em comodato no MAM carioca.

<sup>8</sup> Ao todo, o Museu de Arte do Rio detém uma coleção de cerca de da família real portuguesas provenientes da prestigiosa coleção de Manuel de Souza e Holstein Beck, Conde da Póvoa.

<sup>9</sup> *The Journal of Decorative and Propaganda Arts*, 1995, v. 20.

<sup>10</sup> BURY, John. *Arquitetura e arte no Brasil colonial*. Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira (org.). Brasília: Iphan, 2016, p. 79.



Paradoxalmente, o neomanuelino foi uma retomada portuguesa, no século XIX, de sua própria história, descolada do neogótico de gosto vitoriano.

O segundo ponto é o grande desconhecimento, apresentado por muitos, de que o edifício do Real Gabinete Português de Leitura tem parte considerável de sua arquitetura em ferro, pintada à moda de madeira, que é a estrutura central que recobre as paredes do imponente salão com andares de estantes de livros. Em minucioso artigo, Geraldo Gomes deixou de incluir a catedral do livro da lusofonia situada na rua Luís de Camões no centro do Rio.<sup>11</sup> Com esses dois problemas estilísticos e de signo material da arquitetura, conclua-se que a compreensão histórica da arquitetura e da engenharia do edifício do Real Gabinete talvez exija uma reconsideração, a partir do gosto pelo antigo.

#### VIII. Fotogenia de um edifício

A monumentalidade do salão de leitura, a dez metros da entrada da rua, as muitas luzes caleidoscópicas que atravessam claraboias e janelas, os inesperados pontos de vista entre elementos de ferro, o espanto com o sublime... Tudo isso justifica a fotogenia da sede do Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro. Gerações de fotógrafos do Rio, ou em passagem pela cidade, registraram seu espanto estético, de Marc Ferrez aos brasileiros Augusto Malta, Cristiano Mascaro, Cezar Bartolomeu, Claudio Edinger, Guy Veloso, Ding Musa, Leonardo Finotti, Flavia Junqueira, Márcio Scavone e a alemã Candida

**GUY VELOSO** (1969)

*Real Gabinete Português de Leitura*, 2022  
Rio de Janeiro  
Acervo Real Gabinete Português de Leitura,  
doação do artista

*A obra de Guy Veloso se caracteriza como uma rapsódia da diversidade religiosa do Brasil. Ele produziu um ensaio visual sobre o Real Gabinete Português de Leitura especialmente para esta publicação.*

<sup>11</sup> “Artistic intention in iron architecture”  
Wibidem, p. 87-106.



Höfer, além de fotógrafos como Carolina Ferraz, Marcos Serra Lima, Eduardo Knapp, Jaime Acioli, Thales Leite e outros.

A praxe vigente no Real Gabinete Português de Leitura é que a autorização para fotografar o edifício (em visita organizada pelos funcionários da casa) seja concedida desde que os fotógrafos deixem uma cópia das imagens para o acervo da instituição. Aqueles que ainda não fizeram sua esperada doação podem fazê-lo agora.

#### *IX. Depósito legal – potência cultural e descumprimento da lei*

O Estado Português outorga o benefício de “depósito legal” ao Real Gabinete Português de Leitura em 1935. Segundo o *site* da Biblioteca Nacional de Portugal, o procedimento refere-se ao “depósito obrigatório de um ou vários exemplares de uma publicação numa instituição pública beneficiária e para tal designada”. Observa-se que grande número de editores não cumpre com esse dever. Igual problema afeta o depósito legal no Brasil, em benefício da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro. Cada livro que se envia ao Real Gabinete Português de Leitura é mais um contributo à catedral do livro da lusofonia ou ato de adesão sensível à portugalidade.

#### *X. A quarta mais bela biblioteca do mundo*

O Real Gabinete Português de Leitura é a mais bela morada da “última flor do Lácio, inculca e bela,” como Olavo Bilac a celebra em seu poema *Língua portuguesa*.<sup>12</sup> Morada do ser é como Martin Heidegger definiu a língua (em *Sobre o humanismo*, 1946). “Flor do Lácio/ Sambódromo/ Lusamérica/ Latim em pó” são versos da canção “Língua” (1984), de Caetano Veloso. O Real Gabinete Português de Leitura foi considerado a quarta mais bela biblioteca do mundo pela revista *Time* em 28 de julho de 2014, na reportagem “The 20 most beautiful libraries in the world” (“As 20 mais belas bibliotecas no mundo”).



**THALES LEITE**  
*Real Gabinete Português de Leitura*, 2022  
Rio de Janeiro

Pág. 186

**LEONARDO FINOTTI**  
*Real Gabinete Português de Leitura*, detalhe, 2022  
Rio de Janeiro

<sup>12</sup> O Lácio é uma região da Itália onde se falava o latim vulgar de soldados, camponeses e da população mais simples. Por isso, Olavo Bilac menciona esta língua como “inculca”, que a seus olhos era popular, vulgar.



**O que os livros escondem  
as palavras ditas libertam.**

Conceição Evaristo



# O Real Gabinete Português de Leitura: história e perspectivas

Fundado a 14 de maio de 1837, o Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro foi a primeira associação de raiz portuguesa criada por imigrantes no Brasil. Menos de 15 anos depois de proclamada a Independência, 42 portugueses – entre advogados, jornalistas e bom número de comerciantes da praça – tomaram a iniciativa de fundar uma agremiação com a finalidade de melhorar, pelo incentivo à leitura, o nível de conhecimento das centenas de jovens que chegavam todos os anos “d’além-mar,” sendo que grande parte deles sem saber ler, nem escrever, ou com “poucas letras,” como se dizia. Trabalhavam durante o dia nas lojas do centro da cidade ou nos armazéns dos subúrbios e levavam de empréstimo da biblioteca livros para ler e estudar em casa.

Embora se diga que o Gabinete Português de Leitura é de inspiração francesa, distinguia-se em dois aspectos das *boutiques à lire* que funcionavam em Paris desde a Revolução de 1789: primeiro, porque, ao contrário dos estabelecimentos franceses, o empréstimo dos livros era feito de modo gratuito, sem qualquer ônus para o leitor inscrito; segundo, porque as obras adquiridas para a biblioteca não se limitavam aos manuais de ensino e títulos de circulação corrente, pois, desde seus primeiros tempos, os responsáveis pela instituição encomendaram e adquiriram livros raros, edições *princeps* (como bem testemunha um exemplar da 1ª edição de *Os Lusíadas*, de 1572), obras do cânone internacional em artes, letras e ciências, livros escritos em várias línguas, desde os clássicos gregos e latinos à vasta produção de Voltaire, aos poemas de Sá de Miranda e aos sermões do Padre Antônio Vieira. E, decerto, esse acervo erudito e rico, sem paralelo na cidade, não era destinado apenas a empréstimo aos trabalhadores das lojas da Rua do Ouvidor, aos caixeiros da Gamboa ou aos apontadores dos armazéns do Cais do Porto: público mais amplo e refinado já estava no horizonte das primeiras diretorias.

Durante cinco décadas, a sede do Gabinete passou por vários endereços – pela antiga Rua Direita, pela Rua dos Beneditinos e pela Rua da Quitanda, sempre com elevado acréscimo de volumes ao acervo. Por isso, a ideia de uma sede própria logo ganhou força. Assim, em 1880, ano em que o mundo lusófono celebrava o 3º centenário da morte de Camões, o Gabinete Português de Leitura chamou a si a missão de capitanear as comemorações na Corte, na capital (com ecos também em outras localidades do país e do exterior), e nelas incluiu a solenidade de assentamento da pedra fundamental do edifício que hoje conhecemos, presidida pelo próprio d. Pedro II, precisamente no dia 10 de junho

## FRANCISCO GOMES DA COSTA

Presidente do Real Gabinete Português de Leitura (desde abril de 2016). Presidente da Associação Luís de Camões (desde sua constituição, em 14 de maio de 2018).

CANDIDA HÖFFER (1944)  
*Real Gabinete Português de Leitura Rio de Janeiro II 2005*  
Rio de Janeiro  
© Candida Höfer/VG Bild-Kunst, Bonn

A artista alemã, conhecida por suas imagens meticulosamente compostas de interiores arquitetônicos, esteve no Brasil em 2005 a convite do Instituto Goethe. Na ocasião ela realizou uma série de imagens do Real Gabinete Português de Leitura, da Biblioteca Nacional, Teatro Municipal do Rio de Janeiro, de prédios modernistas de Brasília e São Paulo. Suas obras estão nas principais coleções públicas e privadas em todo o mundo. Em 2015, o cineasta português Rui Xavier realizou o documentário *Silent Spaces*, tendo acompanhado o trabalho da artista durante dois anos em várias cidades do mundo. Candida Höfer vive e trabalha em Colônia, Alemanha.

(a colher de pedreiro, em prata e marfim, aí utilizada pelo monarca pode ser contemplada na nossa Sala da Diretoria). Na contramão da crise medonha que, na altura, Portugal atravessava, a “colônia” portuguesa teve uma reação heroica e, ao aderir à liderança do Gabinete, procurou resgatar, deste lado do Atlântico, o orgulho prostrado da Nação. Das várias iniciativas celebratórias levadas a cabo – entre outras, o patrocínio de uma especial edição de *Os Lusíadas*; a cunhagem de medalhas alusivas à efeméride; e a promoção de um espetáculo lírico-musical, com a presença do Imperador, da Imperatriz e de figuras gradas da nobreza, da diplomacia e de toda a sociedade (cujos convites e agradecimentos temos fartamente documentados) – nenhuma suplantou a determinação de construir no centro do Rio de Janeiro, na Rua da Lampadosa, uma edificação imponente com a frontaria em pedra lioz, talhada no Alentejo e importada expressamente para ressaltar o estilo neomanuelino que a singulariza. Acrescida de requintados detalhes arquitetônicos e decorativos, tornou-se uma catedral dos livros, e, sob a égide de Camões (largamente aí representado em várias peças e recantos), um verdadeiro templo do saber, de beleza ímpar na cidade, afinal inaugurado, com toda a pompa e circunstância, pela Princesa Isabel a 10 de setembro de 1887, como sede definitiva do Gabinete Português de Leitura. E a Rua da Lampadosa, em louvor ao Poeta, passou a se denominar Rua Luís de Camões.

Nessa altura, o acervo bibliográfico já era superior a 50 mil volumes, os quais foram catalogados, seguindo o método mais moderno disponível, pelo sábio brasileiro Ramiz Galvão que, entre outras funções de prestígio, exerceu o cargo de Diretor da Biblioteca Nacional. Em 1900, a rica biblioteca foi aberta ao público – qualquer pessoa podia consultar e ler o que de melhor produzira nas letras o estro lusitano e congêneres de várias nacionalidades. Mas o novo edifício não abrigava apenas livros, pois logo passou a acolher variadas manifestações culturais. Como exemplo, nele foram realizadas cinco sessões solenes da Academia Brasileira de Letras, presididas por Machado de Assis – frequentador desde jovem do Gabinete, e que dele veio a se tornar grande amigo. E em muitos momentos de sua centenária existência, o Salão de Leitura ou a Sala dos Brasões testemunharam incontáveis cerimônias cívicas (como a jubilosa recepção aos “heróis” Sacadura Cabral e Gago Coutinho, após a primeira travessia aérea do Atlântico Sul), exposições de pintura (como a do consagrado José Malhoa), espetáculos musicais, encontros científicos – enfim o nosso Gabinete sempre esteve de portas abertas para o múltiplo.

A partir dos anos 30 do século XX, depois de um período em que uma plêiade de portugueses ilustres – à frente deles Albino Sousa Cruz, Visconde de Morais e Carlos Malheiro Dias – dirigiu e enriqueceu o acervo do Gabinete (que desde 1906 já ganhara o título de Real, outorgado pelo Rei D. Carlos) este passou a ter, por concessão do governo de Salazar, numa extraordinária prova de consideração pela “colônia” e pelo Brasil, o privilégio do “depósito legal”, passando a receber da Biblioteca Nacional de Lisboa um exemplar da maioria das obras editadas no país, e isso levou à necessidade de ampliar sua área física (hoje com dois prédios anexos). Também é de se referir que a instituição ganhou diversos legados, dentre os quais a biblioteca de Francisco Garcia Saraiva, um comerciante português (proprietário da Casa Garcia, situada na Av. Rio Branco, esquina com Rua Buenos Aires, que vendia artigos finos para homens, das gravatas italianas às casimiras inglesas), detentor de uma das principais “camilianas” conhecidas. A coleção incluía o precioso manuscrito autógrafa do *Amor de Perdição*, além de todas as primeiras edições dos livros de Camilo Castelo Branco,



**RODOLPHO BERNARDELLI** (1852-1931)  
Maquete do monumento a Pedro Álvares Cabral, 1900  
Acervo Real Gabinete Português de Leitura  
*Projetado em comemoração aos 400 anos do Descobrimento, o monumento retrata Pedro Álvares Cabral, Pero Vaz de Caminha e Frei Henrique de Coimbra, capelão e celebrante da primeira missa no Brasil. Uma versão do monumento em bronze está instalado no Largo da Glória, no Rio de Janeiro. Outra, de 1940, está instalada em frente ao Jardim da Estrela, em Lisboa. Essa maquete em terracota foi doada ao Gabinete pelo autor.*



vários periódicos e correspondência. Aliás, no capítulo dos manuscritos, alguns de Gonçalves Dias, Machado de Assis, Eça de Queirós e António Feliciano de Castilho, dentre outros, integram nosso acervo, o qual também é particularmente importante e internacionalmente valorizado, no que se refere a periódicos, sobretudo oitocentistas.

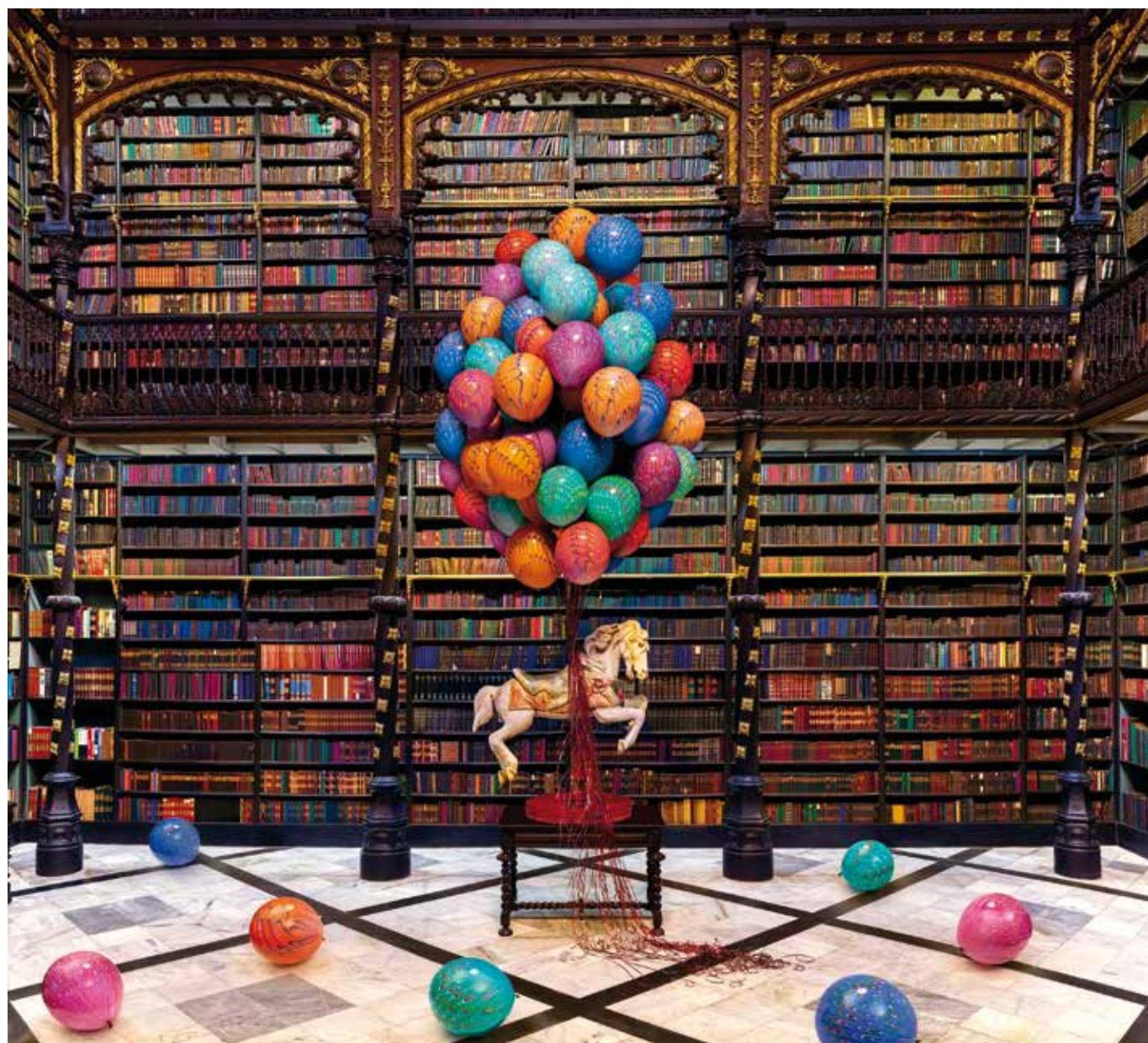
Integram ainda o acervo do Real Gabinete apreciáveis coleções de pintura, de escultura, de ourivesaria, de medalhística, de honorarias e de numismática, que adornam (ou preenchem) um mobiliário de madeiras nobres, em perfeita sintonia com a inconfundível decoração de tetos, paredes, pisos, escadas, portas, vitrais, luminárias... Da plena simbiose entre todos os elementos que o constituem, resulta uma indizível experiência de harmonia que envolve o expectador atento e que Joaquim Nabuco tão bem traduziu: “um monumento que fala ao povo como uma só obra d’arte pode falar, sugerindo, inspirando, comovendo. [...] Estas pedras são estrofes d’*Os Lusíadas*.” Certamente, tal percepção pesou para que, em 1970, fosse inscrito “nos livros do Tombo histórico e de Belas Artes [do então Estado da Guanabara] o tombamento do edifício e do acervo do Real Gabinete Português de Leitura”.

Como todas as associações privadas, sem auferir qualquer verba pública, o Gabinete Português de Leitura manteve-se ao longo do tempo com doações e recursos próprios, e foi constituindo, ampliando e preservando seu fantástico patrimônio graças às doações da “colônia” portuguesa – ou, melhor, à ajuda financeira de uma elite bastante reduzida dessa “colônia”, que se mobilizava

**GUY VELOSO** (1969)  
*Real Gabinete Português de Leitura*, 2022  
Rio de Janeiro

*A obra de Guy Veloso se caracteriza como uma rapsódia da diversidade religiosa do Brasil. Ele produziu um ensaio visual sobre o Real Gabinete Português de Leitura especialmente para esta publicação.*





**FLAVIA JUNQUEIRA** (1985)  
*Real Gabinete Português de Leitura,*  
 Rio de Janeiro #3, 1837, 2021  
 Pigmento mineral sobre papel de algodão,  
 150 × 165 cm  
 Acervo Real Gabinete Português de Leitura,  
 doação da artista

A artista Flávia Junqueira utiliza balões para teatralizar as instituições e locais que fotografa: o Real Gabinete, o Theatro Municipal, o Parque Lage, barracões de escolas de samba, bibliotecas e as dunas dos Lençóis Maranhenses.

a cada passo para ajudar e manter a associação. De Portugal, além dos livros oriundos do já mencionado “depósito legal”, foram poucos os auxílios dos governos, merecendo, entretanto, ressaltar os significativos apoios providos da Fundação Calouste Gulbenkian e do Camões-Instituto da Cooperação e da Língua. No entanto, com o desaparecimento dos mecenas antigos, o Real Gabinete tem sobrevivido nas últimas décadas graças a verdadeiros “milagres” e a administrações muito austeras, a que se somam campanhas para doações, autorizações de filmagens etc. Noutra vertente, é indispensável frisar os auxílios especiais da Real Sociedade Portuguesa Caixa de Socorros D. Pedro V e do Liceu Literário Português, duas entidades que, junto com o Real Gabinete Português de Leitura e o Camões – Instituto da Cooperação e da Língua, desde 2018 integram, como instituidoras, a Associação Luís de Camões.

Além da biblioteca aberta diariamente ao público, o Centro de Estudos, implementado no âmbito da estrutura do Gabinete em fins da década de 1960, tem vindo a nutrir a nossa faceta mais amplamente cultural, seguindo as trilhas já abertas pelas primeiras diretorias. Através de seu braço executivo, o PPLB – Polo de Pesquisas Luso-Brasileiras, que acaba de completar 20 anos em contínuo injetar de vitalidade nos recintos centenários, congrega dezenas de professores e pesquisadores universitários nacionais e estrangeiros, e vem desenvolvendo uma extensa pauta de atividades – colóquios, publicações, cursos, conferências, filmes, exposições etc. –, voltada, não só para os estudantes de nível superior, mas para todos os interessados. Promove e executa vários projetos de valorização do acervo da casa, como a bem-sucedida digitalização de manuscritos e de periódicos raros do século XIX. O Centro de Estudos mantém, ainda, programas de bolsas de pesquisa, atribuídas a partir de rigorosa seleção dos candidatos, em parceria com a Fundação Calouste Gulbenkian, de Lisboa, e com o Instituto Internacional de Macau, da China.

Atualmente, além dos leitores e pesquisadores, o Real Gabinete recebe uma média de mil visitantes por dia, que se deslumbram com a suntuosidade de sua arquitetura e de seu interior, comprovando a justiça de a nossa biblioteca ser classificada, por revistas e sites internacionais, como uma das dez bibliotecas mais belas e fascinantes do mundo. Biblioteca essa que também merece ser lembrada como a mais antiga da América Latina fundada por imigrantes e em funcionamento jamais descontinuado.

O site [www.realgabinete.com.br](http://www.realgabinete.com.br) faculta, on-line, nosso catálogo bibliográfico completo, bem como as páginas digitalizadas da coleção de manuscritos e de uma representativa seleção da vasta quantidade de periódicos oitocentistas que possuímos. Disponibiliza, ainda, a revista *Convergência Lusitana*, que já vai em seu 48º número, e resgata a produção de projetos concluídos, como O “Real em Revista” e como as atas dos colóquios realizados. O nosso canal do YouTube, imperativo nos tempos pandêmicos, trouxe nova dinâmica e mais visibilidade à programação multidisciplinar do PPLB/Centro de Estudos. No momento, também planejamos formas de maior intercâmbio entre as três agremiações do Rio de Janeiro que compõem a Associação Luís de Camões. Mas desejamos ir ainda mais longe e responder aos desafios da atualidade, equipando o Real Gabinete com novas tecnologias e novos espaços, para que, em consonância com nossa preciosa biblioteca, possam ser desenvolvidas outras ações em maior escala. Queremos que o Real Gabinete Português de Leitura, honrando seu patrono e suas origens, faça perdurar (ao menos por outros 185 anos...) o gênio camoniano e o profícuo labor dos luso-brasileiros.



**JORGE FERREIRA DE VASCONCELLOS** (1515-1585)  
*Comedia Ulyssippo*  
 Lisboa: Academia Real de Ciências, 1787,  
 terceira edição  
 Acervo Real Gabinete Português de Leitura,  
 doação Frances Reynolds  
 Foto de Beatriz Gimenes

pág. 194-195  
**THALES LEITE**  
*Real Gabinete Português de Leitura,* 2022  
 Rio de Janeiro





# Singularidades de uma biblioteca majestosa: destaques bibliográficos

Embora as diretorias do Gabinete Português de Leitura, desde sua fundação, em 1837, pretendessem prioritariamente propiciar um suporte educacional aos emigrados “da Terrinha” para o Rio de Janeiro, elas sempre cultivaram o desígnio de compor, em paralelo, um acervo diversificado e de alta qualidade.

Assim é que, ao lado dos manuais didáticos, das obras de referência e dos títulos de grande circulação, exemplares de obras raras começaram a preencher as estantes. E não apenas em língua portuguesa, mas em muitos idiomas, abrangendo todas as áreas do saber, nos mais variados formatos gráficos: livros, brochuras, periódicos, códices. Eis porque, entre aquisições, ofertas e o benefício do “depósito legal”, encontram-se hoje, nessa biblioteca formada ao longo de 185 anos, inúmeras preciosidades que datam do século XVI até a atualidade e que são capazes de entusiasmar os bibliófilos mais seletivos.

Durante os cinquenta anos iniciais, o acervo deambulou por vários endereços do centro do Rio até encontrar o *habitat* perfeito no espaço neomanuelino projetado expressamente para acolhê-lo, e onde hoje o reverenciamos como merece, sob o reflexo colorido da majestosa claraboia.

Foi sob a égide de Luís de Camões que se operou tão substancial mudança. Pois foi a 10 de junho de 1880, quando a cultura lusófona celebrava o poeta no terceiro centenário de seu falecimento, que d. Pedro II solenemente cimentou a pedra angular do edifício, o qual seria inaugurado, sete anos depois, pela princesa Isabel. Mas coube ao Imperador, também presidente honorário da casa, a inauguração oficial da instituição, em 22 de dezembro de 1888, diante dos 120 mil volumes que já compunham a biblioteca.

Camões, o ilustre patrono, é onipresente neste espaço: na praça fronteira, na fachada, no salão principal, na escada, nos elementos decorativos dos vários recintos. Parece espreitar o leitor ou visitante e o instiga a admirar a suntuosa dignidade que envolve os livros. Camões é a grande metáfora de todo este Real Gabinete Português de Leitura: nome cimeiro das letras em nossa língua, viajou pelas rotas recém-abertas pelos portugueses e vivenciou a diáspora lusitana, refletindo em sua obra não só a experiência do contato com “o outro”, como tudo o que, com a acuidade de verdadeiro humanista, pôde absorver do conhecimento disponível no seu tempo. O português Camões é também o Portugal fora da Europa. O poeta que fixou e enobreceu a língua portuguesa é também o compilador do saber possível. Ler Camões é viajar entre palavras, é buscar ultrapassagens, é penetrar numa biblioteca.

## GILDA SANTOS

Vice-presidente Cultural e do Centro de Estudos do Real Gabinete Português de Leitura e coordenadora-geral do Polo de Pesquisas Luso-Brasileiras (PPLB)

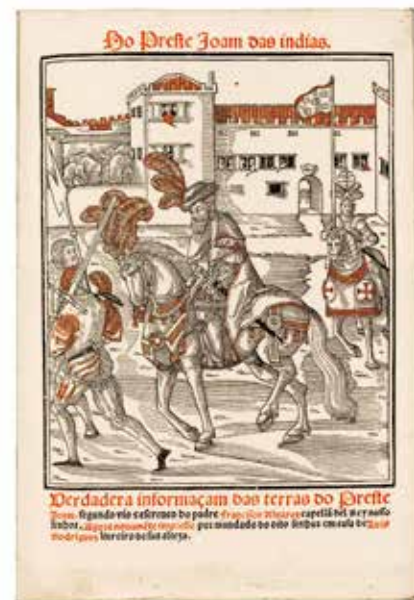
## THALES LEITE

Real Gabinete Português de Leitura, 2022  
Rio de Janeiro

Monumento a Luís de Camões,  
situado em frente ao Real Gabinete  
Autoria desconhecida, 1996



**LUIS DE CAMÕES** (c.1524-1580)  
*Os Lusíadas*, 1ª edição  
 Impresso em 1572 por Antonio Gonçalves,  
 Lisboa  
 Acervo Real Gabinete Português de Leitura,  
 Rio de Janeiro

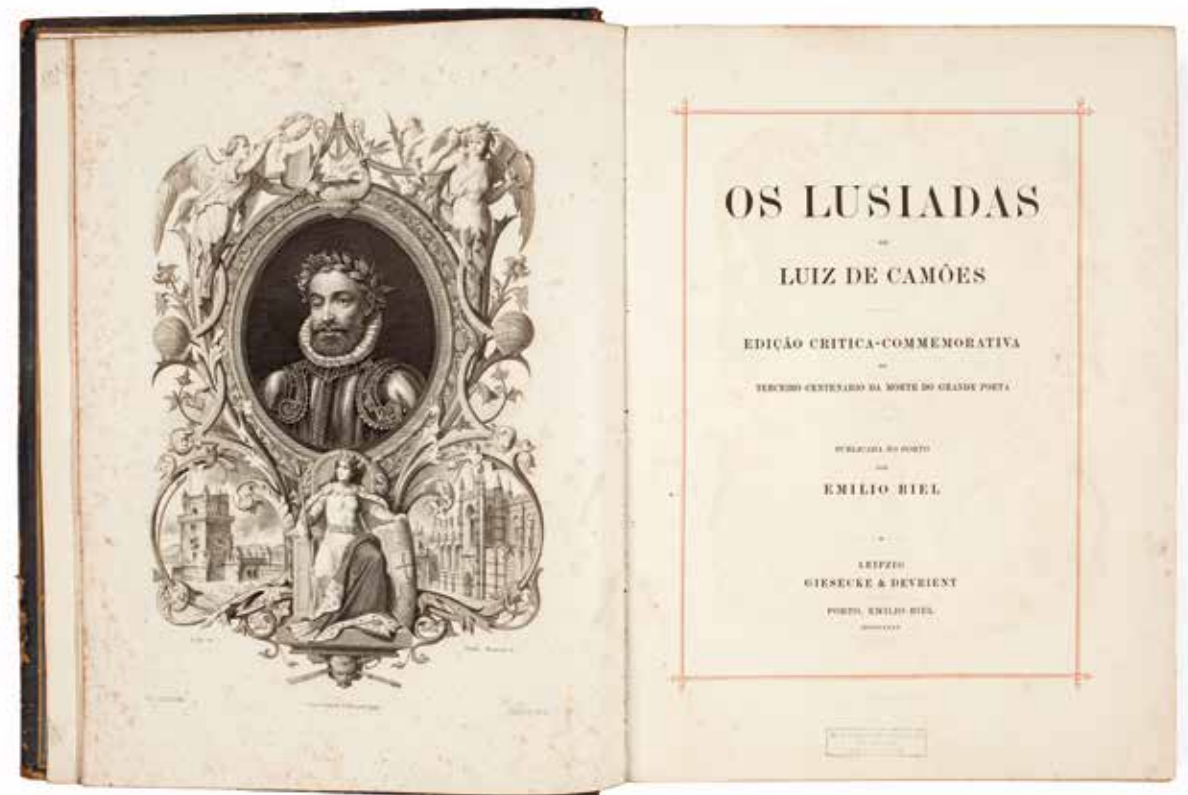


*Verdadeira informação das terras do Preste João*  
 Narrativa do padre Francisco Alvares  
 Lisboa: Casa de Luis Rodriguez, 1540  
 Acervo Real Gabinete Português de Leitura,  
 Rio de Janeiro

*Esse é o primeiro registro presencial e escrito de um europeu no lendário e misterioso reino do Preste João, localizado na África Oriental.*

Assim, pelo século de Camões, século em que a imprensa crescia em robustez e prestígio, começamos a desvelar algumas raridades deste acervo bibliográfico único, adiantando que não são poucos os títulos quinhentistas que integram nosso catálogo. Dele, o mais antigo é em latim, a *Opera omnia soluta oratione composita in sex partes divisa*, assinada pelo fundador da Academia Napolitana (em 1471), o poeta e humanista italiano Giovanni Pontano (1426-1503), ou Ioannis Ioviani Pontani, editada em Florença por Philippi Iuntae, em 1520. Do ano seguinte, 1521, é o *Livro das Ordenações de dom Manuel*, impresso em Lisboa por Jacobo Cronberguer Aleman (Jakob Kaspar Cromberger), exemplar que possui anotações manuscritas em caligrafia da época, logo a seguir ao colofão da última página (do quinto volume). Digna de nota, pela raridade e pela bela gravura com realces rubros sobre o preto, é a *Verdadera informaçam das terras do Preste Joam*, do clérigo Francisco Alvares (1465-1541), editada em Lisboa, em 1540, pela Casa de Luis Rodriguez. E, ainda no capítulo das viagens, agora pelas Américas (inclusive terras hoje brasileiras), o célebre conquistador espanhol Cabeza de Vaca (1490-1559) assina *La relacion que dio Aluar nuñez cabeça de vaca de lo acaescido en las Indias en la armada donde yua...*, editada em Zamora, em 1542, contendo o nosso exemplar anotações manuscritas nas margens. De dez anos depois, 1552, é a *Segunda decada da Asia: dos feitos que os portuguezes fizeram no descobrimento e conquista dos mares e terras do Oriente*, assinada por João de Barros (1496-1570) e publicada em Lisboa por German Gaillarde. Mas, entre esses e outros livros de leis, de viagens, de poesia e de eruditos tratados em latim, nenhum volume quinhentista supera o fascínio que emana da primeira edição de *Os Lusíadas*, de 1572.

Da epopeia, possuímos um dos 34 exemplares até agora conhecidos – uma das 21 cópias com o pelicano da portada voltado para a esquerda –, que consta



ter pertencido à Companhia de Jesus e foi adquirido e doado ao Gabinete por seu antigo presidente, o conselheiro dr. Adolpho Manuel Victório da Costa (1808-1878), cujo retrato protocolar figura na sala da diretoria e tem no rodapé precisamente uma referência a essa oferta.

Na sua vasta coleção camoniana, o Gabinete possui ainda mais edições de *Os Lusíadas* dignas de destaque, como, entre outras, a magnificente de 1817, patrocinada pelo Morgado de Mateus, com primorosas gravuras de artistas franceses; e aquela publicada por Emílio Biel, no Porto, em 1880, em edição luxuosa, comemorativa do já aludido terceiro centenário da morte de Camões, cujo exemplar número um foi doado pelo editor ao Gabinete. Desse mesmo ano e com o mesmo intuito celebrativo, em iniciativa homóloga à de numerosas casas editoriais portuguesas, o próprio Gabinete patrocinou uma elogiada edição, para a qual expressamente Columbano desenhou um belo retrato de Camões, Ramalho Ortigão assinou o prefácio, e Adolpho Coelho incumbiu-se das notas filológicas. Dela, exemplares em papel de fina qualidade foram destinados ao Imperador do Brasil e ao Rei de Portugal; os demais foram distribuídos a instituições e oferecidos a figuras gradas e a “estudantes bem classificados nos exames finais”.

Dentre as traduções em vários idiomas, as edições didáticas, as edições críticas, as de grandes dimensões ou as de formato diminuto, as brochuras ou as ricamente encadernadas, ilustradas ou não, e vindas à luz no decorrer dos séculos, uma edição de *Os Lusíadas*, para além de sua raridade, ganha especial significado em nosso acervo: a de 1670, publicada em Lisboa, na “Officina de Antonio Craesbeeck de Mello”, da qual um exemplar foi trazido por Gago Coutinho e Sacadura Cabral na primeira travessia aérea do Atlântico Sul, em 1922, e oferecido ao Real Gabinete com o duplo autógrafo dos “heróis”. Sobre o livro que

**LUIS DE CAMÕES** (c.1524-1580)  
*Os Lusíadas*, edição crítica-comemorativa do terceiro centário da morte do grande poeta  
 Porto: Emilio Biel, 1880  
 Acervo Real Gabinete Português de Leitura,  
 Rio de Janeiro



**LUIS DE CAMÕES** (c.1524-1580)  
*Os Lusíadas*  
 Lisboa: Antonio Craesbeeck de Mello, 1670  
 Acervo Real Gabinete Português de Leitura,  
 Rio de Janeiro

*Exemplar doado por Gago Coutinho e Sacadura Cabral, vindos ao Brasil na primeira travessia aérea do Atlântico, em 1922.*



**PADRE ANTÓNIO VIEIRA** (1608-1697)  
*Sermões do P. Antonio Vieira, da Companhia de Jesu, Prégador de Sua Alteza, segunda parte*  
 Lisboa: Officina de Miguel Deslandes, 1682  
 Acervo Real Gabinete Português de Leitura,  
 Rio de Janeiro



**PADRE ANTÓNIO VIEIRA** (atribuído)  
*Arte de furto, espelho de enganar, teatro de verdades, mostrador de horas minguadas, gazua geral dos reynos de Portugal*  
 Amsterdam: Officina Elvizeriana, 1652  
 Acervo Real Gabinete Português de Leitura,  
 Rio de Janeiro

enaltece em definitivo as viagens marítimas portuguesas, as assinaturas dos pioneiros da aventura aérea transatlântica agregam novo valor às suas páginas.

Assim como a obra de Camões (1525?-1580) domina o renascentista século XVI português, no século seguinte é o luso-brasileiro Padre António Vieira (1608-1697) – o “Imperador da Língua Portuguesa”, como lhe chamou Fernando Pessoa – quem ofusca seus contemporâneos da era barroca. A biblioteca do Real Gabinete possui as edições *princeps* dos *Sermões*, na maioria publicadas ainda em vida do autor (a partir de 1679). Além das muitas edições posteriores, nossa vieiriana inclui 18 volumes seiscentistas e 6 setecentistas.

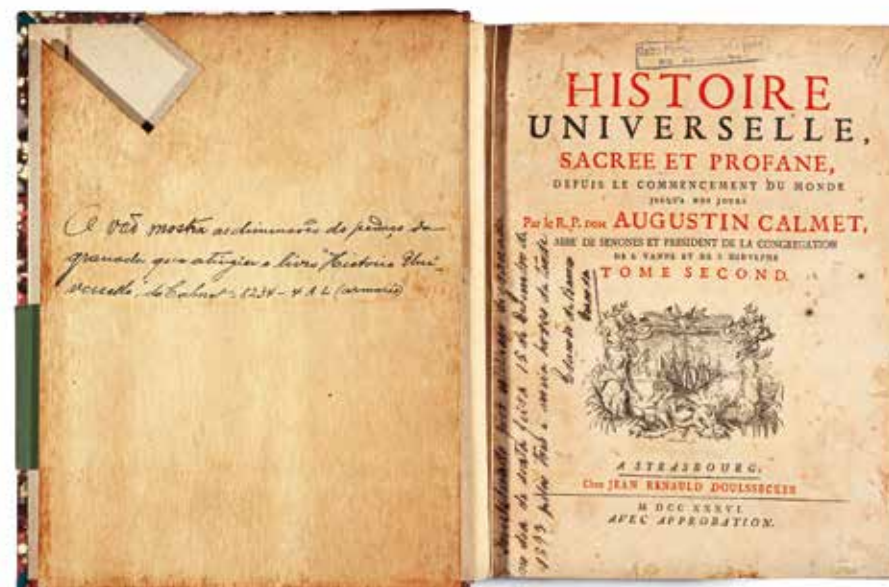
Originalmente atribuída ao Padre Vieira, mas de autoria cedo refutada e polêmica, com vários indigitados em diversas épocas, é a magistral *Arte de Furtar*, / *Espelho de Enganos*, / *Theatro de Verdades*, / *Mostrador de Horas Minguadas*, / *Gazua Geral* / *Dos Reynos de Portugal*. / *Offerecida a Elrey* / *Nosso Senhor* / *D. João IV*. / *Para Que A Emende*. / *Composta pelo* / *Padre António Vieyra* / *Zelozo da Patria*. / *Amsterdã, na Officina Elvizeriana 1652*. Obra-prima da prosa irônica e satírica, como já bem enuncia o título barroco, tudo nessa portada – autor, editora, cidade e data – foi falseado, tendo, portanto, aí furtada até a própria verdade. Com base em testemunhos encontrados nos arquivos da Companhia de Jesus em Roma, desde 1941 aceita-se que seu autor é o jesuíta Padre Manuel da Costa (1601-1667). E que a impressão foi feita em Lisboa, em 1743 ou 1744 (sendo 1652 a data da redação), pelo livreiro genovês João Baptista Lerzo, que tinha uma tipografia no atual Largo Camões. Dessa obra ferina, com crítica política e social que, desde o surgimento, não perdeu a atualidade, o Real Gabinete possui justamente um exemplar dessa rara edição *fake*, dita seiscentista.

Passando ao século XVIII, cumpre assinalar que a primeira obra registrada no mais antigo catálogo do acervo do Real Gabinete, efetivamente a que recebeu o número um, é a do iluminista francês Voltaire (pseudônimo de François-Marie Arouet, 1694-1778), cujo pensamento libertário, como sabemos, muito influenciou a Revolução Francesa. Trata-se de suas *Oeuvres complètes*, desdobradas em noventa volumes, numa edição parisiense de 1828. Sem dúvida, uma boa prova da plural e larga visão das primevas diretorias da casa.

Já o número dois desse catálogo pertence à *Historia genealogica da Casa Real portuguesa, desde a sua origem até o presente, com as familias illustres que procedem dos reys, e dos serenissimos duques de Bragança, justificada com instrumentos, e escritores de inviolavel fé*, assinada por Antonio Caetano de Sousa e publicada em treze volumes, ilustrados com belas gravuras, entre 1735 e 1748.

As primeiras edições de setecentistas famosos, como o pedagogo “estrangeirado” Luís António Verney (*Verdadeiro metodo de estudar, para ser util a Republica, e a Igreja, proporcionado ao estilo, e necessidade de Portugal, exposto em varias cartas, escritas polo...*, 1746-1747); o dramaturgo luso-brasileiro António José da Silva, o Judeu (*Amphitryao, ou jupiter, e alcmena, Os encantos de Medea, Vida do grande d. Quixote de la Mancha, e do gordo Sancho Pança* – todos sem data, mas possivelmente dos anos 30 daquele século) e o nosso poeta árcade Claudio Manoel da Costa (*Obras*, 1768), em meio a tantos outros nomes, bem ratificam a excelência e a diversidade de uma biblioteca ímpar entre as “mais bonitas do mundo”.

Ainda desse tempo, uma nota curiosa prende-se ao segundo tomo da ambiciosa *Histoire Universelle sacrée et profane depuis le commencement du monde jusqu'a*



*nos jours*, do abade Augustin Calmet, editada em Strasbourg em 1736. Eis o que Barros Martins, no seu livro *Esboço Historico do Real Gabinete Portuguez de Leitura – 1837 a 1912*, nos informa:

A parte superior do edifício do Gabinete foi atingida por um projétil de guerra no dia 18 de dezembro de 1893, por ocasião de um bombardeio a que a cidade esteve sujeita durante a revolta de uma parte da Armada. Os estragos foram avultados, na claraboia e nas formosas decorações sobre que ela assenta, inclusive o retrato de Camões que figura num dos ângulos. Um fragmento alojou-se num volume de Colmet, o qual se conserva, com o respectivo projétil.

O projétil perdeu-se, mas o volume resiste e retém seu rastro, devidamente lembrado em nota manuscrita na página inicial por alguém muito cioso da preservação de tal memória.

Cabe ainda lembrar que datam do século XVIII os mais antigos periódicos da nossa alentada hemeroteca: a *Gazeta de Lisboa* (com exemplares de 1780 a 1793), primeiro jornal oficial português cuja publicação foi iniciada no ano de 1715 e findou em 1820; as *Memórias da Academia Real de Ciências* (com exemplares de 1780 a 1788), porta-voz da instituição fundada em 1779 com o intuito de aplicar no reino as ideias reformistas em voga no continente; e o *Jornal Encyclopedico dedicado á Rainha N. Senhora e destinado para instrucção geral com a noticia dos novos descobrimentos em todas as sciencias, e artes* (exemplares de 1788 a 1791), periódico colecionável cujo primeiro caderno foi lançado em julho de 1779, nitidamente de caráter “enciclopedista”, ou seja, adepto do ideário da portentosa *Encyclopédie* que se tornou emblema daquele século.

Chegados ao século XIX, surge a dificuldade de “o que selecionar?” visto que, por razões óbvias, é desmesurado o segmento oitocentista de nosso acervo bibliográfico, tal como nosso acervo artístico e arquitetônico. Mas, num grande esforço de síntese, aqui trazemos exemplos que nos parecem incontornáveis.

Começemos com o manuscrito autógrafo do *Diccionario da lingua Tupy, chamada Lingua Geral dos indigenas do Brazil*, do nosso Gonçalves Dias. No prefácio à obra impressa, editada em Leipzig, em 1858 (que também possuímos),

**AUGUSTIN CALMET** (1672-1757)  
*Histoire universelle, sacrée et profane, depuis le commencement du monde jusqu'a nos jours*  
 Strasbourg : Jean Renauld Doulssecker, 1736  
 Acervo Real Gabinete Português de Leitura,  
 Rio de Janeiro

7

pretexto para dar a mãe a nova, que apicava da luteira, e  
 conduzia-a à de casa. D. Rita, antes de ver a cara de seu  
 go, contemplou-lhe a ôlha armada as fevelas de aço; e a bolça  
 do rabicho. Disse ella depois que os fidalgos de villa Real eram  
 muito menos limpos que os camisciros de Lisboa. Antes de  
 entrar na luteira avoenga de seu marido, perguntou, com a mais refel  
 suda seriedade, se não havia risco em ir dentro d'aquelle en  
 tiquido. Fernão Botelho respondeu a sua noça que a sua luteira  
 não tinha ainda com auno, e que os machos não excediam a  
 trinta.

O modo altivo como ella recebia as cortarias da nobreza velha  
 nobreza que para ali viera em tempo de D. Diniz, fundador  
 da villa, fez ~~o~~ mais novo do pretexto, que ainda  
 vivia ha sete auno, ~~me~~ me deu a mim: "Sabiamos que ella era dama  
 da ~~real~~ D. Maria I<sup>a</sup>; porém, da soberba com q nos ~~elles~~  
 tractou, ficamos pensando que seria ella a propria rainha,  
 Reflicaram os viros da terra, quando a <sup>comitua</sup> ~~pretexto~~ apomou  
 a Senhora de Almeida. D. Rita deu ao ~~marido~~ <sup>marido</sup> que a rece

o autor nos indica as fontes consultadas para a elaboração do invulgar dicio-nário, atestando um largo trabalho de pesquisa que resultou nesse testemunho, original e enviesado, de sua adesão à corrente dita "indianista", então em voga. No momento atual, quando a sobrevivência dos povos indígenas, bem como a valorização das línguas que os definem, ganham foros internacionais de discussão, o esforço nativista do grande poeta romântico não merecia sair do esquecimento? Ou será irrelevante o seu trabalho?

Contemporâneo do poeta maranhense, do outro lado do Atlântico avulta Camilo Castelo Branco, cuja obra vastíssima ganhou no Real Gabinete uma espécie de santuário. Das camilianas fora de Portugal, talvez a nossa não seja a maior (há controvérsias...), mas, certamente, é a mais preciosa. A base dessa preciosidade foi a doação de cerca de oitocentos itens – entre primeiras edições, manuscritos, correspondência, periódicos, traduções etc. –, que se encontra arrolada no *Catalogo da Camilliana de F. Garcia Saraiva, de 1940*. Efetivamente, graças a esse comerciante e benemérito bibliófilo, o Real Gabinete herdou e mantém-se fiel guardião do manuscrito autógrafo da mais famosa novela de Camilo, *Amor de perdição*, escrita em quinze dias de setembro de 1861, quando o autor estava preso, à espera de julgamento pelo crime de adultério com Ana Plácido, na Cadeia da Relação do Porto. Restaurado em 2005 pela Biblioteca Nacional de Portugal, já antes, em 1983, seus 320 fôlios tinham sido objeto de uma monumental edição fac-similada, sob a responsabilidade de Maximiano de Carvalho e Silva, e prefácio de Aníbal Pinto de Castro, trazida à luz numa parceria do Real Gabinete e da Livraria Lello, do Porto. E depois, em 2007, Ivo Castro publica a sua edição genética e crítica em Lisboa, pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda, ratificando o incessante fascínio e o inesgotável interesse filológico que esta nossa "jóia da coroa" provoca.

Além da *princeps*, de 1862, há mais catorze edições do *Amor de perdição* arroladas na camiliana de Garcia Saraiva. Delas, possivelmente a mais curiosa é um "Romance-Reclame," editado no Rio de Janeiro pela Sociedade de Publicidade, sem data explícita, mas certamente do início do século XX. Sendo um híbrido entre o livro e o almanaque, tem o texto completo da novela circundado em cada página por uma profusão de anúncios dos produtos mais variados, num excelente mostruário do consumo da época e da estética vigente na propaganda, com intrínsecas implicações histórico-sociológicas.

Dos títulos publicados de Camilo, é possível que o mais raro seja *A infanta capelista*, uma novela com virulenta crítica à família real dos Bragança, que teve sua edição sustada pelo autor (atendendo finalmente aos rogos dos amigos alarmados) quando a tipografia já imprimira onze capítulos, assim condenados à destruição. Dentre os poucos "sobreviventes," um exemplar integra a coleção de Garcia Saraiva no Real Gabinete. Desfecho do episódio: o livro abortado foi reescrito numa versão mais amena com o título de *O carrasco de Victor Hugo José Alves*, vindo à luz em 1872, com várias edições.

Mas raridade das raridades é um insólito item da nossa camiliana: um dente incisivo do autor, ofertado em 1908 ao Gabinete, como verdadeira relíquia, pelo sr. António Martins dos Santos, irmão da primeira esposa de Camilo. E a garantir a autenticidade da peça odontológica, devidamente historiada, temos duas cartas, hoje disponíveis *on-line* no site do Real Gabinete, no elenco dos manuscritos digitalizados.

Voltando ao Brasil novecentista, tratemos de Machado de Assis (1839-1908), figura cimeira da nossa literatura com fortes ligações com o Gabinete. A primeira delas é referida por Jean-Michel Massa, em seu livro *A juventude*



**CAMILLO CASTELLO BRANCO** (1825-1890)  
*Amor de Perdição*, 1861  
 Manuscrito autógrafo  
 Acervo Real Gabinete Português de Leitura,  
 Rio de Janeiro



de Machado de Assis: “Afirma-se que boa parte de sua cultura foi adquirida no Gabinete Português de Leitura, que frequentava assiduamente” e do qual “utilizava o serviço de empréstimo a domicílio.” Traçado esse primeiro elo, logo se estabeleceu um diálogo profícuo entre o escritor e as sucessivas diretorias da casa, a ponto de ser agraciado com o título de “Benemérito.” Não por outro motivo, antes de a Academia Brasileira de Letras ter sede própria, algumas de suas reuniões, presididas por Machado, foram realizadas nos salões do Gabinete, como atesta uma placa de bronze afixada numa parede do vestibulo. E são vários os autógrafos machadianos que integram nosso acervo, inclusive em duas páginas do magnífico álbum o “Livro de Ouro,” destinado a Eduardo Lemos, que deslumbra os visitantes em nosso Salão de Leitura. Contudo, nenhum será mais significativo do que o manuscrito original da peça *Tu só, tu, puro amor*, encomendada pelo Gabinete para ser representada na festiva *soirée* literário-musical do camoniano 10 de junho de 1880, também promovida pelo Gabinete, no Theatro Imperial Dom Pedro II, à qual compareceu o próprio imperador, a imperatriz e a nata da “corte,” e sobre a qual dispomos de vasta documentação no nosso acervo. Curiosamente, dessa mesma peça há outro manuscrito autógrafo no Rio, posto que Machado a “passou a limpo” para que integrasse a primeira exposição da Biblioteca Nacional, organizada pelo seu diretor, Ramiz Galvão, igualmente em junho desse ano e igualmente motivada por Camões. Depois de ter sido impressa em julho de 1880, na *Revista Brasileira*, a comédia, cujo título recupera famoso verso camoniano, ganhou o formato de livro no ano seguinte, pela editora Lombaerts, em cem exemplares numerados e assinados pelo autor. O apreço de Machado pelo Gabinete traduz-se na oferta à casa do exemplar de número três, com autógrafo de 9 de maio de 1881.

O Real Gabinete possui muitas das primeiras edições dos livros machadianos e, delas, alguns volumes estão consignados à biblioteca de João do Rio (pseudônimo do jornalista Paulo Barreto, 1881-1921), doada por sua mãe à entidade que este assumido lusófilo tanto prezava. A oferta dos cerca de 4 mil títulos, e de objetos pessoais significativos, como uma pena de ouro e as insígnias da Academia Brasileira de Letras (diploma, capa, espada, chapéu tricórnio), foi efetuada em 1921, como consta da placa que indica sua localização no “Salão de Leitura,” mas foi a 10 de junho de 1922 – mais um “Dia de Camões” –, que transcorreu o ato solene de transferência, bem documentado nos jornais da época. A bibliografia sobre a produção de João do Rio já é extensa, mas esta sua biblioteca particular ainda está à espera de pesquisadores que se disponham a folhear os volumes, observar as dedicatórias, listar eventuais anotações de leitura, descobrir perdidos papéis entre as páginas, elencar autores mais representados... Enfim, um campo aberto a conhecer por outras vias o inigualável *dandy da belle époque* carioca.

Antes de concluir este breve percurso pelo acervo bibliográfico do Real Gabinete, mais duas palavras:

A primeira volta-se para a nossa coleção de manuscritos, majoritariamente *on-line*, graças ao apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, de Lisboa. Além dos já referidos acima, merece destaque a volumosa correspondência, de cerca de duzentas cartas, dirigidas a Camilo Castelo Branco pelo também escritor Antônio Feliciano de Castilho (1800-1875), traçando excelente panorama do contexto cultural português do período. E também as 470 páginas manuscritas (salvo erro, nunca estudadas) do romance “naturalista” *A mulata*, de Carlos Malheiro Dias (1875-1941), que suscitou grande celeuma ao ser publicado em livro, em 1896. E ainda o expressivo conjunto da correspondência recebida



**CAMILLO CASTELLO BRANCO** (1825-1890)  
*A Infanta Capellista*  
Porto: Typographia de Antonio José da Silva Teixeira, 1872  
Acervo Real Gabinete Português de Leitura, Rio de Janeiro

**ANTÔNIO GONÇALVES DIAS** (1823-1864)  
*Diccionario da lingua tupy*, séc. XIX  
Edição manuscrita, doada ao Real Gabinete Português de Leitura por Ataliba de Gomensoro em 1874

“Encarregado ha algum tempo pelo Instituto Historico Geographico Brasileiro de apresentar-lhe uma Memoria acerca dos nossos Indigenas, tive de occupar-me com especialidade dos que habitavão o litoral do Brazil, quando foi do seo descobrimento, os quaes por esse facto forão os primeiros que se acharão em contacto com os colonos portugueses.”  
(Prefácio de Gonçalves Dias para a edição de 1858, fôlio v)



pelo Gabinete referente às comemorações do 3º Centenário de Camões, providas no Rio em 1880. Reunindo missivas de figuras gradas do Império, do corpo diplomático, de intelectuais brasileiros e estrangeiros, de corporações, de comerciantes e de artesãos, constitui um importante fundo documental, não só sobre detalhes dos eventos laudatórios, mas também sobre aspectos sócio-econômicos-culturais desse momento.

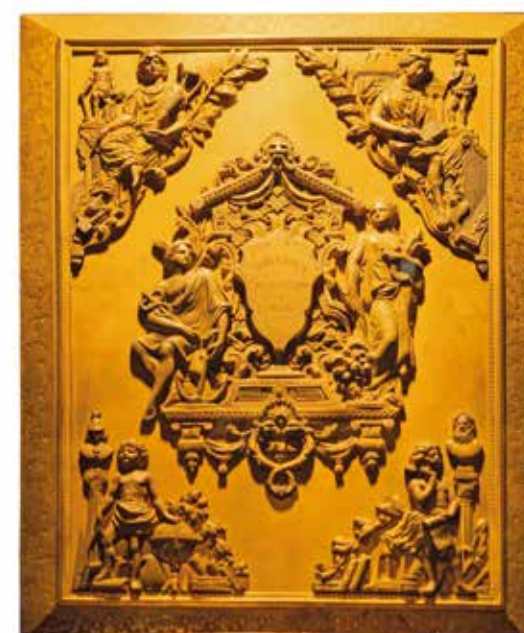
A segunda focaliza sua riquíssima hemeroteca, na qual, além dos títulos antes mencionados, sobressaem importantes coleções de periódicos oitocentistas, sobretudo portugueses, o que se justifica pelo propósito de manter atualizados os leitores e sócios “patrícios” sobre o noticiário de sua terra de origem. Graças ao projeto “O Real em Revista,” apoiado pelo Programa Petrobras Cultural e desenvolvido entre janeiro de 2014 e julho de 2015 por um grupo do Polo de Pesquisas Luso-Brasileiras (PPLB), foram selecionadas cerca de quarenta coleções de periódicos, algumas desconhecidas fora do nosso catálogo, para serem digitalizadas, o que resultou em cerca de 35 mil páginas hoje disponíveis *on-line* no *site* do Real Gabinete. Dentre essas coleções, uma em particular encantou toda a equipe: os três tomos, formados por fascículos semanais, editados em Lisboa entre 1836 e 1837, do primeiro periódico em língua portuguesa sobre culinária, a *Annona ou Mixto Curioso: Folheto semanal que ensina o methodo de cosinha e copa, com um artigo de recreação*. Contemporâneo da fundação do Gabinete Português de Leitura, essa mescla de livro de receitas e almanaque (com poesia, jogos de salão, relatos variados etc.), concebida sob a evocação da deusa romana das boas colheitas (a Annona), fornece ao leitor de hoje um “delicioso prato feito” (passe o trocadilho...) quanto aos gostos à mesa, aos valores e às formas de sociabilidade dessas primeiras décadas do século XIX.

Oxalá que esta pequena amostra do assombroso acervo bibliográfico do Real Gabinete Português de Leitura instigue o leitor a conhecer de perto o que aqui foi cartografado e a descobrir por si mesmo – nas estantes-oceanos sob as cores da claraboia e a luz de Camões – os mundos que aqui não couberam.



*Annona, ou mixto-curioso: folheto semanal, que ensina o methodo de cosinha e copa, com um artigo de recreação, tomo I*

Lisboa: Typografia da Viuva Silva e Filhos, 1836  
Acervo Real Gabinete Português de Leitura,  
Rio de Janeiro



**THALES LEITE**

*Estante em estilo neomanuelino com o Livro de Ouro*  
Acervo Real Gabinete Português de Leitura,  
Rio de Janeiro

*O Livro de Ouro foi preparado em homenagem a Eduardo Lemos, presidente do RGPL de 1872 a 1882, morto em Portugal em 1884, sem receber o livro.*



# O Real Gabinete e a ação cultural das comunidades portuguesas no Brasil

## LUÍS FILIPE CASTRO MENDES

Poeta e diplomata português, exerceu funções em vários países, dentre os quais as de Cônsul-Geral no Rio de Janeiro (1998-2003); Embaixador em Budapeste (2003-2007) e em Nova Deli (2007-2009); junto da Unesco (2011-2012) e do Conselho da Europa (2012-2016). Foi Ministro da Cultura de Portugal (2016-2018). Sua obra compreende 16 livros publicados a partir de 1983, alguns deles coligidos em *Poemas Reunidos* (Lisboa: Assírio e Alvim, 2018). Coletânea anterior foi publicada no Brasil: *Poesia Reunida* (Rio de Janeiro: Topbooks, 2001). *Volta* é o título de seu último livro de poemas (Lisboa: Assírio e Alvim, 2021).

É admirável que a mais bela e a mais rica das instituições culturais portuguesas no Brasil tenha sido obra das nossas comunidades migrantes que, desde 1837, quinze anos apenas depois da Independência, decidiram criar um “gabinete de leitura”, centro de empréstimo de livros e ao mesmo tempo lugar de encontro e de debates, a fim de fomentar a cultura portuguesa nesse novo país independente que conosco partilhava e recriava a língua comum. Instituição que abriga a mais antiga biblioteca de toda a América Latina, fundada por imigrantes e em funcionamento ininterrupto até hoje.

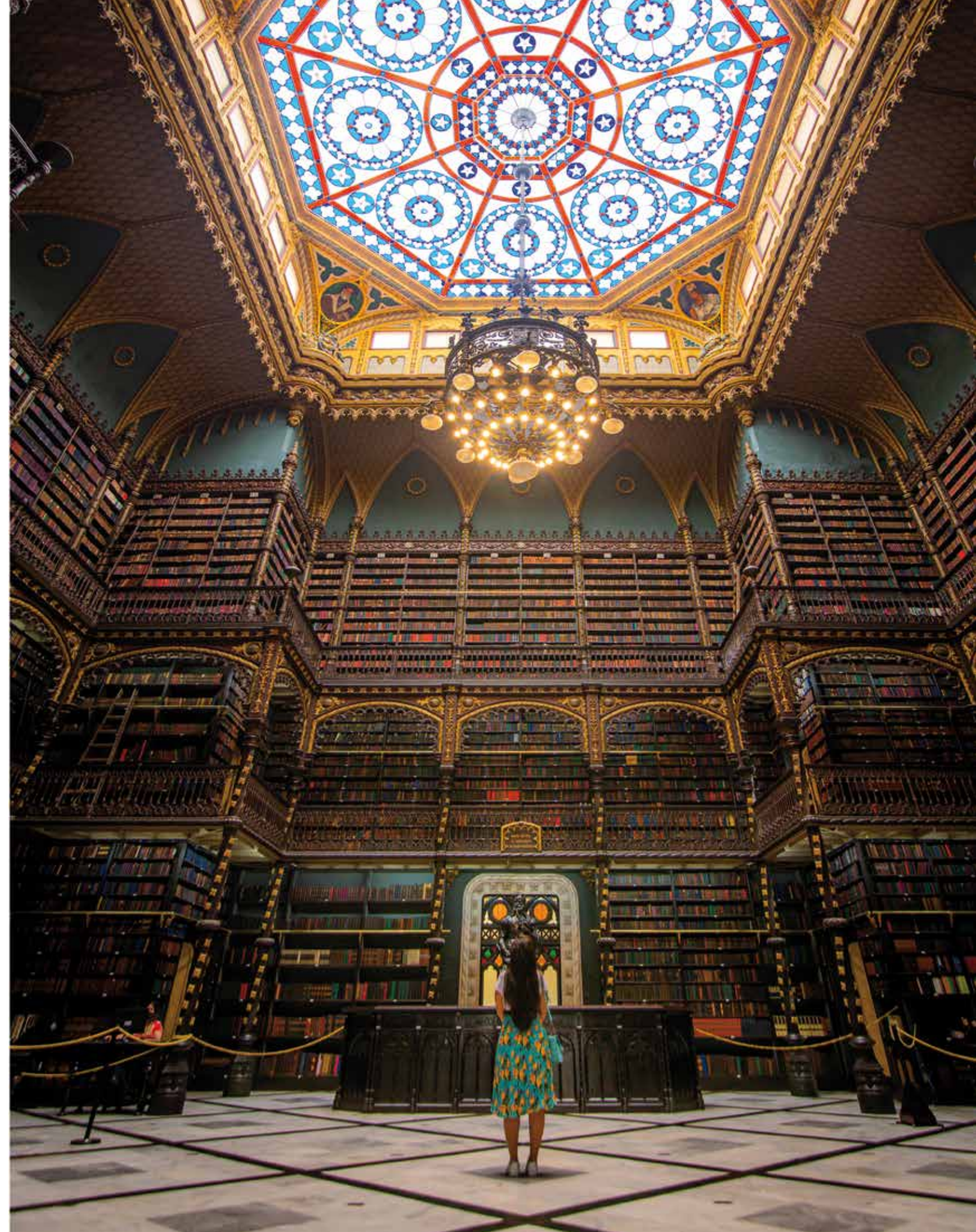
Falo do Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro. Mas outros gabinetes de leitura e outras iniciativas dos portugueses, que aqui vieram viver e trabalhar, se multiplicaram então pelo Brasil fora. Concentremo-nos, porém, sem esquecer ninguém, nesta joia esplêndida de beleza e majestade, que é o Real Gabinete do Rio de Janeiro. Além de ser o monumento mais cheio de significado da nossa diáspora, ele é simultaneamente uma entidade ativa e moderna, promotora de alargados diálogos intelectuais luso-brasileiros e depositária de uma biblioteca fundamental, para quem se debruce sobre a cultura portuguesa, por deter o privilégio do “depósito legal”, que obriga os editores portugueses a enviarem para cá exemplares de todas as suas publicações que tenham interesse e relevância cultural.

Foi na sequência do centenário de Camões, em 1880, e da reação patriótica no fim do século XIX ao que era sentido como a decadência de Portugal no mundo moderno (crise do Ultimatum em 1890, crise financeira gravíssima de 1892), que a comunidade portuguesa do Rio de Janeiro decidiu construir o magnífico edifício neo-manuelino, onde passou a ter sede o Real Gabinete Português de Leitura, e que exalta, em todos os pormenores do seu patrimônio edificado, a narrativa das glórias portuguesas, tal como as tinha representado Camões. E Ramalho Ortigão, no seu ceticismo patriótico, chega a pronunciar, na inauguração desse edifício, em 10 de setembro de 1887, as famosas palavras que refletem a angústia da decadência e a esperança de um ressurgir da nossa cultura desse lado do Atlântico: “E se um dia o nome de Portugal houver de desaparecer da carta política da Europa, esta Casa será ainda como a expressão monumental do cumprimento da profecia posta por Garrett na boca de Camões: ...não se acabe a Língua, o nome português na terra”.

Passado mais de um século, Portugal não desapareceu da terra e o Brasil prosseguiu na criação da sua diferença e no reforço da sua identidade. Este alto

## THALES LEITE

*Real Gabinete Português de Leitura, 2022*  
Rio de Janeiro





lugar de cultura que é o Real Gabinete é hoje um elo, que se deve reforçar e valorizar, na corrente de conhecimento mútuo e de diálogo entre os nossos dois países e entre as nossas duas culturas. A colaboração empenhada e generosa da Fundação Calouste Gulbenkian e a cooperação institucionalizada pelo memorando de 2017, que criou a Associação Luís de Camões, entre o Real Gabinete, o Liceu Literário Português e a Caixa de Socorros D. Pedro V, agremiações da comunidade portuguesa, e o Camões – Instituto de Cooperação e da Língua, mostram todo o interesse e toda a aposta de Portugal nesse farol de cultura portuguesa em terras do Brasil.

Tive a alegria de, enquanto Cônsul-Geral de Portugal no Rio de Janeiro entre 1998 e 2003, poder testemunhar e contribuir para as atividades culturais promovidas por esse Real Gabinete. No seu esplendoroso edifício, no Palácio de São Clemente ou nas universidades, tive sempre o maior gosto em estar presente na vida e nas iniciativas dessa instituição. Nasceu em mim nestes anos uma sólida amizade e uma sincera admiração por tudo o que ela representa e faz e por todos os que a fazem viver.

Mas as primeiras e principais palavras de louvor devem dirigir-se às comunidades portuguesas no Brasil e à sua ação denodada e persistente para manter vivos esses importantes centros sociais e culturais. Mantê-los vivos e atuais, virados para a modernidade e para a realidade presente das nossas nações, orientados para a cultura de hoje e para o futuro de todos. É isso que nos pede a História das nossas nações, foi isso que as nossas comunidades souberam compreender.

Esse exemplo de um tão transcendente legado cultural é exemplar e dignifica a comunidade portuguesa no Brasil, por vezes alvo de alguns comentários mordazes, mas, no mais profundo sentimento dos brasileiros, geralmente bem vista e estimada.

Somos hoje duas nações modernas e adultas, dois povos que fizeram os seus próprios caminhos na História, e é nesse reconhecimento das nossas diferenças que devemos fundamentar a celebração de tantos laços que nos unem, de tanta História que temos em comum, desta língua que é o nosso patrimônio. É digno de profundo respeito, e honra-nos como portugueses, que tenham sido os nossos compatriotas que vivem e trabalham nesta terra e que tanto contribuíram para a riqueza e para o progresso do Brasil, a erigir este monumento de cultura que é o Real Gabinete. Um monumento que é também um centro vivo de estudos e de atividades culturais, graças ao esforço permanente de todos, de que me permito destacar o presidente Francisco Gomes da Costa, que o tem dirigido com inteligência e saber, e o Polo de Pesquisas Luso-Brasileiras, animado desde 2001 pela Professora Gilda Santos, que tem aqui organizado importantes colóquios, seminários e palestras.

Uma palavra final para lembrar o saudoso António Gomes da Costa, grande inspirador e dinamizador do Real Gabinete e de todas as corporações da comunidade portuguesa no Brasil, de quem tive a honra de ser amigo. O muito que lhe devemos é por todos nós sabido e sentido.

**LEONARDO FINOTTI**

*Real Gabinete Português de Leitura, 2022*  
Rio de Janeiro

*“Fachada principal do edifício – Conforme me foi recomendado, segui nesta fachada, assim como em todo o edifício, o estilo de arquitetura manuelino, seguindo com especialidade a arquitetura da Igreja dos Jerônimos, embora as acanhadíssimas proporções do terreno, pois só conto com 13,2 m de frente, não me permitam desenvolver mais este trabalho como desejava; e se não lhe desenvolvi mais a ornamentação, foi para não aumentar muito a despesa da cantaria”.*

– Raphael da Silva Castro, memorial descritivo do projeto, 1872, arquivo RGPL. *O Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro*, p. 72.

pág. 213

**CAIO REISEWITZ** (1967)

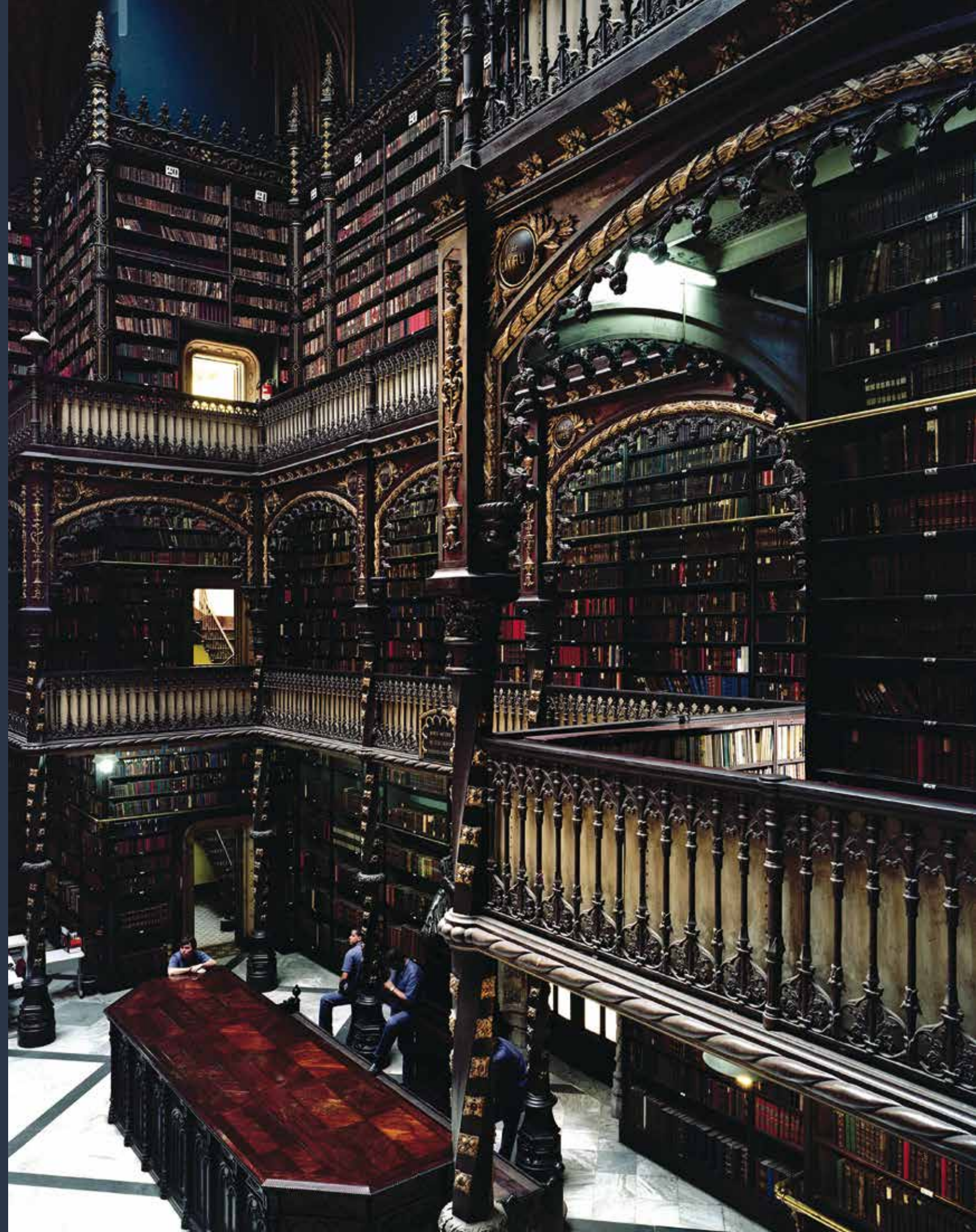
*Salão principal do Real Gabinete*  
*Português de Leitura*

Fotografia

Acervo do Real Gabinete Português de Leitura,  
doação do artista

**A ciência descreve  
as coisas como são;  
a arte, como são sentidas,  
como se sente que são.**

Fernando Pessoa



# A moral em Eça de Queirós e Machado de Assis

## JOSÉ ROBERTO DE CASTRO NEVES

Doutor em Direito Civil pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestre em Direito pela Universidade de Cambridge, Inglaterra. Professor de Direito Civil da Pontifícia Universidade Católica (PUC-Rio) e da Fundação Getúlio Vargas (FGV-Rio). Advogado.



EÇA DE QUEIRÓS

Um dos mais relevantes papéis da literatura é o de trazer reflexão ao leitor. Com isso, desenvolvemos senso crítico. A sociedade ganha quando seus integrantes adquirem consciência e são capazes de questionar: Quem somos? Como se comporta a sociedade? Existe alguma ordem moral que comanda – ou deva comandar – a vida comum? Indagações dessa natureza, por vezes incômodas, nos fazem pensar no nosso papel no mundo.

Aristóteles, em *Poética*, sustenta que a boa literatura é aquela que “satisfaz o senso moral”. Com efeito, a literatura possui um papel pedagógico de fomentar bons valores. Por outro lado, no prefácio de *O Retrato de Dorian Gray*, Oscar Wilde sentencia: “Não existe um livro moral ou imoral. Livros são bem escritos ou mal escritos. Eis tudo.” De fato, a ausência de conteúdo ético numa história bem desenvolvida também traz lições. A discussão acerca da necessidade de conteúdo moral numa obra literária foi, de certa forma, travada entre dois dos maiores nomes da literatura mundial: o português Eça de Queirós e o brasileiro Machado de Assis.

Em 1878, Eça de Queirós publica *O Primo Basílio*. A história narra a vida de um casal burguês de Lisboa, Jorge e Luísa, cercados de figuras que representam aquela sociedade – com destaque ao Conselheiro Acácio, com suas platitudes, sempre a postos com comentários banais, emoldurados por uma pseudoerudição.

Quando Jorge tem que se ausentar de Lisboa por motivos profissionais, surge o dândi Basílio, vindo da França. Aproveitando-se da carência de Luísa, Basílio a seduz. Dá-se início ao adultério. A empregada de Luísa percebe a traição e passa a chantagear a patroa. A vida de Luísa torna-se infernal. O amante volta para a França e o marido regressa ao lar. Ao chegar, Luísa passa a tratar Jorge com “cuidados de mãe e ímpetos de concubina”. O romance proibido, contudo, é descoberto, quando Jorge abre uma carta de Basílio à Luísa. Esta, angustiada com a situação, morre pouco depois. Fica claro que, para Basílio, tudo não passou de diversão. O livro é uma clara crítica aos costumes, denunciando a hipocrisia dos hábitos burgueses.

Naquele mesmo ano de 1878, Machado de Assis publica, com a diferença de duas semanas, dois artigos no periódico *O Cruzeiro*, nos quais critica o então recente livro de Eça. Na verdade, Machado depreciava, no mesmo texto, a obra anterior de Eça, seu primeiro romance, *O Crime do Padre Amaro*, lançada pouco antes, em 1875.

Em suma, em *O Crime do Padre Amaro* conta-se do pároco Amaro Vieira, recém-chegado na cidade provinciana de Leiria. Amaro não tem vocação para o sacerdócio. Virou padre por mera conveniência. Em Leiria, passa a ter um caso, oculto a todos por óbvias razões, com Amélia, filha de sua inquilina. Amélia engravida. Amaro consegue entregar o bebê a uma mulher que mata recém-nascidos. Amélia morre em decorrência do parto. Diante dessa sucessão de eventos, Amaro é transferido de Leiria, mas não deixa a batina. Nessa obra, Eça denuncia a conduta abusiva de padres e a conivência da Igreja, mais uma vez exaltando a hipocrisia na sociedade portuguesa.

Em *O Crime do Padre Amaro*, Eça desnuda a vida provinciana, enquanto em *O Primo Basílio* critica os modos da burguesia lisboeta. Ambos os romances têm a marca do realismo na narrativa. Era a partida para uma nova forma de escrever. Até então, estava em voga uma linha romântica de narrar as histórias, com ênfase nos sentimentos. Inaugurava-se o realismo, no qual se explicitava, nas palavras do próprio Eça, “a anatomia do caráter”, a fim de criticar a natureza humana. Buscava-se “fotografar a realidade”, retratando o mundo sem subjetivismos.

No referido texto de Machado, além de alegar que *O Crime do Padre Amaro* seria uma “imitação” da obra *La faute de l’abbé Mouret*, de Émile Zola – lançado no mesmo período –, o escritor brasileiro questiona a própria lógica do padre Amaro:

“Sendo assim, não se compreende o terror do Padre Amaro, no dia em que do seu erro lhe nasce um filho, e muito menos se compreende que o mate. Das duas forças que lutam na alma do Padre Amaro, uma é real e efetiva – o sentimento da paternidade; a outra é quimérica e impossível – o terror da opinião, que ele tem visto tolerante e cúmplice no desvio dos seus confrades; e não obstante, é esta a força que triunfa. Haverá aí alguma verdade moral?”

No que se refere à Luísa, personagem de *O Primo Basílio*, Machado é contundente: “Luísa é um caráter negativo, e no meio da ação ideada pelo autor, é antes um títere do que uma pessoa moral. Repito, é um títere; não quero dizer que não tenha nervos e músculos; não tem mesmo outra coisa; não lhe peçam paixões nem remorsos; menos ainda consciência.”

Machado de Assis reclama da falta de moral de Luísa, que trai o marido, na percepção do escritor, sem um mínimo questionamento ético. “Para que Luísa me atraia e me prenda, é preciso que as tribulações que a afligem venham dela mesma; seja uma rebelde ou uma arrependida; tenha remorsos ou imprecações; mas, por Deus! dê-me a sua pessoa moral”, alfineta Machado.

Embora na sua crítica, Machado registre ser um “admirador” de Eça, ele pontua que “Um leitor perspicaz terá já visto a incongruência da concepção do Sr. Eça de Queirós”. Machado desaprovava a falta de moral dos romances de Eça. A censura é tanto estética como do próprio tema escolhido para a obra.

Eça, ao tomar ciência da crítica, redarguiu: “Devo dizer que os críticos inteligentes que acusaram *O Crime do Padre Amaro* de ser apenas uma imitação da *Faute de l’abbé Mouret*, não tinham, infelizmente, lido o romance maravilhoso do Sr. Zola, que foi, talvez, a origem de toda a sua glória. A semelhança casual dos dois títulos induziu-os em erro. Com conhecimento dos dois livros, só uma obtusidade córnea ou má-fé cínica poderiam assemelhar esta bela alegoria idílica, a que está misturado o patético drama de uma alma mística, a



MACHADO DE ASSIS



**EÇA DE QUEIROZ** (1845-1900)  
*O crime do padre Amaro*  
Lisboa: Typographia Castro Irmão, 1876  
acervo Real Gabinete Português de Leitura



**EÇA DE QUEIROZ** (1845-1900)  
*O Primo Basílio*  
Rio de Janeiro: Typographia Central  
de Evaristo Rodrigues da Costa, 1878  
acervo Real Gabinete Português de Leitura

<sup>1</sup> CARPEAUX, Otto Maria. *Contos de Machado de Assis*. Ver: <https://www.revistas.usp.br/teresa/article/download/168394/160112/399389>.

*O Crime do Padre Amaro*, simples intriga de clérigos e de beatas, tramada e murmurada à sombra de uma velha Sé de província portuguesa”. Além disso, Eça esclareceu que seu livro data de 1871, quando foi, inclusive, lido por amigos. O livro de Zola foi lançado depois, em 1874.

Há uma fofoca não confirmada de que a implicância de Machado com Eça tinha por fundamento um ciúme. Isso mesmo: não era inveja do talento do português, mas ciúme de Carolina, sua mulher. Carolina Augusta Xavier de Novais desembarcou no Rio de Janeiro, vinda de Portugal, em 1866. Tinha 31 anos. Solteira. Culta, amante da literatura. Não tinha dote.

Para alguns, Carolina veio para ajudar um irmão doente. Para outros, o motivo da partida de Lisboa foi uma desilusão amorosa. Ainda em Lisboa, em 1862, Carolina havia conhecido Eça de Queirós. Ela tinha 26 anos e Eça era um ano mais velho. Ambos eram solteiros. Especula-se qual foi a profundidade desse relacionamento. Sabe-se, contudo, que Eça, por conta da posição social de sua família, não poderia unir-se com alguém sem qualquer título ou dote – o genial português apenas se casou aos 40 anos com uma nobre.

Três anos depois de chegar ao Brasil, Carolina, então com 34 anos, se casa com Machado de Assis, quatro anos mais jovem. Há registro de uma carta de Carolina a uma amiga, na qual descreve Machado como um “rapaz tão feio quanto inteligente”. Carolina viveria com Machado de Assis até a sua morte. Quando sua esposa morre, em 1904, Machado escreve para Joaquim Nabuco: “foi-se a melhor parte da minha vida, e aqui estou só no mundo”.

No ano em que publica as referidas críticas a Eça, 1878, Machado lança *Iaiá Garcia*. O romance não recebeu grande aprovação. Seguiu a tradição romântica, contando uma história de desencontros amorosos. O livro nada tinha de especialmente original.

Ainda no final de 1878, Machado sofre de uma grave infecção nos olhos. Fica incapacitado de ler. Ele e Carolina partem para Nova Friburgo, atrás de um tratamento, onde ficam até março de 1879. É Carolina quem lê para Machado durante sua recuperação. Nesse período de “cegueira”, Machado começa a trabalhar na obra que marcaria a grande virada na sua carreira literária.

Seu próximo romance foi lançado em 1881: *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, quando inicia sua fase realista. Segundo Carpeaux, há, a partir de então, um novo nascimento de Machado.<sup>1</sup>

*Memórias Póstumas de Brás Cubas* já começa de forma surpreendente. Quem narra o livro na primeira pessoa é um “defunto-autor”, que conta, do outro mundo, sua vida de forma livre, sem pudor de explicitar suas fraquezas e debilidades de caráter. Tudo, ademais, é feito com ironia, provocando o leitor, com quem o autor dialoga diretamente. A dedicatória tornou-se célebre: “Ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver dedico como saudosa lembrança estas memórias póstumas”.

No livro, Brás Cubas, formado em Direito em Coimbra, tem uma relação adulterina, envolve-se na política – onde acumula poucos êxitos e muitos reveses –, trava relações com um filósofo, seu amigo de infância, Quincas Borba, que lhe apresenta o “humanitismo” – uma filosofia fictícia, que satiriza o positivismo, ridiculariza o cientificismo, defendendo o poder dos mais fortes.

Brás Cubas tem um caso com Virgília, casada com o político Lobo Neves. Ela chega a engravidar, mas perde o bebê. Quando o marido de Virgília é nomeado presidente de província, ela tem que deixar o Rio de Janeiro e, com a distância, acaba o romance. Na morte de Lobo Neves, Brás Cubas reflete,



ao ver sua ex-amante chorar diante do caixão: “Traíra o marido com sinceridade, e agora chorava-o com sinceridade...”

O livro termina de forma cética, desoladora e pessimista:

“Este último capítulo é todo de negativas. Não alcancei a celebridade do emplasto, não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento. Verdade é que, ao lado dessas faltas, coube-me a boa fortuna de não comprar o pão com o suor do meu rosto. Mais; não padeci a morte de D. Plácida, nem a semidemência do Quincas Borba. Somadas umas coisas e outras, qualquer pessoa imaginará que não houve mingua nem sobra, e conseqüentemente que saí quite com a vida. E imaginará mal; porque ao chegar a este outro lado do mistério, achei-me com um pequeno saldo, que é a derradeira negativa deste capítulo de negativas: – Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria.”

O livro de Machado de Assis é disruptivo na literatura brasileira. Inaugura-se, no Brasil, o realismo – movimento que Machado, anos antes, criticara. Felizmente, a superior inteligência de Machado não deixou que a vaidade, ou outro sentimento menor, cerceasse sua criatividade. A primeira crítica feita por Machado, como sói acontecer com pessoas honestas intelectualmente, se meou uma meditação mais profunda. O artista amadureceu. Parece claro que *Memórias Póstumas* conversa com as obras realistas de Eça.

Tanto *O Primo Basílio* quanto *Memórias Póstumas* abordam o adultério. Brás Cubas inicia um romance ilícito com Virgília, que era casada. Luísa, por sua vez, se envolve com Basílio, traindo, sem revelar maiores escrúpulos, seu marido. Basílio, a seu turno, não apresenta remorso por desorganizar a vida de sua amante. Em *O Crime do Padre Amaro*, o religioso tem um caso amoroso, violando seu dever de celibato, mas sequer cogita de resistir ao seu ímpeto sexual. Tudo é narrado de forma objetiva. Brás Cubas, Basílio e Amaro não revelam qualquer arrependimento moral.

**THALES LEITE**  
Placa em homenagem a Machado de Assis, 1958  
Real Gabinete Português de Leitura, Rio de Janeiro



**MACHADO DE ASSIS** (1839-1908)  
*Memórias Póstumas de Brás Cubas*  
Rio de Janeiro: Escriptorio da Revista Brasileira, 1880  
acervo Real Gabinete Português de Leitura

Como *Memórias Póstumas de Brás Cubas* é narrado na primeira pessoa, poderia haver a oportunidade mais clara de compreender o que se passa na mente do protagonista. Contudo, a moralidade em *Memórias Póstumas* propositalmente não se apresenta de forma clara. Brás Cubas age para atingir seus objetivos, sem maiores aprofundamentos éticos. As explicações que oferece, para adotar essa ou aquela conduta, são vagas – e deixam ao leitor a sensação de que são argumentos de ocasião. Brás Cubas é claramente autocentrado, assim como Amaro e Basílio, dos romances de Eça.

Eça e Machado narram histórias de protagonistas sem esteio moral. O leitor se vê diante de um mundo, descrito objetivamente, no qual as pessoas se movem inescrupulosamente, despidas de empatia, de forma insincera, visando a um interesse particular e efêmero. A vida é governada por uma ética torta, costurada por convenções ridículas e rasas. Machado, possivelmente, se revela ainda mais pessimista do que Eça em relação à natureza humana. O português, a seu turno, desnudou, de modo mais contundente e ácido, a sociedade de seu tempo.

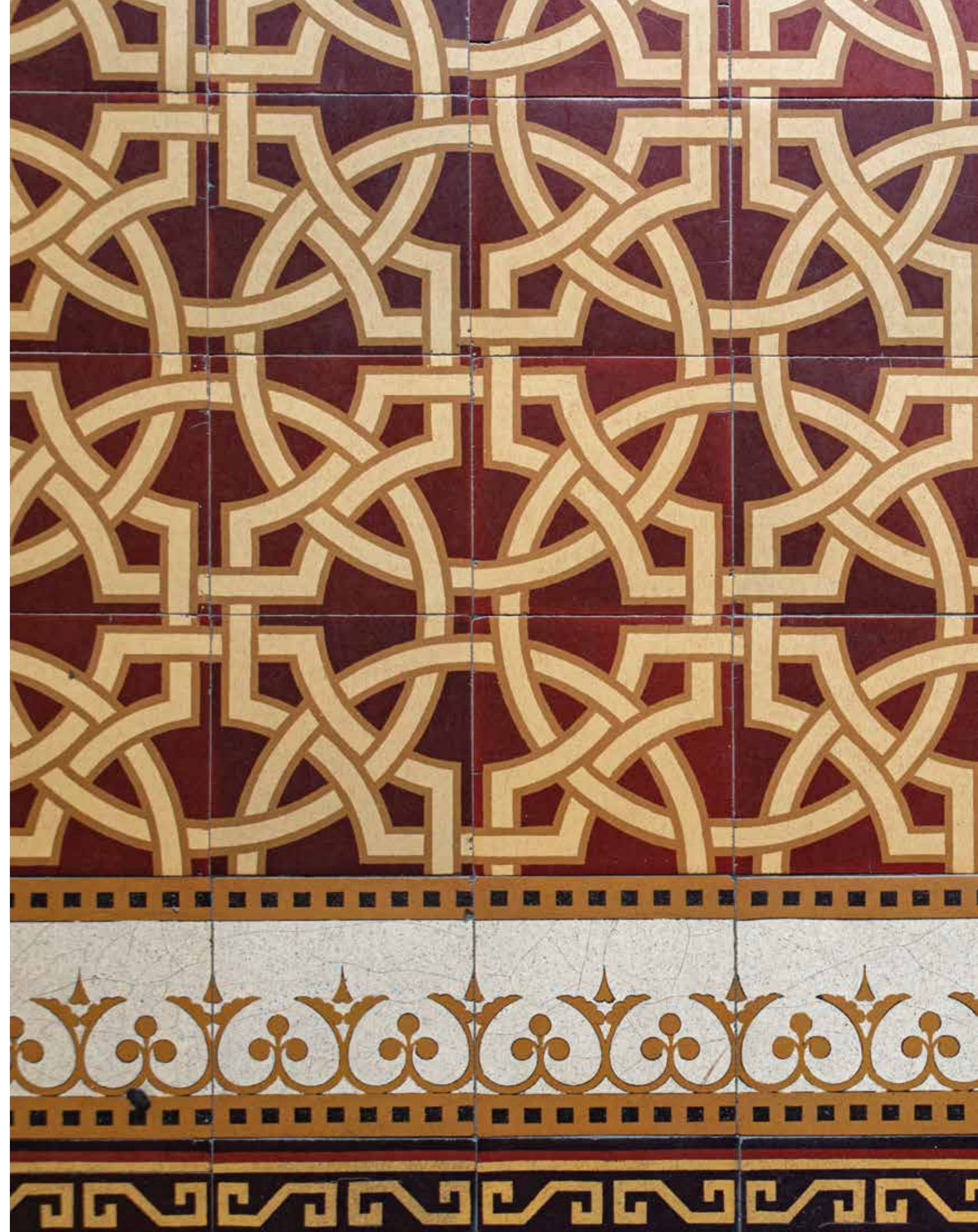
Em 1882, ano seguinte ao da publicação de *Memórias Póstumas*, Friedrich Nietzsche, em *A Gaia Ciência*, alerta: “Deus está morto. Deus permanece morto. E nós o matamos.” Evidentemente, como tudo em Nietzsche, há um sem-fim de possíveis interpretações para essa afirmação. Uma delas é a de que a sociedade havia abandonado os valores morais, representados, na imagem do filósofo alemão, pela religião. Eça e Machado já haviam, pouco antes, chegado a essa conclusão. Suas obras refletem esse vácuo moral.

A geração seguinte à de Eça e de Machado enfrentou a Primeira Grande Guerra. Mais uma geração, veio a Segunda Guerra Mundial. Neste segundo conflito internacional, a insuficiência de respeito a valores morais básicos trouxe consequências nefastas, que marcam de forma indelével a história da humanidade. De certa forma, Eça e Machado foram também profetas não plenamente compreendidos, que já haviam identificado a patologia da civilização.

Qual o valor de obras literárias nas quais seus protagonistas atuam de forma imoral ou amoral? Shakespeare, em *Ricardo III*, séculos antes, deixara claro qual o destino infame dos governantes que se movimentam exclusivamente em busca do poder. Nas três obras antes mencionadas, *O Crime do Padre Amaro*, *O Primo Basílio* e *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, não há final feliz. A morte, a solidão e a falta de perspectiva marcam o destino das personagens. Apenas a virtude moral permite uma vida feliz. Eis a poderosa lição, que se mantém válida.

Eça de Queirós e Machado de Assis são monumentos da língua portuguesa. Apesar de divertida a discussão, não há como reconhecer a superioridade de um em relação ao outro: ambos são gênios sublimes, que, vivendo na mesma época, tornaram-se poderosos luminares da literatura, influenciando, de forma marcante, a produção artística dos países lusófonos. Seus livros não apenas transmitem conhecimento, mas geram conhecimento.

Embora haja espaço para questionar se a boa literatura deva satisfazer nosso senso moral, a leitura dos clássicos de Eça e de Machado deixa claro que, quando se trata da vida, da nossa vida, esse debate não tem pertinência: a nossa existência apenas ganha sentido se estamos apoiados em bons valores.





## Azulejos: um pouco de história

A palavra “azulejo” tem origem árabe (*az-zulaich*),<sup>1</sup> que significa peça cerâmica vitrificada e/ou esmaltada, usada para revestir paredes. Da mesma forma, seu desenvolvimento remonta ao mundo islâmico, que teve na cerâmica e no azulejo uma de suas mais importantes formas de expressão artística, estendendo sua produção desde o Mediterrâneo e o Norte de África até a Ásia Central.

Foi nesse contexto islâmico que as experiências com a cerâmica atingiram seu ápice, tanto na grande diversidade de materiais e de técnicas utilizadas como na excepcional riqueza das criações de peças independentes. Os artefatos foram usados como revestimentos arquitetônicos em numerosos locais do Irã, Mesopotâmia, Egito, Síria, Anatólia, em outras regiões ao redor do Mediterrâneo e na Ásia Central.

Foi essencialmente durante os séculos XII a XIV que a azulejaria alcançou excepcional requinte. Nesse período, predominaram as placas de barro moldadas, utilizadas no arremate dos revestimentos cerâmicos, cobertas de vidrados espessos e opacos, geralmente de cor turquesa, creme ou azul, cuja utilização foi muito frequente na cerâmica islâmica.

A produção árabe (Pérsia) teve incremento substancial no período dos séculos XIII e XIV, durante o qual a capital esteve instalada em Tabriz (Azerbaijão). Nessa época, se destacou o centro cerâmico de Kashan, pela qualidade de seus produtos e, especialmente, pela utilização de ornatos dourados excepcionais.

### Introdução da azulejaria na Península Ibérica

A península Ibérica, correspondente ao atual território de Portugal e Espanha, foi conquistada no século VIII pelos árabes (mouras), oriundos do Norte da África, nomeadamente Marrocos, Argélia, Mauritânia e Saara Ocidental. Os mouras precisaram de menos de uma década para dominar a região onde permaneceram durante quase oito séculos, denominado então como al-Andalus, para onde trouxeram a tradição cerâmica oriunda de seus povos. Os vestígios materiais da longa permanência muçulmana ficam aquém das expectativas, principalmente porque a política cristã de reconquista foi a de “terra arrasada.” Cada localidade retomada dos árabes era destruída, e os objetos e construções, queimados. Mas restaram alguns elementos que dão testemunho desse período da vida ibérica, principalmente nas muralhas e castelos, bem como no traçado de ruelas e becos de algumas cidades do sul da região.

### CÉSAR CUNHA CAMPOS

Diretor da FGV Europe, engenheiro, mestre pela London School of Economics, doutor em transportes pela Technische Universität Wien e colecionador de arte.

Atribuído a  
**BARTOLOMEU ANTUNES** (1688-1753)  
Painel de azulejos do claustro da  
Igreja e Convento de São Francisco, Salvador, Bahia  
©Unwind/Shutterstock

<sup>1</sup> Pesquisa baseada no catálogo *800 anos da história do azulejo*, do Museu Berardo Estremoz, 2020.

Durante essa ocupação, os povos ibéricos tomaram conhecimento da cerâmica mural, através da utilização de placas de barro cobertas de vidrados coloridos e uniformes. Foram introduzidas pelo menos duas técnicas de cerâmica na Europa: o vidrado e a louça dourada, que imita acabamentos metálicos com efeitos iridescentes.

A cerâmica mourisca permaneceu na cultura artística hispânica. O estilo criado no al-Andalus (Andaluzia) deu origem a uma produção que teve continuidade sob o domínio cristão, agora mesclando elementos islâmicos e europeus. Foi a mais elaborada e luxuosa cerâmica a ser produzida na Europa – até a indústria majólica italiana desenvolver sofisticados estilos no século XV –, sendo exportada para a maior parte do continente.

A produção hispânica foi primeiramente centrada em Málaga, na Andaluzia, na costa sul do país, às margens do Mediterrâneo. Somente no século XV foram introduzidos os azulejos ao gosto português, provenientes da importação intensiva de Sevilha e de Valência. Tais peças foram usadas principalmente como soluções decorativas, explorando os efeitos dinâmicos e rítmicos de revestimentos arquitetônicos.

#### Introdução da azulejaria em Portugal e no Brasil

Apesar da comum utilização da cerâmica em outros países, o azulejo em Portugal assume um papel especial na criação artística. Desde sua introdução, no século XV, até os dias de hoje, a utilização dos azulejos em Portugal vem passando por um processo evolutivo marcante. A arte azulejar presenciou várias alterações nos seus desenhos, para atender tanto aos gostos, modos e costumes de suas épocas, como também às condições econômicas no seu uso.

Inicialmente utilizada no revestimento de paredes dos interiores de igrejas e conventos, a arte dos azulejos evoluiu para uma concepção em sintonia com os espaços, sagrados ou civis, tornando-se, assim, protagonista de cenas históricas, religiosas, de caça, de guerras, bem como de relevantes expressões artísticas.

No Brasil não foi diferente. Os azulejos tiveram seu lugar de destaque na construção de igrejas e conventos, notadamente no início do Brasil-Colônia. Com a tradição enraizada pelos portugueses, o emprego de azulejos tornou-se parte intrínseca da cultura brasileira, que se apresenta até hoje em muitas de suas expressões artísticas.

Não obstante essas transições terem se dado gradativamente e por diversas vezes convivido no mesmo espaço temporal, adotou-se, no presente ensaio, uma narrativa segmentada por séculos, destacando-se, assim, as principais características ao longo de suas épocas, tanto em Portugal quanto no Brasil.

#### Portugal: século XVI

As primeiras utilizações conhecidas do azulejo em Portugal, como revestimento monumental de paredes, foram realizadas com azulejos hispano-mouriscos importados de Sevilha em 1503.

Com o desenvolvimento da cerâmica europeia, com a possibilidade de se pintar diretamente sobre o azulejo em técnica de majólica, e com sua expansão produtiva, Portugal passou a fazer suas encomendas notadamente em Flandres. Com o crescimento do interesse dos portugueses na aplicação azulejar, ocorreu a fixação de ceramistas flamengos em Lisboa, iniciando-se uma produção própria portuguesa a partir da segunda metade do século XVI.



Padrão hispano-mourisco de entrelaçados  
Sevilha, séc. XVI.  
Aresta policroma  
Coleção Museu Nacional do Azulejo – MNAz, Lisboa  
Foto Thales Leite

Nesse período modelos de circulação internacional, oriundos de uma estética maneirista de Flandres, foram utilizados por pintores de azulejos portugueses, que realizaram composições monumentais.

Em função de seus altos custos de produção e do crescente gosto por revestimentos cerâmicos em igrejas e palácios, esse período se caracterizou por composições únicas de azulejos de repetição, adequadas a qualquer espaço.

No Brasil, ao longo do século XVI, não foram construídas grandes edificações civis ou religiosas e, por consequência, não há registros da arte cerâmica na colônia brasileira nesse período.

#### Portugal: século XVII

No princípio do século XVII, com a prodigiosa atividade construtora lusitana, o azulejo, ainda importado da Espanha, encontrou então um *habitat* propício para os novos ambientes estéticos. Consolidando esse tipo de decoração, que se tornaria uma marca portuguesa, a azulejaria definiu a arquitetura desse período, dando-lhe um caráter particular e que, paulatinamente, se libertou dos esquemas andaluzes.

A produção de azulejos tornou-se mais singela e perdeu as características do século anterior. Durante a primeira metade do século, predominou a policromia simples – azul-cobalto e amarelo, por vezes com apontamentos de cor de laranja, verde e negro. Com essas características, acentuou-se a sua utilização no interior dos edifícios religiosos, revestindo integralmente as paredes e, por vezes, arcos, pavimentos, abóbadas e cúpulas, numa integração criativa.

Nos palácios, as aplicações decorativas foram menos visíveis durante a primeira metade do século XVII, mas acentuaram-se durante a segunda metade do século, através de uma azulejaria mais inovadora e diversificada, com soluções que anunciavam o movimento Barroco. Essa renovação inspirou igualmente a decoração tardia das igrejas, com painéis mais diversificados.

Nos anos finais do século XVII, o movimento Barroco se desenvolveu com força extraordinária na azulejaria portuguesa, transformando a arquitetura em cenografia e estabelecendo um diálogo com as demais artes decorativas. Essa fase se caracterizou pela utilização de painéis figurativos, conjugando as cenas e os ambientes cenográficos com os variados complementos decorativos, como os pedestais de concepção escultórica, molduras e elementos fictícios de arquitetura.

#### Brasil: século XVII

É precisamente na primeira metade do século XVII que ocorre o extravasamento dessa arte portuguesa para o Brasil, em especial nos centros religiosos. As construções utilizavam, sempre que possível, produtos locais. Quando, porém, não existiam matérias-primas ou os processos técnicos adequados, o reino recorria, sem as restrições que seriam economicamente naturais, à importação. É nesse caso que se incluem os azulejos.

Nem a distância, nem a dificuldade na escolha de fornecedores, nem o próprio preço, acrescido pelo frete, foram obstáculos para que o azulejo se estabelecesse como elemento indispensável na decoração durante os séculos XVII e XVIII. É nesse contexto que chegam ao Brasil os azulejos de produção lusa, utilizados para a decoração dos primeiros edifícios jesuítas e franciscanos. O convento dos franciscanos de Salvador é considerado exemplo dessa dificuldade, e é um dos mais notáveis núcleos de azulejos setecentistas do mundo lusitana.



Padrões hispano-mouriscos de influência gótica  
Sevilha, séc. XVI  
Aresta policroma  
Acervo Museu Nacional do Azulejo – MNAz, Lisboa  
Foto Thales Leite



*Fisicamente, habitamos  
um espaço, mas,  
sentimentalmente,  
somos habitados  
por uma memória.*

José Saramago

Inicialmente a encomenda era na padronagem de repetição, facilmente adaptáveis a qualquer edificação. Já no final daquele século foi introduzida a moda de revestimentos figurados, cujas encomendas eram feitas na disposição exata dos locais a que se destinavam os azulejos.

Os revestimentos cerâmicos foram rapidamente reconhecidos por suas qualidades mecânicas, que permitiam uma proteção eficaz contra as intempéries e, simultaneamente, um meio de suprir a carência de materiais nobres para a arquitetura. Assim se explica como os construtores no Brasil empregaram os azulejos em revestimentos exteriores, prática então pouco usada em Portugal.

Destaca-se que, nesse período de intensa importação, os azulejos enviados ao Brasil eram os mesmos utilizados na Europa, mas da melhor qualidade que se podia encontrar no mercado fornecedor. Merecem registro os azulejos da igreja de Nossa Senhora do Amparo, em Olinda.

A partir de 1660, multiplicam-se as construções religiosas e civis que recebem decoração cerâmica. É na Bahia e em Pernambuco que estão ainda hoje os mostruários mais completos de azulejaria: Convento de Santo Antônio da Ilha de Cairu, Capela Nossa Senhora da Pena do Engenho Velho do Paraguassu. É na capela de Nossa Senhora de Mont-Serrat, em Itapagipe, que se conserva o mais completo testemunho baiano da decoração azulejista.

#### **Portugal: século XVIII**

No início desse período, destacam-se os chamados azulejos de “figura avulsa”. Criação originalmente holandesa, teve grande repercussão e difusão mundial em decorrência de sua aplicação fácil e livre na arquitetura, da extraordinária variedade de seus motivos.

Com a descoberta do ouro no Brasil, durante o reinado de d. João V (1706-1750), Portugal empreendeu um vasto número de obras monumentais. Assis-tiu-se, nesse período, a um aumento sem precedentes da manufatura de azulejos, para atender tanto ao desenvolvimento de Portugal, quanto às grandes encomendas provenientes do Brasil.

É nessa época que o pintor de azulejos assume o estatuto de artista, assinando com frequência os seus painéis. O precursor desse movimento foi o espanhol Gabriel del Barco, ativo em Portugal, que introduziu o gosto decorativo mais exuberante e a pintura liberta do contorno rigoroso do desenho.

Essa inovação abriu caminhos a outros artistas, dando início a um período áureo da azulejaria portuguesa conhecido como “O Ciclo dos Mestres”, cujas obras eram marcadas por uma espontaneidade que decorria da utilização mais livre e pictórica das gravuras, e na criatividade das composições de azulejos ajustados aos espaços arquitetônicos.

O prolongamento do “Ciclo dos Mestres” destaca-se pela qualidade das obras. A par dos temas religiosos encomendados pela Igreja, utilizam-se então para os palácios cenas mais bucólicas, mitológicas, de caça e guerra, ou relacionadas com o dia-a-dia de um cortesão, bem patente nas chamadas figuras de convite colocadas nas entradas.

Após uma evolução difícil, o movimento Barroco desenvolveu-se na azulejaria portuguesa com uma força extraordinária, transformando a arquitetura em cenografia e estabelecendo um diálogo com as outras artes decorativas, como a talha dourada, outra das manifestações mais extraordinárias da arte portuguesa.



Na fase final do reinado de d. João V, torna-se perceptível uma acentuada mudança de gosto artístico, que, em grande medida, se deve à difusão de gravuras ornamentais francesas, com motivos gráficos e excepcional requinte de estilo Regência. Essa expressão artística teve excepcional aceitação pelas artes decorativas portuguesas, que associando-se a obras barrocas tardias, formaram uma linguagem autônoma e difundiram as composições movimentadas e livres que introduziram o estilo Rococó.

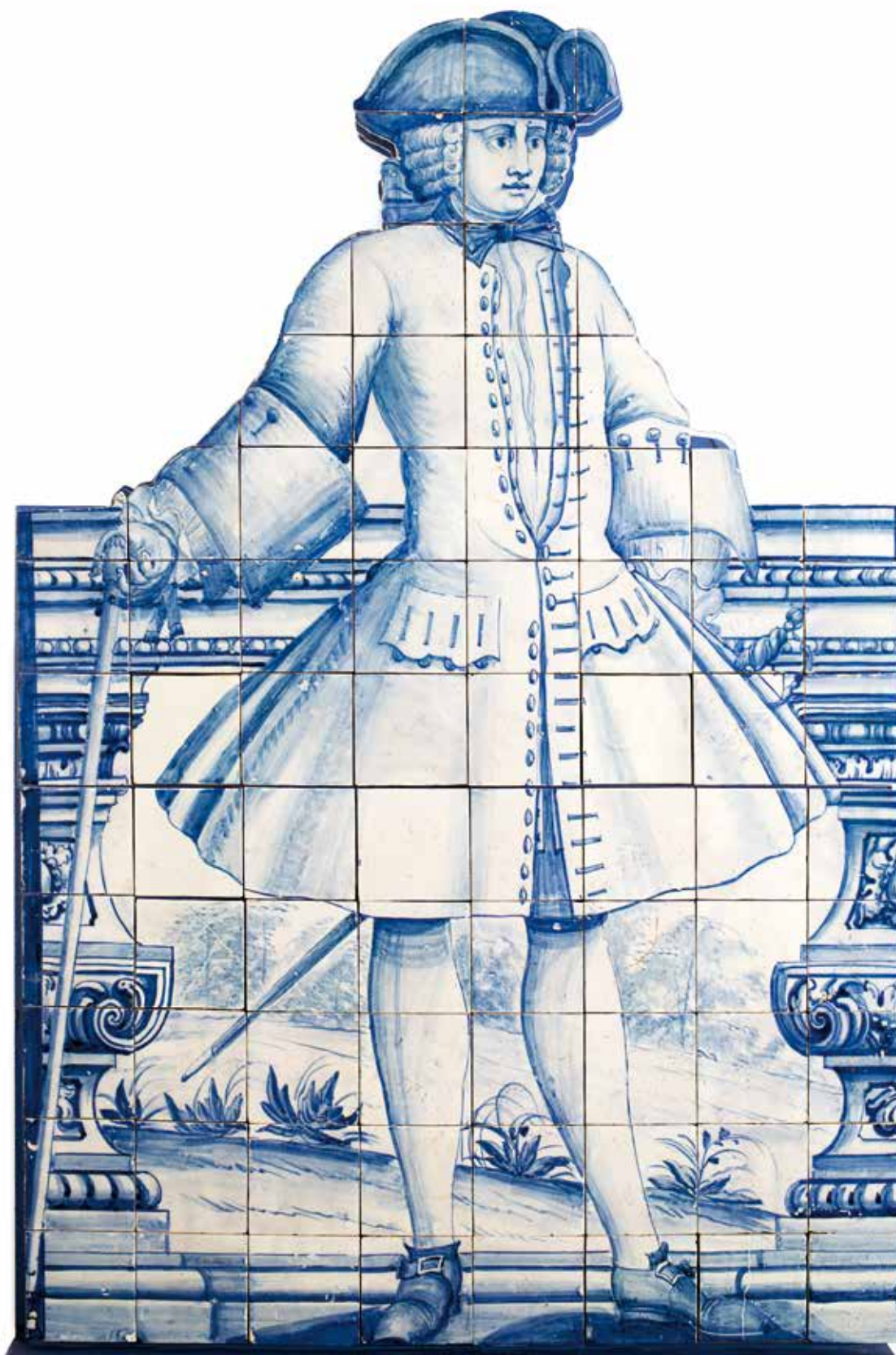
Nesse século surge a chamada azulejaria pombalina, em função da reconstrução de Lisboa após o terremoto de 1755. Essa fase reflete o caráter racionalista e programático da arquitetura habitacional, onde o azulejo seriado assumiu um papel fundamental. Não tendo a monumentalidade das composições barrocas, a azulejaria seriada desse período alcançou uma variedade respeitável e uma utilização intensiva, dos espaços nobres até as áreas de serviço dos palácios e edifícios religiosos.

A padronagem pombalina rapidamente foi adotada pelos palácios e edifícios religiosos e se expandiu para todo o país e para o Brasil, contribuindo, com seus motivos e com o efeito dinâmico, para a dinamização dos espaços.

#### **OLARIA DE MANUEL FRANCISCO**

*Caça ao leopardo, 1650/1675*  
Faiança policroma, 150 × 189,5 cm  
Coleção Museu Nacional do Azulejo – MNAz, Lisboa  
Foto Thales Leite

*Neste painel de azulejos, proveniente da Quinta de Santo Antônio da Cadriceira, em Torres Vedras, acontece a fusão de tradições culturais europeias com o exotismo das colônias. Nesta cena de caça utilizam-se diversos tipos de armadilhas, destacando-se, em primeiro plano, a armadilha com um espelho, que parece ser eficaz com a captura de uma fêmea. Os caçadores europeus foram substituídos por figuras indígenas, coroados de penas como os nativos do Brasil.*



A combinação com rodapés decorados ou apenas marmoreados, a utilização eventual de cercaduras mais elaboradas com outros motivos, como pequenos painéis figurativos ou composições de vasos floridos, também contribuíram para o sucesso dessas decorações, que praticamente substituíram as de “figura avulsa” da época barroca.

Essa padronagem é totalmente distinta daquela realizada nos períodos anteriores. Sua organização é feita através dos motivos dos cantos dos azulejos, quase sempre florais, o que permite a repetição uniforme de cada módulo ou a combinação livre de módulos distintos, podendo as diversas cercaduras ser próprias de cada padrão ou empregadas livremente.

A eficácia decorativa e a concepção sintética permitiram à padronagem pombalina ser utilizada até o século XIX, mas ganhando, ao longo desse processo, um caráter cada vez mais gráfico e depurado.

### Brasil: século XVIII

Como mencionado anteriormente, a azulejaria portuguesa do século XVII já estava representada no Brasil. No século XVIII consolidou-se ainda mais sua presença, não só na quantidade como na qualidade dos exemplares. A produção artística apurada, aliada à favorável conjuntura econômica de Portugal podem explicar o emprego disseminado em igrejas e sobrados da época.

É nas grandes composições figuradas em painéis que se afirma a produção azulejar aplicada no Brasil da época. Entretanto, é relevante notar também a influência modesta de “O Ciclo dos Mestres”, representada no Brasil por Antônio Pereira. Exemplos de seus trabalhos encontram-se na Igreja da Misericórdia da Vidigueira, no Recife, e em Salvador nos núcleos da “Capela Dourada” e do Palácio Saldanha.

No Brasil, os azulejos mais utilizados nesse período são os chamados “anônimos”, caracterizados pela produção serial das oficinas de Lisboa, Coimbra e Porto. Dignas de nota são as decorações da Igreja da Santa Casa da Misericórdia e da Capela do Noviciado do Carmo, localizadas em Salvador, a igreja de Santo Amaro de Itapinga e os conventos franciscanos do Paraguassu, de Cairu e do Belém do Pará.

### Portugal: século XIX

A implantação do liberalismo em Portugal trouxe consigo sensíveis transformações socioeconômicas. O azulejo deixou de ser uma arte a serviço da igreja e da aristocracia, e passou a ser usado pela burguesia ascendente como um material mais utilitário, associado essencialmente aos chamados prédios de rendimento. Esses prédios eram construídos para alojar diferentes famílias sob regime de aluguel. Nesse contexto geográfico e cronológico destaca-se o edifício corrente de três a quatro pisos e duas unidades de habitação por piso, invenção da Idade Moderna.

Para suportar essas novas abordagens de construção habitacional, a azulejaria passou a ser fabricada em série e aplicada intensivamente às fachadas de prédios. Nesses frontais são exibidas integrações apuradas, que se valem de arremates, frisos, cercaduras e outros adereços decorativos, por vezes pintados em função do desenho das cantarias das fachadas, em certos casos equiparáveis aos revestimentos de “tapete” do século XVII.



Azulejos portugueses em estampilha, séc. XIX  
Acervo Museu Histórico e Artístico do Maranhão,  
São Luís



Azulejos portugueses em estampilha  
com retoques à mão, séc. XIX  
Acervo Museu Histórico e Artístico do Maranhão,  
São Luís

Oficina de  
**BARTOLOMEU ANTUNES** (1688-1753)  
*Escudeiro de espadim e bengala, recortado sobre fundo  
de paisagem, enquadrado sobre fundo arquitetônico,  
em trompe-l'oeil, c. 1724-1735*  
Coleção Museu Nacional do Azulejo – MNaz, Lisboa  
Foto Thales Leite

*Instalado originalmente numa casa nobre  
em Lisboa, é uma “figura de convite” em  
escala natural. Geralmente instaladas  
em entradas das edificações, essas figuras  
“recebem” os visitantes. Ao pintor de azulejos  
Bartolomeu Antunes são também atribuídos  
os painéis do Convento de São Francisco  
em Salvador, Bahia.*

A azulejaria do século XIX continuou a ter uma importância decorativa comparável à dos séculos anteriores, mesmo com diferenças ao nível da qualidade artística ou técnica alcançada. Não significou o fim do azulejo artístico, mas, sim, um período de democratização de seu uso, que alcançou uma nova dimensão urbana, com as fachadas de azulejos tanto em Portugal quanto no Brasil.

Essa época foi dominada pelas produções semi-industrializadas. Inicialmente difundiu-se técnica da estampilha, utilizada pela maioria das fábricas de produção de azulejaria de fachada do início do século, permitindo a produção de azulejos policromos, de efeito decorativo, de uma maneira fácil e rápida. E numa fase mais tardia, com métodos industrializados mais desenvolvidos.

Os centros mais importantes dessa manufatura mantiveram-se em Lisboa e na região do Porto e Vila Nova de Gaia, que alcançaram extrema importância nesse período, marcado pela reconversão das velhas oficinas ou pela criação de novas unidades, algumas empreendidas por “brasileiros” que tinham regressado da antiga colônia.

A produção torna-se mais estável e consistente em meados do século, aparecendo modelos de linhagens decorativas com predomínio dos motivos geométricos, inspirados em composições do passado, e florais, geralmente coloridos e de efeito decorativo. Apesar de já ser um importante centro de cerâmica popular, a cidade das Caldas da Rainha ganhou especial visibilidade com a Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha, criada por Rafael Bordalo Pinheiro em 1884.

Bordalo Pinheiro desenvolveu expressões artísticas inovadoras e elaboradas, conferindo-lhes um pendor escultórico e decorativo de alta qualidade artística, tanto nas peças únicas como nas produzidas em série por meio da moldagem, incluindo as cerâmicas arquitetônicas e o azulejo.

#### **Brasil: século XIX**

No século XIX, com a Guerras Napoleônicas, a família real portuguesa se mudou para o Brasil, consolidando novos modos e costumes. Em 1822, o Brasil torna-se independente de Portugal. Esses fatos influenciaram sobremaneira a azulejaria no Brasil.

Com a Independência e consequente rompimento das relações entre Brasil e Portugal, houve uma interrupção nas importações provenientes de Portugal, e os azulejos das fachadas brasileiras passaram a vir da Holanda, da Inglaterra, da França e da Espanha – produtos muito diferentes dos modelos tradicionais portugueses. Entretanto, com o restabelecimento do comércio entre os dois países, o Brasil volta a importar e utilizar os azulejos portugueses, a partir da metade do século XIX e até a Primeira Guerra Mundial. Seu emprego se concentrou notadamente na azulejaria de fachada e também no uso de azulejos sobrantes, nos sistemas de coberturas de torres de igreja.

#### **Portugal: século XX**

Em Portugal, o *Art Nouveau*, surgido no início do século XX, trouxe um impulso na transformação artística da cerâmica arquitetônica, refletido significativamente na utilização intensiva da azulejaria. Apesar de algumas fachadas integralmente decoradas no estilo *Art Nouveau*, o azulejo dessa época é geralmente utilizado como adereço, nas vitrines e nos interiores das lojas, no remate das portas e janelas, nos frisos ou nas composições junto às fachadas.



**RAFAEL BORDALO PINHEIRO** (1846-1905)  
*Painel de azulejos de padrão com gafanhotos*, 1905  
Faiança moldada policroma  
Fábrica de Cerâmica das Caldas da Rainha  
Coleção Museu Nacional do Azulejo – MNAz, Lisboa  
Foto Thales Leite

*Padrão de azulejos Arte Nova (Art Nouveau)*, 1901/1905  
Faiança moldada policroma  
Fábrica de Cerâmica das Caldas da Rainha  
Coleção Museu Nacional do Azulejo – MNAz, Lisboa  
Foto Thales Leite

O azulejo *Art Nouveau* introduziu uma policromia forte e variada através dos ornamentos pintados, preponderantemente florais, mas também figurativos, repletos de movimento, bem como em padrões de concepção mais sóbria e repetitiva.

A partir dos anos 1920, difunde-se o estilo *Art Déco*. Sem renunciar ao requinte, os objetos têm decoração geometrizada, mesmo quando são feitos com bases simples. Os elementos *Decó* marcam o período que vai até o início da Segunda Guerra Mundial e a ascensão do estilo modernista estritamente funcional e sem adornos.

Portugal teve como pioneiros os principais representantes nacionais do Movimento *Arts & Crafts*. Nesse movimento, a volumetria é substituída pela geometrização das formas e pela decomposição do espaço em superfícies planas, tanto nas composições geométricas mais abstratas como nas figuras ornamentais. Com a utilização cada vez mais generalizada das construções de cimento e argamassa, o azulejo abandonou progressivamente o revestimento de fachadas, mas manteve um papel preponderante nos interiores dos edifícios.

A implantação de uma estética do Estado Novo, em 1940, em especial através da influente Exposição do Mundo Português, foi prejudicial ao azulejo, relegando-o a um papel relativamente secundário, na linha desenvolvida poucos anos antes pela produção de azulejos de “figura avulsa” com motivos tradicionais.

A partir de 1940, dentre os vários pioneiros da época, destacou-se o pintor e ilustrador Jorge Barradas, que começou a realizar uma vasta obra cerâmica, segundo moldes simultaneamente inovadores e tradicionais que abriram caminho à primeira geração de artistas modernos, com nomes proeminentes como Lino Antônio, Manuel Cargaleiro, Querubim Lapa, Maria Keil, Almada Negreiros, Cecília de Sousa, apoiados por Eduardo Leite na Fábrica Viúva Lamego, que veio a tornar-se o mais importante centro de azulejaria moderna em Portugal a partir dos anos 1950.

O movimento abstrato, difundido especialmente a partir dos anos 1960, explorou as texturas dos materiais na superfície de azulejos lisos, como na realização de composições moldadas. Outro caminho importante foi desenvolvido na década de 1970, através da geometrização e da sistematização das formas.

Mais ao final do século XX, novas campanhas e artistas trouxeram uma renovação acrescida ao azulejo moderno, tendo como testemunhas as realizações da *Expo '98* e as novas estações do metropolitano de Lisboa.

#### Brasil: século XX

A primeira indústria brasileira a produzir porcelana para revestimento foi a Cia. Cerâmica do Rio de Janeiro, fundada em 1910. Em seguida, foi implantada a Manufatura Nacional de Porcelana, que produzia louça doméstica, artefatos de porcelana e, a partir de 1931, também azulejos.

No contexto do início do século XX, portanto, a utilização dos azulejos teve uma característica predominantemente funcional. Foram empregados notadamente nas construções de prédios de diversos pavimentos, nos revestimentos das cozinhas e dos banheiros.

Com a consolidação do movimento moderno no país, a arquitetura brasileira se transforma, baseada no fundamento da utilização de itens simples para construções surpreendentes e com projetos à frente de sua época. O movimento pregava a expressão do nacional de forma autônoma e independente dos ideais europeus.



**RAUL LINO** (1879-1974)  
Painel de azulejos de padrão  
Projeto datado de 1915, réplica de 1970  
Faiança policroma  
Coleção Museu Nacional do Azulejo – MNAz, Lisboa  
Foto Thales Leite



Esse estilo privilegia tudo o que é simples, mas não o que é simplório. Tal característica se manifesta, principalmente, nas formas que são básicas e na matéria-prima utilizada, como o concreto aparente, o aço, o vidro e os azulejos, materiais favoritos da arquitetura moderna brasileira.

Cabe ressaltar o projeto do Palácio Capanema, originalmente prédio do MEC, desenhado inicialmente por Le Corbusier, mas desenvolvido pelos arquitetos Lucio Costa, Oscar Niemeyer, Affonso Eduardo Reidy, Carlos Leão, Jorge Moreira e Ernani Vasconcelos. O prédio contou com azulejos desenhados por Cândido Portinari.

Outro destaque desse período foi a igreja da Pampulha, em Belo Horizonte, projetada por Oscar Niemeyer e também com painéis de Portinari. Os arquitetos

**JORGE BARRADAS** (1894-1971)  
*Os Reis Magos*, 1945  
Lisboa, Fábrica Cerâmica Viúva Lamego  
Faiança policroma  
Coleção Museu Nacional do Azulejo – MNAz, Lisboa  
Foto Thales Leite



**JORGE COLAÇO** (1868-1942)  
*In hoc signo vinces – D. Afonso Henriques em Ourique*, 1937  
Painel de azulejos  
Hall de entrada do Liceu Literário Português,  
Rio de Janeiro, doação do Conde Dias Garcia  
Foto Thales Leite

modernistas, portanto, começaram a utilizar o azulejo não só como elemento funcional, mas também como um material nobre que serviria como suporte às novas expressões plásticas, criando uma conexão entre a arquitetura e a arte.

Nas décadas de 1940 e 1950, as Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo produziam e expunham os trabalhos desenvolvidos por artistas como Alfredo Volpi, Mário Zanini, e Hilde Weber, em que a principal temática eram cenas folclóricas e populares. Em seguida, foram produzidos os painéis de Bule Marx e Caribé.

Com a construção da nova capital, Brasília, ao final da década de 1950, o arquiteto Oscar Niemeyer encontrou o talento de Athos Bulcão, que deixou sua marca em diversos prédios e palácios da capital brasileira: Congresso Nacional, Palácio do Itamaraty, Palácio do Jaburu, Memorial Juscelino Kubitschek, Capela do Palácio da Alvorada.

Essa tradição não se encerrou com o fim do movimento modernista. Os materiais de revestimento melhoraram em qualidade e apresentaram diversidade de padrões, com azulejos decorados ou em cores lisas, peças de acabamento e pisos vitrificados.

A partir dos anos 1970, surgem em larga escala os azulejos decorados, de padrões variados, bem como os pisos cerâmicos, que têm um enorme desenvolvimento e tornam-se uma característica marcante das construções brasileiras. Merece destaque o trabalho de Francisco Brennand, que criou uma oficina cerâmica em Recife e que além dos revestimentos criou um conjunto artístico de valor inegável.



**ATHOS BULCÃO** (1918–2008)

*Painel de azulejos, 45 × 45 cm*  
Coleção Fundação Athos Bulcão

*Os azulejos foram especialmente projetados para a igreja Nossa Senhora de Fátima, em Brasília. Cobrem todas as paredes da igreja com o desenho da pomba e da estrela formando o único trabalho figurativo de Athos Bulcão, que consolidou seu trabalho com figuras geométricas presentes em inúmeros prédios da arquitetura moderna.*

#### **Portugal: século XXI**

A arte azulejista, em Portugal, continuou a ser amplamente utilizada no século XXI, destacando-se, notadamente, nas obras de autor e na decoração de painéis de ruas, nas vilas e nos interiores das edificações. Em destaque, as estações do Trem Metropolitano de Lisboa.

Ao longo das duas primeiras décadas, artistas plásticos introduziram em sua obra elementos identitários da cultura popular portuguesa associados à ideia de nação. Entre outros, destacam-se Joana Vasconcelos, as irmãs Catarina e Rita Almada Negreiros e Diogo Machado.

Joana Vasconcelos manipula objetos ou tradições populares portuguesas como as rendas e bordados, a filigrana e o ferro forjado, incorporando, em muitas de suas peças, o azulejo, entendido como símbolo cultural de um imaginário lusitano.

As irmãs Catarina e Rita Almada Negreiros, arquitetas contemporâneas, desenvolvem e usam azulejos com frequência nos projetos que assinam. Em destaque, figuram os “azulejos cinéticos”, desenvolvidos em colaboração com a histórica fábrica Viúva Lamego.

Em seu trabalho, Diogo Machado se caracteriza pela reinvenção do azulejo tradicional português, com uma reinterpretação da linguagem do design tradicional e, em particular, do azulejo de cerâmica esmaltado. Misturando duas expressões visuais, seus painéis combinam elementos decorativos tradicionais com referências visuais contemporâneas, em formas que não são apenas novas, mas também complexas e ricas em detalhes.

A diversidade de formas não é uma característica restrita às produções de Diogo Machado. São exemplos, entre outros, os azulejos “em escama” do Edifício do Mar, no Oceanário de Lisboa, de autoria de Toni Cumella; os azulejos



hexagonais do novo Terminal de Cruzeiros do Porto de Leixões, concebidos pelo arquiteto Luís Pedro Silva; e os azulejos em trapézio do Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia, da arquiteta Amanda Levete.

#### **Brasil: século XXI**

Os azulejos continuam a ser amplamente utilizados no Brasil contemporâneo, notadamente para fins utilitários e em murais espalhados pelas cidades brasileiras. Dignos de nota são os azulejos exclusivos e arrojados da Azularte. Empregando-os em edifícios e residências, a Azularte também foi responsável pela aplicação de painéis nas novas estações de metrô da cidade do Rio de Janeiro. Já o metrô de São Paulo tem obras de arte, incorporadas em muitas de suas estações, que se utilizam dos azulejos como suporte.

Apesar de ser precipitado descrever a evolução do emprego dos azulejos no Brasil no século XXI, uma vez que deste se passaram apenas duas décadas, cumpre destacar a obra da artista plástica Adriana Varejão.

Essa renomada artista brasileira, de relevância internacional, fez do azulejo um elemento essencial de seu trabalho. Suas instalações com esse suporte são marcantes em sua obra, dando às artes plásticas uma expressividade sem precedentes. Em sua recente exposição retrospectiva na Pinacoteca de São Paulo, Adriana Varejão mostra claramente a mescla dos elementos da azulejaria barroca portuguesa com a arte contemporânea.

*Edifício Gustavo Capanema, Rio de Janeiro*

*Painel de azulejos do Palácio Gustavo Capanema, de autoria de Cândido Portinari (produção Osirarte). O uso de azulejos integrados à arquitetura nesse prédio é considerado pioneiro, fundindo história e arte à arquitetura, definindo o movimento moderno no Brasil.*

pág. 236-237

**ADRIANA VAREJÃO** (1964)

*Celacanto provoca maremoto, 2004-2008*  
Óleo e gesso sobre tela

Coleção Instituto Cultural Inhotim, Brumadinho  
Foto Vicente de Mello



*Pinto o meu espanto, que é ao mesmo tempo maravilha, terror, riso.*

Vieira da Silva



**MARIA HELENA VIEIRA DA SILVA** (1908-1992)  
*La Macumba*, 1946  
Óleo sobre tela, 81 × 65 cm.  
Coleção Fundação Árpád Szenes – Vieira da Silva  
© VIEIRA DA SILVA, Maria Helena /  
AUTVIS, Brasil, 2022

## Vieira da Silva construtiva, a produção no exílio carioca

Em plena Segunda Guerra Mundial, um Bicho Lua e um Bicho Sol habitavam a úmida floresta da Tijuca no Rio de Janeiro. Essa mata luxuriante, abrigo dos estranhos bichos, encantou viajantes, botânicos, pintores, escritores, uma princesa austríaca e Einstein, entre tantos. Os dois Bichos viviam de descortinar a largueza do mar azul na hora solar e, na hora noturna, uma imensidão misteriosa cuja medida não se conseguia aferir. Experimentavam uma solidão árdua com pincéis e cores frente a seu espanto diante da natureza.

Defronte a este desafio da magnífica vista, o casal de Bichos engravidou-se do espaço. A fêmea pariu xadrez, castelos de cartas, lanceiro, naufrágios trágico-marítimos; o macho pariu um espelho, um *miroir sorcière* como o do casal Arnolfini de Jan van Eyck. O casal protagonizou uma parábola da modernidade narrada em linguagem do espaço, que em seu transbordamento, expansão, elasticidade, especularidade, tensões da malha cubista formou metáforas da apatridade, do exílio, da errância, da deriva, de sua condição de *homo sacer* moderno,<sup>1</sup> do estado de casal que buscava um refúgio sob o avanço das tropas nazistas na Europa, fatos que determinaram sua estadia nos trópicos.

As ralas conexões com Portugal no processo da modernidade no Brasil ganharam um impulso com a saga do exílio de Maria Helena Vieira da Silva (1908-1992) e de seu marido, o pintor judeu húngaro Árpád Szenes (1897-1985), para o Rio de Janeiro entre os anos 1940 e 1947.<sup>2</sup> Eles se chamavam amorosamente de Bicho Lua e Bicho Sol em seu isolamento nos altos da floresta da Tijuca. Para uma coletânea sobre as relações luso-brasileiras como este livro, a hipótese aqui é explorar a invenção do espaço moderno no Brasil e as formas de pensar estruturas para mapear o impacto de Vieira da Silva no estreitamento dos laços culturais luso-brasileiros. A tarefa deste texto é converter a parábola, o drama, o deliberado obnubilamento projetado sobre sua presença produtiva no Brasil, em deslindamento de seu *corpus* construtivo<sup>3</sup> resolvido como discurso sólido e transparente para além de seu mal-estar pessoal no exílio. Nelson Aguilar definiu seu salto como “a passagem da figuração à espacialização”.<sup>4</sup> Em suma, para a arte no Brasil, existe um antes e um depois da arte geométrica de Vieira da Silva nas investigações do espaço moderno.

Ao aportar no Rio de Janeiro em 1940, Maria Helena Vieira da Silva vinha de uma carreira esparsa na França. Estabelecidos no Rio de Janeiro, em pouco tempo o casal conseguiu mais do que em Paris nos anos 1930, onde ela havia exposto apenas na galeria Jeanne Boucher (1937), enquanto no Rio fez duas

### PAULO HERKENHOFF

Historiador da arte. Curador-chefe do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Curador da exposição *Vieira da Silva / Árpád Szenes rupturas do espaço na arte brasileira* no Instituto Tomie Ohtake em São Paulo em 2011

<sup>1</sup> AGAMBEN, Giorgio, *Homo sacer: Sovereign Power and Bare Life*. Trad. de Daniel Heller-Roazen. Stanford: Stanford University Press: 1998. [ed. bras.: *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua*, v. I. Trad. de Henrique Burigo. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.]

<sup>2</sup> A relação do casal Maria Helena Vieira da Silva e Árpád Szenes com o ambiente cultural carioca, as relações da artista com os pintores brasileiros da década de 1940 e de seu impacto sobre a arte brasileira contemporânea foram objeto de uma exposição e texto catalográfico deste autor no projeto *Vieira da Silva / Árpád Szenes – rupturas na arte brasileira* realizado no Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, 2011. O presente ensaio sintetiza e corrige o texto de 2011, e se concentra na interpretação da arte de Vieira da Silva.

<sup>3</sup> Apesar de reconhecermos haver conceitos precisos para o termo construtivo na arte moderna, adotou-se aqui o uso que passou a prevalecer no Brasil do termo construtivo, depois da exposição *Projeto construtivo brasileiro na arte (1950-1962)* realizada por Aracy Amaral, em 1977.

<sup>4</sup> AGUILAR, Nelson, *Vieira da Silva no Brasil*. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2007. Todas as citações de Aguilar no presente texto foram extraídas desse ensaio.



#### MARIA HELENA VIEIRA DA SILVA

Painel de azulejos da Escola Nacional de Agronomia (detalhe), Universidade Rural do Rio de Janeiro, 1943  
© VIEIRA DA SILVA, Maria Helena / AUTVIS, Brasil, 2022  
Foto Vicente de Mello

*Este trabalho de azulejaria foi o único da sua vida até que em 1988, ano de sua morte, concluiu um outro trabalho de azulejaria, com adaptações de quadros seus, para uma estação de metrô de Lisboa. A obra efetuada para a Universidade Rural do Rio de Janeiro foi fruto da ajuda dos seus amigos do Rio e resultado dos seus esforços para desenvolver aqui a sua atividade. Como portuguesa o azulejo não lhe era estranho e até aparecia em alguns dos seus quadros. No entanto, os azulejos da Universidade Rural têm pouco a ver com o resto da sua pintura, raramente figurativa ou naturalista. A celebração da vida rural em traços finos e modernos, o despojamento e a luminosidade dos azulejos. As formas geométricas e modernas do friso de base, em pincelada perceptível e clássica no azulejo, e um ambiente de personagens que parecem ora mediterrânicos ora retirados de lendas norte europeias deve ter parecido bem inspirador para estudantes que pretendiam transformar a ruralidade tradicional brasileira em algo mais promissor.*



mostras individuais no Museu Nacional de Belas Artes e na Galeria Askanasy, ambas em 1944.<sup>5</sup> Quando o casal Vieira da Silva e Szenes chegou à cidade, encontrou a arte no Brasil dominada pelo modernismo nacionalista e regionalista, pela representação das sensações do ambiente natural. Com a sólida experiência acumulada, a presença de Vieira da Silva significou a investigação mais robusta e consistente de espaço moderno no Brasil logo a partir de sua chegada. A consciência da concretude do espaço, da estruturação através da malha cubista, das distorções ópticas, da perspectiva não axonométrica, da ideia de estrutura e da fenomenologia do espaço são algumas questões que os dois introduzem ou desenvolvem aqui.

Na esfera da arte, as principais e imediatas influências brasileiras sobre Vieira da Silva foram Candido Portinari e Lasar Segall. A azulejaria moderna de Portinari, estimulada por Le Corbusier e Lucio Costa, foi modelar para ela. Pintora parisiense, Maria Helena não pensava a azulejaria pela tradição colonial portuguesa (como em *A câmara de azulejos*, 1935), como fez Portinari no Ministério da Educação. Antes de adotar o azul e branco no Rio, Maria Helena parece ter trafegado mais pela azulejaria europeia do fim do século XIX e início do século XX.

A inteligência experimental de Maria Helena Vieira da Silva e de Árpád Szenes atraiu o interesse da *intelligentsia* do Rio de Janeiro, representada pelos

<sup>5</sup> Em 1946, o casal foi convidado por Juscelino Kubitschek, então deputado e futuro presidente da República, a expor em Belo Horizonte, mas só Árpád aceitou a oferta.

escritores Murilo Mendes, Cecília Meireles, Jorge de Lima, Lúcio Cardoso, Jorge Amado, Manuel Bandeira, Vinicius de Moraes e Yone Stamato; e também Alberto da Veiga Guignard, Lasar Segall, Carlos Scliar, Athos Bulcão, Djanira, Augusto Rodrigues, Alcides da Rocha Miranda, Almir Mavignier, Burtle Marx e Ione Saldanha, bem como o crítico literário Roberto Alvim Correia e os críticos de arte Mario Pedrosa e Ruben Navarra. “O que mais me marcou no Brasil foi o encontro de pessoas de grande qualidade. Aprendi imenso sobre literatura, música, até mesmo sobre a Europa”, relata Vieira da Silva.<sup>6</sup> No entanto, ela experimentou um desajuste, mas que parecia estar dentro de si; talvez para ela o Rio de Janeiro tivesse a culpa de não ser uma Paris.

Para Eric Corne, “a residência [de Vieira da Silva] no Brasil validou as suas audácias, durante esses tempos de dor e de inquietação de um mundo em guerra, ela realizará ali as suas lancinantes pinturas.”<sup>7</sup> Ao retornar à Europa em 1947, Vieira da Silva deixava um jogo de trocas em que recebeu tanto quando ofereceu ao Brasil. Na ocasião em que antes chegara ao Rio de Janeiro, em 1940, ela trazia na bagagem uma crítica escassa sobre sua obra, como o texto de Antônio Pedro escrito em 1935. Porém, ao deixar o Rio, sua obra saiu calçada por sólida base analítica lançada por escritores da *intelligentsia*.<sup>8</sup> Pedrosa reconheceu que ela legou do período carioca a narrativa pictórica do inefável em espaços interiores, em que o mistério do cotidiano era também o cotidiano do mistério.

Vieira da Silva não possuía alma de viajante. No Rio de Janeiro, preferiu a condição de estrangeira, nem turista nem viajante. Num regime de trocas afetivas e intelectuais, cogita-se que a cena de exílio, emocionalmente penosa para Maria Helena, tenha sido material de trabalho para a poesia de Cecília Meireles, como nos versos de “Mar absoluto”: “Queremos a sua solidão robusta, / uma solidão para todos os lados, / uma ausência humana que se opõe ao mesquinho formigar do mundo, / e faz o tempo inteiro, livre das lutas de cada dia.”

Ao reduzir o Rio de Janeiro em cena da adversidade, Maria Helena Vieira da Silva, refugiada, passou a se sentir vítima do lugar do exílio. Afinal, sua vida não experimentou no Rio a adversidade de Henry Moore nos abrigos antiaéreos de Londres. A hospitalidade brasileira foi teatralizada como danação retórica ao aludir a “dois mil dias no deserto”, na reivindicação de uma excessiva escuta para suas lamúrias. Vieira da Silva converteu a dádiva do exílio em danação. A pintora induziu a uma historiografia da queixa, que mais se vincula à frustração das expectativas pessoais e a seu modo de conduzir os novos desafios e a percepção do lugar. Ela própria parece fragilizar a avaliação da contundência de sua produção carioca. Em suma, não era ela que se recusava a adaptar-se ao lugar do asilo, mas sim o Rio que não se ajustava às suas exigências. Para Julia Kristeva, é contra um fundo de consciência nacional e patriotismo, ou nacionalismo, que a posição contemporânea dos estrangeiros pode ser entendida.<sup>9</sup>

Na capital carioca, Vieira da Silva substituiu a luminosidade pelo sol negro da melancolia. Segundo Freud, o melancólico carrega compulsão para o suicídio e responde pelo triunfo sádico do superego e, como explica Ilka Franco Ferrari, se em Freud o superego “proíbe o gozo; em Lacan ele ordena o gozo”. Vieira da Silva encenava sua insatisfação por não estar na França. O melancólico, diz Lacan, está fora do laço social, enfrenta “dificuldades nas parcerias estabelecidas”. O *páthos* que a pintora cultivou e que lhe servia de suporte psíquico, abriu espaço para o suicídio. O intenso poder dos acontecimentos – a guerra e o exílio – produziu na pintora uma desunião com a pulsão de vida, possível base



#### MARIA HELENA VIEIRA DA SILVA

*Os naufragos*, 1940/47  
Tinta azul sobre papel, 21,4 × 27,8 cm.  
Fundação Árpád Szenes – Vieira da Silva  
© VIEIRA DA SILVA, Maria Helena / AUTVIS, Brasil, 2022.

*Num barco que é uma casca de noz, um casal vive à deriva na imensidão oceânica. Pode-se dizer que seja um autorretrato de Vieira da Silva com o marido Árpád Szenes. Eles compõem a espécie do homo sacer marítimo. A linha frágil pede ao desenho forças ingentes para enfrentar a vertigem do mar navegado sem rumo. Pleno e vazio, o espaço é fantasmagoria de desamparo. Os naufragos são a própria humanidade diante do terror nazista, pois Szenes, sendo judeu, foge para o Brasil como refúgio do Holocausto. Vieira da Silva parece ter o mesmo “sonho da pátria utópica do marinheiro naufrago” de Fernando Pessoa, que vê o naufrágio “como se mirasse uma tela imemorial, o sonho com a sua pátria idealmente platônica”, nas palavras de Massaud Moisés. Só resta à pintora a constatação de Álvaro de Campos em “Lisbon revisited”: “estrangeiro aqui como em toda a parte.”*

<sup>6</sup> LEHMKUHL, Lucienne, *Das amoreiras a Santa Tereza: Vieira da Silva e suas obras*. Florianópolis: Esboço, 2008. Cf. também Árpád Szenes – *Vieira da Silva, Período Brasileiro*. Catálogo da exposição homônima. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2000.

<sup>7</sup> CORNE, Eric, *A Intuição e a Estrutura: De Torres-García a Vieira Da Silva 1929-1949*. Lisboa: Museu Coleção Berardo, 2008.

<sup>8</sup> Em razão deste artigo focar em Vieira da Silva é que não são citadas a carreira nem as opiniões sobre a obra de Árpád Szenes no Brasil.

<sup>9</sup> KRISTEVA, Julia, *Strangers to ourselves*. Trad. de Leon S. Roudiez. Nova York: Columbia University Press, 1991. [ed. bras.: *Estranho para nós mesmos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.



**CARLOS MOSKOVICS** (1916-1988)  
*Maria Helena Vieira da Silva e Árpád Szenes,*  
déc. 1940  
Fotografia  
Acervo Instituto Moreira Salles, Rio de Janeiro

de sua depressão. Foram duas as suas tentativas de suicídio diante de sua falta de perspectiva existencial.

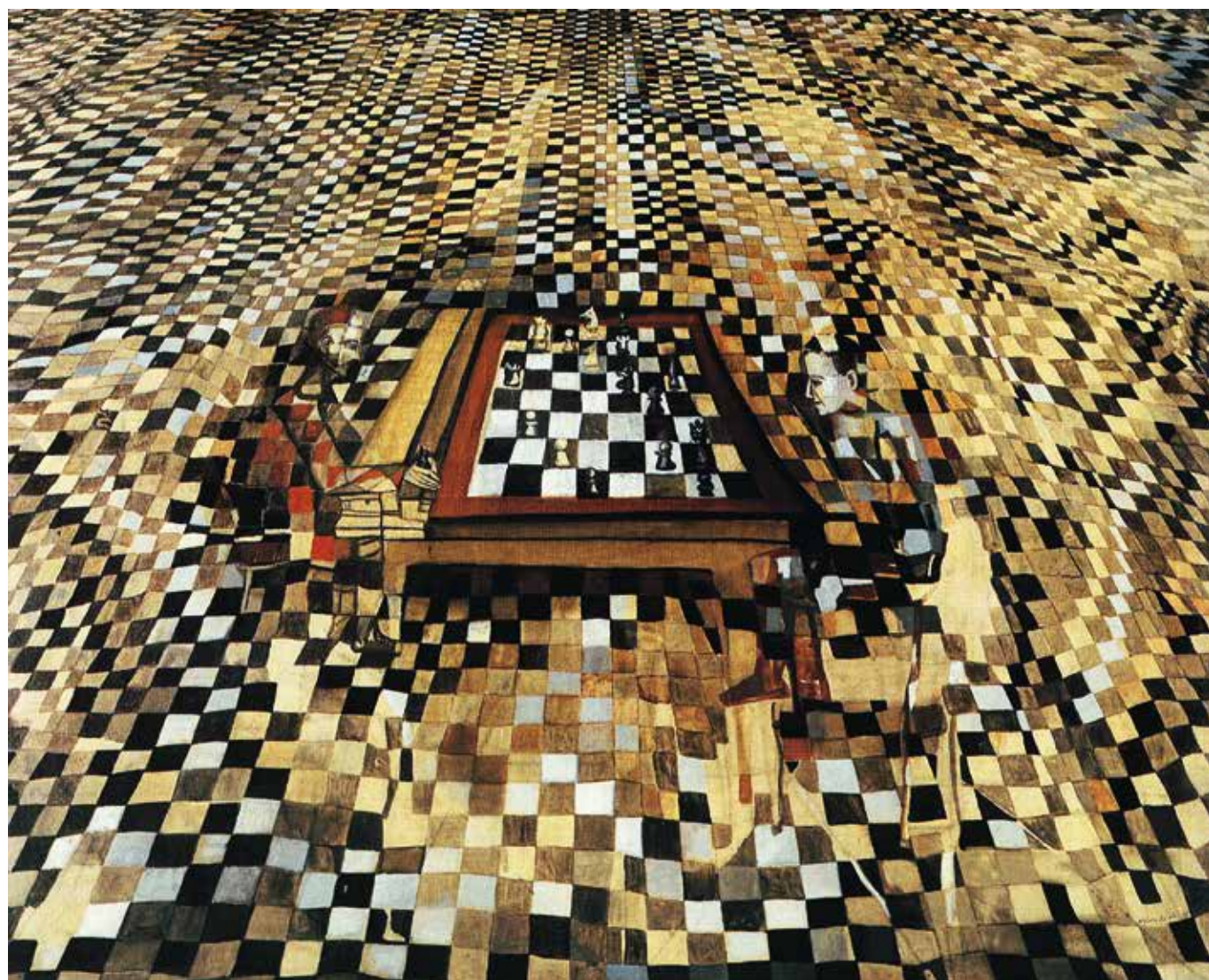
Maria Helena Vieira da Silva produziu no Rio de Janeiro algumas obras capitais de sua trajetória como *La forêt des erreurs*, *Le désastre* (1942), *Le jeu de cartes* (1942), *O jogo de xadrez* (1943), *História trágico-marítima* (1944), entre outras. O nexos entre elas é a vontade antitética entre a compressão do espaço e uma vastidão imaginária incomensurável. O olhar perplexo, no entanto, não entra em errância porque reconhece a matemática da exorbitância e dos vórtices vertiginosos.

Em seu ensaio visual sobre Vieira da Silva, o fotógrafo Carlos Moskovicis situa a pintora na intimidade de sua morada nas montanhas da Tijuca. Ele expõe ao fundo a esplendorosa vista da baía de Guanabara que se via de seu terraço nos altos do Silvestre. Existe a teoria de que a estética do espaço de Jackson Pollock adveio da vastidão territorial das paisagens do Oeste norte-americano de seus primeiros anos de vida. Entre as escarpas do maciço da Tijuca, Vieira da Silva experimenta o luxo voluptuoso da vegetação e a grandiosidade da vista de seu balcão sobre o Atlântico. Tal imensidão de espaço deve ter moldado seu inconsciente espacial. De novo, Vieira da Silva parece almejar “o mar absoluto” da poesia de Cecília Meireles: “Queremos a ilusão grande do mar, multiplicada em suas malhas de perigo”

A pintura de história de Vieira da Silva se constrói por narrativas visuais diretas, alegorias, metáforas e alusões. A história quinquicentenária das navegações portuguesas (*História trágico-marítima* e ilustrações para a Carta de Pero Vaz de Caminha), a história do presente da Segunda Guerra Mundial (*La libération de Paris*), a história da cultura moderna (*Couloir sans limite*) são alguns exemplos. *La libération de Paris* (1944) é uma liberdade sombria que se torna dolorosa com as perspectivas haussmannianas a se cruzarem em ângulos pontiagudos entremeados por manchas de sangue, que substituem as festivas



**MARIA HELENA VIEIRA DA SILVA**  
*La Forêt des Erreurs*, 1941  
Óleo sobre tela, 100 × 81 cm  
Coleção Fundação Árpád Szenes – Vieira da Silva  
© VIEIRA DA SILVA, Maria Helena /  
AUTVIS, Brasil, 2022



**MARIA HELENA VIEIRA DA SILVA**  
*Jogo de xadrez*, 1943  
 Óleo e plumbagina sobre tela, 81 x 100 cm  
 Coleção Musée National d'Art Moderne/  
 Centre Pompidou, Paris  
 © VIEIRA DA SILVA, Maria Helena /  
 AUTVIS, Brasil, 2022

bandeiras *bleu, blanc, rouge*. Essa visão pessimista da Paris liberta explica a demora do casal Maria Helena e Árpád em retornar à França.

A malha labiríntica de *Couloir sans limite* (1942) é o vórtex turbilhonante que engole o sujeito, talvez como um sedutor buraco negro para o olhar. A sinuosa espiral é constituída por várias formas angulosas que, no conjunto, são percebidas como se estivessem amolecidas em doce areia movediça que traga o olhar. É pura voragem de um axioma espacial. Mais do que o *Corredor no asilo* (1889) psiquiátrico de Vincent van Gogh, este *corredor sem limite* é vertigem e sorvedouro atordoante do imaginário sufocante do corredor *sem* a chave da porta aberta, mas pessimistamente tida como fechada, e do castelo inalcançável de Franz Kafka.

Desde início da década de 1930, Maria Helena Vieira da Silva teve um olhar reverente para o pintor uruguaio Joaquín Torres-García. Em carta de 1943, ela escreveu ao artista uruguaio que “a pintura é tão terrível, eu trabalho com muita dificuldade, muito lentamente, com muita frequência me sinto desencorajada. Então, releio o seu artigo às escondidas e a coragem regressa”.<sup>10</sup> Os críticos argentinos Damián Bayan e Aldo Pellegrini designaram como *geometria sensível* uma geometria lírica própria da América Latina, que teria como paradigma o *universalismo construtivo* de Joaquín Torres-García. É legítimo defender que Vieira da Silva tenha sido uma precursora – a primeira mais consistente – da geometria sensível no Brasil, então em vésperas da eclosão do concretismo no eixo Rio-São Paulo.

A imensidão do tabuleiro de xadrez resvala para a mesa, da mesa para o mundo como cartografia do excesso e da infinitude, com a “beleza” abstrata da quadrícula, nos termos de Marcel Duchamp. A malha de *Jogo de xadrez* (1943) presente na coleção do Centre Pompidou, atesta que a poética racionalista de Vieira da Silva enuncia, pelo valor indicial do signo geométrico, seu inconsciente matemático ativo. Logo, convive também com seu inconsciente óptico na experiência do pesadelo moral da Segunda Guerra Mundial. A lógica do número ativa a fantasmática do horizonte sem limite como princípio do número infinito na moderna filosofia da matemática.<sup>11</sup> O imenso campo de batalha de *Jogo de xadrez* é o mapa-múndi nessa conflagração generalizada. O imaginário do “para além da imensidão” é o problema fenomenológico do limite. Natalie Depraz debate em sua vasta bibliografia se o infinito se confunde com o indefinido na filosofia de Husserl.

No contexto histórico brasileiro, *Jogo de xadrez* inaugura uma outra semiologia espaço-cromática da quadrícula – o espaço físico traçado incrustado dos sentidos do jogo inferidos por Marcel Duchamp. A estratégia da indiferença fleugmática própria do xadrez, no entanto, é um jogo em que o sujeito-jogador busca enredar o Outro nos lances na malha. Aqui, a inquietante imensidão espacial enlaça Maria Helena e Marcel no “enlouquecimento” da perspectiva por pane do jogo visual, pela exorbitação dos limites da ciência diante da potência da *poiesis*. Vieira da Silva, no entanto, dedicou atenção ao que “não é nada”, “à inútil faina”, ao que é “apenas sonho” e à ode à indiferença que é o xadrez. Desse modo, a razão geométrica da pintora não admite o rigor canônico da forma da pintura ou da estrutura do campo do xadrez. O salto do *cogito* sensorial de *Jogo de xadrez* exigiu uma decidida vontade de perverter a rigidez do tabuleiro numa malha indomável.

A gênese da pintura *História trágico-marítima* provém da compilação de relatos de naufrágios portugueses entre 1552 e 1602 reunidos por Bernardo

<sup>10</sup> CORNE, Eric, op. cit.

<sup>11</sup> Cf. Alain Badiou, *Number and numbers*. Trad. de Robin Mackay. Cambridge: Polity Press, 2008.



**BERNARDO GOMES DE BRITO** (1688-1759)  
*História Trágico-Marítima*  
 Em que se escrevem chronologicamente os naufragios que tiveram as naos de Portugal, depois que se poz em exercicio a navegação da India  
 Frontispício do tomo primeiro e detalhe de uma das ilustrações do livro  
 Lisboa: Officina da Congregação do Oratório, 1735



Gomes de Brito em 1735 e reeditada em 1942. A partir de 1942, dezenove navios brasileiros foram torpedeados pelas forças nazistas, e um último em 1944, ano da pintura *História trágico-marítima*. Isto é parte da cena do barco a enfrentar o mar grosso em “procelosa tempestade” como n’*Os Lusíadas*. Vieira da Silva homenageia a epopeia portuguesa nos mares. Vieira da Silva operou um *aggiornamento* poético do ensaio bicentenário de Gomes de Brito. O drama é contido pela forma. Ruben Navarra comenta as telas que tratavam da guerra e do Holocausto: “Para nós que vivemos nos dias de hoje, os temas que elas encarnam são por demais avassaladores de nossas almas para que possamos olhar aquelas imagens com uma lucidez perfeita. É melhor não dizer nada.” Navarra aborda o limite da linguagem, o indizível. Poucos artistas modernos pintaram cenas navais e militares como Vieira da Silva. A tragédia em sua arte decorre do confronto como o sublime longiniano de guerras, do mal e de desastres. O mar na guerra dos encouraçados e submarinos só poderia ser “água metálica”, como também se lê no poema “M.H.V.S.” de Murilo Mendes dedicado à artista. “Foi desde sempre o mar, / E multidões passadas me empurravam / como o barco esquecido. / E fico tonta. acordada de repente nas praias tumultuosas.”

A grande pintura *Navio dos imigrantes* (1939-41, 230 × 275 cm), de Lasar Segall, precede o *História trágico-marítima* (1944) de Vieira da Silva. As duas obras primas confluem sobre as agruras do exílio, mas diferem em algumas bases do programa ético do discurso historiográfico. Elas pertencem à história das agruras dos confinamentos na busca ou na perda da liberdade como a conhecida gravura com o diagrama da torturante distribuição dos corpos escravizados no navio negreiro *Brookes*, datado de 1791.

Diane Daval-Béran viu ossaturas espaciais em *Les Tisserands* (1946) que definem um espaço frágil e vacilante o qual caracterizará a obra futura de Vieira



**MARIA HELENA VIEIRA DA SILVA**  
*História trágico-marítima ou Naufrage*, 1944  
 Óleo sobre tela, 81,5 × 100 cm.  
 Coleção Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão, Lisboa  
 © VIEIRA DA SILVA, Maria Helena /  
 AUTVIS, Brasil, 2022



**MARIA HELENA VIEIRA DA SILVA**  
*L'Incendie I, ou Le Feu*, 1944  
 Óleo sobre tela  
 © VIEIRA DA SILVA, Maria Helena /  
 AUTVIS, Brasil, 2022

da Silva.<sup>12</sup> Em *L'Incendie I* (1944), a geometria do fogo crepitante em linhas diagonais monta uma fogueira de corpos queimados. Um constante devir do informe. Em *A chama de uma vela* (1961), Gaston Bachelard afirma que, na psicanálise do fogo, uma chama joga entre o ser e o não ser como instante de uma metafísica ilustrada.<sup>13</sup>

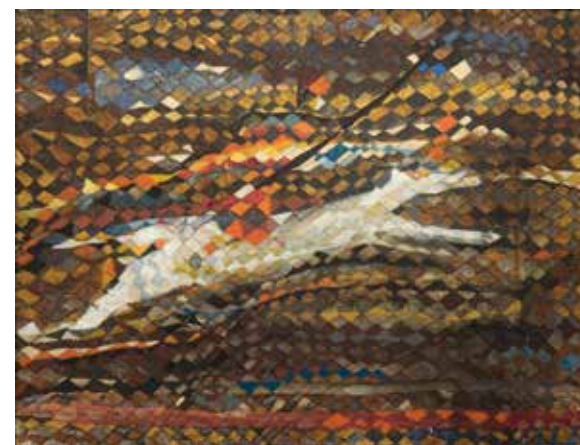
Maria Helena Vieira da Silva integra um seleto grupo de interessados nas regiões afro-brasileiras com sua potente pintura *La Macumba* (1946). Os estudos científicos de etnólogos pelas religiões de matriz africana no Brasil remontam a Nina Rodrigues na virada do século XIX para o século XX em Salvador. Com *O negro brasileiro* (1934), Arthur Ramos desenvolve estudos antropológicos no Rio de Janeiro três décadas depois. O poeta surrealista francês Benjamin Péret, concunhado de Mario Pedrosa, viveu no Brasil entre 1929 e 1931, ocasião em que escreve e publica a série de artigos “Candomblé e macumba” (1930-1931) com certa intenção científica.<sup>14</sup> Emerson Giumbelli denominou os estudos de Péret como “macumba surrealista”.<sup>15</sup> Na década seguinte, surgiu a figura do sociólogo e antropólogo francês Roger Bastide, integrante da missão francesa de docentes na Escola de Filosofia da Universidade de São Paulo, onde lecionou de 1937 a 1954. Bastide escreveu extensamente sobre a cultura afro-brasileira, com títulos como *O candomblé da Bahia*. Bastide se iniciou no candomblé como filho de Xangô. O fotógrafo Pierre Fatumbi Verger veio em 1946 pela primeira vez ao Brasil para fotografar, antes de se radicar definitivamente em Salvador. Em *La Macumba*, o vórtice do transe num rodopio de corpos remete à dinâmica de Giorgio Boccioni. Não há interesse documental, mas de presentificação espaço-temporal dos fenômenos místicos. Vieira da Silva desloca

<sup>12</sup> DAVAL-BÉRAN, Diane, *L'oeuvre de Maria Helena Vieira da Silva: Étude Générale et catalogue raisonné*, v. 2. Milão: Skira, 1993.

<sup>13</sup> BACHELARD, Gaston, *La flamme d'une chandelle*. Paris: PUF, 1984.

<sup>14</sup> *Diário da Noite*, São Paulo, edições de novembro de 1930 a março de 1931.

<sup>15</sup> GIUMBELLI, Emerson, “Macumba surrealista: observações de Benjamin Péret em terreiros cariocas nos anos 1930”. In.: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, v. 28, n. 55, janeiro-junho 2015, pp. 87-107.



**MARIA HELENA VIEIRA DA SILVA**  
*Le lancier*, 1940  
 Óleo sobre tela colada sobre cartão, 26,5 × 35,5 cm.  
 Coleção Hecilda e Sergio Fadel, Rio de Janeiro  
 © VIEIRA DA SILVA, Maria Helena /  
 AUTVIS, Brasil, 2022

o desenvolvimento futurista de formas no espaço para a representação psico-cinética do ritual afro-brasileiro como, de novo, no torvelinho humano como uma batalha de Paolo Uccello.

A pintura *Le lancier* (1940) é uma exata metáfora das batalhas no exílio de Vieira da Silva e Árpád Szenes no Brasil. É como um São Jorge guerreiro de Paolo Uccello. O santo predileto dos cariocas, Jorge da Capadócia, é Ogum na umbanda. *Le lancier* apresenta um homem solitário, destemido em sua pugna, surge de uma malha tensa, obscura e ambivalente – seria ele Szenes em fuga do nazismo? O sentido da Batalha de São Romano de Uccello também remete às lides épicas lutadas por Vieira da Silva com pincéis. Vieira da Silva se debate contra o exagero da exatidão da malha como posição em defesa da liberdade da imaginação.

Duas telas enunciam o pessimismo existencial de Vieira da Silva. Em sua complexidade, as estratégias do espaço da artista como em *Le Désastre* (1942) fazem lembrar o esforço de Cézanne, estudado por Yve Alain-Bois, para construir o permanente equilíbrio entre a totalidade das forças numa pintura. O fundo moral de *Le Désastre* está no desespero de grupos da humanidade diante das afitivas ameaças do nazismo. Um emaranhado de linhas de força, traves e colunas, nas ruínas e no desamparo.

*La Forêt des erreurs* (1942) seria o próprio maciço da Tijuca no mal passo de terem se refugiado no Brasil? Casada com o judeu Árpád Szenes, Vieira da Silva compreendeu que pintar – como Hannah Arendt argumentou em *The life of the mind*<sup>16</sup> sobre o pensar – era sua forma de resistir ao mal na dimensão de sua filosofia existencial. O pintar, de acordo com a perspectiva arendtiana,

<sup>16</sup> ARENDT, Hannah, *The Life of the Mind: The Groundbreaking Investigation on How We Think*. Boston: Mariner Books, 1981. [ed. bras.: *A vida do espírito*. Trad. de Antônio Abranches. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.]

foi o escudo de Vieira da Silva no Silvestre contra o totalitarismo. Talvez essa tenha sido uma das principais tarefas que assumiu com sua pintura no período carioca, e por isso seu trabalho tem algo da filosofia do espírito de Hannah Arendt. O repertório de ideias dessa pensadora incluía refletir sobre a banalidade do mal, o isolamento imposto pelo totalitarismo (nesses termos, o refúgio no Silvestre, era um diagrama deste isolamento).

*Jogo de cartas* (1942) é a virada linguística de Vieira da Silva – no Rio a pintora vive entre poetas de sua língua. Não há números, só figuras. Os símbolos de ouros, copas e espadas sobrepõem-se soltos; o naipe de paus perdeu-se na cena. “Você não é nada, é só um baralho!”, exclama Alice, a rebelde desconcertante, em sua aventura no “país das maravilhas”. Vieira da Silva assina a obra na maior carta da cena – ora é a rainha no jogo, ora é Alice no labirinto. A rainha de copas no tarô enxerga através do copo (Alice queria saber calar-se “como um telescópio”) e é símbolo da intuição, problema filosófico central de uma época sob o impacto de Henri Bergson. Na leitura de cartas, o rei de paus é o homem da lei e da justiça, e, quando invertido, torna-se uma pessoa nefasta. A arte não abdica do plano moral em face do tempo tormentoso do nazismo e da guerra. Trata-se de um regime óptico de volta à memória e ao orifício da fechadura, o óculo para a passagem inconsciente-consciente. Presença figural, Vieira da Silva é a Alice de Lewis Carroll, e revela: “Minha pintura é um labirinto terrível!”

Maria Helena Vieira da Silva foi contaminada por aquilo que Hélio Oiticica detectou como uma vontade construtiva geral no Brasil. O inconsciente matemático de Vieira da Silva aflorou em jogos de xadrez, de carta, em corredores e florestas, fogo, ondas marítimas, em transe religioso ou em batalhas. O ambiente brasileiro começou a conviver com uma fenomenologia do espaço nunca visto por aqui: o plurifocal, as vastidões exorbitantes.

Ao emergir no período do exílio, o inconsciente político de Maria Helena Vieira da Silva historicizou seu drama pessoal em quadros históricos com a carga semântica densa quanto a sua *História trágico-marítima*. Ela acompanhava a recomendação de Walter Benjamin, depois seguido por Fredric Jameson, de politizar a arte como tarefa do artista moderno consequente em denunciar o horror e em posicionar sua resistência ao nazismo.

Com toda a elegância de soluções plásticas, o *corpus* carioca de Vieira da Silva não se anuncia como arte do adverso. Na arquitetura do espaço convulso cabem a mecânica da guerra, os jogos metafóricos da política ou a transitoriedade da vida moderna. É preciso investigar seu substrato trágico. Sua pintura permite pensar na condição-limite exposta por Theodor Adorno e Hannah Arendt: o campo de extermínio é o sintoma da fragilidade absoluta da condição humana à mercê da onipotência. *Jogo de xadrez* de Vieira da Silva, como *História trágico-marítima*, é a batalha da humanidade contra o mais inconcebível totalitarismo, contra as pulsões de morte do incomensurável mal-estar da modernidade. A hipótese de finitude é, então, a do ser-para-a-morte, na ontologia heideggeriana. Vieira da Silva também conota o fim, o problema do xeque-mate, a morte. Por isso, *Jogo de xadrez* volta à tela *Xeque-mate* (1949). “Às vezes, pelo caminho da arte, experimento súbitas, mas fugazes iluminações e então sinto por momentos uma confiança total, que está além da razão. E continuo a acreditar que só a morte me dará a explicação que não consigo encontrar.”



**MARIA HELENA VIEIRA DA SILVA**

*Jogo de cartas (La mort du roi de pique)*, 1942

Nanquim e guache sobre cartão, 40 × 50 cm.

Coleção Gilberto Chateaubriand, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro

© VIEIRA DA SILVA, Maria Helena /

AUTVIS, Brasil, 2022



## João Louro, o cartógrafo de cartografias

“Eu recorro um dia que falávamos sobre esta obra, no meu ateliê, e eu ia dizendo que os mais complexos e intrincados seriam os pensadores mais distantes, que exigiam um esforço de *endurance* maior. E você, Paulo, respondeu: ‘Você sabe, a Terra é redonda, o que significa que o ponto mais distante de nós é o que está mais próximo de nós. Nas nossas costas está o ponto mais distante em linha reta de nós.’ E por isso ficou para mim, sempre, a lei de que nós somos o nosso ponto distância”, rememora João Louro.<sup>1</sup>

João Louro é um artista-filósofo, não por conta de mero “citacionismo” ou da ilustração de ideias de pensadores, mas porque sua arte se faz e se pensa filosoficamente. Fazer arte é pensar. O inconsciente geográfico de Louro imagina o mundo como uma rede de lugares com história, tomados pela razão política da linguagem. As três instâncias cartográficas de João Louro a serem abordadas são os mapas, as placas de trânsito e a *Enciclopédia* de Denis Diderot e Jean d’Alembert. João Louro, o desestabilizador das escrituras do mundo, conduz o leitor através de entrecruzamentos e colisões, convergências e desvios, atalhos e confluências, extensões e distâncias. Nesse percurso, a cartografia se apresenta na forma de escritura verbo-visual da Gaia habitada. A ocupação com eixo problemático inicia este pequeno ensaio: (I) o debate sobre a presença humana na superfície terrestre trazido pelo geógrafo Milton Santos e (II) as relações de poder por detrás da ideia de orientação.

I. Em *A natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e emoção* (1996), Santos aborda o espaço geográfico como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações.<sup>2</sup> Seu foco é a ideia de totalidade na geografia, interpretada de acordo com duas versões teóricas: (i) “a vontade de tratar o fato geográfico como um ‘fato social total’, à maneira de M. Mauss; e (ii) a ideia de totalidade do mundo que, entre outras formas, encontra como solução epistemológica o apelo à noção de ‘sistema-mundo’ por F. Braudel”.<sup>3</sup> Na infra-citada obra *Land’s End*, João Louro valoriza Georges Bataille, que por sua vez teve em Mauss um ponto de referência. Mas Louro também leva em conta a globalização em seus atos plásticos que abordam planisférios, como em o *Mapa #02* (2015, col. Museu de Arte do Rio, doação do artista).

II. Obra de referência para o conhecimento da língua portuguesa, o *Elucidário* (1798)<sup>4</sup> de Joaquim de Santa Rosa de Viterbo não registrou o termo “orientação”, tão caro à cartografia de João Louro. O étimo “orientação” provém do latim “*oriri*”, verbo que significa levantar-se, tomar sua origem. A palavra

### PAULO HERKENHOFF

Crítico de arte. Foi diretor cultural do Museu de Arte do Rio, diretor do Museu Nacional de Belas Artes (2003-2006), curador adjunto do Museu de Arte Moderna de Nova York (1999-2002), curador da XXIV Bienal de São Paulo (1998), dedicada à Antropofagia e ao canibalismo social.

### JOÃO LOURO

*Lands End #01*, 2002  
Poste e painéis metálicos, 290 cm altura  
Coleção particular

<sup>1</sup> João Louro em e-mail a Paulo Herkenhoff, 12 de maio 2022.

<sup>2</sup> SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e emoção*. São Paulo: Edusp, 2006. Todas as citações desse autor foram extraídas dessa edição.

<sup>3</sup> *Ibid.*, p. 115.

<sup>4</sup> O título completo do *Elucidário* de Viterbo é *Elucidário das palavras, termos e frases, que em Portugal antigamente se usaram, e que hoje regularmente se ignoram: obra indispensável para entender sem erro os documentos mais raros e preciosos que entre nós se conservam. Publicado em benefício da literatura portuguesa, e dedicado ao Príncipe Nosso Senhor*.

“*oriens*”, que deu origem a “Oriente”, se referia ao levantar do sol; em seguida, passa a indicar a direção de se levantar; e, por fim, descreve as terras que se encontravam nessa direção. Explica o *Dicionário Houaiss* que a palavra “orientação” deriva de “orientar” mais o sufixo “ção”; “orientar”, por sua vez, vem de “oriente” mais o sufixo “ar”, por influxo do francês “*orienter*” (1680). Quanto à palavra “Oriente”, ainda de acordo com o mesmo dicionário, ela vem do latim “*oriens, entis*”, designando o oriente, parte do céu em que nasce o sol. Segundo o *Dictionnaire de l’Académie Française*, a orientação é a determinação dos pontos cardeais a partir do lugar onde o indivíduo se encontre. Interessa aos mapas de Louro compreender que a orientação implica em variabilidade temporal ou espacial dos índices, como em *Mundo ou Land’s End*.

Depois da etimologia de orientação, cabe reparar que, a partir do Renascimento, a moderna cartografia europeia passou a adotar a orientação de seus mapas a uma posição empírica mais favorável à sua navegação. Em princípio, a orientação cartográfica mais comum vigente ainda hoje leva em conta o melhor serviço ao se posicionar a partir da Europa em relação às navegações no caminho para o extremo Oriente, i.e., a Ásia. Essa origem eurocêntrica está na base da crítica da cartografia de João Louro à pretensão da Europa de ser centro e ponto de partida do conhecimento humano. Algumas cartas de Louro esculam o eurocentrismo histórico ao desordenar a lógica da orientação em trabalhos como *Mapa #01*.

#### JOÃO LOURO

*Mapa #01*, 2015

Impressão sobre tela, medidas variáveis

Coleção Museu de Arte do Rio – MAR,

Rio de Janeiro

Foto João Miranda



#### Deambulações sobre mapas

No centro de uma sala do Palazzo Loredan, na Bienal de Veneza de 2015, João Louro instalou uma imensa tela de 4x4 m muito amarrotada, “como se fosse um velho mapa negro tombado”.<sup>5</sup> Um mapa semelhante – o *Mapa #01* (col. Museu de Arte do Rio, doação do artista) – enuncia a cartografia entrópica, assombreada pelos vincos aleatórios e pelas dobraduras desobedientes da lógica da malha, que organizou singularmente muito da cartografia a partir dos portulanos do Renascimento e o espaço da pintura moderna no século XX como malha (ou *grid*, em inglês). O amarrotado significante, um valor agregado, desemboca na cena de arruinamento do mapa indecifrável. A homogeneização da sociedade industrial se generaliza, segundo Georges Bataille, através do “valor produtivo”, com sua “medida comum, fundada no dinheiro como forma fixa, são as coisas possuídas”.<sup>6</sup> No limite do “incartografável”, ocorre uma relação de assimetria entre esse mapeamento e o clássico mapa esfarrapado de Jorge Luis Borges,<sup>7</sup> a alegoria de um racionalismo delirante, em seu rigor, e derrocado, em sua vontade totalitária de absoluto domínio do espaço. Borges argumenta que o todo não se converte em cartografia. O escritor definiu a inutilidade da cartografia desmesurada e o excessivo rigor da ciência, no extremo em que mapa e território coincidiam em dimensões. O *Mapa* jaz, abandonado às inclemências do tempo e aos percalços de sua vivência improdutiva. Hoje, escreve Borges, “*en los Desiertos del Oeste perduran despedazadas Ruinas del Mapa, habitadas por Animales y por Mendigos; en todo el País no hay otra reliquia de las Disciplinas Geográficas*”. Impiedosos, Borges e Louro friccionam o hipercontrole do Estado sobre seus territórios e, conseqüentemente, para o artista do século XXI, sobre os cidadãos e os corpos.<sup>8</sup> Esse mapa amarrotado de João Louro aponta para os trabalhos de Georges Bataille sobre o corpo (como *O erotismo*) e para a biopolítica de Michel Foucault: é uma carta geográfica imprestável ao serviço fornecido pelo panóptico onividente de Thomas Hobbes, abordado por Foucault em *Vigiar e punir*.

O regime lógico de João Louro observa, no mapa vincado, que partes muito distantes se conectam, como se reorganizando o mundo e tornando-o uno, pois o amarrotar encurta as distâncias.<sup>9</sup> O mapa fantasmal age contra a insularidade das ilhas, provoca a fratura de impérios e acelera o contágio das culturas. A ação de amassar – o ato sísmico do artista – perturba o eurocentrismo das cartas geográficas modernas. A ação de amarrotar o monocromo preto – o território anterior ao *fiat lux* – é o trabalho de fazer aflorar alguma coisa – fantasmas – no contexto de gênese do poder.

O projeto de João Louro propõe o quase nada. A tela amarrotada é uma “quase escultura”, posto que o verbo “*to crease*” (amarrotar) está na *Verb List* (1967-1968) que, para Richard Serra, perfaz a escultura.<sup>10</sup> Amassar, para Louro, é introduzir um devir significante para a geometria da terra sobre os processos de territorialização e acomodações violentas das placas tectônicas. O português médio traz a memória coletiva do terremoto que assolou Lisboa no ano de 1755, seguido de um tsunami e um incêndio que lambeu muitos quarteirões da capital do Império Português. O signo material do *Mapa #01* a uma plasticidade maleável necessária (talvez mais que resultante) para se adaptar a um movimento sísmico de grandes proporções.

Evocando a dicotomia entre pintura e escultura, a superfície amassada da obra de João Louro, como seus ressaltos orográficos quase irrelevantes, constitui diferenças que já enunciariam relevos sutis à fenomenologia do tato.

<sup>5</sup> João Louro ao autor na primeira troca de e-mails, 3 jan. 2015.

<sup>6</sup> Bataille, Georges. *Œuvres complètes*. Paris : Gallimard, 1971, tomo IV, p. 341.

<sup>7</sup> Borges, Jorge Luis. “Del rigor en la ciencia”. In: *El hacedor*. Buenos Aires: Emece, 1960.

<sup>8</sup> Essa parte da análise sobre o mapa amarrotado de João Louro sintetiza passagens de meu artigo “João Louro, desejo e mácula” em *I'll Be Your Mirror / Poems and Problems*. Lisboa, 2015 (catálogo da representação oficial portuguesa na Bienal de Veneza, 2015).

<sup>9</sup> João Louro ao autor na primeira troca de e-mails, 3 jan. 2015.

<sup>10</sup> Richard Serra faz referência a mapeamento (*mapping*) ao final da *Verb List*.





**ALBRECHT DÜRER** (1471–1528)  
*Melancholia I*, 1514  
 Gravura em metal sobre papel, 24 × 19 cm  
 Coleção Metropolitan Museum of Art, Nova York

<sup>11</sup> Deleuze, Gilles; Guattari, Félix. *Mille Plateaux: capitalisme et schizophrénie 2* (1980). Paris: Les Éditions de Minuit, pp. 21-39.

<sup>12</sup> Brayer, Marie-Ange. “La Carte lacunaire: ou l’impossible taxinomie du lieu”. In: *Cartographies*. Paris: Réunion des Musées Nationaux, 1996, pp. 169-187.

<sup>13</sup> Esse parágrafo foi extraído do texto do autor “João Louro, desejo e mácula”, publicado em *I’ll Be Your Mirror / Poems and Problems* (op. cit.), sendo aqui apresentado com pequenos cortes e alterações.

<sup>14</sup> Consultado no *Aulete digital*, disponível em: <<https://www.aulete.com.br/embolar#:~:text=embolar%201%20v.,%7C%7C%20Formar%20bola>>. Acesso em: 23 maio 2022. O termo “embolar” também significa atracar-se (com alguém), tal como se engalfinham grupos, sociedades e países em guerra. Os dois sentidos principais de “embolar” listados no dicionário *Aulete digital* apontam para a ambivalência da geografia humana de João Louro, pois esta pode significar tanto reconhecer cientificamente a forma da Terra quanto denunciar o estado conflituoso das sociedades humanas.

A operação ocorre no interior mesmo da linha de fronteira, isto é, na fratura do “vincamento”, mas é só o vir-a-ser do espaço em jogo “desnomeador”. Seu *momentum* situa-se entre o estado pré-significante e um regime de signos convencionalizado pela escritura política da Terra. Séculos de investimento no aperfeiçoamento da cartografia do mundo foram reduzidos em poucos minutos por João Louro ao informe, de acordo com o conceito de Georges Bataille. As regiões entre dobras e vincos poderiam ser aproximadas dos *plateaux* de Deleuze e Guattari, que estabelecem conexão entre rizoma e mapa – o rizoma é cartografia, e não decalque; é mapa, e não calco.<sup>11</sup> O mapa amarrotado grava o agravamento da desterritorialização e, no entanto, já sem bússola e sem lugar. Bordeja-se a inexactidão em deformações anárquicas e sismos do acaso. *Un Coup de dés jamais n’abolira le hasard*, escreveu Mallarmé.

Em comparação à produção de João Louro, a dobradura “errada” do *Folded Map* (1967) de Robert Smithson recupera o gesto desajeitado de uso de mapas no cotidiano, contra a lógica da malha industrial de vincos. Sua dobradura não se confunde com o amarrotado de Louro, porque Smithson dobra “errado”, desobedece aos vincos originais do mapa e desconstrói a lógica de organização da carta geográfica para problematizar a representação cartográfica do *site* e sua dimensão reduzida ao design gráfico. Marie-Ange Brayer analisa o *Folded Map* como “involução do limite”, pois as marcas das dobras seriam vestígios de coordenadas ou confins da lacuna.<sup>12</sup> Pode-se admitir, ademais, que o trabalho de Louro incide na categoria do “mapa lacunar” e que enfrenta a “impossível taxonomia do lugar” em parâmetros analíticos desenvolvidos por Brayer. Ele propõe um olhar em errância, entre os acontecimentos fractais, as dobras tectônicas e os confins das lacunas, sem nome e sem fonética, e, ali, todo acidente no mapa é um *non-site* apenas como traço geológico mínimo. Essa mesma economia sem acúmulo está no pensamento de Louro que se reduz a reunir pregas, refolho e rugas.<sup>13</sup>

Os mapas amarrotados de João Louro giram na direção do *Globus* (1968) de Claudio Parmiggiani, que desinfla um globo terrestre de plástico, amassa-o, para enfiá-lo num pote transparente de preservação de alimento. Os mapas conspurcados de Louro são sintoma da violência real que permeia o sistema-mundo totalizado e global. Sua intencionalidade é implantar um processo de desorientação colidente, porém compatível com as diásporas, os êxodos, os exílios, os genocídios, a escravização, que deslocam multidões compelidas a direções que elas próprias desconhecem.

Os vincos, dobras, pregas, rugas, amassados, amarrotados infligidos por João Louro sobre a representação cartográfica da Terra também aludem às guerras e a seus destroços materiais e humanos – como não pensar aqui nas suítes de gravuras *Les Grandes Misères de la guerre* (1633), de Jacques Callot, e *Los desastres de la guerra* (1810-1815), de Francisco Goya?

### Mapa esférico ou Mapa embolado

Um mapa esférico, um mapa embolado, uma pelota ou um pseudoglobo acaba sendo o campo de elaboração do sujeito, ser sempre esférico e inacabado. O lexicógrafo português Caldas Aulete apresenta alguns sentidos para o étimo “embolar”, o verbo claro e preciso com o qual João Louro produz sua obra *Mundo* (2017, tela impressa e amarrotada, com suporte metálico, 12 × 18 × 10 cm): “cair com estrondo, rolando como uma bola”; “encaroçar, embolotar”; “aplicar bolas nas pontas dos chifres de (bovinos), para que não firam”.<sup>14</sup> Para

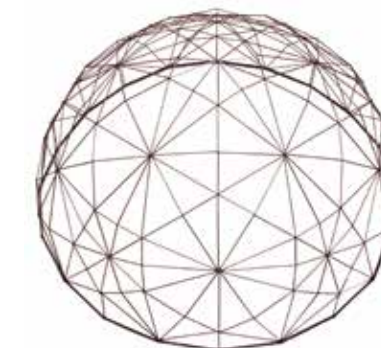


João Louro, “embolotar um mapa” é criar um globo, afirmar a esfericidade do planeta, moldar o sujeito.

A pequena esfera *Mundo* (2017) de João Louro é da família da obra *A diferença entre o círculo e a esfera é o peso* (1978), de Cildo Meireles, que, ao amassar um círculo recortado em papel na forma de uma bola, produz uma esfera, o sólido platônico. Louro e Meireles tiram o desenho (um círculo e um mapa respectivamente) de sua “planaridade” e da questão de transitoriedade do traço, contemplação e intimidade para contaminá-lo com as tensões do mundo. O gesto de João Louro de amassar o mapa bidimensional converte a Terra em sua própria esfericidade de planeta. Premonitoriamente, o artista antecipou a discussão obscurantista que aflige o mundo em termos gerais e o Brasil em particular.

Ademais, a cartografia imaginária de João Louro subverte as noções da linha reta assentadas pela geometria nos portulanos que tanto auxiliaram os navegantes no século XV. Ainda, na contorção do suporte, as linhas geográficas – portulanos, meridianos, paralelos, fronteiras – se redobram e tocam no ponto onde estariam as mais longas distâncias no mapa em dimensão planar. Essa é uma alegoria da necessidade de entendimento, de aceitar as diferenças, malgrado João Louro ser cético a respeito de toda forma de idealismo no que se refere à necessária harmonia no convívio entre as diferenças.

Leitor do fenomenólogo Peter Sloterdijk, João Louro celebra ter em sua biblioteca, “num espaço (quase próprio!), o Peter Sloterdijk – ele ensinou-me a olhar o ‘esférico’ com outros olhos. O seu livro *Bulles – Sphères* (1998) é uma



**R. BUCKMINSTER FULLER** (1895-1983)  
*Geodesic Dome*, 1952  
 Fios de elástico e metal, Ø99 cm  
 Coleção Museum of Modern Art – MoMA, Nova York

**JOÃO LOURO**  
*Mundo*, 2017  
 Tela impressa e suporte metálico, 12 × 18 × 10 cm  
 Foto João Miranda

**ETIENNE-LOUIS BOULLÉE** (1728-1799)  
*Cenotáfio de Newton*, 1784  
Acervo Bibliothèque National de France



ajuda preciosa para isso. Depois escreveu o *Globes* (1999) e terminou a trilogia com *Écumes* (2004).<sup>15</sup> Sloterdijk se propôs a elaborar nada menos do que uma história filosófica da humanidade pelo prisma de uma forma fundamental – a história – e de três de suas declinações: a microesferologia, a macroesferologia e a esferologia plural, ou, respectivamente, bolhas, globos e espumas.

Na justaposição da problemática da “orientação” às formas dimensionais da *geo-graphein*, já se viu que o modelo cartográfico bidimensional “mapa” é eurocêntrico. Consequentemente, também o “atlas” (que é uma reunião de mapas) se deixa afetar pelo eurocentrismo, seja o *Atlas* de Gerhard Richter, sejam exposições que se organizam como um atlas sem a devida atenção para o problema político. Exclui-se aqui o modelo do *Atlas Mnemosyne*, de Aby Warburg, que se abre para outras culturas na busca da *Nachleben*, a sobrevivência da forma, e dos *Pathosformeln*. A mostra *Atlas, como levar o mundo nas costas?* (2010), com curadoria de Georges Didi-Huberman, no Museu Reina Sofia, em Madrid, parte do bom princípio de *Mnemosyne* de Warburg e interpela o espectador a partir de Atlas, a figura mitológica grega.

O pensamento esférico abandona o mapa como documento dimensional e opta pelo globo como representação mais ética do mundo. O pensamento esférico trata a Terra como uma esfera, que, segundo Platão, é o sólido perfeito, pois todos os pontos de sua superfície estão à mesma distância do centro.<sup>16</sup> Não sobra, então, lugar para o etnocentrismo, o eurocentrismo e outras formas de hierarquização das sociedades e das pessoas em função da paisagem social em que habitam. No globo terrestre não há distorções de dimensão e de forma dos países por demandas políticas e gráficas do mapa.

João Louro compõe o naipe de artistas plásticos que operam em distintas chaves com o pensamento esférico desenvolvido na arquitetura de Étienne-Louis Boullée (o projeto para o cenotáfio esférico de Newton na forma parlante de uma esfera celeste para homenagear o físico e astrônomo)<sup>17</sup> e das cúpulas geodésicas de Buckminster Fuller. Com relação à arte brasileira, a bolota *Mundo* de João Louro dialoga com o pensamento esférico em várias gerações de artistas: Cildo Meireles, Waltercio Caldas, Hilal Sami Hilal, Delson Uchôa, André Severo, Armando Queiroz, Adriana Eu, Michel Zóximo, Marina Camargo, Leandro Machado e outros.<sup>18</sup> É que árvores, filósofos mortos e vivos, personagens de livros diferentes e obras de arte conversam entre si.

### Mapas cegos

Não se sabe o nome de nenhum personagem em *Ensaio sobre a cegueira*. Na epidemia que acomete as pessoas ao longo do livro, o motorista deixa de

enxergar repentinamente.<sup>19</sup> Numa licença poética para fazer uma ficção, agora só resta ao condutor utilizar certos mapas de João Louro para se orientar.

Quando o conto “El Aleph” ficou pronto, o autor estava às vésperas de atingir a cegueira total por uma doença degenerativa irreversível.<sup>20</sup> O texto é um relato cartográfico que localiza no porão de um casarão de Buenos Aires, um ponto em que se abria para o conhecimento do espaço que abarca toda a realidade do universo. O casarão estava prestes a ser demolido. Borges, talvez o escritor mais citado pela crítica de artes visuais, era cego. Talvez só restasse a Borges certos mapas de João Louro para se orientar no território de *El libro de arena*. Talvez só sobre à visão do espectador ler os signos ausentes nos *Empty Maps* de João Louro. No ensaio *La struttura assente*, Umberto Eco se propõe a “definir o valor semântico de um termo pela diferença do espaço semântico ocupado pelo outro termo”.<sup>21</sup>

Os *Empty Maps* dialogam agora com o Cildo Meireles do *Espelho cego* (1970), cujo vidro especular foi substituído por uma massa mole. O público molda a matéria, de plasticidade dócil, podendo produzir uma imagem tátil do sujeito na superfície do objeto, a partir da própria carnalidade viscosa<sup>22</sup> da superfície e da materialidade do espelho. *Espelho cego* aponta para a relação entre os sentidos e a formulação do sujeito. O objeto funciona como *esboço*, momento de formação da imagem sob a dialética regressiva da formação narcísica do próprio rosto. A superfície, que o olhar dos videntes vê como superfície informe, será o campo de elaboração do sujeito, este ser sempre inacabado.

Na civilização do verbo, o sem nome aflige. João Louro é o cartógrafo de *Ensaio sobre a cegueira*, do achado de “El Aleph” e dos vazios semânticos de *La struttura assente* a desenhar mapas utilíssimos (como o *Empty Map #03*)<sup>23</sup> sobre o vazio, o vácuo, o indizível, a treva, o silêncio da surdez absoluta, o duplo da visão das letras pelo analfabeto, a escuridão atrás da alvura do monocromo branco (in)desenhado; tudo parece estar mapeado nesses jogos cartográficos linguístico-sensoriais: mapa-múndi / mapa mudo / mapa cego / mapa ágrafo / mapa afonético / mapa in-háptico / mapa antibraille / mapa de luz / mapa iluminista, como a *Carta sobre os cegos para uso daqueles que veem* (1749), de Diderot, escrita dois séculos antes do ano em que o maior homem cego do século XX, Jorge Luis Borges, parou de enxergar.

A estrutura cartográfica ausente de certos mapas de João Louro (como em *Empty Map #11*)<sup>24</sup> é uma alegoria do poder sobre um território com bases no obscurantismo, na omissão de informações aos cidadãos pelos membros do aparelho do Estado. Ocorre o mesmo no projeto político de Louro, o resultado é um olhar solidário para a experiência de deriva, errância, diáspora, exílio, desterritorialização dos sujeitos modernos. *Empty Map #11* é o cenário atualizado do *homo sacer*, de homens e mulheres sem-terra ou sem-teto mundo afora.

Se a escultura de Amílcar de Castro já se fazia com apenas dois verbos (cortar e dobrar), e se a escultura de Richard Serra se faz com dezenas de verbos (e.g., enrolar), a economia das ações cartográficas verbais de João Louro são amarrotar (*Mapa #01*), amassar (moldando até se tornar uma esfera – isto é, embolotar –, como em *Globo*), cegar ou emudecer (*Empty Map #11*), entre outras hipóteses que constituem uma metodologia do geógrafo-artista. O mapa cego de Louro é um emblema do mundo contemporâneo, posto que desnorteia e desorienta. João Louro é um artista-geógrafo. Em paráfrase antitética de um verso de Adélia Prado, do poema “Legenda com a palavra mapa”, os mapas de João Louro *não* me descansam.



**HILAL SAMI HILAL** (1952)  
*Livro esférico*, 2007  
Cobre e corrosão, Ø15 cm

<sup>15</sup> João Louro em e-mail ao autor, 18 fev. 2014.

<sup>16</sup> Sabe-se que os polos da Terra são achatados; no entanto, esse fato ínfimo não ocasiona problemas concretos à ideia de esfericidade da Terra e, logo, do globo como diagrama de justiça entre as sociedades.

<sup>17</sup> Cenotáfio é um monumento funerário sem a presença dos restos mortais do homenageado.

<sup>18</sup> Sobre o pensamento esférico em Cildo Meireles, ver: Herkenhoff, Paulo. “A Labyrinthine Ghetto: The Work of Cildo Meireles”. In: *Cildo Meireles*. Londres: Phaidon Press, 1999, pp. 36-78. E, sobre Michel Zóximo, Marina Camargo, Leandro Machado, ver Herkenhoff, Paulo. *RSXXI – o Rio Grande do Sul experimental*. Porto Alegre: Santander Cultural, 2018.



**CILDO MEIRELES** (1948)  
*A diferença entre o círculo e a esfera é o peso*, 1976  
Papel, Ø2 cm  
Coleção Patricia Cisneros, Nova York

<sup>19</sup> *Ensaio sobre a cegueira* (1995) é um romance do escritor português José Saramago (1922-2010), ganhador do prêmio Nobel de Literatura em 1998.

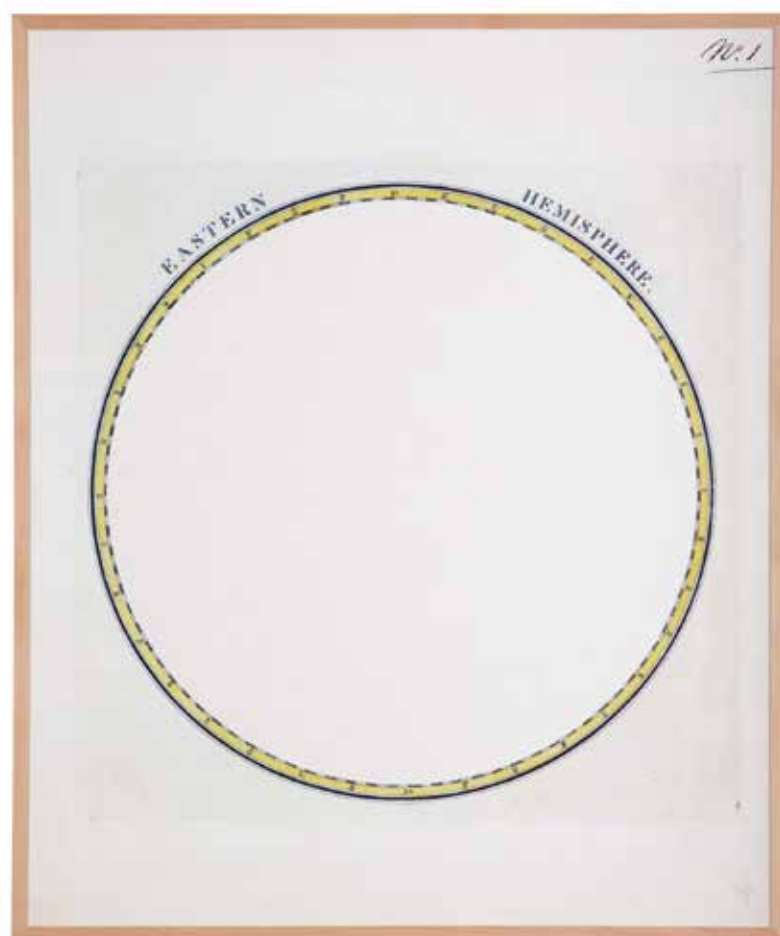
<sup>20</sup> *El Aleph*, publicado em 1949, é um livro de pequenas histórias, entre as quais se inclui o conto que lhe dá nome. O autor Jorge Luis Borges ficou totalmente cego em 1949.

<sup>21</sup> ECO, Umberto. *La struttura assente*. Milão: Bompiani, 1968, p. 368.

<sup>22</sup> “Viscosity is a measurable physical variable [...] which i a fluid resists the force tending that fluid to flow” (KLEIN, H. Arthur. *The World of Measurements*. Nova York: Simon and Schuster, 1974, p. 614).

<sup>23</sup> O *Empty Map #03* é baseado no mapa *World or Terraqueous Globe*, de Samuel Dunn (1787, Robert Sayer, Londres).

<sup>24</sup> O *Empty Map #11* foi baseado no mapa *The Eastern Hemisphere in Outline Color with the Mail Route Shown in Blue. The map is surrounded by illustrations of people and animals from different countries*, de R. M. Martin (Tallis, J. & F., Nova York, 1851. Gravador: Rapkin, John).



### Trânsito multidirecional de ideias

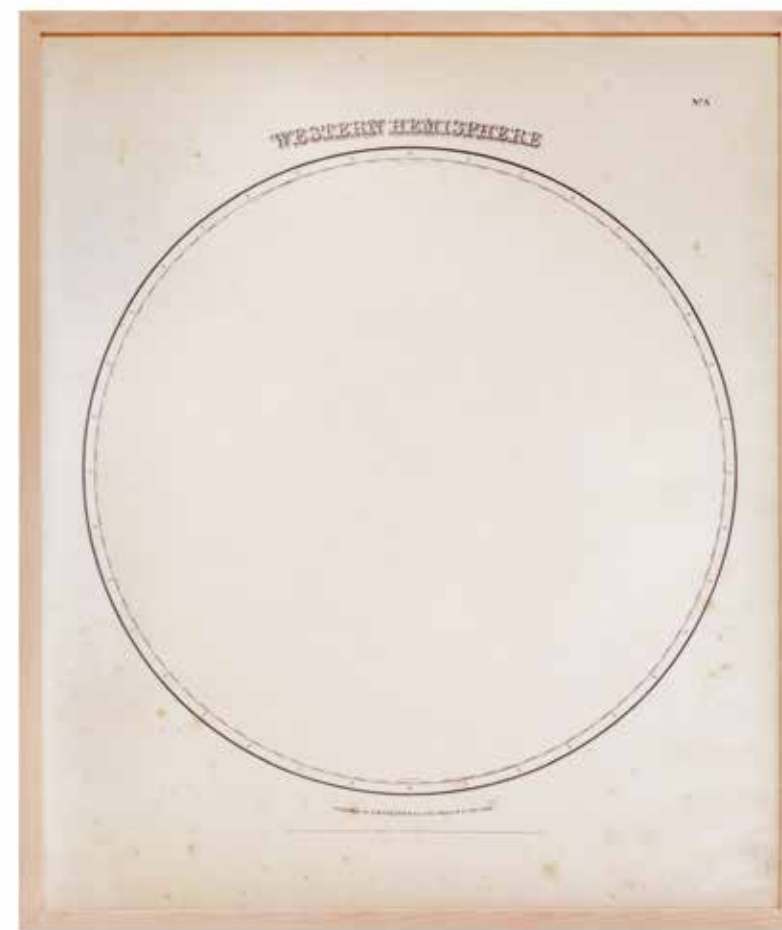
Num conjunto de placas de sinalização de trânsito, João Louro revisita a cultura moderna do Ocidente com a filosofia (*Land's End*) e com a linguística e a literatura (*Linguistic Turning Point*).

Tanto em *Land's End* quanto nos *Linguistic Turning Point*, a polissemia das escolhas em todas as direções da palavra, na literatura, na linguística e na filosofia – Mallarmé, Peirce e Benjamin (exemplos de sua plêiade) – apontam para a língua/linguagem. Aonde se quer chegar com esse sistema de orientação? A lugar algum que não seja, antes de tudo, “a morada do ser”, do mesmo modo que Martin Heidegger, em *Über den humanismus* (1946), definiu a linguagem, como “a morada do Ser”.

### Land's End

As setas de *Land's End* apontam em cinco direções: Sade, Wittgenstein, Benjamin, Beckett e Bataille. Não são caminhos de um *flâneur*, ao léu, no país do pensamento em que não importa aonde chegar. *Land's End* é um extremo, um ponto onde acaba um percurso, o cabo onde termina uma região, o final da Terra, o Finisterra dos romanos, o lugar-onde-judas-perdeu-as-botas, o indizível wittgensteiniano – “Aquilo de que não se pode falar, guarda-se em silêncio.”<sup>25</sup> “Sempre tive esta atração do que foi o fim da terra, quando esbarra no mar”, revela João Louro sobre o fato a partir do qual só haveria o mar. Finisterra, ou *Land's End*, a partir do qual só cabia a imaginação do espaço.

**JOÃO LOURO**  
*Empty Map* #05 e #06, 2015  
 Impressão sobre papel, 183,5 × 153,5 cm cada  
 Foto João Miranda



“É um tema muito português, num pequeno país, com uma frente marítima muito grande. Por desespero, provavelmente, mais até do que por aventura, foi esse o caminho de andar no mar e deixar a terra para trás”, completa o artista.<sup>26</sup>

O pensador da seta inferior é Georges Bataille, que é um dos oficiais de navegação da barca da filosofia moderna. Quando a direção de *Bataille* está apontada como uma via principal, ficam subentendidas as rotas “vicinais” ou sub-rotas do caudal maior de Georges Bataille: o marquês de Sade, Friedrich Nietzsche, Marcel Mauss, entre outras rotas. Sua base nos campos da filosofia, antropologia, economia, crítica literária, sociologia e história da arte e suas passagens pelo erotismo, pela transgressão e pelo sagrado ficam subentendidas.<sup>27</sup>

Na coletânea *The Linguistic Turn: Essays in Philosophical Method* (1967), o filósofo Richard Rorty se indaga sobre “qual verdade existe nesses sistemas filosóficos”, com tantas disputas, contradições e discórdias entre eles. Essa é a indagação que *Land's End* lança sobre os espectadores. Na obra, que é a aludida variação espaçotemporal da orientação cartográfica, João Louro estabelece tanto diretivas quanto dúvidas sobre o problema da navegação entre ideias.

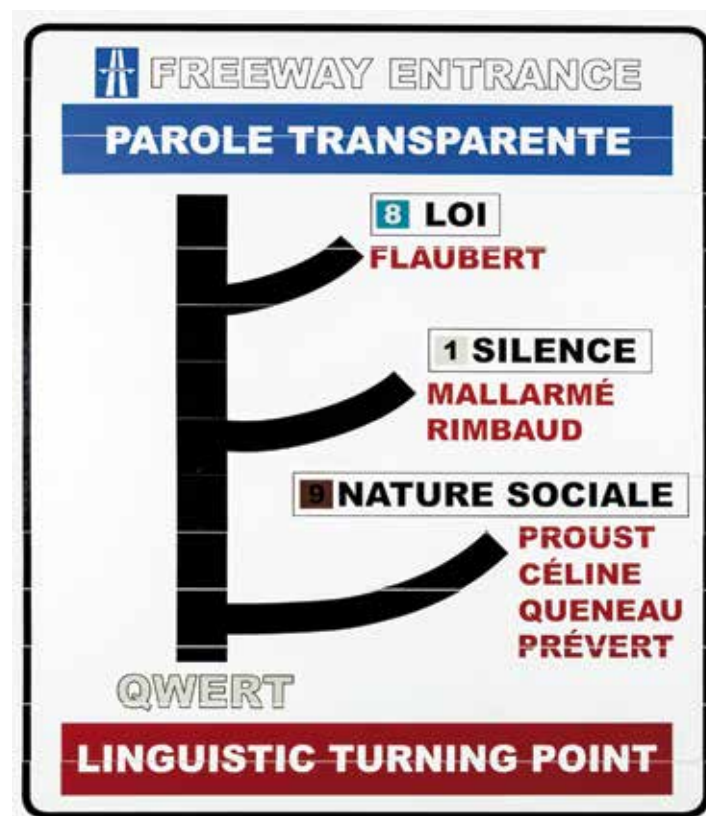
### Linguistic turning points: literatura e linguística

No topo de *Linguistic Turning Point* (2005) estão escritas duas orientações: “Freeway entrance” e “Parole transparente”. Ao propor algumas perguntas a João Louro, recebi respostas surpreendentes, que são uma entrada transparente de sua autoestrada filosófica pela linguística. A sinalização de *Linguistic*

<sup>25</sup> Wittgenstein, Ludwig. *Tractatus logico-philosophicus*. Trad. M. S. Lourenço. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 1987, p. 27.

<sup>26</sup> João Louro em e-mail a Paulo Herkenhoff, 12 maio 2022.

<sup>27</sup> A sub-rotas às quais se chegam a partir de Bataille são Michel Foucault, Philippe Sollers, Gilles Deleuze, Jacques Derrida, Jacques Guattari, Jean Baudrillard, Jacques Lacan, Julia Kristeva, Michel Taussig. Bataille é rota de crítica literária para William Blake, Emily Brontë, Charles Baudelaire, Jules Michelet, Marcel Proust, Franz Kafka e Jean Genet.



*Turning Point* aponta para os desvios, as viradas e os cruzamentos na rota do conhecimento da linguagem. João Louro é um artista-engenheiro de trânsito de ideias. Para conservar o frescor de seu pensamento, apresentamos, a seguir, suas respostas na íntegra, bem como as questões que formulei, como uma entrevista.

Em seu suprarreferido ensaio, Richard Rorty introduz ao espectro da história da doutrina do movimento filosófico da linguística. Na introdução do livro, Rorty argumenta que a história da filosofia pode ser estudada de dois pontos de vista distintos: o primeiro é o do historiador; o segundo, do filósofo. Em certo sentido, a obra de Louro *Linguistic Turning Point* tem algo do conceito de virada epistemológica da linguística apresentado por Rorty.

PH: Por que você preparou um *Linguistic Turning Point* francês?

JL: Eu devo à cultura francesa a minha aprendizagem. Foram os pensadores franceses que me pegaram na mão e me apresentaram os alemães e os ingleses. E só depois os americanos.

PH: Entendo que, do seu ponto de vista, essa virada linguística se fez através a literatura.

JL: E da poesia.

PH: Você associa Gustave Flaubert à lei (*loi*)? Em seu *Dicionário das ideias feitas*, encontramos o verbete “legalidade” (“A legalidade é a nossa morte. Com ela nenhum governo é possível”) e “comédia” (“Em verso, não convém à nossa época. Deve-se, no entanto, respeitar a alta comédia. ‘Castigat ridendo mores’”). Como você resume o eixo Flaubert/lei?

JL: Porque Flaubert contém uma lei. O *Dicionário das ideias feitas*, ou *Bowward et Pécuchet*, contém o espelho da banalidade tornado regra. Há essa vontade em Flaubert de revelar a lei do mundo moderno, frágil, tendenciosa, enganadora, e, dessa forma, de criticá-lo e banalizá-lo. A palavra “lei” poderia, nesse *Dead End*, ser substituída pela palavra “Política”.

PH: O que é o silêncio na região de Mallarmé e Rimbaud?

JL: Mallarmé é um dos assassinos da linguagem. Quando escreveu *Un Coup de dés jamais n’abolira le hasard*, criou as ilhas de significação. Esse sítio é o do silêncio. Em Rimbaud, é todo o silêncio de sua vida. Escreveu seu último livro, *Une Saison en enfer*, aos 19 anos e depois desapareceu para sempre na Abissínia.

PH: Por que Prévert está nessa linha com Flaubert, Rimbaud, Mallarmé e Proust, quase equiparado?

JL: Tal como Mallarmé, ele fez a linguagem parecer plástica; e, ao contrário de Flaubert, brincou com as palavras sem ironia ou mal-estar. Foi um escultor alegre de sentidos.

PH: Por que Queneau?

JL: Todos, à sua maneira, se fundem numa existência social, tratando a palavra como o faz um artesão, um mágico, ou um mensageiro, nunca do modo que faria um intelectual. [Trata-se de] Uma escrita neutra, que retoma, assim, a “tradição da cultura clássica”, segundo Roland Barthes.

JOÃO LOURO

*Dead End* #10, 2006

Painel de alumínio, 245 × 210 cm

Coleção particular

*Dead End* #05, 2002

Painel de alumínio, 186 × 174 cm

Coleção particular

PH: Por que Beckett não está?

JL: Não devo convocar todo o Olimpo, por receio de catástrofe. Mas Beckett também não entrava nessa carruagem da vontade clássica. Beckett está numa carruagem que se recusa a parar.

PH: O estranho termo “QWERT” se refere à codificação do teclado da escrita. Você me informou que esse *Linguistic Turning Point* foi instalado numa rua de Toulouse para a mostra *Les Marathons des mots* (2005). Por que “QWERT” está escrito ao pé da faixa das rotas?

JL: “QWERT” são as primeiras letras do teclado. São as novas vogais. Esse local de onde parte tudo.

PH: Por que todas as ramificações de *Linguistic Turning Point* estão à direita? Não me parece que seja por uma questão ideológica, posto que a maioria dos autores são de esquerda ou adotavam uma tendência progressista, à exceção de Céline.

JL: Na lógica e nas regras do bom entendimento na estrada, devemos dar sempre prioridade a quem se apresenta pela direita.

PH: O que mais lhe interessa em Céline, malgrado sua misantropia?

JL: Céline é uma ilha. A ilha que ele inventou cercada e onde viveu com os seus cães. Nessa ilha de pessimismo e de desconfiança em relação à sociedade e ao gênero humano, o habitante Ferdinand Bardamu, a personagem de *Viagem ao fim da noite*, cercou-se num mar de ódio e condenou-se por sua premonição no livro *Mort à crédit*. É o livro que libertou o pior no humano, o pior de Céline. Com seu panfleto, *Bagatelles pour un massacre*, ele é o negativo de Émile Zola no “J'accuse”. Céline é uma ilha, como é a *Ilha dos mortos*, de Arnold Böcklin, onde está a porta por onde entrou Céline: Hades. Céline é o sinal sempre visível que nos faz lembrar a existência do mundo inferior.

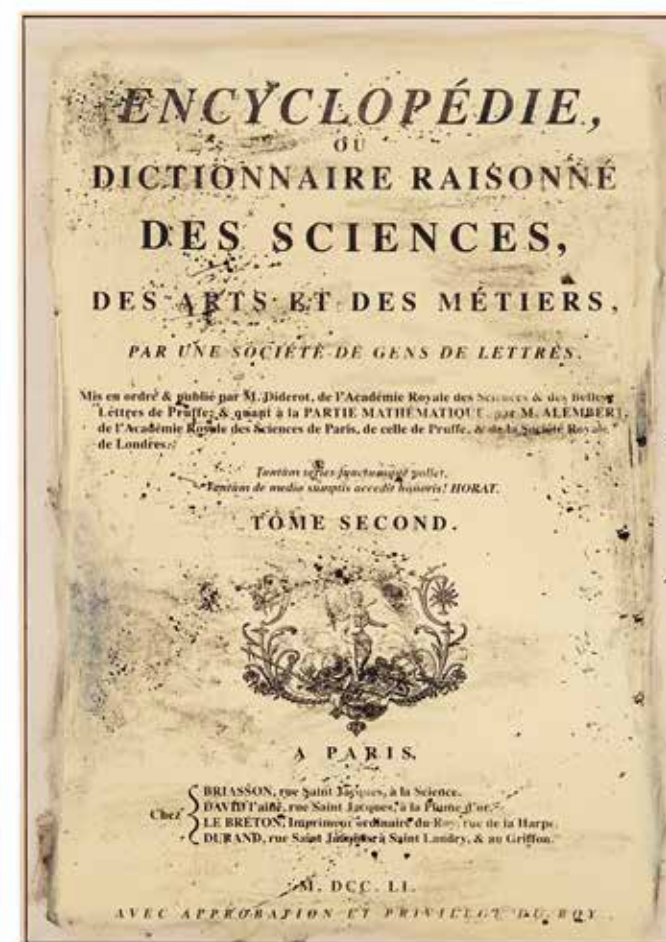
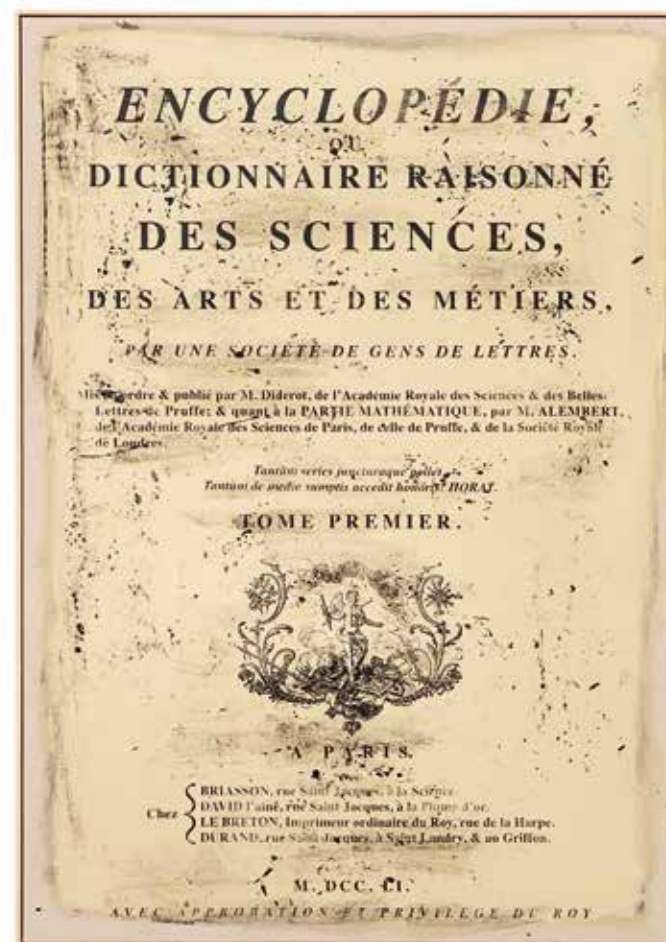
Em outra versão de *Linguistic Turning Point*, João Louro incluiu referências a um grupo de linguistas como Gottlob Frege, Wilhelm Dilthey, Alfred North Whitehead, Charles Sanders Peirce. O primeiro afirmou que “uma cor como o azul pertence a uma superfície independentemente de qualquer uma de nossas escolhas. A cor azul é um poder de refletir luz de certos comprimentos de ondas”.<sup>28</sup> De modo convergente com Frege, para Louro a palavra tem implicações e reações físicas e químicas. No início de suas leituras sobre linguística, ele só percebia que “a palavra tinha propriedades matemáticas”,<sup>29</sup> por isso a interseção com o pensamento de Frege, para quem a filosofia do número é interceptada pela linguística.

Ludwig Wittgenstein, o filósofo indicado em *Land's End*, argumentou que Frege e Bertrand Russell, autor de *Principia mathematica* (1910-1913) em colaboração com Alfred North Whitehead, não realizaram uma “redução” do conceito de número ao conceito mais fundamental da correlação biunívoca.<sup>30</sup> Russell, no entanto, separou a filosofia da matemática e da metafísica. Também Louro declarou que se interessou pelo paradoxo de Frege revelado por Russell. Wittgenstein atravessou por passagens lógicas entre a filosofia da matemática e a filosofia da linguagem. A partir dele não se propõe “revelar verdades essenciais sobre a matemática”, mas reativá-las poeticamente, como opera João

<sup>28</sup> Ver Frege, Gottlob. *The Foundations of Arithmetic*. Trad. J. L. Austin. Evanston: Northwestern University Press, 1992.

<sup>29</sup> João Louro em e-mail a Paulo Herkenhoff (14 maio 2022), no qual acrescenta que ele “já tinha lido Saussure e o primeiro Chomsky, e depois parei em Wittgenstein. E foi ele que me levou para o passado, para Frege; e depois para o futuro, para os pragmáticos americanos”.

<sup>30</sup> Conforme Mendonça, Wilson. “Wittgenstein e os números”. *O Que Nos Faz Pensar*. Rio de Janeiro, n. 4, abril de 1991. Disponível em: <[http://www.oquenofazpensar.com/adm/uploads/artigo/wittgenstein\\_e\\_os\\_numeros/n4wilson.pdf](http://www.oquenofazpensar.com/adm/uploads/artigo/wittgenstein_e_os_numeros/n4wilson.pdf)>. Acesso em: <data>.



Louro, leitor de Whitehead “porque foi mais um pensador lógico, um matemático e, com Russell, produziu a *Principia mathematica*”. Essa interpretação de Louro, ao envolver Whitehead e Russell, aproxima-o da citada visão de Wittgenstein. Ademais, nota Louro, Whitehead “esteve envolvido em discussões sobre a Teoria da Relatividade, de Einstein, e interessou-se pelo ‘espaço’ e pela ‘gravidade’. Todos esses temas seriam importantes para mim e acabaram por produzir efeito, como foi o caso da obra *Little Boy* (2018) e da ideia de que existe poder atômico dentro da palavra; ou a *História do crime* (1995/2018), um dicionário em que o significado não coincide com o significante e que recria toda a linguagem”.<sup>31</sup>

Wilhelm Dilthey foi incluído nesse *Linguistic Turning Point* porque se opunha à metafísica, que ele considerava um entrave para perceber a realidade e as relações humanas em campos como a sociologia, a psicologia e a etimologia. Para João Louro, Dilthey “estava a navegar num mar ainda tomado por ela, ou pelo menos ameaçado; e por isso estava a gritar na proa para evitar a rocha metafísica que destruiria o barco”.<sup>32</sup>

O pragmático Charles S. Peirce está associado à ideia de “Man on Snow SW (Naked foot)” nesse *Linguistic Turning Point* que também veio da matemática e da lógica. “Interessou-me seu universo da Teoria dos Signos que há muito eu andava a explorar. Contudo, só cheguei aos pragmáticos depois de Wittgenstein”, afirma Louro. “Eu queria, a partir de seu pensamento, juntar algo que revelasse esse andar descalço da filosofia científica num universo frio e analítico”.<sup>33</sup>

JOÃO LOURO

Cover #43 (tomo I e tomo II), 2021  
Acrílica sobre tela crua, 201 × 143 cm cada  
Foto Bruno Lopes

<sup>31</sup> João Louro em e-mail a Paulo Herkenhoff, 14 maio 2022.

<sup>32</sup> Ibid.

Algumas expressões soltas balizam a placa das direções linguísticas, como “*naked lost*”, que se refere ao sujeito linguístico diante das incógnitas da linguagem ou, como imaginou João Louro, o “*enfant loup*”, “o estado selvagem da linguagem”. Como a loba romana que adota Rômulo e Remo, fundadores de Roma. De saída, sabe-se que Louro não está interessado em histórias pedestres como a de Tarzan e os macacos antropoides, ou mesmo na de Mowgli, personagem romantizado de *O livro da selva*, de Rudyard Kipling (malgrado ter ele recebido o prêmio Nobel de Literatura de 1907). Tampouco o âmbito é a disfunção cognitiva. João Louro do sujeito primitivo deve ser posto ao lado de *Entrevistas*, de Anna Maria Maiolino, um trabalho sobre o pré-verbal e o indizível. Ademais, seu cogito no *Linguistic Turning Point* é pensar criticamente a sociedade e suas leis da violência, que Edgar Rice Burroughs chama de “lei da selva”. Contemporaneamente, porém, ela é entendida como outra forma de equilíbrio entre homem, natureza e meio ambiente. Quando Louro resvala para a expressão “Ideal Community / Left”, ele está tomando em consideração a relação utópica, harmoniosa de Jean-Jacques Rousseau, Walt Whitman e Henry David Thoreau, como a idealização do homem na selva e a relação de transcendência entre homem e natureza.

Ao final, a vista à expressão “Love Letters (20 miles)” enuncia o viés do idealismo romântico, com suas consequências sobre o discurso verbal. João Louro constatou que o “romantismo estava contra este erodir que vinha do Iluminismo e do Racionalismo, que estava a conduzir as sociedades e as vidas humanas, com consequência mecânicas e desumanas. E, para isso acontecer, ou seja, para se ir por esse caminho mais distante, tem de se percorrer uma maior distância e é mais árduo chegar lá. Que o digam todos os românticos, de Schiller a Schumann, a Byron ou a Blake”.<sup>34</sup>

Em conclusão, no *corpus* do trânsito de João Louro surgem inesperados cruzamentos abismais entre suas indicações de rotas da reflexão filosófica e os desenhos-advertências de “perigo à frente” na rota do pensamento de Rommulo Vieira Conceição: *Entre a dúvida e a certeza existe a linha* e *Em caso de dúvida, opte pela incerteza* (2009). Diante disso, *Land's End* e os *Linguistic Turning Point* (2005) são orientação metodológica dialética para a errância filosófica antitética, e não para conclusões em forma de teses que poderiam estabilizar a mente. Ele prefere não dissolver a inquietação produtiva da arte. João Louro é um artista-linguista, ou um cartógrafo da linguagem. Sua produção transforma o tema num metatema da cartografia.

#### Encyclopædie, um sistema-mundo

A longo do século XVIII floresceram esforços de organizar, analisar, classificar, sistematizar, totalizar o conhecimento em diversos aspectos do mundo natural e cultural. O pequeno volume do *Systema naturae per regna tria naturæ, secundum classes, ordines, genera, species, cum characteribus differentiis, synonymis, locis* (1739), do sueco Carolus Linnæus, foi pioneiro dessa necessidade ao organizar o conhecimento dos três reinos da natureza. Na França, apareceram a *Encyclopædie ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers* de Denis Diderot e Jean d’Alembert (a partir de 1751) e a *Histoire naturelle, générale et particulière, avec la description du Cabinet du Roi* (publicadas em volumes de 1749 e 1804, com uma parte sobre a mineralogia e outra sobre os animais) do conde de Buffon. Escrita em inglês, a *Encyclopædia Britannica* (publicada entre 1768 e 1771) foi o mais ambicioso esforço acadêmico generalista, que contou com dezenas de escritores contribuintes.<sup>35</sup>

“A noção de totalidade”, ensina Milton Santos, “é a uma das mais fecundas que a filosofia nos legou, constituindo um elemento fundamental para o conhecimento e análise da realidade.”<sup>36</sup> No díptico *Cover # 43 (Tomo I e Tomo II)*, 2021, acrílico sobre tela crua, 201 × 114 cm, col. privada, Rio de Janeiro), a folha de rosto dos dois primeiros tomos da *Encyclopædie* de Denis Diderot e Jean d’Alembert se destampam ao olhar do espectador como promessa de cartografar todo o conhecimento do mundo, pela ambição que ficou conhecida como enciclopedismos.

Os 28 tomos do notável esforço de totalizar o conhecimento, empreitado pela *Encyclopædie*, foram publicados de 1751 a 1772. O artista surpreende ao declarar que não trabalhará com todos os volumes da *Encyclopædie*. João Louro é um artista-enciclopedista, ou um cartógrafo do conhecimento. No entanto, seu enciclopedismo não se valida pela quantidade de produção, exorbitância de informações, excesso de (re)conhecimento, retórica gongórica, voragem totalizadora. O artista sabe que a sinédoque – *pars pro toto* – é potente nos enunciados sutis, na metonímia comedida e precisa. Ademais, Louro considera que, se fizesse todos os volumes da *Encyclopædie*, estaria enfrentando uma tarefa impossível – “E tanto mais porque quero que as duas obras que existem contenham um grau de raridade, que era coisa que Diderot e d’Alembert não queriam.”<sup>37</sup>

#### A palavra-arte

A produção de heterotopia no trabalho de João Louro ocorre, por um lado, em obras de denúncia e de apresentação de suas angústias existenciais diante de guerras, a violência dos impérios, o genocídio, o nazifacismo ou a violência da colonização. Viu-se, no entanto, que Louro também reconhece as conquistas da cultura ocidental, como a expansão do conhecimento da Terra através da ciência e da tecnologia, a filosofia ocidental crítica, como o Iluminismo de Denis Diderot. No “Manifesto da Palavra-primitiva. Antípoda do Norte”, João Louro cunhou a ideia de que “A palavra-arte é política porque inventa o caminho (nº 49)” por efeito de uma imaginação dialógica.



**FRANCISCO HENRIQUE AHLERS**  
*Instrução Sobre os Corpos Celestes, Principalmente Sobre os Cometas*  
Lisboa, na Officina de Miguel Manescal da Costa 1758, primeira edição, três pranchas dobráveis gravadas por M. le Bouteaux. Innocencio 2, 389. Acervo Real Gabinete Português de Leitura, doação Frances Reynolds  
Foto Beatriz Gimenes

*Eu só consigo imaginar que, quando Diderot e d’Alembert quiseram criar a primeira enciclopédia, devem ter considerado ser uma tarefa impossível. Mas avançaram e fizeram-na.*

João Louro



**ORGANIZADORES****Paulo Herkenhoff****Silvia Finguerut****COORDENAÇÃO GERAL****Sidnei Gonzalez****Silvia Finguerut****DIREÇÃO DE ARTE****Paulo Herkenhoff****EDITORIA****Charles Cosac****COORDENAÇÃO INSTITUCIONAL****Patricia Werner****CAPA****Marcela Pereira****DESIGN GRÁFICO E PRODUÇÃO DE ARTE****Fernando Leite/Verbo Arte Design****REVISÃO****Maria Cristina Sampaio Lopes****Regina Protasio****Richard Sanches****PESQUISA BIBLIOGRÁFICA****Ileana Pradilla Ceron****IMPRESSÃO****Stilgraf****AGRADECIMENTOS****Adriana Modesto****Alexander Kellner****Andrea Santos****André Penteado****Ascânio MMM****Beatriz Gimenes****Bruno Reis Ribeiro****Bruno Veiga****Caio Reisewitz****Camila Aderaldo****Candida Höfer****Cesar Cunha Campos****Charles Cosac****Cristiano Vasconcelos****Cristina Massari****Daniel Barretto****Daniela Matera Lins****Danielle Ribeiro****Débora Moreira Giunti****Deise Mendes de Lima****Denise Tarin****Dora Fernandes (Museu Nacional do Azulejo)****Eduardo Leme****Fernando Guerra****Fernando Henrique Cardoso****Fernando Rezende****Flávia Junqueira****Frances Marinho****Francisco Gomes da Costa****Gilda Santos****Henrique Tomelli****Jaime Acioli****Joaquim Marçal****João Louro****João Marco de Deus****José Ribamar Sarney****José Roberto Afonso****José Roberto de Castro Neves****Leonardo Finotti****Lucas Cimino****Luis Faro Ramos****Luis Felipe Salomão****Luís Filipe Castro Mendes****Luís Márcio Ferreira de Carvalho Filho****Maria Eduarda Batista Ribeiro****Maria Teixeira Simões (ateliê de João Louro)****Márcia Mello****Marília Bonas****Monica Carneiro****Nadia e Paulo Sartori****Neusa Garcia****Norma Rodrigues****Raimundo Carreiro Silva****Rosana Paulino****Sergio Guerra****Sergio Mariz****Stefania Paiva****Suzana Queiroga****Thales Leite****Theophilo Antonio Miguel Filho****Vera Lucia de Almeida****Vicente de Mello****Victor Oliveira Fernandes****Vitor Marigo****Fundação Árpád Szenes – Vieira da Silva****Fundação Biblioteca Nacional****Galeria Leme****Galeria Nara Roesler****Galeria Zipper****Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro****Instituto Inclusartiz****Instituto Moreira Salles****Itaú Cultural****Liceu Literário Português****Museu da Língua Portuguesa****Museu da República****Museu de Arte do Rio****Museu Histórico Nacional****Museu Nacional****Museu Nacional do Azulejo****Museu Paulista da USP****Museus Castro Maya****Real Gabinete Português de Leitura**





Editado no ano de 2022

- 450º aniversário da primeira edição de *Os Lusíadas*, de Luis de Camões  
214º aniversário da chegada da Corte Portuguesa ao Brasil e da abertura dos portos  
212º aniversário da fundação da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro  
200º aniversário da independência do Brasil  
197º aniversário de nascimento de Camilo Castelo Branco  
185º aniversário de fundação do Real Gabinete Português de Leitura  
183º aniversário de nascimento de Machado de Assis  
177º aniversário de nascimento de Eça de Queiroz  
134º aniversário de nascimento de Fernando Pessoa e da abolição da escratura no Brasil  
133º aniversário da Proclamação da República do Brasil  
100º aniversário da travessia aérea do Atlântico por Gago Coutinho e Sacadura Cabral,  
no trecho entre Lisboa e Rio de Janeiro,  
78º aniversário da Fundação Getulio Vargas  
48º aniversário da Revolução dos Cravos  
37º aniversário da redemocratização do Brasil  
20º ano do Ministro Gilmar Mendes no Supremo Tribunal Federal  
10º aniversário do Fórum Jurídico de Lisboa  
3º aniversário de criação da FGV Conhecimento  
1º aniversário de criação do Fórum de Integração Brasil Europa.
- Foi composto em Kings Caslon, impresso em papel couché fosco 170 g/m<sup>2</sup>,  
na gráfica Stilgraf, São Paulo, no mês de junho de 2022.